

CATHERINE
COOPER

A Montanha Prateada

*A nova aventura de
Jack Brenin,
iniciada em
A Noz de Ouro*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Série As Aventuras de Jack Brenin

A Noz de Ouro
(VOL. 1)

O Portal de Glasruhen
(VOL. 2)

A Montanha Prateada
(VOL. 3)



A MONTANHA PRATEADA

CATHERINE COOPER

ILUSTRAÇÕES DE
RON COOPER e CATHERINE COOPER

Tradução

Maria de Fátima Oliva Do Coutto

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2013

Copyright © Catherine Cooper, 2011
Copyright das ilustrações © Ron Cooper e Catherine Cooper, 2011.
Todos os direitos reservados.

Título original: *Silver Hill*

Capa: Silvana Mattievich

Ilustração de capa: Emil Dacanay, D.R.ink

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2013

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C788m Cooper, Catherine
A montanha prateada [recurso eletrônico] / Catherine Cooper; ilustrações de
Ron Cooper e Catherine Cooper; tradução Maria de Fátima Oliva do Coutto. —
Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.

Recurso digital: il. (As aventuras de Jack Brenin; 3)

Tradução de: Silver hill

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: O portal de Glasruhen

ISBN 978-85-286-1737-5 (recurso eletrônico)

1. Histórias de aventuras. 2. Literatura infantojuvenil inglesa 3. Livros eletrônicos.
I. Cooper, Ron. II. Coutto, Maria de Fátima Oliva do, 1951-. III. Título. IV. Série.

CDD: 028.5

13-2079

CDU: 087.5

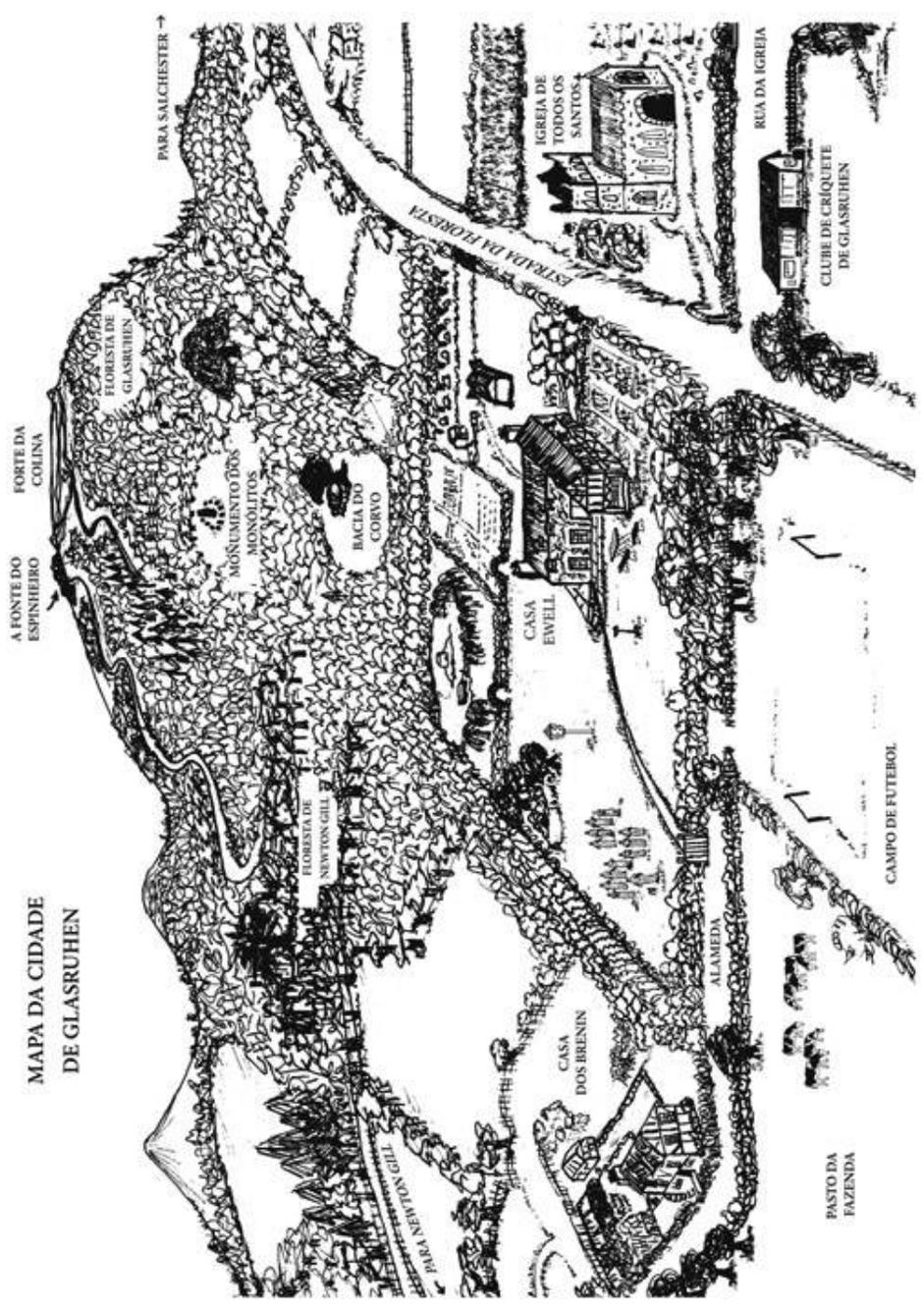
Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 2º. andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

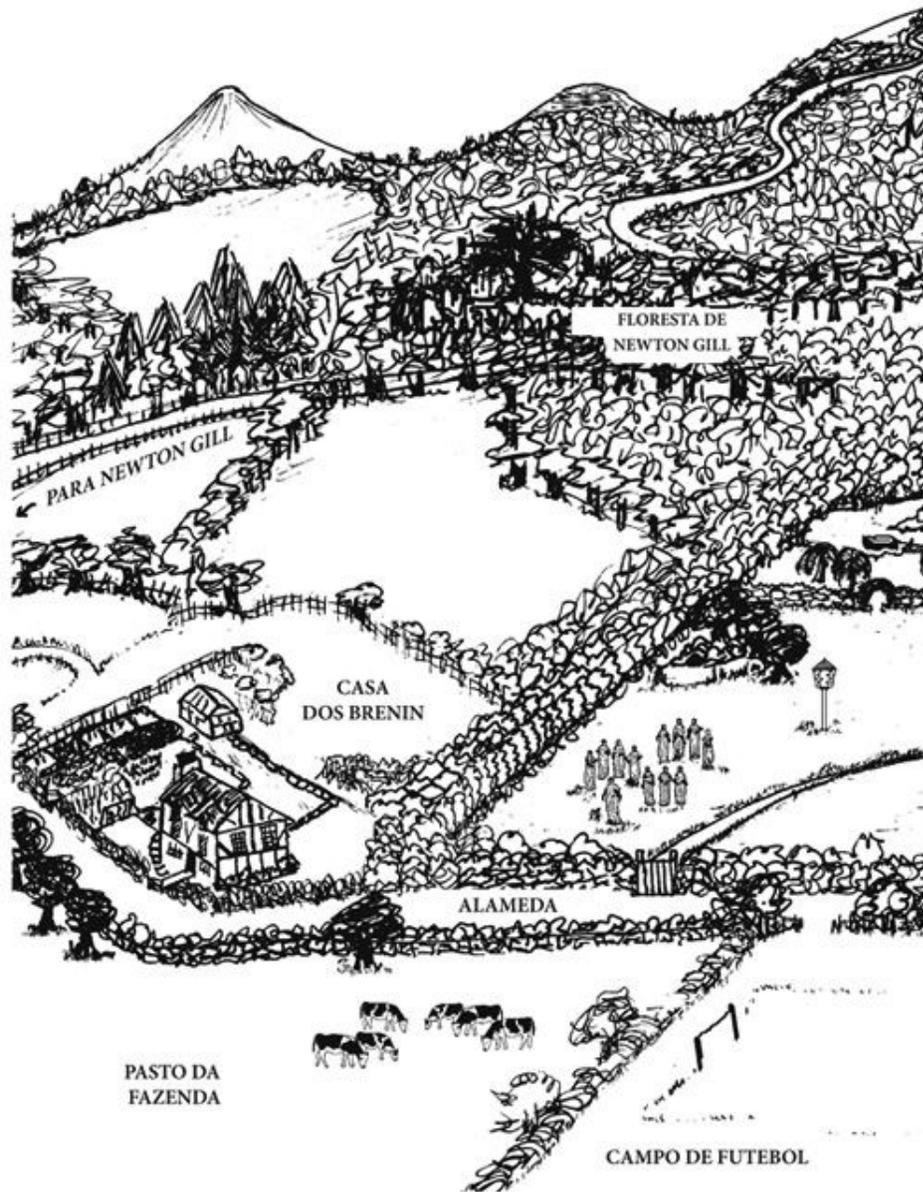
Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

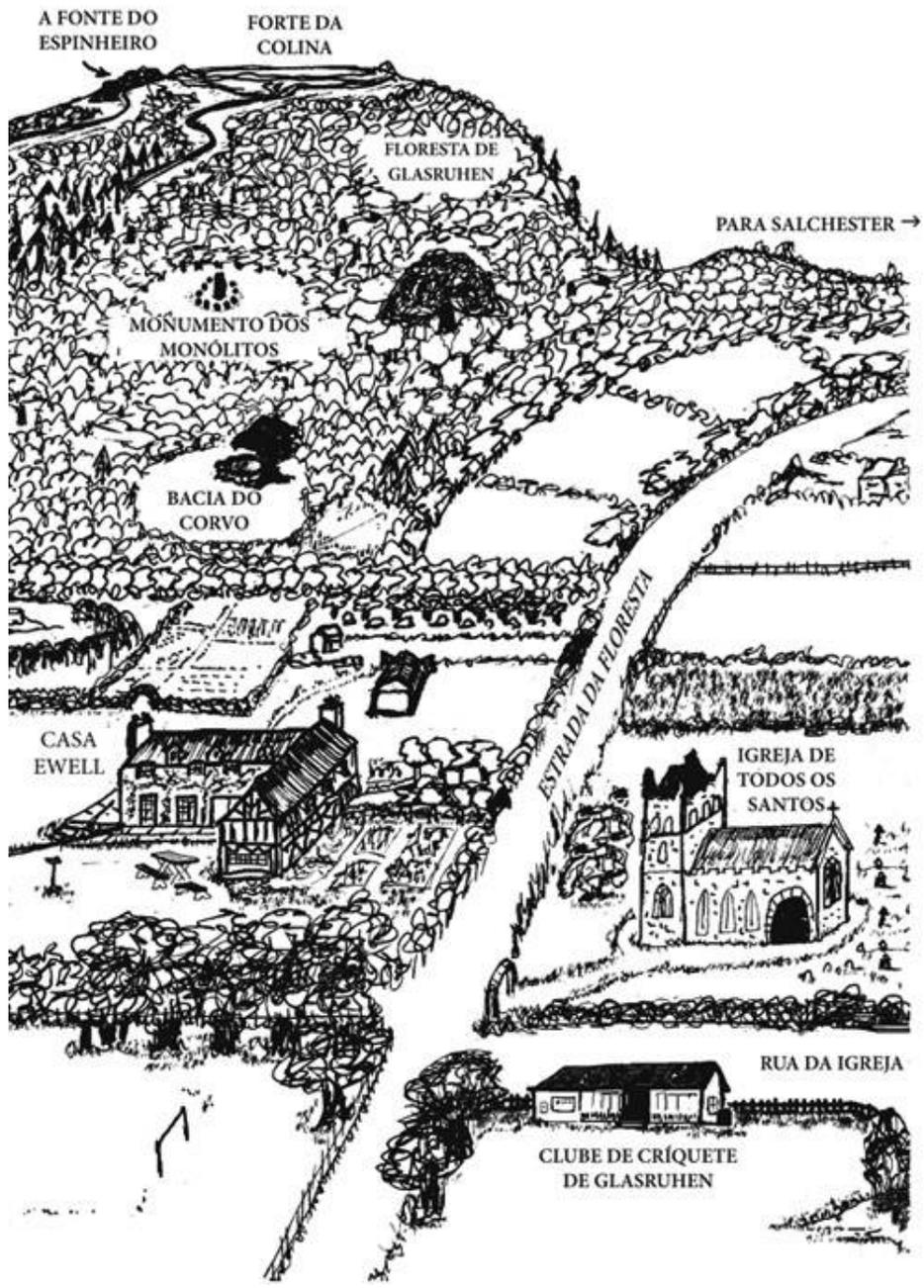
Para Camelin
Você sabe quem você é!

MAPA DA CIDADE DE GLASRUHEN



MAPA DA CIDADE
DE GLASRUHEN





A FONTE DO
ESPINHEIRO

FORTE DA
COLINA

FLORESTA DE
GLASRUHEN

PARA SALCHESTER →

MONUMENTO DOS
MONOLITOS

BACIA DO
CORVO

CASA
EWELL

ENTRADA DA FLORESTA

IGREJA DE
TODOS OS
SANTOS

RUA DA IGREJA

CLUBE DE CRÍQUETE
DE GLASRUHEN

ՓՆԻԻԼԵԼԻՐ-ԸՏԻՆ



CARVALHO

ՏԻԼԿՄՄ



MONTANHAS

ԻՒԼ-ՇՐԿՆԵ-ՓԻ
ԵԼԵԿՄԵ-ԿՆՏԻ
ՄԿ-ՈՐ-ԻՒԼ
ՔՓԿԻՏԻՐՏԵ

ALDEIA DOS DRUIDAS



PALÁCIO DE VIDRO



MONÓLITO

CLAREIRA

PORTAL LESTE



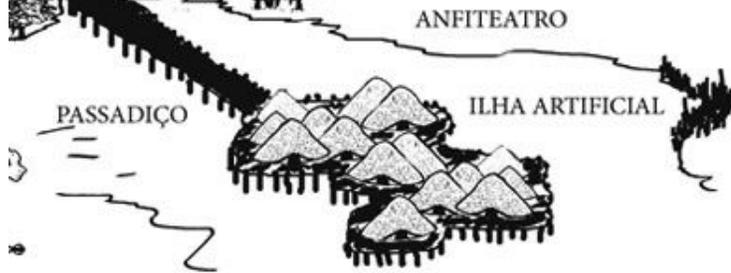
ԻՒԼ
ՏԻՓՆԵ-ՓԻ
ՉԵՏԻՐԿ
ՓԵԼԵՏ
ԻՒԼ
ԵՏԵԼԵԼԻՐ
ԸՏԻՆ



ANFITEATRO

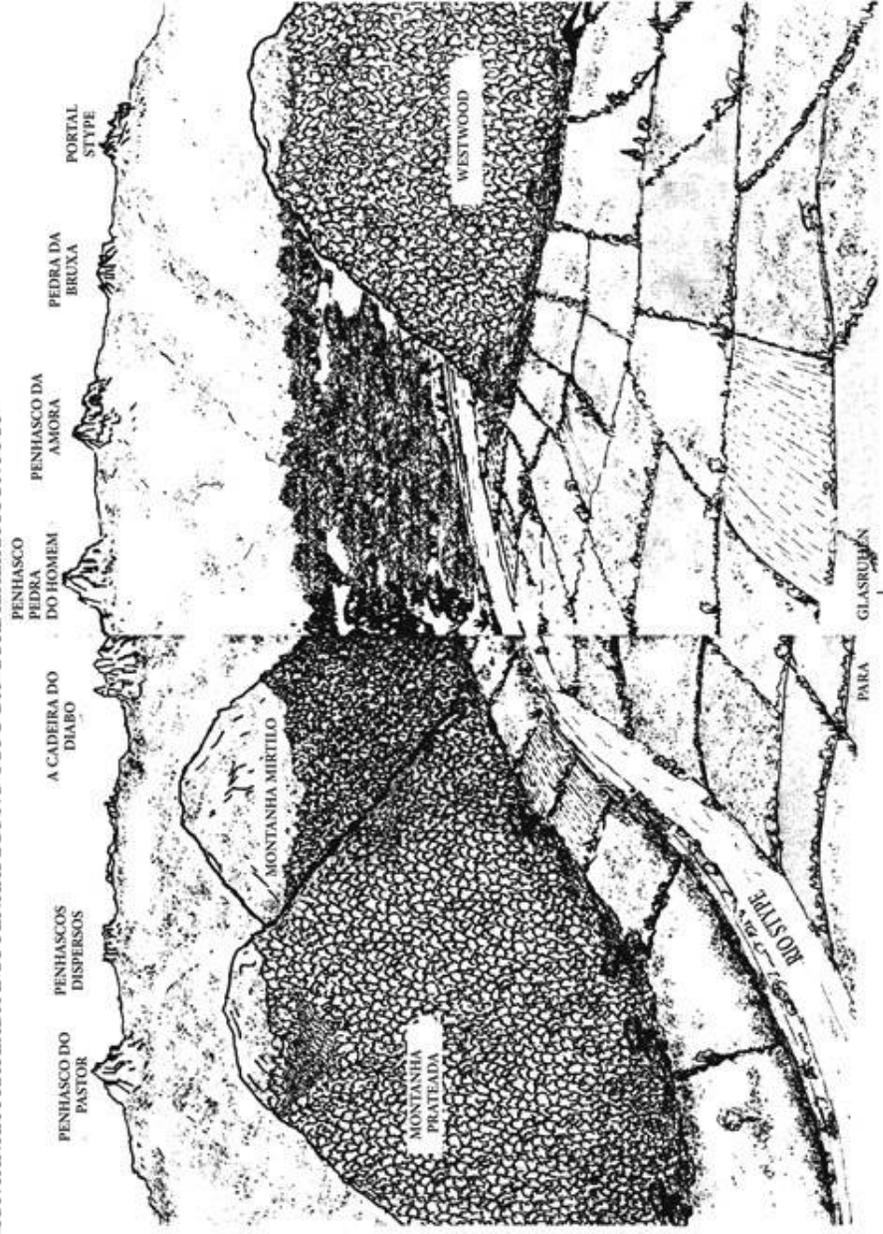
PASSADIÇO

ILHA ARTIFICIAL

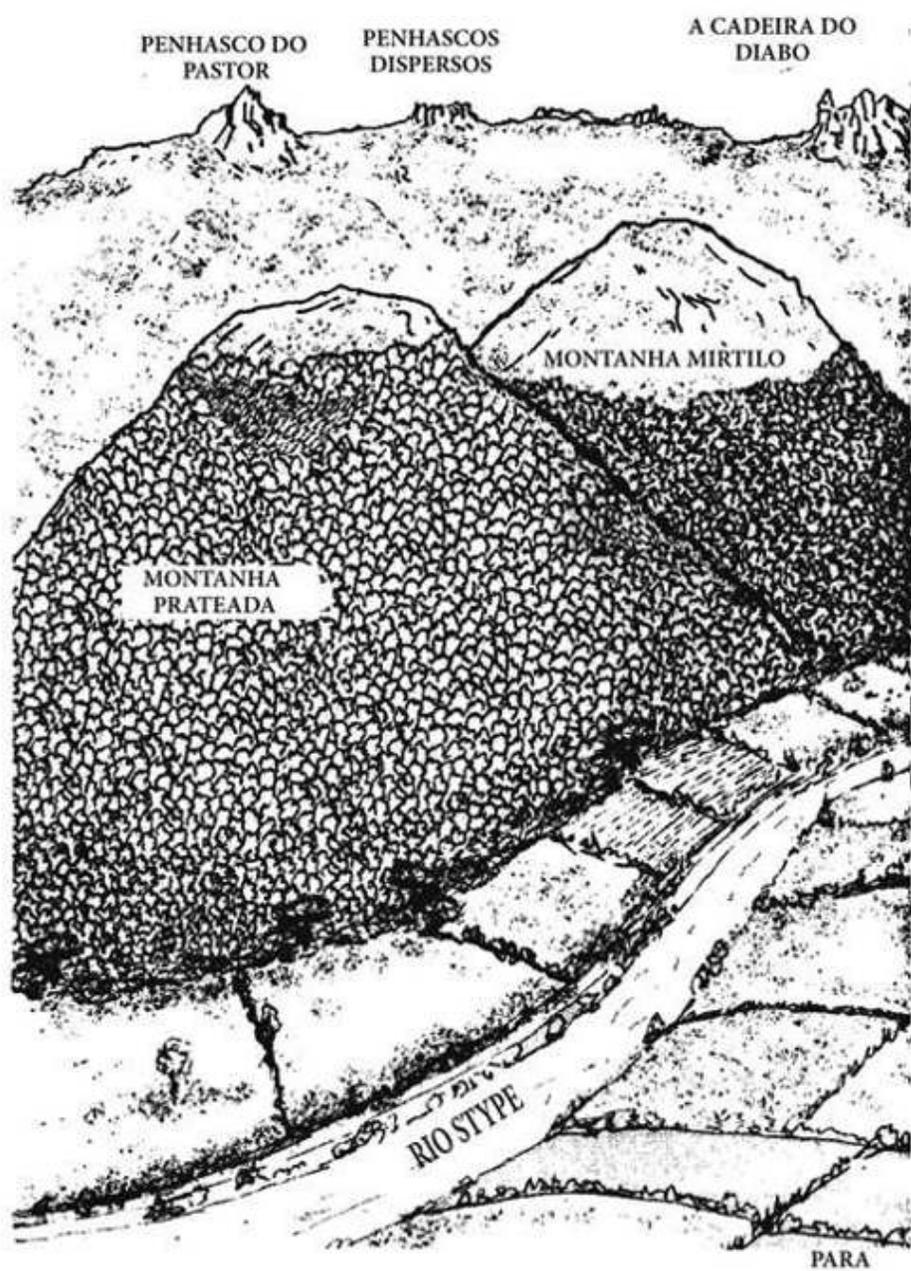


ՓՆԻԻԼԵԼԻՐ-ԸՏԻՆ

O MAPA DA
MONTANHA PRATEADA E OS PENHASCOS NO TOPO DA CORDILHEIRA STONYTOP



O MAPA DA
MONTANHA PRATEADA E OS PENHASCOS NO TOPO DA COR



DILHEIRA STONYTOP

PENHASCO
PEDRA
DO HOMEM

PENHASCO DA
AMORA

PEDRA DA
BRUXA

PORTAL
STYPE



GLASRUHEN



SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo 1 Segredos

Capítulo 2 O Morro Uivante

Capítulo 3 O armário

Capítulo 4 Decisões

Capítulo 5 Pelo buraco da fechadura

Capítulo 6 Os visitantes

Capítulo 7	O pino milionário
Capítulo 8	Ao resgate
Capítulo 9	O monstro da Montanha Prateada
Capítulo 10	Informação confidencial
Capítulo 11	Novidades de Annwn
Capítulo 12	Infiltração
Capítulo 13	Penetras
Capítulo 14	O dia dos maus presságios
Capítulo 15	Bafo de dragão
Capítulo 16	Fuga
Capítulo 17	Um problema inesperado
Capítulo 18	A porta minguante
Capítulo 19	O cristal mágico

O livro de Camelin: Quem é quem, o que é o quê e onde fica o quê?

Agradecimientos





PRÓLOGO

Jack apontou a varinha para seu dedão do pé e leu de novo o feitiço. Acrescentou um efeito sonoro quando a faísca azul saiu da ponta.

— Kerpow!

Pelos brancos e compridos cresceram do nada. O dedão inteiro logo ficou coberto deles.

— Olha só, Orin! Gosta do meu dedão peludo?

Orin desceu da gaiola e examinou o pé de Jack.

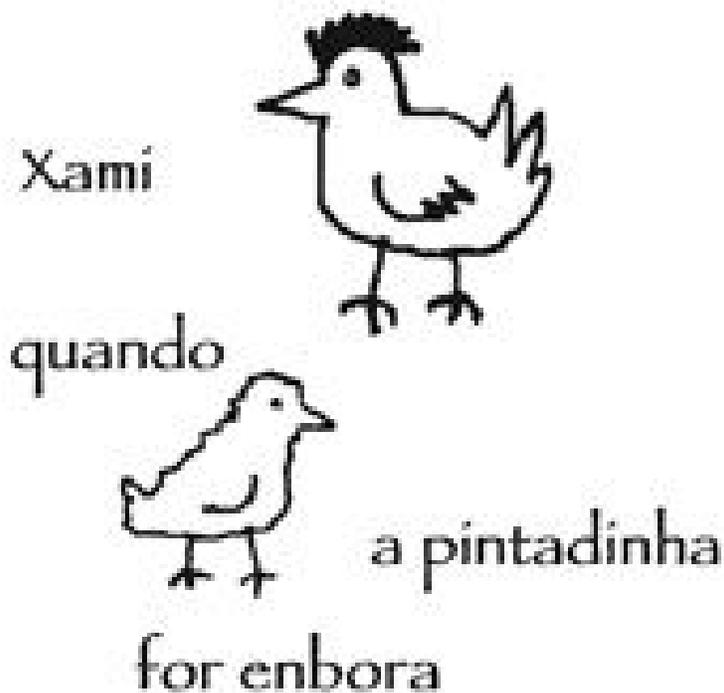
— Da próxima vez, que tal tentar pelo verde? — guinchou animada.

— Primeiro é melhor ver se consigo fazer sumir esse monte de pelos.

Jack deu uma última espiada no dedo cheio de cabelos antes de tentar reverter o feitiço. Quando duas faíscas azuis atingiram seu dedo, os tufo brancos sumiram. Jack respirou fundo, folheando as páginas do *Livro de Sombras*.

— Esse capítulo ensina a mudar o formato do nariz e das orelhas, fazer verrugas aparecerem e desaparecerem, crescer cabelos em diferentes partes do corpo, mas não explica como me ver livre dessas pintas.

Foi até o espelho e examinou o rosto. Há sete dias, tinha bolhas, mas agora parecia uma criatura esquisita de pele manchada e pálida. Nora insistira para que usasse a loção calamina, e ele se besuntara da cabeça aos pés. Cada ponto que coçava tinha sido coberto por uma pitada da loção cor-de-rosa, que felizmente se tornara branca ao secar. Nora havia jurado que, com o remédio, a coceira iria parar. Ela acertara em cheio, mas isso não apressava sua recuperação. Recusara-se a usar qualquer tipo de magia para livrá-lo da catapora. Quando Camelin soube que a doença era altamente contagiosa, decidiu não visitá-lo. A única mensagem que mandara para Jack em seu *Livro de Sombras* dizia...



... Esse último contato fora feito havia uma semana, e, desde então, o amigo nem aparecera na janela de Jack.

Nos primeiros dias, ele passara tão mal que nem conseguia se mexer, mas agora começava a ficar inquieto. Não era nada fácil manter-se trancado no quarto esperando as bolhas sumirem. O bom é que assim tinha bastante

tempo para explorar os diferentes capítulos de seu *Livro de Sombras* e escrever para Elan. Contou-lhe sobre a plantação dos brotos de hamadriade, sobre o seu rápido crescimento e sobre como as Gnarles na Floresta de Newton Gill ficaram animadas quando ele trouxe Allana de volta. Havia cantado uma música para elas, aquela que cantaria na apresentação de fim de ano — isso se já estivesse melhor. Jack olhou o calendário e contou os dias que faltavam para o fim do ano letivo. Precisava melhorar logo. Sorriu ao ver o grande círculo vermelho ao redor do dia anterior, o dia em que visitaria a nova escola secundária. Andava muito preocupado com isso nas últimas semanas e, no entanto, conseguira escapar. A catapora fora a melhor desculpa do mundo para não ir, mas ficar doente o impedia de ir a qualquer outro lugar também.

Não se sentia exatamente entediado, mas os dias pareciam vazios e intermináveis. Depois de toda animação e aventura recentes, era duro ter de se comportar como um garoto comum o tempo todo. Queria voar de novo, e sentia saudades de Elan e de Camelin. Elan escrevera perguntando como ele estava, mas não lhe contara nenhuma novidade. Ele passara horas revivendo as aventuras em Annwn, mas, quanto mais pensava nisso, mais sentia vontade de voltar para lá. Uma forte batida na porta do quarto o sobressaltou.

— Olha só quem veio visitar você — disse o avô, entreabrindo a porta.

Não foi difícil adivinhar, pois Jack só recebia uma visita. Sorriu quando Nora entrou e acomodou uma cesta em sua cama.

— Como está se sentindo hoje?

— Acho que já estou bom para sair — respondeu Jack, esperançoso.

Nora examinou as manchas de Jack e balançou a cabeça.

— Talvez consiga nos visitar daqui a alguns dias, mas só vai poder voltar à escola na semana que vem.

— Quando vou poder voltar a voar? Prometi a Charkle que o ajudaria a procurar a família.

— Voar? Nem pensar nisso. Primeiro precisa estar completamente curado.

Jack suspirou e afundou na cama. A cesta de Nora quase caiu. Ela a ajeitou e sorriu ao abrir a tampa.

— Trouxe uma surpresa. Um livro que pode ser muito útil no dia em que você for caçar dragões.

Jack observou Nora desembulhar com cuidado um pacote retangular. Entregou-lhe um de seus livros feitos à mão. Era vermelho, com um fecho enfeitado e os cantos decorados. A capa parecia dura e meio escamosa.

— É o meu livro *Curiosidades sobre dragões*. Levei anos para juntar todas essas informações e mais tempo ainda para encontrar uma pele de dragão para encapar o livro.

— Pele de dragão?

— Isso, pele de dragão de verdade. Tome muito cuidado com ele e aprenda o máximo possível. Algo me diz que, se Charkle for procurar a família, vai precisar de toda ajuda que estiver ao nosso alcance.

— Depois vou dar uma olhada, prometo.

— Agora vou deixar você sozinho para estudar o livro. Pode devolver na sexta-feira. Até lá, suas bolhas já devem ter desaparecido.

Tão logo Nora fechou a porta, Jack abriu o livro e começou a leitura. Sentiu um frio na espinha ao virar as páginas. Teve a sensação de que uma nova aventura estava prestes a começar.





SEGREDOS

— Deixe-me dar uma olhada em você — disse o avô, examinando as pintas de Jack. — Ainda estão coçando?

— Nem todas. Posso ir à casa de Nora hoje? Por favor, diga que posso.

— Nora acha que o ar fresco talvez ajude. Também disse que você precisa devolver um livro.

Jack assentiu e ficou parado até o avô passar a loção de calamina em todas as pintas.

— Pronto, vá se vestir. Pode tomar o café da manhã lá embaixo hoje e depois vá direto para a casa de Nora. Ela disse que, se você quiser, pode ficar para o almoço. Jack, se não se sentir bem, é só voltar. Não vou sair.

Jack esperou o avô fechar a porta e fez a dança da vitória pelo quarto todo antes de dar comida para Orin.

— Você também quer ir?

Orin meneou a cabeça e começou a soltar guinchinhos. Jack levantou a mão, fazendo sinal para que ela parasse.

- Calma, vou pegar minha varinha mágica. Pronto, o que disse?
- Está todo mundo ocupado para brincar comigo.
- Quem é todo mundo?
- Fergus e Berry. Da última vez que fomos lá, eles me mandaram parar de segui-los e disseram que eu não tinha permissão para entrar no herbário.
- O que acha que estão aprontando?
- Não quiseram me contar. Só disseram que era importante.
- Por acaso Nora sabe?
- Eles me fizeram jurar que não contaria nada para ela. Disseram que era um segredo e que quanto menos eu soubesse, melhor.
- Isso não me parece correto. Fico me perguntando o que Motley pediu à dupla.
- Acho que não foi Motley. Ele e o resto da Guarda Noturna andam ocupados, encarregados de uma tarefa para Nora. Fergus e Berry ficaram zangados porque não receberam autorização para acompanhar os outros. Resmungaram um bocado por terem sido dispensados. Fergus disse que é porque são mais novos e menores. Sei que foram encarregados de umas tarefas e de tomar conta da casa, mas não acho que Motley tenha dito nada sobre o herbário.
- Tem certeza de que não quer vir?
- Não quero ver aqueles dois. Berry me mandou cuidar da minha vida e Fergus disse para eu ficar longe.
- Não se preocupe. Vou tentar descobrir que mistério é esse. Acho que sei quem está por trás disso tudo.



Jack ficou agradecido por conhecer o atalho para a Casa Ewell. Isso significava que ninguém o veria com aquela cara pintada e inchada. Ao atravessar a cerca nos fundos do jardim do avô, respirou fundo. As árvores e o ar cheiravam bem. Mal podia esperar para contar a Camelin tudo o que aprendera sobre dragões no livro de Nora. Não sabia ao certo se isso os ajudaria quando fossem procurar a família de Charkle, mas pelo menos se sentia preparado. Na verdade, mal conseguia esperar para começar a busca.

Embora Jack estivesse ansioso para encontrar Camelin de novo, não se apressou. Era tão bom andar à vontade. A luz do sol quase o cegou ao sair do túnel escuro. Antes de se encaminhar para a casa, deu uma volta na parte de trás das rochas e enfiou a cabeça na caverna secreta de Camelin.

— Saige! Você está aí?

Ouviu um alto coaxar vindo de um monte de folhas no fundo.

— Tenho uma pergunta para você.

Jack esperou até Saige chegar saltitando à abertura da caverna.

— Quantas pintas de catapora eu tenho?

A resposta da rãzinha verde não saiu de pronto, e Jack se preparava para perguntar de novo quando ela coaxou a resposta.

— Quatrocentas e vinte e oito.

— Quatrocentas e vinte e oito? Caramba! Tem certeza?

Saige deu-lhe as costas e voltou saltitante para as folhas, repetindo a resposta a cada pulo.

— Quatrocentas e vinte e oito, quatrocentas e vinte e oito, quatrocentas e vinte e oito.

Quando Jack se levantou, ouviu uma voz conhecida de uma árvore perto.

— Quatrocentas e vinte e oito o quê?

— Marcas de catapora.

— Não se aproxime de mim porque não quero nenhuma.

— O período de contágio já acabou.

— Você não parece muito bem; está todo inchado.

— É só a loção. Além disso, Nora disse que corvos não pegam catapora.

— É, mas você pode me passar corvopora. Vai ser muito pior que catapora.

— Não existe corvopora.

— Nós dois somos meninos-corvos, não sabemos o que podemos pegar.

Jack decidiu mudar de assunto.

— O que Fergus e Berry andam aprontando no herbário?

— Psiu! Não berre desse jeito.

— Eu não berrei. Só fiz uma pergunta.

Camelin desceu da árvore e aterrissou sobre as rochas. Meneou a cabeça na direção das árvores e lançou um olhar furioso antes de descer saltitante para a caverna.

— Talvez a gente possa visitar Saige, ver como ela está.

— Acabei de encontrar Saige. Ela vai bem.

Camelin bicou o sapato de Jack.

— Ai! O que foi isso?

— Acho que precisamos visitar Saige. Agora mesmo.

Jack se deu conta de que Camelin tinha algo a contar e não queria que as árvores ouvissem. Agachou-se e se esgueirou para dentro da caverna atrás de Camelin.

— E aí?

— Não quero que ninguém saiba sobre Fergus e Berry. Eles estão fazendo um servicinho para mim.

— Um serviço?

— Um serviço muito importante. Ando muito ocupado essa semana.

— Ocupado demais para escrever? Não respondeu a nenhuma de minhas mensagens.

— Não podia.

— Não ia demorar. Só um “Oi” já seria legal.

— Já disse que não podia. Estou sem a varinha a semana inteira. Desde que você pegou essa doença.

— Nora descobriu sobre a lixeira que você materializou no sótão? Já sabe quantos doces você comeu?

— Cento e sessenta e dois — coaxou Saige.

Camelin foi até o fundo da caverna e apontou a pilha de folhas.

— Não preciso que me lembre. Poderia saltitar para outro lugar fora daqui por enquanto? Esta é uma conversa particular.

— E aí, Nora descobriu?

— Não.

— Então, o que aconteceu com sua varinha mágica?

— Ela tirou a varinha de mim e disse com todas as letras para eu não usar a mágica em meu próprio benefício.

— O que você fez?

— Eu cresci um dos pães recheados de passas.

— Como assim *cresceu*?

— Sei aumentar as coisas. Achei que fosse uma boa ideia aumentar o tamanho dos pãezinhos recheados de passas de Nora.

— E?

— Exagerei. Se tivesse parado em duas varetadas do feitiço de aumentar e comesse, Nora nem ia saber, mas repeti a mágica mais uma vez, e o pão explodiu na cozinha. Num piscar de olhos, ela entendeu o que eu tinha feito. Nem tive tempo de me livrar das provas; tinha passas por todo lado. Ela disse que não queria ouvir desculpas e pegou minha varinha. Nem tive permissão de esclarecer. Não posso tê-la de volta até que Nora volte a confiar em mim ou até a gente praticar o uso da varinha.

Jack fez o possível para não rir, mas a imagem do gigantesco pão doce de passas explodindo era demais. Camelin emburrou-se.

— Não tem a menor graça.

— Desculpe, mas eu avisei para não abusar da varinha.

— Você está parecendo Nora.

— Ainda não me disse o que Fergus e Berry andam aprontando no herbário.

— É um segredo e, se não sabe, não posso contar.

— Sei guardar segredos.

— E Nora é especialista em fazer você contar os segredos. E vai que você acha que é alguma coisa que ela deva saber? Aí pode contar para ela.

Jack não sabia o que dizer. Camelin tinha razão.

— Há quanto tempo Fergus e Berry andam fazendo esse serviço importante para você?

— Dez dias — coaxou Saige.

Camelin sacudiu as penas e deu a impressão de estar muito aborrecido.

— Você não vai ficar fazendo perguntas quando Nora estiver conosco, vai? Nunca se sabe quando Saige pode estar por perto.

— Dez dias? Ela acertou?

— Claro que sim, ela sempre acerta. Mas como sabe sobre Fergus e Berry? Nora não contou nada para você, contou?

— Não, não foi Nora. Fergus e Berry chatearam Orin, e eu disse que tentaria descobrir o que os dois andavam aprontando.

— Bem, já sabe. É uma missão secreta, e é só isso que vai saber.

— Então podemos voltar para casa? Tenho que devolver um livro para Nora.

— Que tipo de livro?

— Aquele com curiosidades sobre dragões.

— Aquele com a capa de pele de dragão de verdade?

— Esse mesmo.

— Ela emprestou aquele livro?

— Emprestou. Por quê?

— É um dos livros que mantém trancado a sete chaves; é muito precioso. Você leu inteirinho?

— Li. Tem um monte de informações incríveis.

— Por exemplo...

— Sei que todos os dragões azuis foram extintos.

— Os dragonores?

— Exatamente.

— O que aconteceu?

— O livro diz que os dragonores eram muito mal-humorados e gostavam de comer gente. Eles eram os personagens das histórias antigas. Aqueles dragões com quem os cavaleiros costumavam lutar. Na verdade, os cavaleiros tiveram tanto sucesso que mataram todos.

— Por acaso está escrito no livro que a capa é feita de pele de dragonor?

— Não. Eu ia perguntar a Nora onde ela conseguiu a pele.

— Veio de um famoso dragão que cuspiu fogo chamado Wygrym Garras Afiladas, o Perigoso.

— Então como Nora conseguiu a pele dele?

— Eles perdem a pele. A cada cem anos trocam de pele e se livram da antiga. Nora encontrou a pele numa caverna e a trouxe para casa. Diz ela que não tem nada melhor para encadernar livros porque é forte e não rasga, mas o melhor de tudo é que é à prova de fogo. Então, se você não aprendeu nada disso no livro, o que aprendeu?

— Não sei se devo contar. Talvez Nora queira que eu mantenha a informação em segredo. Vou perguntar a ela primeiro, para saber se posso.

Camelin bufou em tom alto.

— Aposto que o livro não tem nada de útil como, por exemplo, o lugar onde vamos encontrar a família de Charkle, nem quantos dragões sobraram.

— Quatro — coaxou Saige, saltitando perto deles.

Jack e Camelin fitaram a rãzinha.

— Quantos dragonetes existem? — perguntou Jack em voz baixa.

— Três — respondeu Saige.

Jack balançou a cabeça.

— Que péssima notícia! E agora, o que fazer? Contamos a Charkle que só sobraram dois outros dragonetes além dele?

— Talvez nem sejam da família dele.

— Precisamos perguntar a Nora. Com certeza, ela vai saber o que fazer.

Jack e Camelin seguiram para a casa em silêncio. Não estavam preparados para essa nova informação.



— Qual é o problema? — perguntou Nora saindo da cozinha. — Está passando mal de novo, Jack?

— Estou bem, obrigado, mas recebemos uma informação e não sabemos o que fazer com ela.

— Ai, céus, isso não está me cheirando bem. O que foi?

Camelin voou para as costas do banquinho sem dizer nada. Nora fitou Jack.

— Saige acabou de contar que só existem quatro dragões no mundo e só três são dragonetes.

— Minha Nossa Senhora! Charkle tem grandes esperanças de encontrar a família inteira.

— Os que sobraram talvez nem sejam da família dele — grasnou Camelin.

Nora demonstrou preocupação.

— Isso também significa que tem um dragonar por aí. A esta altura, eu já devia ter conhecimento disso. Mas onde pode estar?

— Os dragonetes também podem estar em qualquer lugar — acrescentou Jack.

— Preciso pensar a respeito. Não se preocupem, deixem comigo, mas vamos ter que contar a Charkle. Vai ser uma decepção e tanto, mas ele precisa saber. Por enquanto, até eu ter tempo para pensar, precisamos guardar a notícia em segredo. Combinado?

— Combinado — responderam Jack e Camelin.

Jack apanhou a mochila e começou a abri-la.

— Trouxe seu livro para devolver.

— Leu todo?

— Li, sim, é fascinante. Tenho permissão para contar o que li a Camelin?

— Se ele tiver interesse — respondeu Nora, olhando Camelin.

— Eu tenho interesse, sim, mas preferia um treino de varinha mágica com Jack.

Nora balançou a cabeça.

— Sua varinha vai continuar trancada no herbário até eu achar que posso confiar novamente em você.

À palavra “herbário”, Jack ergueu as sobrancelhas. Camelin emburrou-se.

— Bem, dá para Jack se transformar e voar um pouco?

— Ele ainda não está curado. Quem sabe amanhã? Hoje, definitivamente, não.

Camelin suspirou.

— Este lugar não tem a menor graça.

— Por que os dois não vão ao lago? Prometo avisar quando chegar a hora do almoço. — Jack, de posse da varinha, saiu pelo gramado, enquanto Camelin voava à frente. Jack o viu pousar no salgueiro próximo à beira do lago.

— Quer que eu fale do livro? — perguntou Jack, erguendo o rosto para Camelin.

— Não, agora não, estou ocupado. Volto já. Não conte nada a Nora.

Jack observou Camelin contornar o lago e entrar na horta. Ficou imaginando o que aprontaria agora. Por não ter mais nada para fazer, Jack começou a desenhar na terra com a varinha. Parou ao ouvir o som de passos apressados. Ao erguer a cabeça, viu que Fergus e Berry espiavam por trás do tronco do salgueiro.

— Oi, gente.

— Oi, Jack Brenin. Estamos procurando Camelin — disse Fergus.

— Eu tinha certeza de que ele tinha voado para esta árvore — grasnou Berry.

— Voou mesmo — garantiu Jack.

Berry voltou-se para Fergus.

— Eu não disse que era Camelin?

— Mas ele disse para a gente encontrar com ele atrás do galpão que fica na horta — retrucou Fergus.

— Mas ele não apareceu. Sabia que o tinha visto voar para esta árvore — resmungou Berry, zangado.

— Esteve aqui, mas já foi embora — explicou Jack.

— Para onde? — perguntaram Fergus e Berry ao mesmo tempo.

— Não disse, mas avisou que voltava logo. Por que não esperam por ele?

Berry e Fergus concordaram e se acomodaram na raiz mais próxima. Jack sorriu enquanto observava os dois. Eram quase idênticos. Ambos tinham o pelo marrom e branco lustroso, e os dentes da frente saltados; eram menores que os outros membros da Guarda Noturna. Jack só conseguia diferenciá-los porque Berry tinha o pelo liso e lustroso, enquanto Fergus parecia viver descabelado.

— E então — disse Jack puxando conversa —, que história é essa de vocês dois estarem encarregados de um serviço importante para Camelin?

Fergus cutucou Berry, que estava prestes a contar.

— Deve ser importante se ele precisou de vocês dois.

— É mesmo — confirmou Berry. — Ele prometeu que ia nos *aumentar*.

— Ele disse para não contar nada — reclamou Fergus. — Você quer *ser aumentado*, não quer?

— *Aumentado*? — perguntou Jack.

— É um segredo. Ele avisou para não contar nada a Nora, mas não deve ter problema contar para você. Camelin prometeu aumentar nosso tamanho para a gente ficar igual aos outros ratos da Guarda Noturna. Sempre somos deixados de lado porque somos os menores ou os mais novos, ou qualquer outra desculpa inventada por Motley — explicou Berry.

— Ele vai usar seu feitiço de aumentar se conseguirmos a varinha de volta para ele — acrescentou Fergus.

Jack ficou preocupado.

— Acham isso certo? Não sabem o que aconteceu com o pão que ele aumentou?

Os dois ratos fizeram que não com a cabeça.

— O pão explodiu!

Fergus e Berry se entreolharam e engoliram em seco.

— E-explodiu? — gaguejou Berry.

— Isso mesmo, espalhou pela cozinha inteirinha. Foi por isso que Nora escondeu a varinha dele.

— Ele não contou isso — resmungou Fergus.

— Já não tenho certeza se quero ser aumentado — guinchou Berry.

— O que foi que Camelin pediu para vocês?

Fergus suspirou e começou a explicação.

— Nora trancou a varinha de Camelin no armário. Camelin não consegue pegá-la porque não tem nada em que possa se empoleirar e pediu para a gente entrar na gaveta e encontrar a chave reserva da fechadura. Vamos retirar sua varinha e pôr uma vareta no lugar para Nora não desconfiar de nada. Então ele vai fazer nós dois ficarmos grandes.

Berry aquiesceu e continuou a explicar.

— Fizemos um furo na parte de trás do armário e entramos na gaveta, mas tem um monte de chaves. Tentamos várias enquanto Nora saiu para visitar você.

— E não encontraram a chave certa.

— Não — respondeu Fergus. — Nenhuma delas gira na fechadura. Eu disse a Camelin que Nora deve ter posto algum feitiço, mas ele cisma que não, que aquele é o único armário na casa inteira no qual não consegue entrar e por isso ela deve ter escondido a chave lá dentro.

— Já tentou todas?

Berry balançou a cabeça.

— Ainda não, mas Camelin disse que não tinha importância se não encontrássemos a chave reserva. Ele tem certeza de que a chave especial de Nora também fica guardada na gaveta.

— Chave especial? — perguntou Jack.

— Ela abre tudo — comentou Berry. — Pode me dizer como uma única chave consegue abrir todas as fechaduras?

Fergus balançou a cabeça e revirou os olhos.

— Porque é especial, é uma chave mágica.

— Não tem nada especial naquela gaveta. A gente sabe disso, pois entramos e saímos dela um montão de vezes nos últimos dez dias — afirmou Berry.

O bater de asas os levou a olhar para cima.

— Achei que vocês dois fossem me encontrar atrás do galpão da horta — resmungou Camelin, pousando num galho. — Posso saber o que estão fazendo aqui?

Fergus e Berry não responderam.

— Ficaram surdos? Tratem de resolver aquele assunto para mim na hora do almoço. Ninguém vai perturbar vocês pelo menos por uma hora.

Fergus tossiu e ficou de pé nas patas traseiras.

— Se não se importar, decidimos não crescer mais.

Camelin olhou furioso para Jack.

— Você contou para eles, não contou?

— Era justo que soubessem o que aconteceu com o pão.

— Pensei que fosse meu amigo.

— Eu sou, mas você não ia querer que Fergus e Berry saíssem machucados, certo?

Camelin fez que não com a cabeça.

— Mas quero minha varinha de volta.

— Acho que vai ter de esperar até Nora decidir devolver.

Camelin deixou escapar um suspiro exasperado.

— A vida é muito injusta quando se é corvo.

Berry pareceu aliviado.

— Nós já vamos — disse Fergus, e, sem esperar resposta, os dois saíram correndo.

Jack sentiu uma pontada de culpa. O salgueiro devia ter ouvido a conversa e, em pouco tempo, Nora ficaria a par do que Camelin aprontara. A não ser que já soubesse, pois era difícil esconder qualquer segredo dela. Se soubesse, ele podia apostar que ela não deixaria a chave reserva na gaveta. Também era pouco provável que guardasse a chave especial num lugar fácil de ser encontrado.

Camelin respirou fundo.

— Agora pode me falar do livro. Não tenho mesmo nada melhor para fazer até a hora do almoço...

Jack procurou um lugar confortável, deitou-se e começou a contar tudo sobre dragões para Camelin.





O MORRO UIVANTE

Depois do almoço, Nora decidiu que Jack devia voltar para casa, pois já tinha se cansado muito no primeiro dia de saída. Ele não havia se dado conta do quanto estava esgotado até chegar em casa e imediatamente pegar no sono. Dormiu de novo depois do jantar. Chegada a hora de ir para a cama, não sentia o menor sono. Deitou na esperança de dormir, mas a mente viajava a mil por hora. Um monte de pensamentos sobre dragões enchia-lhe a cabeça. Ouviu o relógio do corredor bater as onze badaladas. Logo depois, o avô subiu as escadas e começou a se preparar para deitar. Quando a casa mergulhou no silêncio, Jack pegou seu *Livro de Sombras* na mesinha de cabeceira e acendeu uma luz na ponta da varinha para conseguir escrever para Elan.

Meia hora depois, já escrevera três páginas. Observou a tinta desaparecer e fechou o livro. Não esperava resposta imediata. Antes de guardar a varinha, Jack foi pé ante pé até a gaiola de Orin.

— Você está dormindo? — sussurrou.

A cortina se moveu, e Orin espichou a cabeça.

— Pensei que já estivesse no quinto sono — disse ele.

— Estava observando Timmery.

— O que ele está fazendo?

— Voando para lá e para cá diante da janela.

Jack iluminou a varinha, abriu as cortinas e espiou a escuridão.

— Ali. Está vendo?

— O que acha que ele está fazendo?

— Talvez Nora tenha pedido para ele vigiar.

Jack observou Timmery voltar e pairar diante da janela. Podia fazer isso com facilidade sendo beija-flor, mas como morcego não funcionou, e ele parecia dançar uma dança esquisita. Jack acenou.

— Posso entrar? — guinchou numa voz abafada, mas aguda.

Jack abriu a janela, e o morceguinho entrou e pousou na parte de cima da gaiola de Orin.

— O que aconteceu? — perguntou Jack. — Charkle não veio com você?
Timmery suspirou.

— Tenho péssimas notícias, péssimas. Charkle está com Nora, já sabe tudo que Saige contou para você. Chorou tanto que apagou o fogo.

— Puxa vida, sabia que ele ficaria chateado.

— E piorou quando Camelin disse que os dois dragonetes talvez nem sejam da família dele.

— Pobre Charkle.

— Nora o mandou dormir.

— Charkle?

— Não, Camelin. Ela não ficou nada satisfeita com o comportamento dele. Ele tem se metido em muita confusão nos últimos tempos, por isso eu não pude pedir que ele me acompanhasse hoje.

— Acompanhasse para quê?

— Precisamos ajudar o pobrezinho do Charkle.

— Sinto muito, Timmery. Sei que prometi ajudar, mas só quando Nora disser que eu já estou bom da catapora.

— Preciso de sua ajuda hoje.

— Mas não posso voar.

— Não precisa ir a lugar algum. Andei pensando e, quando vi a luz acesa, achei uma boa ideia conversar com você, sem ninguém por perto. Não sei por que não pensamos nisso antes.

— Pensar no quê?

— Em consultar o *Livro de Sombras*. Eu teria sugerido a Nora, mas não queria incomodá-la. Afinal, ela estava tentando consolar Charkle. Então pensei que se você estivesse acordado podia pedir ajuda. Por favor, Jack, diga que sim. Seria maravilhoso se me ajudasse.

— Claro que ajudo, mas o que quer que eu pergunte?

— Lembra a história “O Dragão do Morro Uivante” que ouvimos em Annwn?

— Claro, foi muito maneira, mas o que isso tem a ver com a família de Charkle?

— Quero que pergunte onde fica o Morro Uivante.

— Mas era só uma história, esse lugar não existe.

— E se existir? O contador de histórias falou para todo mundo da história do Gigante de Glasruhen, e isso era uma história real. Não era igual à versão de Nora, mas todos sabemos que antigamente um gigante morava na colina. Se pudéssemos achar o Morro Uivante, já seria um começo. Talvez exista um dragão lá dentro, como na história, e aí eu pelo menos poderia levar Charkle para dar uma olhada. Isso o animaria, e ele faria alguma coisa.

— Eu pergunto, mas não sei se vou ter resposta.

— Mas pode tentar?

— Claro que posso.

Jack acomodou o *Livro de Sombras* na cama. Orin correu para a colcha, e Timmery se alojou no ombro de Jack. Concentrou-se bastante e pôs a mão na capa do livro. Falou baixinho, pois não queria acordar o avô.

— Onde fica o Morro Uivante?

Jack retirou a mão e esperou ansioso. Nada.

— Talvez não tenha perguntado direito. Vou tentar de outro jeito.

Jack voltou a se concentrar antes de mais uma vez colocar a mão sobre a capa do livro.

— Existe um lugar chamado Morro Uivante?

Voltou a esperar, e, mais uma vez, o livro se manteve fechado.

— Sinto muito, Timmery, não sei mais o que perguntar.

— Talvez ele tivesse outro nome... — guinchou Orin.

Jack sorriu.

— Talvez tenha razão. Vamos perguntar sobre o dragão, não sobre o morro.

— Ah, isso mesmo, Jack. Sabia que você me ajudaria.

— Agradeça a Orin, não a mim, mas não se esqueça de que ainda não temos a resposta.

Jack repousou a mão na capa.

— Onde podemos achar dragões?

Tão logo retirou a mão, o livro abriu, e as folhas começaram a virar muito rápido e pararam em duas páginas em branco. Quando Jack começava a achar que o livro cometera um erro, o apagado contorno de um mapa apareceu aos poucos. Olhou fascinado o rio, as árvores e as montanhas aos poucos tomando forma. Era o mapa mais estranho que já tinha visto. Faltava alguma coisa ali. Não havia nada escrito. Triste, olhou para Timmery.

— Sinto muito, esse mapa não vai ajudar em nada. Isso pode ser em qualquer lugar.

— Pergunte sobre a floresta — sugeriu Timmery.

Jack colocou a ponta da varinha na pequenina floresta bem no meio do mapa.

— Onde fica esta floresta?

Nenhuma palavra apareceu. Entretanto, para surpresa de Jack, o mapa começou a crescer e as figuras também. O cume do morro, comprido e estreito, cresceu rápido, bem como a cadeia de montanhas coberta de estranhas formações rochosas. Duas extensas colinas cobertas de mato saíram da terra cultivável localizada entre dois rios. A paisagem se coloriu. Jack ficou pasmo. Tudo parecia tão real... Esticou a mão e tocou a parte superior da colina maior, mas o dedo desceu pela imagem. Ao olhar com mais atenção o vale e a parte mais larga dos dois rios, foi tomado por uma estranha sensação.

— Acho que já estive aqui antes.

— Consegue lembrar onde fica? — perguntou Timmery animado.

— Acho que é Westwood.

Jack pegou a lente de aumento da gaveta e examinou mais atentamente a paisagem.

— Olha só! É a caverna onde encontramos Finnola Fytche. É Westwood.

Timmery pareceu profundamente decepcionado.

— Mas já sabemos que a família de Charkle não mora mais lá.

— Mas isso é apenas um pequeno pedaço do mapa. Podem estar em qualquer lugar, é uma área grande, e não tivemos chance de dar uma boa procurada da última vez que fomos lá.

— Tem razão — piou Timmery. — Como se chamam estas duas montanhas?

— Aquela atrás de Westwood é a Montanha Prateada, e a outra é a Montanha Mirtilo. Não sei como se chama a cordilheira. Só fui uma vez lá. Mas tem o rio Gelston. Camelin e eu seguimos o rio em nosso primeiro voo longo.

— Uau! Estou tão ansioso! — chiou Timmery, esvoaçando pelo quarto.
— Mal posso esperar para começar.

— Não temos nenhuma garantia de que encontraremos os dragões. Acho que precisamos conversar com Nora antes de começar a nos animar de verdade.

Um rangido fez Orin correr de volta para a gaiola. Jack apagou a luz da ponta da varinha e já estava deitado, fingindo dormir, quando a porta do quarto abriu, fechou, e o avô foi se deitar novamente.

— Timmery — cochichou Jack, sem obter resposta. Esperava que o morceguinho não alimentasse demais as esperanças de Charkle.



Já era tarde quando Jack acordou. Não conseguia parar de bocejar ao se vestir. Já estava prestes a descer quando o *Livro de Sombras* começou a vibrar. Parecia que um século se passara desde que recebera a última mensagem. Não devia ser de Camelin, pois Nora não o deixaria ter a varinha de volta tão cedo. Torcia para ser de Elan; morria de vontade de ter notícias de Annwn. Pegou a varinha e abriu a primeira página. As palavras, a princípio apagadas, começaram a escurecer conforme a mensagem aparecia. Ficou levemente desapontado ao perceber ser de Nora.

*Tenho um compromisso importante hoje e não tenho certeza
da hora que estarei de volta.*

*Antes de ir, perguntarei ao seu avô se você pode passar a
tarde na Casa Ewell cuidando de algo importante para mim.*

Deixarei instruções na mesa da cozinha.

Gerda, Medric e Camelin precisam comer caso eu não volte até a hora do chá.

Ele ficou curioso para saber aonde Nora ia, mas sabia que seria inútil perguntar. Se quisesse, ela teria contado. Desde seu retorno de Annwn, quase nunca via Medric e Gerda. Pronto, agora tinha um bom motivo para remar até a ilha e dar um alô. O que Nora queria que ele fizesse? Talvez fosse apenas uma desculpa para ele passar a tarde com Camelin. De qualquer maneira, isso significava que ele podia sair. Pegou a varinha e respondeu.

Conte comigo.



— Recebi uma visita hoje de manhã — disse o avô enquanto almoçavam. — Nora veio me ver.

Jack tentou fingir surpresa ao ouvir o avô.

— Ela precisou visitar Elan e não sabe quanto tempo vai demorar.

Ao ouvir a novidade, Jack quase engasgou com a linguiça.

— Elan está doente? Também pegou catapora?

— Nora só disse que era importante e perguntou se você podia fazer não sei o que para ela no herbário. Avisou que deixaria instruções na mesa da cozinha. Mas, se ainda não está bem-disposto, eu mesmo vou ou, se não quiser ir sozinho, podemos ir juntos.

— Obrigado, eu posso ir — garantiu Jack.

— Tem certeza?

Jack aquiesceu.

— Então melhor se aprontar. Vou regar as plantas.



Tão logo voltou ao quarto, Jack examinou o *Livro de Sombras*. Nenhuma mensagem nova. Nem resposta de Elan. Ficou imaginando se Nora tinha realmente ido visitá-la. Nesse caso, já estaria em Annwn. Jack suspirou. Seria uma longa espera até poder voltar lá. Ainda faltavam três meses para outubro.

Jack olhou sua imagem no espelho. Embora o rosto ainda estivesse coberto de crostas, não se sentia mal. A ideia de ir à escola daquele jeito não lhe agradava muito, mas queria cantar na apresentação. Se pudesse provar tanto a Nora quanto ao avô que ficara bom, depois de cuidar das coisas na Casa Ewell, sabia que receberia permissão para ir à escola na manhã seguinte.

Guardou o *Livro de Sombras* na mochila, mas, antes de guardar a varinha, foi até a gaiola de Orin.

— Quer ir comigo hoje?

Orin balançou a cabeça.

— Não; vai estar todo mundo ocupado demais para brincar comigo, e você também tem suas tarefas.

— Conto tudinho quando voltar.

Orin acenou com a cabeça e, sonolenta, pulou para a rede que Jack fizera para ela, preparando-se para tirar um cochilo à tarde.

— Estou saindo, vovô — avisou Jack descendo as escadas.

— Qualquer problema, é só vir me buscar. E, se Nora não chegar até a hora do chá, trate de alimentar os pássaros.

Jack aquiesceu.

— Tome cuidado com os gansos. Quando cismam, dão cada bicada...

— Pode deixar. Tenho certeza de que tudo vai correr bem.

Jack pensou que o único problema possível seria fazer com que Camelin não comesse demais. O resto seria fácil.



— Não podia ter vindo mais cedo? Estou sozinho há horas — reclamou Camelin quando Jack entrou no jardim da casa de Nora. — Sabe, você está horrível com essas crostas na cara. Não pode botar de novo aquele negócio branco e cobrir tudo?

— Nora disse que eu não precisava mais usar a loção quando a coceira parasse. Daqui a uns dias as cascas vão cair.

— Não deixe que elas caiam perto de mim. São nojentas.

Jack ignorou o comentário e perguntou:

— Sabe aonde Nora foi?

— A Annwn. Disse que era importante e precisava encontrar Elan.

— Não ficou curioso?

— Nadinha. Espero que demore um tempão porque assim vou ter a tarde inteira para me ocupar.

— Ocupar com o quê? Com as tarefas que Nora pediu para mim?

— Tarefas? Que tarefas?

— Nora disse que deixou um bilhete para mim na mesa da cozinha. Acho melhor ler antes de a gente fazer algum plano.

Camelin deixou Jack atravessar sozinho o jardim e voou na frente. Entrando na cozinha, Jack viu Camelin resmungando sozinho. Diante dele, uma folha de papel.

— O que diz?

— Não tem nada escrito — anunciou Camelin.

Jack pegou a folha. Tão logo tocou no papel, a letra bonita de Nora apareceu.

Você precisa levar todos os ingredientes listados no verso da folha para o herbário. Deixei mais instruções junto com a chave do armário onde guardo os extratos de ervas especiais. Estava preparando uma poção, mas não pude esperar que esfriasse, e ela está num estágio crítico. A fórmula está quase pronta, mas precisa ser terminada hoje à tarde ou ficará arruinada. Escrevi a receita, explicando como deve começar. Quando tiver acrescentado todos os ingredientes, peça ao seu Livro de Sombras para ensinar o feitiço para transformar Infusão de Dragão em Bafo de Dragão.

— Sinto muito, mas *as coisas* que planejou vão precisar esperar. Nora quer que eu termine a poção que estava preparando. Preciso trabalhar nisso hoje à tarde ou vai estragar.

— Que legal! Vai poder usar sua varinha sem ninguém para supervisionar, e eu não.

— Aqui não diz nada sobre eu usar minha varinha.

— Mas será que você nunca entende nada? As poções sempre precisam de alguma magia, e magia significa usar varinhas de condão.

Jack ignorou o comentário de Camelin.

— Você vai me ajudar? — perguntou.

— De jeito nenhum.

Jack virou a folha.

— Tenho uma lista de coisas para levar ao herbário. Bem que você podia me dar uma mãozinha.

Camelin não respondeu, emitindo um som de desaprovação quando Jack pegou a varinha da mochila, e resmungando enquanto ele separava os ingredientes. Quando terminou, tinha uma pilha grande deles na mesa. Grande demais para ele conseguir carregar tudo de uma só vez. Olhou ao

redor em busca de algo em que pudesse carregá-los. Viu a cesta de piquenique de Nora perto do fogão.

— Perfeito — exclamou Jack, pegando a cesta e começando a guardar os ingredientes. — Então vejo você mais tarde.

— Suponho que sim. Tente se apressar, está bem? Eu também tenho coisas importantes para fazer, mas preciso de ajuda.

— Eu ajudo quando terminar a poção de Nora.

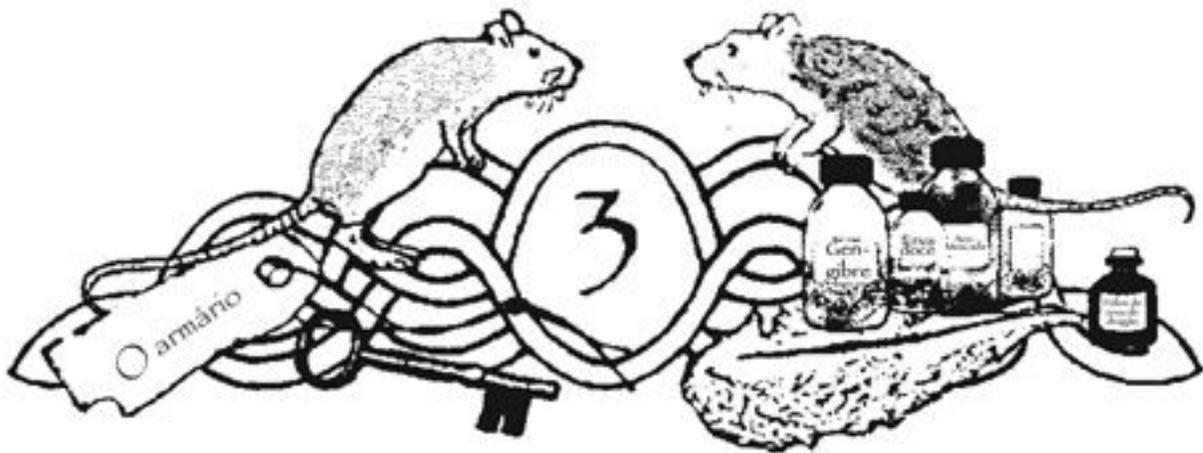
Camelin pulou de um pé para outro.

— Está falando sério?

Jack meneou a cabeça.

— Caramba, obrigado, Jack, você é um amigão. Chame quando terminar.





O ARMÁRIO

Jack carregou a cesta com dificuldade até o herbário. Encontrou um pequeno caldeirão num tripé na beirada da mesa. Espiou lá dentro ao passar. Estava cheio quase até a borda de uma gosma verde brilhante, parecida com o preparado que Nora passara em suas mãos da primeira vez em que se encontraram. Havia duas folhas de papel na mesa, presas com um dos candelabros. Como antes, quando Jack as pegou, a letra de Nora apareceu. Numa delas, estava uma fórmula para a poção e, na outra, as instruções. Os ingredientes e as quantidades tinham sido listados na ordem em que deveriam ser colocados no caldeirão. No meio da página, Nora anotara *COMECE AQUI*. Jack leu até o fim e descobriu que Camelin tinha razão: seria preciso usar a varinha de condão.

Para a fórmula de bafo de dragão, primeiro prepare metade de um caldeirão de ensopado de ervilhas e deixe ferver por seis horas.

ENSOPADO DE ERVILHAS

3 xícaras de ervilha

1 cenoura

10 grãos de pimenta-preta

9 xícaras de água

1 pitada de sal

18 folhas de salsa

Enquanto o ensopado ferve, recolha meia xícara de orvalho da manhã das folhas de urtiga e acrescente ao molho. Leve de novo a mistura à fervura e depois mexa.

Acrescente o seguinte:

1 xícara de vagens apodrecidas, 5 folhas de bardana,

3 antódios de flor de endro e 3 folhas de louro.

Em seguida, encha uma jarra pequena com feno da campina e acrescente-a ainda quente. Moa uma porção de pele de dragão com 3 pedras de lápis-lazúli em formato de gota e adicione tudo ao caldeirão. Quando a mistura estiver grossa, mexa com um graveto de espinheiro para ativar o cheiro de carne podre.

COMECE AQUI

* Espere esfriar, depois adicione os seguintes ingredientes:

6 colheres de chá de gengibre

1 colher de chá de noz-moscada

○ suco de 4 limões

2 porções de erva-doce moída
3 dentes de alhos inteiros
13 folhas de matrícária
e 36 avelãs descascadas.

Mexa de novo com o graveto e depois dê três pancadinhas na garrafa de pólen de erva de dragão sobre a poção para que o pólen cubra a superfície. Depois, amasse uma folha grande de erva de dragão entre as palmas das mãos e polvilhe sobre a mistura. O cheiro pode não ser bom, mas, assim que o preparado parar de borbulhar, o odor desaparece.

USE UMA VARINHA INCANDESCENTE PARA O FEITIÇO – SEM FAGULHAS

Jack respirou fundo. Ficou pasmo ao pensar que Nora confiava nele a ponto de deixá-lo preparar uma poção de verdade. Sentiu um calafrio na espinha. Bem, melhor do que ficar trancafiado no quarto. Faria o possível para não decepcioná-la, mas não conseguia parar de pensar no que ela faria com um caldeirão inteiro cheio de infusão de dragão.

Uma vez que os ingredientes da cesta foram colocados sobre a mesa, Jack os arrumou na mesma ordem especificada na lista de Nora. Quatro dos frascos continham pó fino. De alguns já ouvira falar, mas não de todos. O pote com etiqueta de noz-moscada era de uma cor avermelhada brilhante, o alho e o gengibre, de um amarelo-escuro, e a erva-doce, verde-escura. Jack checkou um a um os ingredientes. Todos, exceto a folha e o pólen de erva de dragão estavam em cima da mesa. Esses deviam ser os extratos especiais de ervas que Nora mantinha trancados no armário. Não pareciam com nada que alguém mantivesse na despensa, nem mesmo Nora. Voltou à cozinha

para buscar o livro. Então só precisava da chave do armário. Olhou ao redor, mas não encontrou nada sobre a mesa ou no aparador. Retornou ao herbário e procurou sem êxito a chave. Desesperado, pegou a varinha e perguntou em voz alta: “Onde está a chave do armário?”

Para sua surpresa, a gaveta superior da cômoda começou a tremer e sacudir com força, e acabou se abrindo. Estava cheia de chaves velhas de vários tipos e tamanhos. Umas de metal, outras quase pretas e outras ainda de aparência bem enferrujada. Essa devia ser a gaveta onde Fergus e Berry haviam entrado a pedido de Camelin. Só então Jack se deu conta de nem saber qual armário deveria abrir. Olhou desanimado a coleção de chaves.

— Preciso de ajuda — anunciou à gaveta.

Duas vozes esganiçadas e abafadas saíram de trás da cômoda. Jack não distinguia o que diziam, embora reconhecesse a quem pertenciam. Inclinou-se e espiou dentro da gaveta. A cabeça de Berry surgiu de um buraco nos fundos.

— O que estão fazendo aí? Pensei que tivessem desistido de ajudar Camelin.

— E desistimos mesmo — retrucou Fergus saindo de trás da cômoda e correndo ao redor dos pés de Jack. — Estamos nos escondendo dele.

— Ouvimos quando ele disse que não vinha ao herbário com você, então achamos que aqui seria o lugar mais seguro para nosso esconderijo — explicou Berry, passando pelo buraco.

— Não consigo encontrar a chave do armário onde Nora guarda as ervas raras. No bilhete dizia que tinha deixado a chave para mim, mas não consigo achar.

Fergus escalou com agilidade a cômoda e juntou-se a Berry na gaveta.

— Qual armário você quer?

— Esse é o problema; eu não sei. Nora disse que eu precisava abrir o armário onde ficam os extratos de ervas raras. Preciso de uma folha de erva

de dragão e um pouco do pólen para terminar a poção que ela estava preparando.

— Ah, então deve ser o terceiro armário — guinchou Berry animado, correndo para o outro lado do aposento. — Nora tem três armários de ervas.

— Mas qual é o terceiro?

— Nora coloca etiquetas nas chaves — explicou Fergus —, e tem letras nas portas, então é só procurar.

Jack agachou-se, e Berry, de pé nas patas traseiras, apontou na direção de uma letra P meio apagada na primeira porta. Na porta seguinte, a letra S desbotada e, na última, um T.

— Primeira, Segunda e Terceira — exclamou Jack. — Genial, mas não me ajuda a abrir as portas.

— Podia experimentar abrir com a varinha de condão — sugeriu Fergus.

Jack esperou Berry se afastar do armário e apontou a varinha na direção da terceira porta. A ponta faiscou, e Jack se concentrou.

— Abra! — ordenou e viu uma faísca de luz verde-clara se mover da ponta da varinha e desaparecer dentro da fechadura.

Fergus apressou-se e tentou a maçaneta, mas ela não abriu.

— Por que não experimenta? — sugeriu Berry. — Você é mais forte do que a gente.

Jack virou e revirou a maçaneta, mas a porta continuou trancada.

— Basta achar a chave especial de Nora. Está em algum lugar na gaveta. Sabe, aquela que andamos procurando a semana inteira para Camelin — explicou Berry.

Jack voltou para a cômoda. Havia tantas chaves que ele demoraria horas se tivesse de experimentar cada uma delas na fechadura.

— Camelin diz que ela abre qualquer porta — continuou Berry.

Jack voltou a se concentrar.

— Qual chave abre qualquer fechadura? — perguntou e concentrou-se ao máximo na varinha.

Ouviu-se um alto tilintar e um estalido vindo de dentro da gaveta. As chaves pareciam ter ganhado vida e começaram a se embaralhar. Foram formando uma pirâmide e só pararam quando uma das chaves, a de aparência mais grosseira, despontou no topo.

— Essa chave não tem nada de especial — disse Fergus.

— Não temos nada a perder — declarou Jack, tirando a chave com cuidado da coluna. Ouviu-se um tinido ruidoso quando a pirâmide desabou no mesmo instante. Jack examinou detidamente a chave. Não parecia agora ser grosseira ou comum. Pequenas centelhas dançavam no metal, fazendo a mão dele formigar.

— Olhem! — exclamou, mostrando a chave a Fergus e a Berry.

Os ratos olharam a chave e depois se entreolharam.

— Não conseguem ver as centelhas? — perguntou.

Fergus e Berry curvaram a cabeça para examinar a chave mais de perto.

— Parece uma chave comum — anunciou Berry. Fergus balançou a cabeça, concordando.

Jack ergueu a chave contra a luz, mas ela parou de faiscar. Talvez tivesse sido um reflexo ou talvez ele tivesse imaginado tudo.

— Bem, melhor eu testar — decidiu, curvando-se diante do armário.

A extremidade da chave parecia grande demais para o buraco pequeno da fechadura, mas, quanto mais Jack se aproximava, menos comum a chave se tornava. A sensação de formigamento voltou a lhe percorrer as pontas dos dedos. Pequenas centelhas voltaram a dançar pelo metal. A ponta encolheu diante de seus olhos e se encaixou no buraco da fechadura. Era do tamanho perfeito e quase parecia girar sozinha. Fergus e Berry comemoraram quando a porta se escancarou.

— Você conseguiu, Jack, você conseguiu. Como você é inteligente! — guinchou Berry.

Jack tirou a chave da fechadura. Voltara a ser grosseira e comum.

— Não podemos contar nada a Camelin, combinado?

Os ratos menearam a cabeça vigorosamente.

— Acho que vou guardar esta chave até Nora voltar. Pelo menos agora posso terminar a poção.

Jack enfiou a chave no bolso e leu as etiquetas nas garrafas e jarros guardados no armário.

— Aqui está: pólen de dragão. E estas devem ser as folhas.

Jack retirou uma garrafinha verde com uma tampa de vidro na qual se encontrava um papel de embrulho marrom preso em uma fita.

— Podemos ajudar — ofereceu Fergus. — Somos bons em contar sementes e grãos secos.

Jack retirou as tampas das várias garrafas e jarras antes de espremer o suco dos limões. No herbário, o cheiro delicioso invadiu o ar e, enquanto os ratos aspiravam o novo aroma, os narizinhos remexiam excitados. Ficou grato a Fergus e Berry por quebrarem as avelãs com seus dentes afiados. Depois de meia hora, todos os ingredientes tinham sido adicionados à mistura no caldeirão. A substância pegajosa não estava mais tão verde. Jack procurou pelo graveto de espinheiro deixado por Nora para mexer o líquido. Fez uma careta enquanto mexia; algo não cheirava tão bem. Ficou se perguntando se errara alguma coisa até se lembrar de checar a página de instruções de Nora.

RECEITA DE INFUSÃO DE DRAGÃO

Ferva o ensopado de ervilha.

O orvalho da manhã acrescentado no caldeirão ainda quente. Coloque a vagem apodrecida, a bardana, o endro e o louro em seguida, e um pouco de feno da campina.

Moa os dois seguintes para a infusão:

Lápis-lazúli e pele de dragão.

Quando a mistura grossa estiver, com o graveto de espínheiro
você deve mexer.

COMECE AQUI



Depois que esfriar, é hora de adicionar gengibre, noz-moscada e
suco de limão, erva-doce, alho, matricária e avelã também irão.
Mexe o conteúdo bem forte e ligeiro, mexa tudo com o graveto de
espínheiro.

O Pólen e a folha de erva de dragão por cima de tudo, por último,
vão.

Ferva a infusão até borbulhare deixe esfriar antes de coar.

— É o graveto que é fedorento — explicou a Fergus e a Berry, que
tinham se mudado para o outro lado da mesa. — Aqui diz que cheira a
carne podre.

— Para que você acha que Nora vai usar essa poção? — perguntou
Berry.

— Não faço a menor ideia. Ela apenas me pediu para preparar. Espero
que eu esteja fazendo tudo certo.

— Talvez melhore quando a erva de dragão for misturada — sugeriu
Fergus.

— Bem, lá vai — anunciou Jack. — Agora só faltam os dois últimos
ingredientes. Melhor terminar logo.

Ao tirar a tampa da garrafa, o aposento inteiro ficou impregnado do
fedor de ovo podre. Sem pensar duas vezes, ele a tampou de novo.

— Eca! — berrou Berry, pulando da mesa e fugindo às pressas pela
porta aberta. Jack e Fergus o seguiram. — Que negócio é esse? Não sabia que
pólen podia feder desse jeito.

— Vamos ficar aqui fora até você terminar — avisou Berry.

Jack respirou fundo e prendeu a respiração antes de entrar de novo no herbário. Abriu a garrafa, segurou-a em cima do caldeirão e cuidadosamente bateu na lateral três vezes como mandavam as instruções. Os pequeninos grãos de pólen cor de laranja espalharam-se sobre a superfície sem afundar. Quando Jack voltou a colocar a tampa, os olhos lacrimejavam. Guardou a garrafa de volta no armário e colocou a cabeça para fora da porta aberta para respirar um pouco de ar fresco.

— Está quase pronto — disse apressado a Berry e Fergus.

A folha também não cheirava bem, mas não fedia tanto quanto o pólen. Embora estivesse seca e enrugada, era de um vermelho vivo. Jack virou-a e viu que a parte de trás era coberta de pequeninos pontos verdes. Depois de reler as notas de Nora, amassou a folha nas mãos e a transformou num pó fino. Espalhou-a por igual no caldeirão e esperou para ver o resultado. O pó encheu os buracos entre o pólen e flutuou no topo da mistura. Tudo que lhe restava fazer era encontrar o feitiço e transformar a Infusão de Dragão em Bafo de Dragão. O cheiro horrível quase sumira, então Jack decidiu arrumar a bagunça antes de perguntar ao *Livro de Sombras* o feitiço. Primeiro, arrumou a cesta de piquenique e a colocou do lado de fora. Fergus e Berry não estavam por perto.

— Agora falta pouco — exclamou Jack.

Enrolou as folhas de erva de dragão no papel e voltou a amarrar a fita antes de guardar o pacote no armário. Tirou a chave do bolso e examinou-a de perto. Continuava do mesmo tamanho do pequenino buraco de fechadura. Formigou novamente em sua mão quando a encaixou nele. Mais uma vez, guardou a chave no bolso, foi até a mesa, repousou a mão na capa do livro e perguntou como fazer o feitiço.

— Como transformo essa mistura em Bafo de Dragão?

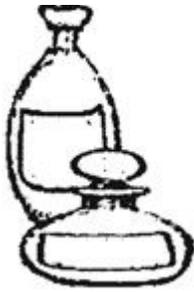
O livro entrou em ação. As páginas se abriram e passaram rápido até aparecer o feitiço que pedira. Acima e abaixo do feitiço, instruções escritas

com tinta vermelha.

Jack leu tudo duas vezes antes de segurar a varinha. Colocou a mão esquerda no nariz, temendo que o fedor fosse tão horrível quanto o de antes, e depois repetiu as palavras. Tentou se certificar de que o brilho permanecia estável na ponta da varinha ao apontá-la para a mistura dentro do caldeirão. Uma coluna de fumaça amarela cintilante saiu da panela, subiu até o teto e se espalhou pelo aposento. O fedor era insuportável. Enquanto a mistura rodopiava em espirais, o pólen e a folha amassada desapareceram. Quando sumiu o último resquício da cor laranja, o conteúdo do caldeirão começou a borbulhar. Jack mal conseguia respirar. Precisou usar a mão que lhe protegia o nariz para enxugar os olhos lacrimejantes. Começou a tossir, o que fez sua mão tremer. A mistura subiu até a borda do caldeirão e começou a transbordar pelas laterais. Jack precisou usar as duas mãos para estabilizar a varinha. As narinas foram invadidas pelo odor penetrante. Lágrimas escorriam de seus olhos, dificultando-lhe verificar se a poção estava novamente sob controle. Quando achou que não conseguiria permanecer ali no herbário nem mais um minuto, a mistura parou de borbulhar e o fedor de repente sumiu. Jack correu para a porta aberta e respirou o ar fresco repetidas vezes. Quando os olhos pararam de lacrimejar, voltou a olhar para dentro do aposento. A mesa estava uma bagunça, suja com manchas verdes, onde parte da poção borbulhara para fora do caldeirão, mas o resto parecia bem. A nuvem amarela desaparecera. Fergus e Berry se aproximaram dele.

FEITIÇO PARA TRANSFORMAR INFUSÃO DE DRAGÃO EM BAFO DE DRAGÃO

Aponte para a infusão sua varinha, e mantenha estável e imóvel o brilho na ponta dela. Não produza nenhuma faísca, senão a



mistura pode explodir. Prepare-se para sentir um cheiro horroroso.

NA PANELA, A INFUSÃO COZINHAR, FERVER ATÉ ESQUENTAR E BORBULHAR. MISTURAR BEM E CHEIRAR MAL É PRECISO PARA CONSEGUIR O DESEJADO FEITIÇO.

ESSE XAMPU VERDE ENFEITIÇAR PARA A INFUSÃO EMBAFO DE DRAGÃO TRANSFORMAR.



Quando o fedor desaparecer, a mistura vai parar de borbulhar e o feitiço estará pronto para usar.

— Acho que agora é seguro entrar — disse Jack, enxugando de novo os olhos.

Fergus e Berry pularam na mesa e cheiraram os respingos da poção. Jack hesitou antes de olhar dentro do caldeirão.

— Só fico imaginando para que serve essa poção.

— Para que serve o quê? — grasnou a voz familiar quando Camelin entrou voando pela porta aberta e pousou na mesa. Logo começou a tossir e se engasgou. — Que cheiro é esse?

— Nada. Você não faz ideia do que era cinco minutos atrás.

— Mas vem de onde?

— Foi essa a tarefa importante que Nora me pediu.

Camelin deu uma espiada dentro do caldeirão.

— Eca! Tem certeza de que fez tudo certo? Parece horrível. Eu não beberia isso.

— Acho que não é para beber. Quer dizer, espero que não seja!

Camelin arrastou-se até a outra extremidade da mesa.

— Então, já pode me ajudar?

— Eu ia avisar você assim que eu levasse isso tudo para a cozinha.

— Ah, deixa para depois. Preciso de sua ajuda.

Jack sorriu, achando que sabia o que Camelin diria. Talvez Fergus e Berry pensassem na mesma coisa, pois tinham desaparecido de vista. Ficou surpreso quando Camelin empurrou uma chave pequena em sua direção.

— Nora deixou isso, então não deve ter problema você usá-la. Agora pode pegar minha varinha de condão. É a chave, veja, diz “O Armário” na etiqueta.

Jack examinou a chave com atenção. Enfiou a mão no bolso e tateou a outra chave. Eram idênticas. Tentou esconder de Camelin o sorriso.

— Está bem, vou abrir o armário para você — disse Jack ao pegar a outra chave.

— Vai mesmo? Uau, Jack, você é um amigão.

Jack caminhou na direção dos três pequeninos armários.

— Aonde você vai? Não é por aí — grasnou Camelin.

— Acho que vai descobrir que sua chave abre esta porta — disse Jack, inclinando-se e destrancando o armário com a letra T desbotada na frente.

— Mas aí diz “O Armário”, e Nora a deixou do lado de fora.

— Nora deixou a chave para mim, e acho que você pode entender que ela escreveu “O Armário” porque a chave abre o lugar onde ela guarda os extratos de ervas raros.

Camelin bufou bem alto.

— Quer dizer que não é a minha chave?

— Isso mesmo, não é.

— E a minha varinha de condão?

— Só Nora pode decidir quando você merece recebê-la de volta.

— Para você não tem problema, você está com a sua. Pode tentar fazer uma mágica para abrir a porta?

— Acho que não.

— Quer saber de uma coisa? Você não tem mais a menor graça. O poder da varinha subiu à sua cabeça.

Antes que pudesse responder, Camelin alçou voo, passou por ele e desapareceu pela porta aberta.

— Puxa vida! — exclamou Jack quando Fergus e Berry saíram de trás da cômoda. — Eu não tinha a intenção de aborrecer Camelin.

— Ele está assim a semana inteira — explicou Berry.

— Na hora do chá, ele vai melhorar — guinchou Fergus.

Jack riu. Sabia que o ratinho tinha razão. Ficou se perguntando quanto tempo Nora ainda demoraria. Não pensava em alimentar Camelin tão cedo, mas não via motivo para não levar logo a comida de Medric e de Gerda.

— Vou à ilha. Querem vir comigo?

Os dois ratinhos fizeram que não com a cabeça.

— Estou muito ocupado — disse Fergus querendo se exhibir. — Muito ocupado.

Jack sorriu ao perceber que Fergus imitava Motley.

— Temos uma lista de tarefas a cumprir também, então melhor cuidar disso ou vamos estar encrencados se não estiver tudo pronto quando Motley e os outros voltarem — explicou Berry.

— Vejo vocês depois — disse Jack, mas não obteve resposta, pois os dois ratinhos já tinham partido.



O balde de grãos era mais pesado do que Jack imaginara. Encontrou dificuldade em levá-lo até a margem do lago e finalmente conseguiu colocá-lo no barco sem deixar muitos grãos caírem. Sentou-se debaixo do salgueiro um pouquinho para recuperar o fôlego. Nunca remara antes, e parecia que a ilha ficava a uma boa distância.

Jack tentou empurrar o barco para a água, puxou, arrastou, sacudiu, mas o barco não se movia. Talvez precisasse chamar o avô, mas não queria admitir tão fácil a derrota. Ergueu a varinha, mas hesitou. Fora avisado para usá-la de modo criterioso, e não sabia se transportar um balde de milho pelo lago seria considerado uso criterioso de magia. Talvez pudesse usar a varinha para ajudá-lo a conduzir o barco até a água e começar a remar quando já estivesse flutuando. Olhou ao redor para se certificar de que ninguém o observava, embarcou e apontou a varinha para a frente. Concentrou os pensamentos num pedido: “Preciso de ajuda para levar o barco até a ilha.”

O barco começou a sacudir com violência de um lado para o outro. Devia ter se sentado antes de pedir. Tentou manter o equilíbrio e acabou batendo com o joelho no balde. O barco deu um solavanco repentino ao deixar o ancoradouro e atingir a água. Jack não teve tempo para pegar os remos; só conseguiu se agarrar ao banco e se equilibrar antes de o barquinho começar a acelerar em direção ao meio do lago.

— Mais devagar! — berrou. — Mais devagar!

Ele realmente deveria pensar duas vezes antes de usar a varinha e se certificar de dar instruções mais detalhadas. O barco diminuiu a velocidade e ancorou num monte em declive na terra macia da ilha. Jack respirou aliviado, as mãos doídas e os nós dos dedos brancos de tanto se agarrar ao assento. As pernas tremiam ao pisar a terra firme. Achou que Gerda ou Medric estaria lá para recebê-lo, mas nenhum dos gansos apareceu. Não queria ir até o galpão sem ser convidado, então gritou o mais alto possível.

— Oi! É Jack. Trouxe a comida de vocês.

A cabeça de Medric apareceu.

— Shhh!

— Desculpe — sussurrou Jack. — Não tive a intenção de perturbar vocês.

— Não é a mim, é a Gerda. Não é bom ouvir barulhos altos quando se está botando ovos.

— Desculpe, quer que eu leve os ovos para Nora?

Medric abaixou o pescoço e balançou as penas do rabo. Jack entendeu que dissera a coisa errada.

— Com toda certeza, não quero que leve nenhum dos ovos de Gerda. Estes ovos não são para comer, mas para chocar.

— Chocar?

— Isso mesmo, chocar. Mas será que você não entende nada?

— Nora não me contou. Desculpe. Só estava tentando ajudar. Trouxe o jantar.

— Jantar? Está um bocado cedo para jantar.

— Eu sei, mas preciso ir para casa daqui a pouco, então pensei em trazer a comida agora e dizer oi para vocês.

— Melhor entrar depois que descarregar a comida.

Foi mais difícil tirar o balde de grãos do barco do que colocá-lo. Jack despejou o conteúdo na terra onde Nora costumava servir a comida, guardou o recipiente vazio no barco e foi até o galpão. Bateu na lateral da porta aberta.

— Entre, entre — disse Medric. Jack estava preocupado, com medo de pisar nos ovos, mas, ao entrar no abrigo, viu que a palha perto da entrada sumira. Tinha sido empilhada num canto distante, num montinho circular, no alto do qual se encontrava Gerda.

— Quer vir e dar uma olhadinha rápida? — perguntou ela, erguendo devagar o corpo.

Jack viu um conjunto de ovos brancos e grandes.

— Dez — informou Medric. — Melhor se sentar, minha querida, não vai querer que eles peguem frio.

— Quando vão nascer? — perguntou Jack, observando Gerda se acomodar com cuidado no ninho.

— Ainda demora — respondeu Medric, empurrando Jack para a porta.

— Melhor eu ir embora. Não quero perturbar vocês.

— Ótimo, ótimo — disse Medric, gingando em direção à porta do abrigo. — Gerda está doida para ouvir o bater dos pezinhos palmados. Convidamos você para uma visita quando nascerem.

— Obrigado, eu gostaria muito — disse Jack antes de se despedir.

Ao chegar ao barco, virou-se para acenar, mas Medric já entrara. Será que Camelin sabia sobre os ovos de Gerda? Quando entrou no barco, pensou em quais instruções deveria dar a ele. “Leve-me devagar à margem do outro lado” era a melhor ideia que lhe vinha à mente.

O caminho de volta foi bem mais tranquilo. Jack arrastou a mão pela lateral do barco, deslizando-a pela água enquanto admirava a vista. Pensou ter visto um movimento no salgueiro e uma sombra preta que reconheceu. Assim que o barquinho ancorou, Camelin pulou da árvore e pousou na margem. Gingou e esperou Jack amarrar o barco e retirar o balde antes de falar.

— Usando magia de novo? Achei que precisássemos usar nossas varinhas com sabedoria...

Jack não queria entrar numa discussão e sabia que não valia a pena perder tempo com explicações.

— Você também quer jantar?

— Ah, até que enfim falou alguma coisa que preste — disse Camelin, voando por cima de Jack. — Desafio você a uma corrida até a cozinha.

Jack não tinha a menor intenção de apostar corridas. Guardou o balde no galpão e foi para o herbário. Aspirou o ar. O cheiro horrível tinha ido embora. Examinou a poção. Tudo parecia bem, então fechou a porta e pegou

o caminho da cozinha. Um rápido bater de asas sobre sua cabeça o fez olhar para cima. Antes que Jack pudesse dizer ou fazer alguma coisa, Timmery passou voando por ele e bateu na parede. Desabou na grama e ficou lá estirado, imóvel.

— Timmery! — berrou.

— Deixa ele para lá. Onde está o meu jantar? — resmungou Camelin de dentro da cozinha.

Jack segurou o morceguinho com cuidado. Sentia o coração dele bater, embora ele não se movesse.

— Caramba! O que é isso na sua mão?

— É Timmery. Ele bateu na parede.

— O que ele está fazendo aqui a essa hora do dia? Ele sabe muito bem que não enxerga nada quando está sol.

— Não sei. O que acha que devemos fazer?

— Jantar.

Jack ignorou Camelin e tentou acomodar Timmery de modo confortável. O morceguinho estremeceu.

— Você está bem? — perguntou Jack.

— Puxa vida! Puxa vida! — piou Timmery.

— O que posso fazer para ajudar? Quebrou alguma coisa?

— Acho que não. Não conseguia enxergar, mas precisava vir e dizer a Nora que temos um problema. Tudo culpa minha. Puxa vida! O que fazer? O que fazer?

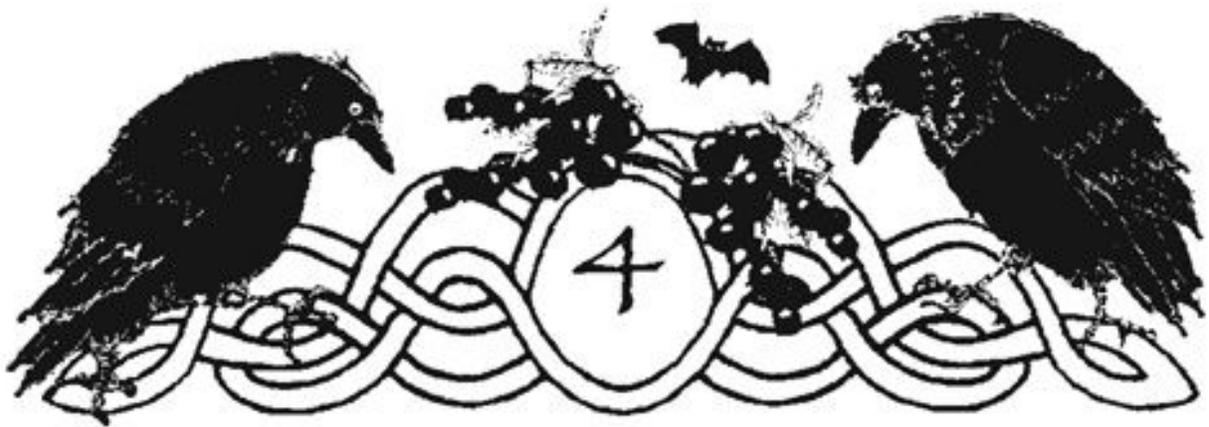
— Nora não está aqui. Posso ajudar?

— É Charkle. Ele foi embora.

— Embora? — exclamou Jack.

— Eu contei a ele sobre o mapa, e agora ele não está no campanário. Não consigo encontrá-lo em parte alguma. Ele foi embora, e a culpa toda é minha.





DECISÕES

Jack ficou preocupado. Sabia que parte da culpa lhe cabia. Se ao menos tivesse dito a Timmery para não contar nada a Charkle sobre o Morro Uivante antes de falarem com Nora, talvez ele não tivesse desaparecido.

— Tente não ficar preocupado — aconselhou Jack. — Quem sabe ele já voltou ao campanário? Quer que Camelin vá verificar?

Timmery concordou.

— Não vou a lugar algum antes de comer — resmungou Camelin.

— Dê uma passada lá e, quando voltar, seu lanche vai estar pronto.

Camelin olhou Jack de cara feia, mas acabou voando na direção da torre da igreja. Depois que se foi, Jack olhou a lista de Nora. Primeiro, preparou a comida para deixar na gaiola dos pássaros. Em seguida, arrumou a de Camelin no prato dele. Ao terminar, sentou perto de Timmery, que parecia desolado e usava as asas para proteger os olhos da luz forte do sol. Jack fechou a cortina para Timmery poder enxergar um pouco melhor.

— Conte o que aconteceu depois de ter saído do meu quarto na noite passada.

— Fui para o campanário e não encontrei Charkle, mas não fiquei preocupado porque sabia que ele tinha ido encontrar Nora. Ao alvorecer, voltou muito chateado. Aí pensei que contar sobre o Morro Uivante o alegraria. Conteí tudinho: as perguntas, seu livro e o mapa. Ele ficou um bocado animado. Quando terminamos de conversar, o sol já nascera, então avisei que à noite podíamos ir até lá e fui dormir. Quando acordei, ele tinha ido embora.

— Nora também foi embora e não sei quanto tempo vai demorar.

— Foi para onde?

— Para Annwn.

Timmery parecia aborrecido. Jack tampouco se sentia feliz. Gostaria que Nora estivesse em casa. Não acreditava que Camelin fosse encontrar o pequenino dragonete na igreja; suspeitava de que ele tivesse voltado ao abrigo de Westwood.

— Ele comentou alguma coisa?

— Não, já estava claro, e eu, morto de sono. Fiquei feliz porque ele não parecia mais chateado. Precisamos fazer alguma coisa. Você vai ajudar, não vai, Jack?

— Vou. Estou pensando no que Nora faria. Será que iria esperar ou procurar?

— Bem, em casa ele não está — informou Camelin, pousando na mesa diante de sua tigela. — Só isso? Não ganho nada mais saboroso do que queijo e picles? Não podemos pedir uma comida no restaurante?

— Não — disse tão determinado que Camelin se sobressaltou. — Nora não deixou dinheiro.

— O que vamos fazer? — piou Timmery.

Jack acariciou o pelo no topo da cabeça de Timmery.

— Tente não se preocupar. Aposto que ele está bem. Vou alimentar os passarinhos e, quando voltar, nós decidiremos o que fazer. Enquanto isso, conte a Camelin tudo o que aconteceu ontem à noite.



Jack demorou um pouco colocando sementes na gaiola. Precisava de tempo para pensar. Deveria enviar uma mensagem a Nora? Mas ela o deixara encarregado de tudo, e isso significava assumir as responsabilidades. Devia ter ido a Annwn por algum motivo importante. Não sabia se ela queria ser incomodada com um assunto desses. Charkle podia aparecer a qualquer momento, e aí ele se sentiria um idiota por ter causado tanta confusão por nada. Por outro lado, Charkle podia estar perdido ou em maus lençóis. De repente, Jack se sentiu muito solitário. Não podia pedir ajuda ao avô. Teria que tomar uma decisão sozinho e, com sorte, tomaria a decisão correta.

— Precisamos de um plano — anunciou ao voltar à cozinha.

Camelin e Timmery esperaram ansiosos, mas Jack não sabia o que dizer. Descansou o *Livro de Sombras* na mesa, abaixou a mão e fazia menção de pedir ajuda quando o livro começou a vibrar. Camelin se aproximou de Jack.

— É uma mensagem. Abra para ver o que diz.

Jack procurou a primeira página e viu seu nome aparecer.

— Vejam, é de Nora — continuou Camelin, espiando por cima do braço de Jack.

— O que ela disse? — perguntou Timmery. — Já vai voltar?

— Receio que não — respondeu Jack. — Disse que precisa ficar mais tempo em Annwn para ajudar Elan. Só deve voltar dentro de alguns dias.

Preciso cuidar da comida de todo mundo, mas não mexer mais na poção. Ela disse que cuida disso quando voltar para casa.

Timmery esvoaçou ao redor da cabeça de Jack.

— Puxa vida! Puxa vida! O que vamos fazer? Podemos perguntar a Nora?

— Não — respondeu Camelin. — Vai ficar zangada se tiver de voltar.

Jack não tinha certeza se Nora ficaria zangada, mas deviam estar enfrentando um problemão em Annwn, caso contrário ela não ficaria tanto tempo lá. Decidido, escreveu uma resposta curta e fechou o livro. Hora de assumir o comando.

— Vamos procurar Charkle — anunciou. — Hoje à noite.

— Hoje à noite? — exclamou Camelin. — Mas como?

— Você vai ter que ficar de vigia na casa do vovô. Quando todas as luzes se apagarem, aí pode entrar. Deixo a janela aberta. Nós nos transformamos e voamos até Westwood para tentar encontrar Charkle.

Camelin ficou de bico aberto.

— Você disse que nunca mais sairia num voo à meia-noite.

— Com você. Desta vez é diferente: é você quem vai comigo, e temos uma missão importante.

— Da última vez, também era importante — resmungou Camelin.

— Agora é diferente. Sei aonde vamos e o motivo; da última vez, você só me disse quando já era tarde demais.

— O que Nora vai dizer se descobrir? Você prometeu que não viveríamos mais aventuras.

— Já perguntei a ela.

— Quando?

— Quando estava doente. Perguntei se podia ajudar Timmery e Charkle a encontrar os dragonetes quando melhorasse da catapora, e ela concordou. Já estou melhor, então tenho permissão para ajudar.

— Mas ela não disse que podia sair de madrugada.

— É provável que não, mas trata-se de uma emergência, e ela não está aqui para eu perguntar. Vamos tentar não nos meter em confusão. Ok?

— Ok.

— Eu também posso ir, não posso? — perguntou Timmery.

— Claro que pode — respondeu Jack.

Camelin bufou.

— Eu já avisei que é longe demais para um morcego.

Timmery espiou Jack.

— É muito longe mesmo?

Jack fez que sim com a cabeça.

— Mas você pode ir agarrado nas minhas costas, se não se importar.

Camelin fechou a cara e resmungou.

— Não entendo por que ele tem que ir junto.

— Timmery tem de nos acompanhar caso a gente precise olhar dentro das cavernas.

Jack esperou Camelin responder, mas ele permaneceu mudo.

— Então estamos combinados. Você vai lá para a minha casa à noite, assim que as luzes se apagarem. Agora é melhor eu ir embora ou vou chegar atrasado para o meu lanche.

— Aposto que não é queijo com picles — grasnou Camelin.

Jack nem respondeu. Tinha certeza de que Camelin encontraria uma oportunidade para comer algo gostoso antes de voltar a vê-lo. Correu para a cerca viva e não parou de correr até chegar à casa do avô.



Jack pediu licença mais cedo e se recolheu, com a desculpa de se sentir meio cansado, o que não deixava de ser verdade. Fizera mais coisas naquela

tarde do que na última semana inteirinha. Sua maior preocupação era tirar um cochilo antes que chegasse a hora de voar até o abrigo de Westwood, mas os pensamentos giravam desordenados em sua mente. Inúmeras perguntas ainda pipocavam em sua cabeça, perguntas para as quais não encontrava resposta. E se estivesse cansado demais para ir à escola na manhã seguinte? Queria muito cantar o solo na apresentação. Se não estivesse lá, outra pessoa ocuparia seu lugar. E se o avô descobrisse que ele saíra? Como se explicaria? Mesmo que contasse a verdade, o avô não acreditaria nele. E se acabassem metidos em confusão? Ninguém saberia onde ele estava e, pior, não podia contar seus planos a ninguém. Afinal, decidiu escrever um bilhete e deixar com Orin. Se estivessem encrocados, pelo menos o avô saberia por onde começar a procurar.

— Entendeu o que deve fazer se eu não voltar? — perguntou a Orin.

Ela meneou a cabeça e repetiu as instruções de Jack.

— Guardo a carta a salvo para que ninguém a veja, mas, se você não estiver de volta na hora do café da manhã eu devo colocá-la em seu travesseiro, onde seu avô vai encontrá-la.

— Isso é o melhor que posso fazer caso surja algum problema — murmurou Jack, sonolento.

Vestiu o pijama, abriu a janela e foi deitar.



O quarto de Jack estava mergulhado na escuridão quando acordou. Também sentiu um cheiro ruim. Por acaso parte da poção tinha respingado em sua camiseta? Aspirou o ar quando o cheiro ficou mais forte. Foi então que ouviu um ronco. Mexeu o pé por baixo da coberta e encontrou uma protuberância pesada perto do pé da cama.

— Acorde! — sussurrou.

Jack esperou, mas o ronco continuou. Cutucou Camelin com o pé e gentilmente o sacudiu, mas sua ação teve o efeito contrário. O ronco aumentou de volume. Finalmente, Jack o empurrou com força. Ouviu o bater de asas quando Camelin caiu da cama.

— Por que fez isso?

— Você estava roncando alto demais. Ia acabar acordando meu avô.

O cheiro de cebolas fritas penetrou nas narinas de Jack.

— Esse cheiro podre é seu?

— Foi você quem me deu comida.

Jack fungou.

— Para mim parece cheiro de batatas fritas e hambúrguer.

— Queijo e pickles não enchem a barriga de quem tem um longo voo pela frente.

Jack se levantou e escancarou a janela para o ar fresco entrar.

— Por que não me acordou?

— Fiquei cansado de esperar as luzes apagarem, então vim mais cedo. É muito solitário ficar naquela casa vazia.

— Pensei que Timmery tivesse ficado com você.

Camelin bufou.

— Impossível descansar com ele por perto. Ele não para de falar, e falar e falar.

— Devia ter me acordado.

— Você estava dormindo, e eu quis experimentar uma cama de verdade.

Nora não me deixa deitar na cama.

— Por que será?

Jack pegou a varinha e iluminou o relógio.

— Melhor a gente se transformar e buscar Timmery, já é quase meia-noite. Vamos levar pelo menos uma hora para chegar lá e talvez ainda mais para voltar, se eu estiver cansado. Não voo faz umas duas semanas.

Precisamos combinar uma coisa antes de ir embora; quando eu disser que está na hora de voltar, quero ser levado a sério. Se disser não, é não mesmo.

— A cada dia você fica mais parecido com Nora — lamentou-se Camelin quando encostaram as testas.

Uma faísca ofuscante. Jack se sacudiu ao sair do pijama. Era muito bom voltar a ser corvo.

— Pronto?

— Pronto.



— Acho que Charkle não voltou — comentou Jack ao pousarem no campanário.

Timmery esvoaçou em torno da cabeça deles.

— Não está aqui. Espero que esteja bem.

— Suba — disse Jack a Timmery.

Jack não queria admitir, mas não sabia ao certo como chegar ao abrigo de Westwood. Conhecia mais ou menos a direção, mas, no escuro, tudo parecia diferente e nem lua havia naquela noite. Entretanto, não tinham tempo a perder.

— O que estamos esperando? — indagou Camelin.

Jack sentiu alívio quando Camelin finalmente decolou da torre da igreja. Só lhe restava segui-lo.

Ao sobrevoarem os campos, Jack procurava, mas não encontrava nenhum ponto de referência familiar. Passado um tempo, começou a usufruir do voo. Parecia livre do peso da responsabilidade nos ombros; sentia-se despreocupado e exultante. Tentou pensar nos problemas, mas seu lado corvo assumiu o comando.

— Oba! — grasnou, movido por um súbito impulso. Passou por Camelin voando de costas.

— Achou que você não conseguiria mais fazer isso?

— Não há nada especial aqui.

Jack se deu conta de que Timmery esvoaçava em torno de sua cabeça.

— Pensei que estivéssemos apostando corrida.

— Eu também, mas não me segurei direito. Dá para me avisar da próxima vez que rodopiar?

— Desculpe, não sei o que deu em mim.

Camelin deu um sorrisinho debochado.

— Vamos lá, desafio você para uma corrida.

Não foi uma corrida de igual para igual. Camelin não esperou Timmery se acomodar, e Jack sabia que não conseguiria vencer Camelin, mas era bom cortar o ar voando a toda a velocidade. Vez por outra, Camelin arremessava para cima, formando um arco, e descia em uma acrobacia tripla.

Depois de um tempo, os ossos de Jack começaram a doer. Torcia para que não faltasse muito. De tão concentrado no voo, não prestara muita atenção à paisagem, mas, mesmo no escuro, percebia estarem se aproximando de uma comprida cadeia de montanhas. Formações rochosas estranhas e escuras recortavam o horizonte. De repente se deu conta de que o lugar era igual ao mostrado pelo *Livro de Sombras*. Jack sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. No quarto, o lugar não parecia tão assustador, mas, agora, ao sobrevoá-lo, sentiu-se ameaçado.

— Que lugar é aquele? — perguntou a Camelin. — Ali adiante no horizonte.

— São os penhascos da Cordilheira Stonytop. Ninguém quer ir até lá quando escurece, principalmente em noite sem lua.

— Por que não?

— Mas será que você não sabe nada mesmo? Alguns daqueles penhascos não são o que parecem.

— Como eu podia saber? Nunca estive na Cordilheira Stonytop antes...
Jack ouviu a voz de Timmery guinchar no ar parado da noite:

*“Quando um relâmpago lampeja, um temporal anuncia
que na Cordilheira Stonytop uma Hag nascia.”*

Jack voltou a se arrepiar. Odiava a visão dos penhascos e o som da palavra Stonytop. Olhou o céu; podia estar escuro, mas não havia sinal de tempestade.

Camelin voou a seu lado.

— Aqui é o país das bruxas Hags. Esses versos são tão velhos quanto os penhascos. Dizem que ganham vida em noites de tempestade. Ouvem-se o estrondo de um trovão, o clarão de um relâmpago, um estrondo ensurdecedor, e pimba! Uma hora você está olhando para uma rocha e, no minuto seguinte, é uma Hag. Todos os pedaços de pedra rachada lá em cima são restos dos penhascos que explodiram.

Jack não duvidou de que havia um fundo de verdade no que Camelin dizia. Sabia que os topos das montanhas e as cordilheiras não eram lugares seguros em tempestades, com ou sem lua.

— Você acredita nessa história?

— Sei lá, mas é o local onde as Hags se reúnem, sobretudo nas noites sem luar. Não dá para distinguir o que é penhasco e o que é bruxa no escuro.

Jack estremeceu ao se lembrar do encontro com Finnola Fytche.

— Melhor a gente ficar bem longe. A única bruxa que conheci já foi demais para mim.

Jack ficou contente por Camelin não discordar.

— Já estamos chegando? — perguntou Timmery.

— Estamos — berrou Camelin, inclinando as asas e começando a descida. — Abrigo de Westwood, lá vamos nós!

Jack viu a boca da caverna ao pousarem. Uma boca negra, escancarada e ameaçadora. Estavam por conta própria dessa vez: nada de magia, nem de Nora ou Elan para ajudar. Desesperado, tentou bolar um plano. Nem ele nem Camelin enxergavam no escuro. Não queria pedir a Timmery para entrar, entretanto não restava outra solução. Com sorte, se Camelin tivesse razão, Finnola Fytche não estaria em casa, mas sim entre os penhascos, na cordilheira, fazendo sabe-se lá o que as Hags fazem quando se reúnem.

— Você se importa de dar uma olhada aí dentro? — pediu a Timmery.

— Claro que ele não se importa; afinal, foi para isso que o trouxemos, ou não foi? Esqueceu como ele é corajoso? — debochou Camelin.

— Se ele não quiser, não precisa entrar — afirmou Jack.

— Tudo bem — piou Timmery, esvoaçando na entrada. — Ficarei perto do teto e, quando menos esperarem, eu estarei de volta.

— Melhor não chamar Charkle, caso tenha alguém aí dentro. Não sabemos o que pode acontecer se perturbarmos uma Hag, certo? — perguntou Jack.

Em pouco tempo, Timmery voltou.

— E aí, viu alguma coisa? — perguntou Jack.

— Nadinha. O fedor lá dentro está horrível. Não é o tipo de lugar em que morcegos queiram se abrigar, tampouco dragonetes. Não sei como alguém pode morar numa bagunça daquelas.

— Nem eu — concordou Jack, fitando Camelin de modo significativo.

— Meu sótão não cheira mal.

Os olhos de Jack começaram a lacrimejar quando o vago odor de repolho estragado saiu da caverna.

— Não fui eu, juro; não gosto de repolho cozido — retrucou Camelin quando Timmery fez menção de falar.

Jack teve vontade de rir, mas conseguiu se controlar.

— Isso é sério, e não temos tempo a perder.

— Por que não voamos mais alto para examinar melhor o lugar? — sugeriu Camelin.

Jack olhou na direção dos penhascos. Vistos do chão, pareciam ainda mais sombrios e ameaçadores.

— Não quero ir até lá hoje à noite.

— E que tal a Montanha Mirtilo? — perguntou Timmery.

Jack nem tivera tempo para pensar na resposta, e Camelin já levantava voo.

— Andem logo vocês dois aí, estão esperando o quê? Sigam-me.

Jack se agachou para Timmery subir em suas costas.

— Não precisa, Jack. Eu vou voando, é perto e podemos dar uma espiada pelo caminho.

— A que distância consegue enxergar no escuro?

— Bem longe.

Jack e Timmery seguiram Camelin, mas Jack não se apressou em alcançá-lo. Continuava pensativo. Tentou imaginar para onde iria se fosse Charkle. Não fazia sentido voltar ao Abrigo Westwood — todos sabiam que a família de Charkle já se mudara. Timmery tinha confessado que contara ao dragonete sobre o mapa e sobre as perguntas feitas.

“O que eu faria?”, perguntava-se Jack. De repente, a ideia surgiu como um raio. Era evidente que Charkle sairia em busca do Morro Uivante. Com sorte, o encontrariam em algum lugar por ali.

— Ele não está aqui — anunciou Camelin quando Jack pousou.

— Você está comendo alguma coisa? — perguntou Jack.

— Adivinhão. Você tem que provar — retrucou Camelin, inclinando-se e colhendo delicadamente uns mirtilos de uma moita baixinha. — Não me diga que não sabia que estamos na estação de mirtilos? Por que imagina que essa montanha é chamada de Montanha Mirtilo?

Jack sabia que não devia se distrair, mas o cheiro das frutas era delicioso. A tentação era enorme, e ele também se pôs a colher os polpudos mirtilos

dos arbustos.

— Vocês dois ainda vão demorar muito? — perguntou Timmery.

— Desculpe — disse Jack. — Não sei o que me deu.

— Eu sei: comeu bem uns trinta mirtilos! — exclamou Camelin, dando uma gargalhada.

Timmery esvoaçou sobre as cabeças dos dois corvos.

— Onde acham que a gente devia começar a procurar?

— Por que não chamamos o nome dele? — sugeriu Jack.

— Achei que tínhamos concordado em não ficar gritando — resmungou Camelin. — Dá para se decidir?

— Que tal então o chamado do corvo? Charkle tem uma audição fantástica. Vai saber na mesma hora que somos nós. Será mais fácil ele vir a nosso encontro, principalmente agora que estamos bem no topo de uma montanha.

— Puxa, Jack, você é tão inteligente! — exclamou Timmery, esvoaçando. Um som estranho fez Camelin girar a cabeça.

— O que foi isso?

— Fui eu — guinchou Timmery. — Estou imitando o chamado do corvo.

— Ah, mas não está mesmo. Não é nem parecido com isso.

Camelin jogou a cabeça para trás e piou o mais alto que conseguiu. Jack e Timmery o acompanharam. Calaram-se e, atentos, olharam a escuridão.

— Vamos tentar de novo — sugeriu Jack.

— Sem ele dessa vez — resmungou Camelin, apontando para Timmery. — Com ele eu até desanimo.

Timmery pareceu um pouco magoado, mas obedeceu.

— Pronto? — perguntou Jack.

— Pronto.

Os dois piaram bem alto. Dessa vez, o som ecoou do outro lado da montanha. Quando Jack perdeu o fôlego, calou-se, ergueu a cabeça e

contemplou o céu.

— Olhe! — grasnou animado. — Olhe ali, perto do topo daquela outra montanha, tem uma coisa pequenininha voando em nossa direção.

Camelin saltitou em volta de Jack.

— É ele, não é? Encontramos Charkle.

— Acho que foi ele quem nos encontrou — comentou Jack. — Tenho certeza de que é ele. Espero que não esteja muito triste.

Observaram a sombra miúda voar na direção deles e dar um salto triplo no ar ao se aproximar.

— É Charkle! — berrou Timmery.

Jack ficou surpreso. O pequenino dragonete parecia muito contente.

— Por onde você andou? — perguntou Timmery.

— Ficamos todos muito preocupados.

Charkle começou a falar tão rápido que era quase impossível entender as palavras.

— Venham ver — gorjeou, voando agitado em torno de suas cabeças. — Eu encontrei. O Morro Uivante existe de verdade. Ouvi o dragão urrando. Ah, venham ver.

— E onde fica? — perguntou Timmery, excitado.

— Lá no alto do outro morro. Vocês precisam vir. Talvez Norris e Snook estejam do outro lado da porta.

— Porta? Que porta?

— É isso mesmo, tem uma portinha. Não consegui abrir, mas dá para ver lá dentro pelo buraco da fechadura.

— E vamos fazer o que com o dragão? — indagou Timmery.

— Ele fica bem afastado, mas dá para ouvir direitinho ele rugindo.

Jack ficou preocupado. Tinham ido até lá com a única finalidade de procurar Charkle. Não estava preparado para uma caça ao dragão. Lera o livro de Nora e sabia que dragonetes não conseguiam urrar e bramir bem

alto. Se havia mesmo um dragão do outro lado da porta, certamente não era Norris nem Snook, mas um bicho muito, mas muito maior.

— Não podemos ir até lá hoje. Precisamos voltar para Glasruhen — avisou Jack.

Apesar da escuridão, percebeu o olhar de decepção no focinho de Charkle.

— Mas achei que vocês iam ficar satisfeitos. Talvez eu tenha encontrado alguém da minha família, e vocês não querem nem ao menos conferir?

Jack sentiu-se mal. Charkle parecia muito desapontado.

— Não podemos fazer nada hoje à noite, mas, se não demorar muito, podemos dar uma espiada pelo buraco da fechadura. Afinal, é no caminho de casa. Mas é só olhar e depois voltar para casa. Vovô vai ficar preocupado se descobrir que eu saí, e amanhã tenho de ir à escola.

Charkle voou e pousou no ombro de Jack. A cauda comprida e pontuda balançou de um lado para o outro. Era evidente a satisfação do pequenino dragonete.

— Ah, Jack Brenin, eu sei que existe um dragão em algum lugar atrás daquela porta. Eu sinto o bafo de dragão daqui.

Jack não quis decepcionar Charkle de novo, mas suspeitava de que o cheiro que sentia fosse da poção de Nora.

— Então, vamos ou não vamos? — resmungou Camelin.

— Vamos — piou Charkle. — Sigam-me.

E levantou voo, seguido por Timmery. Furioso, Camelin abriu as asas.

— Quem disse que ele podia ir na frente? — resmungou.

Jack tentou persuadi-lo.

— Deixa disso. Quanto antes chegarmos à Montanha Prateada, mais cedo voltamos para casa. Vamos logo ver o que deixou Charkle tão animado.





PELO BURACO DA FECHADURA

A Montanha Prateada logo surgiu abaixo deles. Os cumes gêmeos pareciam não fazer parte da paisagem. Embora Jack soubesse que as encostas eram cobertas de árvores, no escuro, pareciam áridas, vazias. Só enxergava os contornos do que no passado tinham sido os antigos fortes nos dois cumes. Charkle mergulhou em direção à encosta do menor monte e desapareceu dentro de uma fenda.

— Fica aqui embaixo, nessa base — disse bem alto. — Tomem cuidado porque não é muito larga.

Camelin aterrissou primeiro e saltitou graciosamente para chegar aonde Charkle pairava.

— Venha ver, Jack — chamou Charkle. — Eu sei que tem um dragão em algum lugar atrás da porta.

— Não estou vendo porta nenhuma — comentou Jack, examinando a rocha.

— Camelin parou bem na frente dela — explicou Charkle. — É pequenininha.

Quando Camelin afastou-se para o lado, Jack vislumbrou o vago contorno da porta.

— É uma porta de Spriggan? — perguntou.

— Que nada, Spriggans não costumam usar portas — respondeu Camelin.

— É do tamanho perfeito para dragonetes — piou Timmery, animado. — Talvez você possa bater e ver se alguém responde.

— Já tentei e também gritei pelo buraco da fechadura — disse Charkle. — Foi nessa hora que eu ouvi o dragão rugindo e bramindo.

— A porta é muito pequena para um dragão grande — argumentou Jack.

— Saia daí — resmungou Camelin, curvando-se e colocando o olho no buraco da fechadura. — Deixe-me ver.

— Ei, ouçam! — berrou Charkle, agitado. — Ele está rugindo de novo!

Jack prestou atenção, mas não ouviu nada. Então, percebeu um rugido baixinho a distância. O rugido foi aumentando até a borda do penhasco onde se encontravam começar a vibrar.

— Você consegue ver alguma coisa? — perguntou Jack a Camelin.

— Tem um monstro com uns olhos enormes se aproximando da porta e...

As palavras de Camelin se perderam em meio ao barulho estrondoso que tomou conta do local. Parecia ter sacudido os rochedos e ecoado dentro da cabeça de Jack.

— Ai, meus pobres ouvidinhos — disse Charkle, escondendo a cabeça entre as asas. — Agora acreditam em mim? Se isso não for a voz de um dragão, então não sei de quem pode ser. Precisamos entrar e procurar.

— ... era alto e comprido de verdade e andava um bocado rápido — disse Camelin, engolindo em seco. — Achei que fosse derrubar a porta.

Jack percebeu que Camelin sentia medo. Ele também. Não tinha a menor pressa de abrir a porta e descobrir o que estava do outro lado. Precisava fazer mais perguntas a seu *Livro de Sombras* antes de tomarem qualquer decisão precipitada. Nora os fizera prometer que nunca mais entrariam em aventuras não planejadas. Uma vez cruzada a porta rumo ao desconhecido, encontraria dificuldade em explicar o motivo de seu comportamento. Entretanto, se planejassem tudo cuidadosamente, não estaria quebrando a promessa. Afinal, Nora o autorizara a ajudar Charkle. Poderiam encontrar a porta sem dificuldades, quando estivessem mais bem-preparados.

Jack contemplou o horizonte. Ainda estava escuro. Com sorte, se partissem naquele instante, estariam de volta antes do crepúsculo. Tentou calcular quantas horas dormiria antes de ter que se levantar para ir à escola. Sabia que não seriam suficientes. Não sabia como convencer Charkle a voltar para casa com eles. Jack decidiu que a melhor solução seria uma ordem enérgica.

— Hora de ir embora. Amanhã bolamos os planos e voltamos quando for possível.

Para surpresa de Jack, Camelin decolou sem discutir.

— Sigam-me todos — grasnou.

— Vocês dois querem uma carona nas minhas costas? — perguntou Jack a Charkle e a Timmery.

— Não precisa — respondeu Charkle —, conseguimos nos movimentar sem problemas. Olhem só!

Timmery pegou a extremidade da cauda de Charkle e se enrolou nela.

— Dragonetes podem voar por horas sem se cansar — explicou.

— Não é difícil voar com Timmery preso na cauda?

— De jeito nenhum; as caudas dos dragonetes são muito fortes e, além disso, Timmery não pesa quase nada.

Sem mais conversa, Charkle saiu voando atrás de Camelin. Jack ficou impressionado com a velocidade do dragãozinho mesmo com Timmery suspenso na ponta da cauda.



Jack achou difícil o voo de volta. Observava Camelin tentar acompanhar a velocidade de Charkle, mas, no fim, até ele ficou para trás. Jack sorriu ao ver Charkle dar um voo triplo. Ficou se perguntando se o pequenino dragonete sabia que Camelin não conseguia segui-lo e se exibia de propósito. Charkle sobrevoou a cabeça de Jack antes de se afastar.

— Se não se importa, vamos na frente porque já está quase amanhecendo. Vejo vocês amanhã.

— Até amanhã! — disse Jack ao ver o dragonete sair voando em disparada.

Contemplou o céu ainda escuro, embora soubesse que Charkle tinha razão e, em breve, o dia nasceria. Gostaria de poder voar mais rápido e chegar logo em casa. Tudo o que desejava era ir para a cama e dormir.

Felizmente, não demorou muito até vislumbrar a Montanha de Glasruhen. Ao passarem pelo cume, o céu começou a clarear. Jack tinha de estar na cama antes de o sol surgir no horizonte. Abaixou as asas com força, reuniu cada pingo de energia que lhe restava e alcançou Camelin.

— Assim que voltarmos, tenho de me deitar. Passo na sua casa amanhã depois da escola.

— Está bem, mas e o meu café da manhã?

— Aposto que pode dar um jeito.

Jack ouviu os resmungos de Camelin enquanto o seguia pela janela aberta do quarto.

O lampejo ofuscante causado pela transformação acordou Orin.

— Desculpe, mas preciso dormir. Depois eu conto tudinho — disse o menino, bocejando. Mal conseguia manter os olhos abertos ao vestir o pijama. Percebia ao longe Camelin cochichar qualquer coisa para Orin quando se cobriu. Pegou no sono assim que encostou a cabeça no travesseiro.



— Então você ainda está aí, seu dorminhoco — disse o avô, deixando um copo de leite na mesinha de cabeceira de Jack. — Está melhor hoje?

Jack se sentia grogue, mas não podia contar ao avô. Tinha de se aprontar para a escola.

— Estou bem, vou descer para o café da manhã.

— Café da manhã? Mas já é hora do almoço!

— Mas eu tenho de voltar para a escola senão eles não vão me deixar cantar na apresentação.

— Não se preocupe com isso, o importante é se sentir melhor. Vou dar uma olhada nas pintas antes de tomar alguma decisão.

O avô abriu as cortinas e voltou para examinar Jack.

— Melhor do que eu imaginava. As pintas sumiram!

Jack pulou da cama e se olhou no espelho. O rosto estava normal. Tirou a camisa do pijama. Também não encontrou coisa alguma no peito ou nas costas.

— Impressionante! — exclamou o avô. — Parece que alguém fez uma mágica e deu sumiço em todas.

Jack ficou pensando se Camelin tinha conseguido achar a varinha de condão e fazer as marcas de catapora desaparecerem, mas isso era muito

improvável. Talvez tivesse acontecido quando se transformaram. O importante é que se sentia bem, estava com ótima aparência e sabia que o avô não o manteria em casa por mais tempo.

— Posso assistir às aulas da tarde?

— Não vejo motivo para não ir. Apronte-se, almoçamos e depois levo você à escola.

Quando o avô saiu, Jack pegou Orin no colo e a abraçou.

Vestiu-se depressa, pegou a varinha e começou a contar os acontecimentos da noite anterior a Orin.

— Encontramos Charkle.

— Eu sei, Camelin já me contou tudo, ficou aqui um tempão depois que você dormiu. Aquela história do dragão foi assustadora. Ainda bem que Camelin conseguiu impedi-lo de derrubar a porta.

Jack caiu na gargalhada.

— Foi isso que ele contou?

— Vai me dizer que não tinha dragão...

— Não sei o que era, mas fez o penhasco onde estávamos estremecer. Para ajudar Charkle, não nos resta outra alternativa senão voltar outro dia e verificar o que é. Melhor eu ir andando ou vou me atrasar.

— Acho que chegou uma mensagem no seu livro hoje de manhã. Ouvi um zunido.

— Por que não me acordou?

— Camelin disse para eu não incomodar você.

Jack abaixou-se no chão e se esticou debaixo da cama até alcançar o livro. Ele o colocara bem perto da parede, na esperança de que ninguém o visse. Ao puxá-lo, ele vibrou em sua mão. Abriu a capa e viu o nome de Elan aparecer na parte superior da primeira página.

Estamos enfrentando um terrível problema aqui em Annwn e precisamos da ajuda de Charkle.

*Peça a ele que atravesse hoje à noite o Portal de Glasruhen.
Nora disse que ele sabe como encontrar o portal na floresta,
perto das arcadas de pedra.
Ela espera por ele do outro lado do Portal Oeste.*

Jack ficou desapontado. Esperara esse tempo todo por uma mensagem e, quando chegou, não era para ele nem sequer contava nenhuma novidade. Qual seria esse problemão? Por que precisavam da ajuda de Charkle e não da sua ou da de Camelin? Pior ainda, Elan não dissera nada a respeito da volta de Nora. Decidiu perguntar. Escreveu às pressas.

O que aconteceu?

Esperou o que lhe pareceu um século para receber a resposta.

*Nora e Charkle voltarão amanhã à noite.
Quando chegar, ela explica tudo.
Espero que Charkle possa ajudar e então o problema será
resolvido.*

Jack suspirou. Elan continuava sem dizer o que estava acontecendo em Annwn. Ele não conseguiria transmitir a mensagem, precisava pedir a Camelin para encontrar Charkle mais tarde. Isso significava que o pequenino dragonete não poderia voltar ao Morro Uivante por um tempo. De certa forma, sentiu-se aliviado, pois assim ele tampouco teria de voltar. Pelo menos não até a chegada de Nora. Ela saberia como agir. Por enquanto, afastaria do pensamento qualquer coisa relacionada a dragões, pois precisava se concentrar na apresentação.

— Depois nos vemos — despediu-se de Orin. Pegou a mochila e desceu as escadas.



Jack achava que ia ter aula, portanto ficou muito surpreso quando lhe disseram que o coro e a orquestra ensaiariam a tarde inteira. A professora se mostrara felicíssima ao vê-lo, e Jack disfarçou a alegria quando ela disse que ninguém podia cantar tão bem o solo quanto ele. Todos haviam recebido instruções de última hora sobre o ensaio final no dia seguinte, diante dos alunos. Quanto à apresentação, seria um dia depois do ensaio, no campo da escola, desde que não chovesse.

A caminho da casa do avô, Jack ficou pensando se Nora chegaria a tempo de vê-lo cantar. Ela não tocara no assunto durante todo o tempo em que ele estivera de cama. Ele realmente gostaria que ela fosse. Perdido em pensamentos, encontrou o avô na alameda dos fundos.

— Pode ir direto para casa. Já passei na casa de Nora e alimentei os pássaros.

— Ah, hum... Obrigado — murmurou Jack. Não contava com essa. Precisava inventar uma desculpa para voltar à casa de Nora. O avô continuou falando, e Jack não lhe deu muita atenção até ele fazer uma pergunta direta.

— Ontem, antes de sair, você verificou se estava tudo bem na cozinha?

— Sim, por quê?

— Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não teria acreditado. O bicho não queria sair. Precisei afugentá-lo com a vassoura. Ele deve ter voado para lá sem que eu percebesse.

Jack não sabia se devia rir ou chorar. Camelin sendo escorraçado na própria cozinha e sem poder reclamar deve ter sido uma cena e tanto. Então lhe ocorreu que provavelmente ouviria toda a história mais tarde. Isso se ele fosse capaz de inventar uma desculpa para voltar à casa de Nora.

— Desculpe. Ele estragou alguma coisa?

— Não que eu tenha notado. Também não me pareceu muito interessado no alpiste. Estranho... Achei que um pássaro grande daqueles devia ter fome.

Jack precisou fingir que tossia para esconder o riso. Enquanto o avô falava em regar as plantas de Nora no jardim de ervas, Jack teve uma ideia, um motivo para voltar à Casa Ewell.

— O senhor viu se estava tudo bem no herbário?

— Não, só alimentei os pássaros. Por quê?

— Nora me deu instruções para fazer um favor para ela, e eu deixei tudo no herbário. O senhor se importa se eu for dar uma olhadinha só para me certificar de que está tudo bem?

— Pode ir depois do chá. Eu vou com você, se quiser.

— Não precisa, obrigado, eu posso ir sozinho.

Ao chegarem ao portão, Jack ouviu o farfalhar de uma das árvores no campo do outro lado. Já imaginava quem poderia ser. Quando ergueu o rosto, viu Camelin pousado num dos galhos mais baixos. Ele não parecia nada satisfeito. Jack tentou fazer cara de desconsolado, mas isso não causou nenhum efeito. Ouviu vários crocitos e resmungos altos antes de Camelin bater as asas com estardalhaço e tomar o rumo das lojas.



— Sinto muito — disse Jack a Camelin ao chegar à Casa Ewell.

— Alpiste... Será que seu avô não entende nada de corvos?

— Não sabia que ele viria até tudo já ter acontecido.

— Pois fique sabendo que eu precisei ir de novo à loja de hambúrgueres. E dessa vez a culpa foi sua.

— Não imaginei que fosse morrer de fome. Por via das dúvidas, trouxe um sanduíche de queijo, mas se não quiser...

— Caramba, Jack, você é mesmo um amigão. Sempre tem espaço na minha barriga para um sanduíche de queijo.

Jack tirou do bolso um embrulho bem-feito. Estava meio amassado, mas tinha certeza de que Camelin não ligaria. Em segundos, o sanduíche desapareceu.

— Bem, precisamos discutir uns assuntos — grasnou Camelin.

— Precisamos mesmo. Recebi uma mensagem de Elan.

— Uma mensagem? Não me diga que Nora resolveu voltar mais cedo.

— Não, por quê?

— Bem... preciso realizar uma tarefa antes de Nora voltar.

— Que tipo de tarefa?

— Nora fez uma visitinha ao meu sótão e viu a lixeira.

— Ela descobriu o que você fez?

— Não; ela disse que estava muito satisfeita por eu ter criado juízo e decidido conseguir uma lixeira para deixar o lugar arrumado.

— E você arrumou?

— Eu não. Como podia saber que ela ia lá checar meu quarto?

— Isso aconteceu antes ou depois de ela confiscar sua varinha?

— Depois, mas, antes de ir embora, ela disse que queria ver tudo arrumado quando voltasse ou eu estaria em apuros.

— E você não arrumou.

— Não. Pensei que teria minha varinha de volta. Você bem que podia me dar uma mãozinha e fazer uma magia para arrumar e limpar tudo.

— Não trouxe minha varinha. Só vim contar sobre a mensagem de Elan.

— Vou precisar fazer tudo com o meu pobre bico. Você não faz ideia da quantidade de coisas para arrumar.

Jack sorriu. Sabia exatamente quanta porcaria Camelin guardava no sótão.

— Elan me pediu para dar um recado a Charkle. Elas estão com um problema em Annwn e precisam da ajuda dele.

— Da ajuda dele e não da nossa? O que ele tem que a gente não tem?

— Não sei, mas querem que ele passe pelo Portal de Glasruhen hoje ao anoitecer, e Nora vai esperar por ele do outro lado.

— Suponho que queira que eu leve o recado.

— Por favor.

— Onde fica o portal?

— Perto do Monumento dos Monólitos.

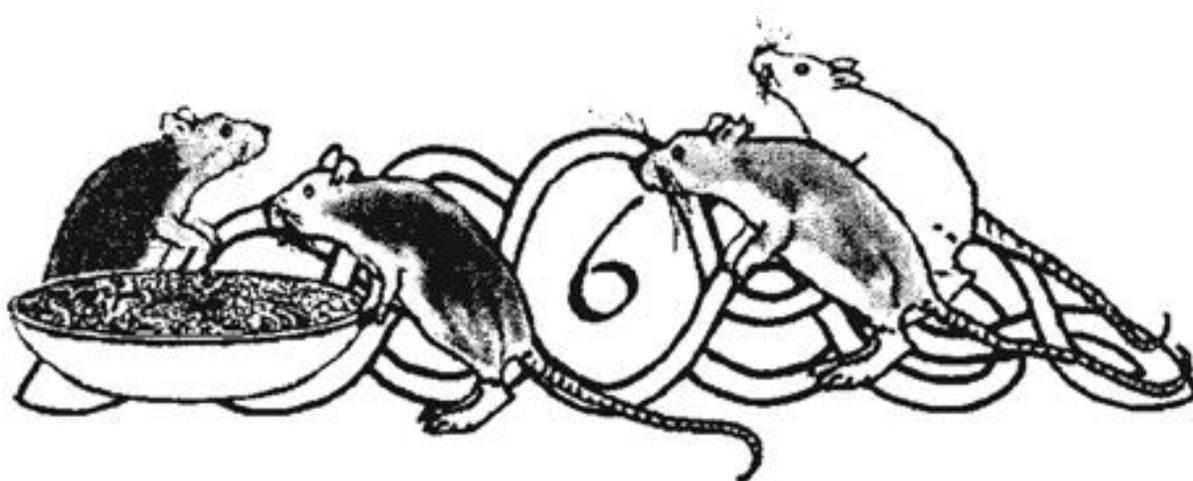
— Tudo bem, mas, quando eu voltar, vamos bater um papo sobre o meu problema.

— Quando você voltar, eu já vou estar em casa.

— Então vejo você mais tarde.

Antes que Jack pudesse responder, Camelin já tinha voado. De repente, passou por sua cabeça que o *problema* mencionado por Camelin pudesse ser alguma coisa diferente de abrir o armário no herbário ou arrumar o sótão. Bem, mais tarde descobriria.





OS VISITANTES

Jack foi até a janela do quarto na tentativa de ver Camelin. Nem sinal dele. Como saber se dera o recado de Elan a Charkle? Em poucas horas, escureceria, e Nora estaria à espera em Annwn, do outro lado do Portal Oeste. Escancarou a janela e acenou, na esperança de que Camelin o visse e voasse a seu encontro. Suspirou, pegou a varinha e o *Livro de Sombras*. Pelo menos tinha um montão de coisas a aprender no livro enquanto aguardava. Já se preparava para fazer uma pergunta quando Orin soltou um gritinho animado.

— O que foi? — perguntou.

— Olha o Fergus no peitoril da janela.

Ao se virar, viu Fergus seguido de Berry, escalando e entrando pela janela aberta. Jack se perguntou se tinham vindo pedir desculpas a Orin,

mas os dois permaneceram calados. Segundos depois, Motley se juntou aos ratinhos.

— O resto da Guarda Noturna não veio com vocês? — perguntou Jack.

— Não, não, não, certamente não, não faria sentido tirá-los de suas obrigações. Não, estamos aqui a trabalho. Preciso resolver um assunto, e esses dois jovens acham que você sabe do que se trata.

Jack tentou manter a seriedade enquanto Motley andava de um lado para outro diante dos ratinhos, que se mantinham cabisbaixos. Jack presumiu que tivessem feito alguma besteira. Motley parou diante de Fergus.

— Não custava nada passar mais tempo se penteando. Não se consegue um pelo lustroso como o meu em dois minutos, se lhe interessa saber.

Fergus ficou ainda mais cabisbaixo. Jack sentiu pena dele. Sabia o que era ter cabelos rebeldes; não importava quanto tempo passasse diante do espelho, seus cabelos nunca assentavam. Quando Motley terminou de inspecionar Fergus e Berry, voltou-se para Jack, pigarreou e empinou o peito antes de prosseguir.

— Nora encarregou a tropa da Guarda Noturna de uma importantíssima missão. Deixei esses dois pirralhos cuidando da casa e pedi que cuidassem de umas coisas, umas tarefas que precisavam ser cumpridas. Agora vêm com a desculpa de que andaram ocupados ajudando Camelin a procurar uma chave perdida. Quando os interroguei, descobri que não apenas deixaram de cumprir as tarefas, mas em vez disso limparam toda a bagunça do sótão de Camelin.

Motley ficou em posição de sentido, franziu os olhos e encarou Jack.

— Sei que eles andaram ajudando Camelin a procurar a chave, mas não tinha noção de que ajudariam na limpeza do sótão — disse Jack.

— Ajudar! Ajudar! Eles disseram que tiveram de arrumar tudo sozinhos, e que a bagunça era tamanha que levaram horas para terminar. Também contaram que Camelin prometeu que você lhes daria biscoitos, de gengibre para ser mais exato, como recompensa pelo trabalho realizado. É

verdade? Voltei para verificar se tinham cumprido as tarefas e os encontrei a caminho daqui. Por acaso você tem biscoitos de gengibre para eles? Você encorajou os caçulas de minha Guarda Noturna a negligenciar seus deveres?

Jack olhou Fergus e Berry. Sentiu pena dos dois.

— Eu não sabia nada sobre a limpeza do sótão nem sobre os biscoitos.

Motley voltou-se para Fergus e Berry e os fitou enquanto batia o pé.

— O que têm a dizer em sua defesa?

— Camelin prometeu que Jack nos daria biscoitos, não foi Fergus? — perguntou Berry, tão baixo que Jack mal pôde escutar o que ele dizia. Fergus acenou com a cabeça, concordando.

— Acho que você não devia ficar zangado com Fergus e Berry — comentou Jack. — A culpa é toda de Camelin. Se esperar aqui, tentarei providenciar o pagamento. Desço e pergunto ao vovô se ele tem biscoitos.

Motley aquiesceu, e os dois pareceram aliviados. Jack desceu até a cozinha, mas encontrou o pote de biscoitos vazio. A porta da cozinha estava aberta, e Jack viu o avô no jardim, de enxada na mão, cuidando das batatas. Jack foi a seu encontro.

— Vovô, tem algum biscoito?

— Ah, então seu apetite voltou!

— Queria saber se tinha biscoitos de gengibre, mas o pote está vazio.

O avô parou de capinar.

— Guardei os pacotes de biscoitos que comprei na segunda prateleira da despensa. Seja um bom garoto e guarde tudo no pote. Será que podia preparar uma xícara de chá para mim e trazer também umas bolachinhas? Esse trabalho me deixou com sede. Coma o que quiser.

Jack agradeceu ao avô e voltou para casa. Ficou aliviado por conseguir pagar o trabalho de Fergus e Berry sem maiores dificuldades. Voltou à cozinha, encontrou três pacotes de biscoitos e os arrumou no pote. Sacudiu as migalhas dos pacotes num prato e pegou os biscoitos quebrados para

juntar às migalhas. Ao terminar, viu que o prato estava cheio. Antes de subir as escadas, colocou a água para ferver na chaleira.

— Pronto, comam à vontade — avisou Jack, colocando o pratinho com biscoitos partidos na mesinha de cabeceira. Sorriu ao ver Orin pular da cama. Ela também adorava biscoitos. — Não demoro. Só preciso descer e preparar uma xícara de chá para vovô.



Jack demorou mais do que o planejado. O avô precisou de ajuda para amarrar os pés de tomate. Ao voltar ao quarto, já começava a escurecer. Ao acender a luz, houve um movimento súbito atrás da cortina, e os três ratinhos se esconderam.

— Sou eu, podem sair.

Jack sorriu quando Fergus e Berry enfiaram os focinhos por detrás da cortina. Orin saltou na cama.

— Achei que já tivessem ido embora — disse Jack. Só então se deu conta de que provavelmente tinha sido um pouco grosseiro.

— Motley mandou a gente ficar aqui até você voltar para agradecer pelos biscoitos. Os outros também agradeceram — explicou Berry.

— Outros? Que outros?

— Isso mesmo — continuou Fergus. — Motley convocou todos os Guardas Noturnos. Subiu um de cada vez para comer biscoito.

Jack olhou o prato quase vazio.

— Não é de estranhar que não tenha sobrado quase nada.

— Era para ter menos ainda. Raggs ainda não veio — resmungou Fergus, olhando cobiçoso o prato.

Jack ouviu um galope na hera do lado de fora. Raggs, o velho rato de navio, apareceu no peitoril da janela, balançando os compridos bigodes.

— Hum, que cheirinho gostoso...

— Sirva-se — ofereceu Jack.

— Muita gentileza sua, não comíamos nada parecido com isso a bordo do navio. Sabe, lá só havia biscoitos duros, excelentes para manter os dentes afiados, mas sem gosto nem cheiro.

— Podem ficar mais um pouco aqui? — pediu Jack.

— Eu já devia estar voltando, mas estou ficando velho e seria bom poder descansar meus ossos cansados um pouco. Motley nos encarregou de passar a noite inteira lá fora desde que você voltou de Annwn. Tem alguma coisa a ver com vigiar as fronteiras, entende?

— Para quê? — indagou Jack.

— Para evitar invasores. Nora quer ter certeza de que não tem nenhum estranho por aqui.

— Ah, conte mais — guinchou Berry, animado. — Ninguém nunca nos diz nada.

Raggs retirou um farelo do pelo grisalho antes de espiar atentamente os ratos mais jovens.

— Não é a mim que cabe dizer, entendem? Não quero me meter em confusão por passar informações confidenciais aos juniores.

— Você pode me dizer? — perguntou Jack.

— Bem, aí o assunto muda totalmente de figura. Nora disse que, na ausência dela, deveríamos procurar você e contar tudo, porque você saberia como agir. Tem alguma coisa a ver com uma palavra estranha que começa com “v”...

— Vespa! — disse Jack. — Sei exatamente o que estão procurando, não precisam se preocupar. Sei tudo sobre Velindur. Por acaso Nora acha que ele pode aparecer? Achei que o tivesse soltado bem longe de Glasruhen.

— Seja quem for, ele disse a ela que se vingaria. Temos vigiado à espreita de qualquer um que não seja da área e que possa tentar causar problemas.

— E viram alguém?

— Ninguém suspeito, mas posso relatar o que todo mundo anda fazendo em Glasruhen.

— O que é vespa? — perguntou Fergus.

Raggs tossiu.

— Acho que não precisa se preocupar com isso. Pode deixar que a gente cuida do assunto.

— Entendo — concordou Fergus. — Eu disse que eles não contam nada para a gente, mas nós também temos nossos segredos. Sabemos o que Camelin está procurando, não é, Berry?

— Vocês sabem? — indagou Jack.

— Sabemos, sim — confirmou Berry.

— Poderiam nos contar?

— Acho que não devíamos. A gente também não quer se meter em outra confusão — respondeu Fergus.

— Podemos fazer uma troca — ofereceu Jack. — Que tal mais biscoitos pela informação?

Eles farejaram o ar e olharam o prato. Fergus cochichou na orelha de Berry.

Raggs parecia zangado com os dois.

— Desembuchem logo, pirralhos. Não sabem que é grosseria cochichar? Se não podem contar para a gente, fiquem calados.

— Humm... Humm... Eu bem queria mais uns biscoitos. Se Berry não quiser falar, eu conto o que Camelin anda aprontando.

— Não, eu também posso ajudar a contar — guinchou Berry.

— E então — começou Jack —, o que Camelin anda aprontando?

Fergus deu um passo na direção do prato.

— Ele está à procura de um Dorysk.

— Para quê?

Fergus abaixou a voz num sussurro e começou a falar muito rápido.

— Ele precisa de um que passe pelo buraco da fechadura, mas, primeiro, tem de encontrar um e vai pedir a você para enfeitiçar uns pinos para subornar o Dorysk, e aí vai pedir a você para caçar o Dorysk com ele, mas, a essa altura, já vai saber onde encontrá-lo.

Era informação demais, e Jack não entendia nada.

— Você quer dizer que ele saiu para procurar um Dorysk?

Os dois ratos confirmaram.

— Quer dizer que ele vai fingir que não sabe onde está o Dorysk e me chamar para caçar um com ele?

— Exatamente — confirmou Fergus. — Agora podemos ganhar mais uns biscoitos?

— Claro, sirvam-se.

— Por que ele ia querer que um Dorysk passasse pelo buraco da fechadura? — perguntou Raggs, que finalmente tinha parado de roer o biscoito e se ocupava em limpar os bigodes.

— Porque ele quer a varinha de volta — informou Berry.

— Não tenho certeza de que Camelin esteja pensando na fechadura do herbário — comentou Jack, pensativo.

— Eu sei onde está o Dorysk — anunciou Raggs.

— Sabe? — perguntou Jack.

— Ele está no Monte Feérico.

— O que é um Monte Feérico?

— Qualquer monte localizado entre um carvalho, um freixo e um espinheiro pertence ao Povo Feérico. Uma família de texugos morava lá, mas resolveu se mudar quando descobriu como o lugar era barulhento em noites de banquete. Quando o Povo Feérico se reúne, faz uma bagunça e tanto, sabe? Além disso, a música não agrada a todo mundo. Por exemplo, os texugos não gostaram.

— E você sabe onde fica esse Monte Feérico?

— Claro. Fica no fim da alameda. O Dorysk gosta do Povo Feérico e participa das noites de banquete. Eles não se importam, mas nunca deixam ratos entrarem no monte. Eu já me ofereci para contar algumas de minhas histórias, mas eles simplesmente riram. Não ficam muito tempo no mesmo lugar e podem sumir num piscar de olhos.

— Você foi de grande ajuda — disse Jack. — Obrigado.

— Bem, hora de me mandar. Vou levar esses dois bisbilhoteiros comigo — disse Raggs, empurrando Fergus e Berry na direção da janela aberta.

Quando se foram, Jack se sentou na beirada da cama e pensou.

— Será o buraco da fechadura na Montanha Prateada? — perguntou Orin.

— Acho que sim, mas não pretendo voltar lá hoje à noite. Só se eu não tiver escolha.



Jack estava perdido em pensamentos e assustou-se com o bater de asas. Camelin entrou voando pela janela aberta, pousou no chão e foi logo falando, sem dar tempo a Jack de abrir a boca.

— Por acaso estou sentindo cheiro de biscoitos?

— Tem um prato na mesa — respondeu Jack.

— Puxa, adoro biscoitos! — exclamou Camelin, saltitando ao redor da mesa. — Onde estão?

— No prato — disse Jack.

Camelin lançou um olhar furioso para Jack.

— Não sobrou nenhum!

Jack fitou Orin, ocupada em pentear os pelos.

— Fergus e Berry devem ter comido os biscoitos.

— Não foram só eles, os outros membros da Guarda Noturna também comeram.

— Por que não pediu para guardar um pouco para mim?

— Porque alguém prometeu biscoitos para eles.

— Não para todo mundo, só para Fergus e Berry.

— Se tivesse chegado antes, podia ter comido um pouco.

Camelin começou a inspecionar o chão.

— Nem uma migalhinha — resmungou.

— Fergus e Berry fizeram dois trabalhinhos para você e, por isso, comeram o dobro dos outros.

— Isso não é justo.

— É mais do que justo — afirmou Jack. — Não foi fácil conseguir biscoitos para eles. Você devia ter me perguntado se eu estava de acordo, antes de prometer qualquer coisa.

— Não tive tempo, estava ocupado.

— Ocupado com o quê?

— Ocupado, ora bolas! Será que dá para irmos direto ao que interessa?

Jack suspirou.

— Acho que sim, mas estou cansado e ia dormir cedo. Você deu o recado a Charkle, certo?

— Dei, e ele está se preparando para voar até as arcadas de pedra e em breve chegará a Annwn. Por isso, não temos tempo a perder. Bolei um plano.

Jack sorriu. Queria ouvir o que Camelin tinha a dizer.

— Um plano? Que tipo de plano?

— Bem, andei pensando... Que tal procurarmos um Dorysk com alguma coisa que ele queira muito? Aí o persuadimos a encolher e ir até a Montanha Prateada conosco hoje à noite, e, então, podemos dar uma olhada no buraco da fechadura; se Norris e Snook estiverem lá, preparamos uma bela surpresa para o retorno de Charkle.

Jack não tinha se dado conta de que o plano de Camelin tinha o objetivo de ajudar Charkle, mas estava exausto de verdade.

— Não pode ser outra noite?

— De jeito nenhum. Quero mostrar a Nora que posso fazer algo maravilhoso e então ela devolverá minha varinha.

— Ah, então você tem um motivo particular?

Camelin não respondeu de imediato. Voltou a se ocupar da caça às migalhas em volta da cama de Jack.

— Você vem ou não vem? Prefiro saber o que tem do outro lado da porta antes de entrarmos.

Jack concordou que fazia sentido enviar um Dorysk para inspecionar o lugar. Quem estivesse do outro lado da porta não perceberia uma criaturinha minúscula. Quanto mais informações tivessem antes do retorno de Nora, melhor.

— Já sei — disse Jack com calma, fingindo refletir —, se eu encontrar primeiro um Dorysk, você vai para a Montanha Prateada, e eu para a cama, e, caso você encontre um primeiro, eu acompanho você, combinado?

Camelin riu por dentro.

— Combinado, mas já sabe que vai perder, não sabe? Sou o melhor caçador de Dorysks do mundo.

— Não posso me afastar muito de casa. Tudo bem se eu olhar só na alameda dos fundos?

— Tudo bem, mas como vai saber quando eu encontrar um?

Jack tentou ficar sério.

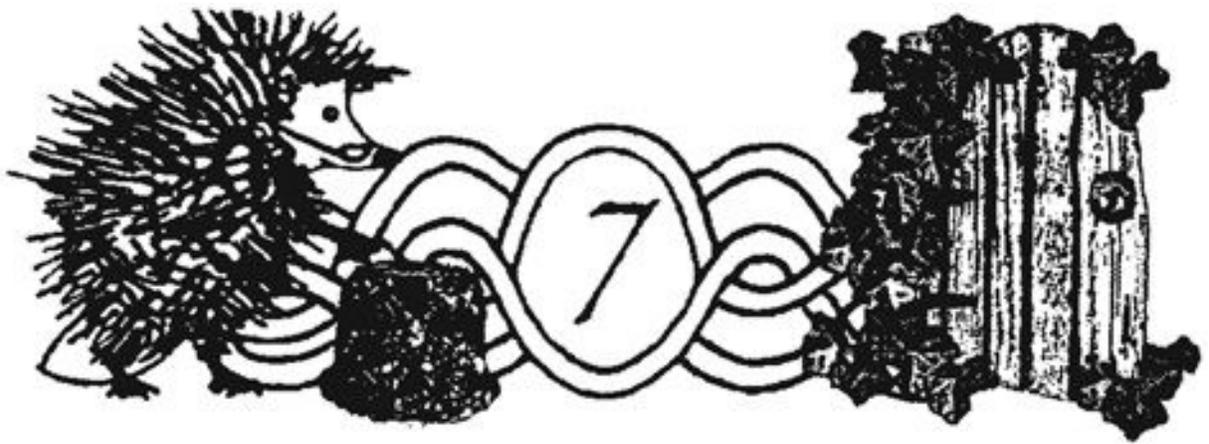
— O primeiro a encontrar o Dorysk emite o chamado do corvo. Depois nos encontramos aqui.

— Melhor se preparar para um voo demorado. — Camelin riu. — Até daqui a pouco.

Jack o observou voar na direção do campo de críquete e começou a ficar preocupado. Sabia aonde ir e o que procurar, mas talvez capturar um

Dorysk não fosse tão fácil quanto supunha. Mesmo que conseguisse capturá-lo, não fazia ideia de como persuadi-lo a voar com Camelin até a Montanha Prateada.





O PINO MILIONÁRIO

Tão logo Camelin desapareceu de vista, Jack consultou o *Livro de Sombras* buscando um *feitiço de materialização*. Pretendia criar algo muito especial, algo capaz de atrair a atenção do Dorysk e que o fizesse sair do Monte Feérico. Jack não entendia muito de coleções. Não sabia se alguém, dono de mais de um milhão de pinos, ia querer mais um. Tentou imaginar algo diferente, algo que pudesse deixar o Dorysk maravilhado. A maioria dos pinos era igual. Então, Jack se lembrou do quadro de avisos no Clube de Críquete. Todos os anúncios eram presos com pinos. Mil pinos coloridos guardados em um pote transparente sem dúvida seriam do interesse do Dorysk. Certamente seria algo diferente. O Dorysk poderia colocá-lo na prateleira sobre a lareira e, claro, seria um sucesso exibi-lo a todas as suas visitas.

Jack fechou os olhos e imaginou o pote de pinos. Ergueu devagar a varinha sobre a cabeça e desenhou um largo círculo.

— *Exsisto* — ordenou, apontando decidido a varinha para o chão.

O chacoalhar e o baque fizeram Jack abrir os olhos. A seus pés, havia uma caixinha transparente cheia de pinos coloridos e brilhantes.

— Fantástico! — exclamou, examinando a caixinha antes de guardá-la no bolso. — Vou dar uma saidinha, Orin, mas não demoro. Tenho de pegar um Dorysk.

Jack espiou pela fresta da porta da sala de estar. O avô cochilava na poltrona. Toda noite, após o jantar, costumava tirar um cochilo de umas duas horas. Na certa, o avô não acordaria, mas, por precaução, escreveu um bilhete dizendo aonde tinha ido e o deixou sobre a mesa da cozinha.

— *Tego texi tectum* — sussurrou, encostando a varinha no papel.

As letras sumiram. Só reapareciam se o avô pegasse o papel. Era um feitiço bacana que aprendera depois de encontrar um bilhete de Nora. Jack não encontrara dificuldade em aprendê-lo por ter gostado do som das palavras. Todas as informações encontradas no *Livro de Sombras* exerciam enorme fascínio sobre ele; parecia não ter dificuldade em se lembrar de nada que lia. Jack se aprumou e aguçou os ouvidos antes de sair pela porta dos fundos. O avô roncava alto. Com sorte, voltaria antes que ele acordasse.

Tão logo passou pelo portão, correu até o fim da alameda localizada atrás da casa. Deteve-se diante da sebe baixinha. Uma placa apontava para um campo na direção da estrada que levava a Newton Gill. Jack subiu o lance de escadas encravadas na pedra. À direita, deparou com um bosquezinho. Raggs passara a informação correta. Dentro do campo, viu três árvores: um freixo alto, um volumoso carvalho e um imenso espinheiro. Jack procurou o Monte Feérico. A grama estava alta, e um mar de papoulas cobria toda a área. Ao balançarem ao sabor da brisa leve, Jack achou ter visto o cume de uma colina diminuta no centro do gramado. Só podia ser o Monte Feérico. Correu até lá e se deteve diante de um túnel malfeito encravado na terra. Qualquer um que esbarrasse com ele pensaria se tratar de uma antiga toca de texugo. Jack olhou ao redor, verificando se havia

alguém por perto. Ao se certificar de estar sozinho, retirou a varinha e iluminou sua ponta. O brilho era invisível à luz do dia, mas, quando apontou a varinha para o túnel, iluminou todo o seu interior. Jack teve certeza de que era o lugar correto. Viu uma portinha verde com a parte superior arqueada. Duas grandes dobradiças pretas sustentavam a porta; a varinha iluminou uma maçaneta prateada cintilante. Jack ficou na dúvida se batia e chamava o Dorysk ou se devia bater e se esconder até o Dorysk aparecer. Hesitante, enfiou a mão, certo de ter visto um rosto refletido na maçaneta. Quem sabe era o seu reflexo? Ao se inclinar, a maçaneta se moveu. Por um instante, a prata pareceu derreter. Jack deu um pulo ao ver duas orelhas pontudas, um tufo de cabelo, um narizinho e uma boca larga surgirem. A cabeça encarou Jack e abriu um sorriso. Quando falou, por pouco Jack não deixou a varinha cair.

— Você perdeu o último banquete, e o seguinte será no dia da próxima lua cheia. Até logo.

— Não, espere — pediu Jack. — Estou procurando pelo Dorysk. Ele está?

— Você bateu na porta errada. Adeus.

— Por favor, não se vá, é importante.

— Sou eu quem decide o que é importante e, como já disse, não tem banquete, porta errada e sem Dorysk. Adeus.

— Poderia me informar onde posso encontrar o Dorysk antes de fechar a porta? Eu preciso mesmo falar com ele. Disseram que morava aqui.

— Aqui, não; mora na porta ao lado, mas não vai sair se souber que você está aí. Vive assustado, com medo de ser pego. Vai ter que ser muito esperto para conseguir capturá-lo.

Jack olhou ao redor, procurando outro Monte Feérico por perto.

— Poderia me dizer qual direção tomar e a que distância fica daqui?

A boca se escancarou e riu a ponto de perder o fôlego.

— É na porta ao lado, bem ao lado, no túnel ao lado. Essa foi boa — qual a distância!

— Obrigado — disse Jack depois de o outro ter se recomposto. — Sabe se ele está em casa?

— Não faço a menor ideia. Vai ter de descobrir sozinho. Agora, com licença, preciso ir. Adeus.

Jack soube que a conversa chegara ao fim quando as orelhas, o nariz e a boca sumiram, e a cabeça voltou a se transformar em maçaneta. Apagou a luz da varinha e perambulou pelo monte. Do lado oposto, encontrou outro túnel e nele uma porta bem-escondida sob heras e arbustos espinhosos. Decidiu tentar atrair o Dorysk para fora de casa e então atacar. Pegou a caixa de pinos e a balançou repetidas vezes antes de depositá-la na entrada. Saiu e ficou deitado à espreita. Torcia para o Dorysk estar em casa e sair logo para investigar o motivo do barulho. Jack ouviu o som de arranhões e agitação dentro do montículo, seguido pelo som da fungada. O Dorysk saiu apressado do túnel e bateu no pote de pinos. Ao cair de costas, Jack o atacou.

— Ah, peguei você!

— Ai, por favor, não me machuque. Não contei a ninguém, então não me machuque.

Jack levantou o Dorysk para poder examiná-lo melhor. Ele o fitou, mas Jack achou que ele não conseguia enxergar direito porque estava sem óculos.

— Não vou machucar você — prometeu Jack no tom mais convincente possível.

— Quem é você?

— Sou eu, Jack Brenin. Já nos encontramos uma vez na floresta. Com Camelin, se lembra?

— Você não é Jack Brenin, seu impostor. O Jack Brenin que eu conheço tem penas. Você é um espião, aposto. Veio só para me testar. Aposto que foi aquele Bogie detestável que mandou você.

— Já faz um tempão que não encontro Peabody.

— Não, não estou falando de Peabody, e sim de Pycroft. Ai, minha nossa, ai, pobre de mim! Não sei o que deu em mim. Nem me reconheço. Um Dorysk não dá informações a estranhos.

— Eu sou Jack Brenin. Sou um menino-corvo como Camelin.

— Como posso saber que está dizendo a verdade? Não consigo nem enxergar você.

— Onde foram parar seus óculos?

— Não, não! Pergunte qualquer coisa, menos isso. Você só tem direito a uma pergunta, mas por favor não pergunte justo essa.

Jack percebeu o quanto o Dorysk estava nervoso.

— O que houve?

— Não, não! Também não posso responder a essa pergunta. Ai, minha nossa, ai, pobre de mim. O que fazer? O que fazer?

— Se isso ajudar, posso fazer uma mágica e você terá um par de óculos.

— Pode mesmo? Óculos que não quebrem?

— Acho que sim.

— Ah, vou ficar agradecido pelo resto da vida.

Jack colocou o Dorysk no chão, tentando se lembrar de como eram os óculos dele, e movimentou a varinha. Um alto som de estalo fez o Dorysk dar um salto. As patinhas automaticamente se ergueram na direção do rosto.

— Você conseguiu! Ai, que maravilha! Consigo enxergar de novo.

— Tente quebrá-los. Vamos ver se funciona.

O Dorysk tirou os óculos e os repousou na grama. Depois voltou a pegá-los.

— Não, não, não posso. E se quebrarem?

— Eu conserto.

— Tenta você. Eu não vou ter coragem de quebrar meus próprios óculos.

Jack pisou os pequeninos óculos de aro redondo. Sentiu-os esmigalhar sob o tênis, mas, ao levantar o pé, o aro voltou a se ajustar ao vidro, que já se recompusera. Jack se inclinou, pegou o par de óculos e os devolveu ao Dorysk.

— Puxa, muito obrigado, mil vezes obrigado. Não tenho enxergado quase nada sem eles. Como posso retribuir?

O Dorysk deu um passo para trás, para que pudesse curvar-se em reverência a Jack, e bateu o calcanhar na caixa com os pinos.

— Nossa mãe, o que é isso? — exclamou animado.

— Mil pinos coloridos.

— E o que seria preciso para alguém conseguir um pote de pinos como esse?

Jack respirou fundo e estava prestes a explicar o problema quando se lembrou de ainda não ter obtido a resposta à sua pergunta.

— Por que o Bogie tirou seus óculos?

Desconfiado, o Dorysk relanceou os olhos.

— Desça aqui para eu contar no seu ouvido — pediu.

Jack se deitou. O Dorysk voltou a olhar ao redor.

— Eu encontrei uma informação superconfidencial, e, para me impedir de contar minha descoberta, o Bogie malvado veio aqui e roubou meus óculos. Ameaçou quebrá-los se eu contasse a alguém. Já pensou? Eu nunca mais enxergaria.

— Não se preocupe. Eu conheço um *feitiço de grude*. Se Pyecroft voltar e tentar roubar esse par, não vai conseguir tirá-lo do seu rosto.

— Sério?

— Sério.

Jack balançou a varinha e fez o mesmo feitiço que vira Nora usar no caldeirão quando se encontravam em Annwn.

— Pronto. Ninguém mais poderá tirar ou quebrar seus óculos de novo.

— Você é muito gentil. Como posso ajudar?

— Bem — começou Jack —, estamos enfrentando um probleminha, e você podia nos ajudar. Precisamos de seu incrível poder de encolher para passar por um buraco de fechadura e fazer uma investigação para a gente.

— Para *a gente*?

— Bem, para mim, Camelin, e também Charkle e Timmery, mas eles não conhecem nosso plano. Precisamos descobrir o que existe atrás de uma portinha na Montanha Prateada antes de abri-la.

— Obter informações é a maior habilidade dos Dorysk, mas a Montanha Prateada fica muito longe.

— Posso lhe conseguir uma carona. Camelin leva você.

— Então está combinado. E de que informação gostaria em troca do pote de pinos?

Jack não queria pedir ao Dorysk que contasse o segredo que descobrira. Afinal, não lhe parecia correto, embora estivesse morto de curiosidade.

— Talvez eu possa guardar minha pergunta para o futuro. Algum problema?

— Ah, nenhum, tudo bem. Pode me perguntar o que quiser, quando bem entender, em troca desses pinos maravilhosos, Jack Brenin. Mas, por favor, não conte a ninguém onde me encontrou. Gosto de manter meu paradeiro em segredo. Não quero que ninguém saiba onde moro.

— Prometo e, em troca, talvez você possa guardar um segredo e não contar a Camelin que eu vim procurar você.

— Fechado. Espere eu esconder bem essa caixa.

Jack não se dera conta de que a caixa seria grande e pesada demais para o pequenino Dorysk.

— Pode deixar que eu ajudo — disse Jack ao ver o enorme esforço que ele fazia para pegar o pote. — Gostaria que eu o diminuísse um pouco para você?

— Ah, não! Está perfeito. Eu consigo. Pronto, já peguei.

O Dorysk içou o pote e, mantendo-o entre as patas dianteiras, desceu apressado o buraco. Não passou pela cabeça de Jack a possibilidade de o Dorysk não voltar. Logo depois, a criaturinha cheia de espinhos reapareceu na entrada, parecendo muito satisfeita consigo mesma, embora um pouco ofegante.

— Pode encolher para caber no meu bolso? — pediu Jack.

— É pra já — respondeu o Dorysk, apertando bem os olhos e curvando os ombros, começou a encolher. Em pouco tempo, Jack viu a seus pés um ratinho marrom com um par de óculos minúsculos.

Estendeu a mão para o Dorysk subir e o guardou no bolso.

— Agente firme. Preciso chegar em casa o mais rápido possível — disse antes de sair em disparada pelo campo na direção das escadas de pedra.

Ao chegar à cozinha, descobriu o bilhete intocado e o jogou no lixo. Espreitou pela porta da frente e ficou aliviado ao ver o avô ainda cochilando. Subiu as escadas de dois em dois degraus e, tão logo chegou ao quarto, escancarou a janela e emitiu o chamado do corvo o mais alto possível.



Camelin pareceu demorar séculos até surgir ao longe. Jack já o imaginava chegando de cara emburrada.

— Olhe só o que eu encontrei.

— Aposto que usou sua varinha.

— Ele me pegou sem trapaças — guinchou o Dorysk.

— Como posso saber que não se trata de um camundongo comum em quem fez uma magia para colocar um par de óculos?

Se Camelin soubesse quão perto se encontrava da verdade, não ficaria nada satisfeito, mas Jack não precisou se defender porque, sem ser solicitado,

o Dorysk foi logo se transformando.

— Bem, pelo que soube, precisa de minha ajuda. Algo a ver com um voo até a Montanha Prateada e coleta de informações.

O Dorysk caminhou em direção a Camelin.

— Ah, não, não vou levar você nas costas com todos esses espinhos.

Camelin implorava ajuda a Jack com o olhar.

— Dá para ficar menorzinho? — pediu Jack.

— Diminua bem e retire todos os espinhos — acrescentou Camelin.

O Dorysk apertou os olhos. Seguiu-se um estalo alto e ele sumiu de vista.

— Você o deixou escapar — resmungou Camelin. — Devia tê-lo segurado enquanto ele se transformava. A esta altura, deve estar a quilômetros de distância.

— Shhhh! — ordenou Jack apurando os ouvidos. — Olha ele ali.

Uma mosquinha usando um diminuto par de óculos pulava para cima e para baixo na cama de Jack, tentando atrair-lhes a atenção. Jack caiu na gargalhada.

— E então, agora ele está pequeno o suficiente?

— Suponho que sim — disse Camelin, arrastando os pés até a cama. — Suba, mas nada de ficar se remexendo; fique sentado e imóvel. Estaremos na Montanha Prateada num minuto. Não existem voadores amadores à noite e assim não vamos nos atrasar.

Jack ignorou o último comentário de Camelin. Apenas sentia-se agradecido por não ser obrigado a empreender a viagem.

Camelin pulou para o peitoril da janela.

— Deixe a janela aberta. Na volta, contamos o que encontramos.

— Está bem — suspirou Jack —, mas, se der para esperar até de manhã, eu agradeço. Estou precisando demais de uma boa noite de sono.

Na noite quente, com a brisa suave entrando pela janela aberta, mal Jack se deitou já e pegou no sono.



Ele acordou assustado quando algo pesado pousou em sua cama. Estava escuro. Esticou a mão e, de posse da varinha, iluminou de leve a sua extremidade.

— Sou eu, acorde! — ordenou Camelin.

— Estou vendo que é você e já acordei — disse Jack, sonolento. — Presumo que seja importante. O que o Dorysk descobriu?

— Não faço ideia. Ele subiu em minhas costas, me mandou voar logo de volta para casa e se recusa a falar a não ser com você. E, se ele pensa que vai subir de novo em minhas costas disfarçado de mosca, está muito enganado. Fiquei me coçando todo.

A princípio, Jack não viu o Dorysk. Em seguida, uma pequenina figura no meio de sua cama começou a crescer. Logo retornou ao familiar formato espinhento. Começou a falar tão rápido e tão alto que Jack teve medo de que o avô acordasse.

— Psiu! Trate de sussurrar. O que houve?

— Tenho péssimas, péssimas notícias!

— Você viu um monstro?

O Dorysk fez que sim com a cabeça.

— Melhor começar do início e contar tudinho — pediu Jack.

O Dorysk sentou nas patas traseiras, respirou fundo e começou.

— Achei que estaria escuro dentro da montanha, mas me enganei. As paredes são cobertas de cristais, e o lugar é muito iluminado. Eu me transformei em mariposa e atravessei voando o corredor até chegar a uma sala. Foi lá que eu ouvi.

— O monstro? — indagou Camelin.

— Não, não vi monstro nenhum. Ouvi dois Spriggans planejando o cardápio para o jantar em homenagem à visita do Chefe Knuckle.

— E o que isso tem de apavorante?

— O que eles estão planejando cozinhar. Dragão assado faz parte do cardápio. Dois dragonetes assados, para ser mais exato. E o jantar é amanhã.

Jack passou mal. Sentiu o estômago revirar. Tinha um monte de perguntas, mas a voz não saía.

— Por que amanhã? — perguntou Camelin. — Por que agora?

O Dorysk suspirou.

— Os Spriggans estavam conversando sobre as comemorações. Um deles o chamou de *Banquete sem Velas*, mas não sei do que se trata. O que descobri é que os dragonetes não têm mais utilidade nas minas. Agora que os Spriggans têm nova iluminação, os dragonetes se tornaram obsoletos como velas e, pelo que diziam, os bichos são muito saborosos, deliciosos.

Jack começava a entender a situação. Significava que os dois dragonetes corriam perigo mortal. Tinha a vida dos dois nas mãos. Não podiam contar com a ajuda de Nora, pois ela não voltaria de Annwn a tempo.

— Precisamos voltar à Montanha Prateada hoje à noite — disse Jack, pensando alto.

— Hoje? — resmungou Camelin. — Mas acabamos de voltar.

— Pensei que tivesse dito que sua intenção era ajudar Charkle. Ele não vai ficar nada feliz ao voltar e descobrir que os dois últimos dragonetes da Terra foram assados para um banquete de Spriggans. Precisamos resgatá-los agora mesmo.





AO RESGATE

Ninguém disse uma palavra. A mente de Jack disparava a mil por hora. Sabia da importância de tomar a decisão correta naquele momento. Caso contrário, colocaria a todos em perigo. Pensou nos dois dragonetes. Independentemente de saberem ou não que corriam risco de vida, sem ajuda, seriam assados para o banquete.

Jack respirou fundo e olhou para o Dorysk em busca de auxílio.

— Tenho um plano, mas vamos precisar mais uma vez de sua ajuda.

O Dorysk fez uma reverência e colocou os dedos nos óculos.

— Farei qualquer coisa que me peça, Jack Brenin.

Camelin tossiu.

— Isso é um bocado de exagero, não acha? Ainda nem sabe o que ele vai pedir.

Jack ignorou Camelin e começou a explicar seu plano ao Dorysk.

— Vou precisar que passe de novo pelo buraco da fechadura quando voltarmos à Montanha Prateada. Depois que tiver descoberto o local exato

onde os dragonetes estão presos, volte e nos conte. Aí então a gente entra e salva os dois.

O Dorysk meneou a cabeça.

— E pode me explicar como pretende entrar? — perguntou Camelin.

Jack não pretendia falar sobre a chave especial de Nora, mas tampouco queria mentir.

— Vou levar minha varinha. Isso significa que vou precisar voar com ela no bico, mas acho que não conseguiremos salvar os dragonetes sem um pouco de magia.

Camelin pareceu satisfeito com a resposta.

— Se vai conseguir abrir a porta, por que não chamamos Timmery? Ele pode entrar primeiro com o Dorysk. Quando localizarem os dragonetes, Timmery pode voltar e nos conduzir. Ele é muito corajoso, não vai se importar.

— Brilhante ideia!

Camelin pareceu surpreso.

— É mesmo?

— Claro. Acha que pode encontrá-lo sem demora?

Camelin saiu voando pela janela e rumou para a igreja. Ao partir, Jack voltou-se para o Dorysk.

— Ao chegar lá, eu abro a porta.

— Acho que vai precisar de um pouco mais do que magia, dependendo do tipo de porta, porque eu não vi chave alguma. A única coisa que encontrei do outro lado foi um chapéu de Bogie.

— Um chapéu de Bogie?

— Isso mesmo. Dá para sentir o cheiro de um Bogie assim que se entra no túnel. Eles usam qualquer porta que encontram, mas acho que aquilo não devia ser uma porta de Bogie, é muito bem-feita. A gente encontra os mais variados tipos de portas em todo tipo de lugar, umas grandes, outras

pequenas. Uma pertencem ao Povo Feérico, e outras, não. Acho até que essa pode ser uma porta minguante.

— O que é uma porta minguante?

— É uma porta especial que os druidas usavam faz muito, mas muito tempo mesmo. Não se encontram mais essas portas hoje em dia. Eram instaladas em lugares importantes e pouco usados. Se um estranho ou um visitante indesejado passasse pela porta, os druidas saberiam, pois toda vez que era aberta sem permissão diminuía. Se for uma porta minguante, você vai precisar de uma chave especial para abri-la.

— Eu tenho uma chave especial, é uma chave mágica, mas não quero que Camelin saiba.

— Eu sei guardar segredos. Prometo nunca negociar essa informação com ninguém.

Jack ficou muito agradecido ao pequenino Dorysk. Foi até a cadeira onde deixara as calças, enfiou a mão no bolso e tirou a chave, que parecia igual a qualquer outra. Continuava do mesmo formato e tamanho desde a última vez que a usara no herbário. Para transportá-la para a Montanha Prateada, precisaria encolhê-la ainda mais e pendurá-la no pescoço. Jack não via nenhum buraco de fechadura pequeno o bastante no quarto. Pensava em buscar ajuda no *Livro de Sombras* quando se lembrou de algo guardado em seu diário. Abriu a gaveta superior da cômoda e apanhou um porta-joias antigo de couro. Jack o admirou alguns segundos, acariciando o couro antes de abrir a tampa. Revirou seu conteúdo até encontrar uma corrente com um pequenino coração de prata. No meio do coração, um buraco de fechadura. Pertencera a sua mãe e era um de seus mais valiosos tesouros. A mão ficou trêmula. A chave cintilou dentro do coração. Luzes miúdas dançaram no metal fosco até a chave inteira brilhar. As pontas dos dedos formigaram ao se aproximarem do fecho. A chave começou a encolher até caber à perfeição. Jack abriu a corrente e pendurou a chave nela antes de pendurá-la no pescoço. Era menor do que a corrente de ouro que usava, na qual ficava a

noz de ouro, mas sabia que estaria a salvo e desapareceria nas penas quando ele se transformasse. Jack tinha acabado de botar a caixa no lugar quando Timmery entrou esvoaçando no quarto.

— Vou apresentar vocês dois — sussurrou Jack, mas, antes que pudesse prosseguir, Camelin entrou e aterrissou com força na cama, fazendo o Dorysk sacolejar para cima e para baixo várias vezes antes de voltar a recuperar o equilíbrio.

— Dorysk... Timmery... Timmery... Dorysk — disse Camelin, emburrado. — Vocês conhecem Jack, e os dois também me conhecem. Agora podemos ir?

— Obrigado — disse Jack. — Você tem razão, precisamos partir.

— Ah, eu adoro aventuras — disse Timmery. — Fico tão honrado em ser incluído.

— Eu gostaria de ir com vocês — sussurrou Orin.

— Sinto muito — disse Jack. — Um túnel de Spriggans não é nada adequado para ratinhas brancas.

— Eu sei — suspirou Orin. — Promete tomar cuidado?

Jack acariciou-lhe a cabeça para tranquilizá-la antes de se voltar para Camelin.

— Pronto?

— Pronto.

— Fechem os olhos — disse Jack antes de encostar sua testa na de Camelin.

Depois de se livrar do pijama, voltou-se para Timmery.

— Pule para cá.

— Ah, não, sem essa — interrompeu Camelin. — Eu levo Timmery; você pode ficar com o Dorysk. Ele se contorce demais. Vai ver só quando começar a coceira e não puder se coçar.

Camelin já partira com Timmery e não viu o Dorysk se transformar num morcego miudinho. Jack tentou manter a seriedade.

— Esse será nosso segredo — disse o Dorysk, subindo nas costas de Jack. — Não conte nada àquele corvo mal-humorado.

Com a varinha presa no bico, Jack saiu voando para alcançar Camelin na noite sem lua.



— Ei, cuidado com o que faz! — avisou Camelin quando Jack pousou a seu lado na borda estreita diante da portinha.

— Desculpe. Nunca voei carregando nada no bico.

O Dorysk saiu serpenteando das penas de Jack e, ao pousar na borda do rochedo, voltara a ser uma mosca. Jack olhou ao redor. Um estreito caminho conduzia à encosta. Pegando o cabo da varinha com as garras, iluminou a ponta para conseguirem enxergar.

— Olhe, ali o caminho é mais largo, venha me ajudar a me transformar para eu poder abrir a porta.

Jack e Camelin saltitaram para o patamar inferior do rochedo. Por uma fração de segundo, a Montanha Prateada ficou toda iluminada. Ainda bem que não tinha lua no céu nem ninguém por perto. Entretanto, o fato de estar nu não o deixou nada satisfeito. Pegou a varinha e voltou correndo, seguido de Camelin, que ficou para trás. Quando este finalmente alcançou a porta, Jack já havia tirado a corrente de prata e destrancado a porta com a chave especial de Nora.

— Você está ficando bom para caramba com essa varinha — comentou Camelin. — Vou ter de treinar um bocado quando receber a minha de volta.

Jack tirou a chave da fechadura e voltou a enfiar a corrente no pescoço, aproveitando um minuto de distração de Camelin. Felizmente, a porta se abria para dentro, embora tenha rangido. Jack fechou a porta com o máximo

de cuidado. O chapéu que o Dorysk vira ainda continuava pendurado no gancho, mas, para alegria de Jack, havia também um casaco pendurado logo abaixo. Não era do tamanho certo para ele, mas pelo menos assim não ficaria tão exposto, principalmente ao se dar conta de que lá dentro não era nenhum breu. Como o Dorysk relatara, uma luz suave iluminava o túnel e o tornava acolhedor. O convidativo cheiro de comida tampouco passara despercebido.

— Churrasco! — grasnou Camelin animado.

— Acha que chegamos tarde demais? — perguntou Jack.

— Tarde demais para quê? — indagou Timmery.

— Quer dizer que não contou nada a Timmery? Podia ter contado tudo durante o trajeto.

— Precisava de todo o meu fôlego para respirar, não fico batendo papo à toa.

Jack suspirou e balançou a cabeça. Tinha coisas mais importantes com que se preocupar do que se zangar com Camelin. Resumiu para Timmery tudo o que o Dorysk vira e ouvira. Ao terminar, Camelin já se encaminhara para o fim do túnel. Com o bico aberto, era evidente que apreciava o delicioso cheiro.

— Acha que é carne de dragão assada? — perguntou Jack de novo.

— Que nada; é carneiro. Sempre que podem, Spriggans roubam carneiros e servem mais de um em banquetes importantes.

— Mas achei que o banquete fosse amanhã à noite — gaguejou Jack.

— Foi o que disseram — confirmou o Dorysk. — Vou ver o que consigo descobrir.

— Consegue enxergar com essa luz? — perguntou Jack a Timmery.

— Nenhum problema, está quase igual ao crepúsculo e à alvorada; nada muito claro. Posso enxergar muito bem.

— Que alívio! — resmungou Camelin. — Seria uma pena ter trazido você até aqui e te deixar do lado de fora no escuro.

— Essa discussão não nos leva a lugar algum — interveio Jack. — Precisamos agir com presteza e voltar para Glasruhen o mais rápido possível, de preferência com os dois dragonetes.

— Peço a Timmery para vir avisar assim que encontrarmos os dois — avisou o Dorysk, transformando-se em mariposa. Ambos sumiram de vista ao descerem esvoaçando pelo túnel.

Jack encostou-se no muro. Bolara um plano enquanto voava, mas não tinha certeza se funcionaria. Sabia que não poderia realizá-lo sozinho e teria de pedir ajuda a Camelin.

— Quanto peso consegue carregar no bico? — perguntou, fingindo inocência.

— Muito. Posso carregar o caldeirão pequeno de Nora. Vazio, é claro.

— Então acha que pode voar com um dragonete no bico?

— Qual a necessidade de carregar um dragonete no bico se ele sabe voar?

— Talvez seja preciso. E se ele estiver trancado numa lamparina como Charkle quando o encontramos?

— Você quer dizer... Nós vamos... Que ideia brilhante... Mas como vai conseguir voar de volta a Glasruhen com um dragonete, uma lamparina e a varinha no bico?

Essa era a pergunta que Jack vinha se fazendo. O único problema de seu plano. Não sabia se tinha forças para voar todo o caminho de volta com um passageiro extra. A única forma de descobrir seria se conseguissem ter sucesso no resgate dos dragonetes.



Pareciam esperar no túnel há séculos. Jack ficou preocupado, achando que Pyecroft podia aparecer para buscar o casaco, mas o único som ouvido foi um baixo rugido vindo das profundezas da encosta.

— Estão todos comendo — resmungou Camelin. — Não estou mais aguentando o cheiro da comida.

Jack farejou o ar. Soube que Camelin tinha razão, pois entendia mais de comida e de culinária do que ele, mas estava mais preocupado com o Dorysk e com Timmery do que com o próprio estômago.

— Acha que eles estão bem? Parece que se foram faz séculos.

— Vão ficar bem, como não ficariam? Um Dorysk camaleão e um morcego tão corajoso...

— Ah, quanta gentileza, quanta gentileza! — disse a voz na boca do túnel. — E então, vocês dois estão prontos? O caminho está livre e o Dorysk encontrou os dragonetes. A notícia boa é que não foram assados. A ruim é que estão na despensa dos Spriggans, dentro de um caldeirão enorme, sendo temperados.

— Estão machucados? — perguntou Jack. — Perguntou o nome deles?

— Eu não os vi nem tive tempo para falar com eles, mas, quando saí, o Dorysk explicava sobre o resgate, então talvez ele tenha perguntado.

— Que tipo de tempero? — perguntou Camelin.

Jack o fulminou com o olhar.

— Você vem ou prefere ficar aqui?

— Caramba, só fiz uma pergunta ou será que um corvo não tem permissão de fazer uma pergunta estranha?

— Mostre o caminho, Timmery, nós o seguimos.

Ainda bem que o morceguinho tinha um extraordinário senso de direção. Os túneis desciam sinuosamente. As pequenas luzes nas laterais das rochas proporcionavam um brilho acolhedor, que facilitava seguir Timmery. Embora Jack conseguisse enxergar o caminho, sabia que não seria capaz de encontrar a saída sem ajuda de um guia. Timmery nem hesitava ao chegar a

entroncamentos. Assim, conseguiram penetrar na colina com rapidez e em silêncio. Finalmente, Timmery parou do lado de fora de um aposento muito iluminado.

— Está claro demais para eu entrar. Espero aqui fora e fico de vigia. Os outros estão aí na despensa.

Jack entrou cautelosamente no aposento. Ficou surpreso ao deparar com mesas enfileiradas cobertas de comida. Voltou-se e lançou um olhar de advertência a Camelin.

— Aqui — chamou o Dorysk.

Jack relanceou os olhos pelo lugar e viu o Dorysk esvoaçando em cima de um grande caldeirão, perto da lareira. Jack correu e olhou dentro do caldeirão. Para seu alívio, os dois dragonetes pareciam em boas condições, levando-se em conta as circunstâncias. As gaiolas tinham sido presas nas bordas do caldeirão e encontravam-se imersas no molho. Os dois se esforçavam para manter a cabeça acima da superfície.

— Não se preocupem — acalmou-os Jack. — Viemos salvá-los. Vamos tirar vocês daí agora mesmo. Sou Jack Brenin e este é Camelin.

— Nós sabemos — conseguiu dizer um dos dragonetes, lutando para manter a cabeça fora do molho. — Somos muito gratos por terem vindo... Eles iam...

— Está tudo bem — interrompeu Jack. — Depois conversamos, mas como se chamam?

— Eu sou Norris e este é Snook — respondeu o outro dragonete.

— Puxa, Charkle vai ficar um bocado contente — disse Camelin, saltitando em torno do caldeirão. — Agora vou poder receber minha varinha de volta.

— Charkle! — exclamaram os dois dragonetes.

Jack ficou feliz pelos dois irmãos.

— Isso mesmo, Charkle, ele está a salvo. Já ouvimos falar muito de vocês dois, mas deixemos essa conversa para depois. Precisamos tirar vocês daqui.

Temos um longo voo pela frente depois que sairmos dos túneis.

— Então qual é o plano? — perguntou Camelin.

— Precisamos escapar daqui o mais rápido possível — explicou Jack. — Timmery pode nos guiar, e o Dorysk, ficar na retaguarda, caso precisemos usar o plano B, mas primeiro preciso tirar esses dois do caldeirão e encontrar algo para amarrar nas extremidades dessas cordas ou os Spriggans vão notar que eles sumiram.

— Qual é o plano B? — perguntou o Dorysk enquanto Jack examinava o local.

— Talvez tenha que se transformar em dragonete. Acha que consegue?

— Vou precisar dos óculos, senão não enxergo o caminho.

— Isso não é problema. Só será necessário caso a gente seja visto e precise distrair a atenção deles. Se eu e Camelin nos transformarmos, esse é o sinal para darmos início ao plano B. A luz será tão clara que cegará os Spriggans por alguns segundos. Você tem que se certificar de que eles o vejam. Vão achar que os dragonetes estão soltos e, se tivermos sorte, seguirão você. Caso você os leve para a direção oposta, teremos tempo de sair porta afora. Assim que puder, de novo se transforme em mariposa e encontre a gente na saliência do rochedo. Não vamos embora sem você.

— Não vamos mesmo! — confirmou Camelin.

— Não, não vamos! — assegurou Jack enquanto procurava dois objetos pesados para colocar no molho em substituição às lanternas. — Com sorte, estaremos fora daqui antes que descubram que vocês sumiram.

— Vai precisar se apressar — avisou Snook. — Eles passaram a noite inteira entrando e saindo daqui.

— Ainda não comeram o pudim — comentou Norris, apontando para uma das mesas. — Nunca ficam sem pudim, não importa o quanto já tenham comido.

— Spriggans! — piou Timmery, entrando na cozinha. — São dois e vêm nessa direção.





O MONSTRO DA MONTANHA PRATEADA

— Rápido! Escondam-se! — sussurrou Jack.

Timmery e o Dorysk imediatamente voaram para a parte mais escura do túnel. Jack se virou para falar com Camelin, porém ele desaparecera. As vozes no túnel aumentavam de volume, e Jack sabia que seria descoberto caso não encontrasse logo um esconderijo. Lamentou-se por ainda não ter aprendido o feitiço da invisibilidade ou por não poder se metamorfosear como o Dorysk. Não havia muitos lugares para se esconder no aposento. Nenhuma das mesas tinha toalha, então não seria seguro esconder-se debaixo de uma delas. Os armários pareciam pequenos demais para se espremer dentro de um deles. Não fazia ideia de onde Camelin se metera ou aonde poderia ir. Jack ouvia os passos e as vozes com clareza. Pensava em usar a varinha para despachar os dois Spriggans túnel abaixo, mas, se fizesse isso, logo saberiam que havia alguém estranho na despensa. Um som sibilante imobilizou Jack.

— Psiu!

— É você, Camelin?

— Quem mais poderia ser?

Jack se virou.

— Cadê você?

— Dentro da chaminé, venha aqui, tem espaço para nós dois.

Jack olhou a lareira encravada na rocha acima da qual havia um tubo largo.

— O que está esperando? Vai entrar ou prefere ser visto? — sussurrou Camelin.

Jack contornou os restos do fogo como pôde e enfiou a mão na chaminé. Para sua surpresa, o cano era escarpado, pois também fora cavado na rocha. Embora escuro, Jack conseguiu encontrar apoios para escalar. O pé acabava de desaparecer de vista quando o primeiro Spriggan entrou na sala. Jack ficou se perguntando como Camelin subira no cano, pois certamente não havia espaço suficiente para voar. Seus pensamentos foram interrompidos pela voz do primeiro Spriggan reclamando furioso com voz esganiçada.

— Carregue isso, pegue aquilo. Por que a gente, Grabble, por que a gente?

— Porque a gente é cozinheiro, Dugmore, por isso.

— Cozinheiros, sim; criados, não!

— Bem, pelo menos a gente conseguiu ajuda para o banquete de amanhã.

— Já não era sem tempo, posso garantir. Precisou de seis da gente para assar a ovelha hoje e inda tem mais quatro pro banquete de amanhã.

— E dois dragonetes, não esqueça. Vou ter que cozinhar eles aqui, não dá para botar na churrasqueira grande porque não ia sobrar nada e aí a gente ia se ver metido numa bela de uma enrascada de novo.

— Tem razão, Dugmore. Melhor a gente checar os dois.

Jack ouviu os Spriggans se aproximarem da lareira. Imaginou que estivessem amarrados na mesma corda.

— Eu cuido desse aqui, e você, do outro, Grabble.

Jack prendeu a respiração. Não fazia ideia do que os Spriggans pretendiam. Deveria pular para fora da chaminé e surpreendê-los ou não? Decidiu aguardar e ouvir a conversa. Quanto menos os Spriggans suspeitassem da equipe de resgate, maior a chance de êxito. Ouvia tosse, falas confusas e sons de esguichos.

— Aí estão vocês, miúdos. Daqui a pouquinho vão estar bem-temperadinhos. Mais umas duas horas aí dentro, e vão ser o prato mais gostoso que o chefe Knuckle já comeu.

— Vamos, Grabble, melhor pegar os pudim. Não quero deixar o *Cara de Porco* esperando.

Jack ouviu um som que presumiu ser o riso dos Spriggans.

— Melhor ele não escutar você chamar ele de Cara de Porco, sabe que a gente não deve falar do nariz dele. Eu me preocupo é com *O Grandão*. Cruz-credo criar caso com ele!

— Só tô me divertindo um pouco, Dugmore, mas tá certo, melhor descer isso logo. Vamos ter que fazer algumas viagens.

Depois de mais alguns resmungos e bater de pratos, as vozes dos Spriggans começaram a diminuir de volume. Jack ouvia o som dos passos se afastando.

— Já foram — anunciou o Dorysk, entrando na lareira.

— Obrigado — disse Jack. — Melhor sairmos daqui logo e levamos Norris e Snook antes que eles voltem.

— Ilumine um pouco aqui dentro para eu poder ver o que estou fazendo — murmurou Camelin.

Da ponta da varinha, saiu uma luz pálida. Jack olhou ao redor, esperando ver Camelin, mas se viu sozinho.

— Cadê você?

— Aqui embaixo, no forno lateral.

Ao abaixar a varinha, Jack viu a cabeça de Camelin saindo de um vão na rocha.

— Achei que tivesse entrado de gatinhas no outro — disse o corvo, apontando a abertura do outro lado com a cabeça. — Nossa, aí em cima não parece nada confortável.

— E não é. Se eu soubesse sobre os fornos laterais, teria entrado em um deles.

— Agora já sabe. Fica para a próxima.

Jack torcia para não haver uma próxima, mas como Camelin sabia da existência deles? Se não estivessem com tanta pressa, perguntaria. Um som borbulhante atraiu sua atenção para o caldeirão. Jack desceu a chaminé com dificuldade e ficou boquiaberto ao ver as lanternas de Norris e Snook sacudindo. Os dragõezinhos se debatiam, tentando desesperadamente manter a cabeça acima do tempero. Pegou os dois espetos e os suspendeu.

— Não se preocupem, vamos tirar vocês já daí.

Norris e Snook tossiram e cuspiram.

— Qual o gosto do molho? — perguntou Camelin.

— Isso é pergunta que se faça? — indagou Jack, furioso.

— Não, não é, mas é uma ótima pergunta. Preciso saber até que ponto lamento a sorte deles. Se o tempero for gostoso, não deviam criar tanto caso.

— Faça algo de útil e segure o espeto de Snook para mim.

Camelin arrastou-se até lá e segurou o espeto com o bico. Manteve a lanterna fora do tempero enquanto Jack desamarrava Norris. Em pouco tempo, os dragonetes estavam no chão da cozinha, e duas colheres enormes substituíam as lanternas dentro do caldeirão. Jack não se dera conta da sujeira que ficaria no chão. Os Spriggans veriam assim que voltassem. Também precisava guardar as lanternas dentro de algum lugar até saírem dos túneis ou deixariam um rastro fácil de ser seguido. Jack encontrou dois

pequenos sacos de farinha, jogou o conteúdo no molho e os levou até Norris e Snook.

— Sinto muito, vou precisar botar vocês aqui dentro, mas não por muito tempo. — Jack os acomodou com cuidado dentro dos sacos e os levou até a entrada do túnel. — Agora só precisamos de um pano para limpar as poças e podemos ir embora.

— Deixa que eu limpo — avisou Camelin.

— Não temos tempo.

Jack viu o bico de Camelin já lambuzado de gordura. Na certa gostara do sabor do tempero na vareta da lanterna. Jack apanhou uma toalha, limpou rápido o chão e a atirou no caldeirão antes de botar com cuidado a cabeça para fora da sala da despensa e observar o túnel.

— Caminho livre — avisou Timmery.

— Nada à frente — avisou o Dorysk ao aparecer.

— Melhor irmos embora. Se não precisar me transformar, posso carregar as duas lanternas. Todo mundo pronto? — perguntou Jack.

— Sim — responderam.

Saíram em disparada através dos túneis, mas, ao se aproximarem do primeiro entroncamento, Timmery se deteve.

— O que foi? — sussurrou Jack.

— Não sei, mas está vindo nessa direção.

Jack olhou ao redor, mas não havia onde se esconder. O túnel onde se encontravam dava direto na despensa, e o som de vozes elevadas parecia vir da direção que deviam tomar. Para chegar ao próximo túnel, seria necessário atravessar o espaço aberto no entroncamento. Jack não sabia o que fazer. Ainda tinham um longo caminho a percorrer antes de chegarem à porta. Aguçou os ouvidos. Não fazia ideia do que fosse.

— É o monstro! — exclamou Camelin com voz arfante. — Olhem!

A luz que vinha na direção deles se tornou mais clara conforme o som trovejante e retumbante aumentava. Se ele entrasse no túnel em que

estavam, seriam esmagados. Mesmo que isso não acontecesse, bastava o monstro olhar na direção deles para serem descobertos; a luz dos olhos da criatura faiscava. Jack sentiu as pernas trêmulas. Não entendia o suficiente de magia para tomar alguma atitude proveitosa. Tentou desesperadamente ter uma ideia, qualquer coisa que pudesse ajudar.

O estrondo tornou-se mais alto. Se ao menos pudessem apagar a luz, podiam ter uma chance, não seriam vistos se o monstro passasse direto para o fim do túnel. Quando Jack colocou a mão no cristal da parede, ele se soltou. Por um instante, brilhou ainda mais na palma da mão dele, mas, tão logo o apertou entre os dedos, o túnel escureceu. Jack prendeu a respiração enquanto o barulho aumentava. Sentiu uma lufada de ar no rosto quando o monstro passou direto, sem entrar no túnel em que se encontravam. Um fedor horrível pairou no ar. O barulho era ensurdecedor. Camelin conseguira ficar atrás de Jack, que sentia as asas balançando perto de suas pernas trêmulas. Por alguns segundos, teve a sensação de que a encosta inteira tremia enquanto o monstro passava.

— Está todo mundo bem? — perguntou Jack quando o monstro se foi.

— Ainda estou aqui — respondeu o Dorysk.

— Timmery, e você?

Nenhuma resposta do morceguinho.

— Isso é que dá ser valente — resmungou Camelin. — Ele saiu voando e nos abandonou.

— Timmery — chamou Jack um pouco mais alto.

— Aqui, estou aqui. Fui ver como era o monstro. Não é monstro nenhum, é um trem cheio de bruxas Hags!

— Hags! — exclamaram Jack e Camelin ao mesmo tempo.

— Isso mesmo, e parece que não vai parar até chegarem lá embaixo.

Jack gostaria de saber por que os Spriggans precisavam de um trem, especialmente um cheio de Hags. Voltou-se para Timmery.

— Foi muita coragem de sua parte, mas precisamos ir embora.

— Sigam-me — chamou Timmery, voando.

— Sigam-me!... — resmungou Camelin. — Não consigo nem enxergar onde está... Alguém apagou a luz.

Jack abriu a mão, e a luz suave iluminou o túnel. Olhou atentamente o pequeno objeto em sua palma, tinha formato de cristal e era quente ao toque. Não fazia ideia de como prendê-lo de volta na parede ou de onde a luz vinha. Decidiu levá-lo até pensar no que fazer com ele.

Apressaram-se, cruzaram o espaço aberto do entroncamento com a maior rapidez possível e entraram no túnel seguinte. Não foi fácil subir, e Jack começou a ofegar. Estava prestes a dar um descanso a todos quando um grito ecoou nos túneis. Apesar de não conseguir entender as palavras dos Spriggans, podia imaginar o que diziam.

— Acho que chegou a hora de colocar o plano B em ação. Parece que deram falta de Norris e de Snook. Vamos nos afastar o máximo possível antes de nos transformarmos, combinado?

— Combinado — responderam todos.

Timmery seguia à frente. Jack correu o mais rápido que pôde atrás do morceguinho.

— Você sabe que eles têm bom faro, certo? — murmurou Camelin sem ar, enquanto tentava acompanhar Jack. — Basta seguirem o cheiro do tempero.

— Mais rápido — ordenou Jack.

— Plano B — gritou o Dorysk. — Eles se aproximam.

— Pronto? — perguntou Jack, guardando a varinha e o cristal no saco onde estava Snook.

— Pronto — respondeu Camelin.

Em segundos, Jack se transformou. Agarrou o saco com Snook no bico, e Camelin carregou o outro, com Norris dentro. Timmery voava acima deles, impacientemente. Jack virou-se e viu o Dorysk retornando já no formato de um dragonete.

“Vamos torcer para o plano B funcionar, senão acabaremos todos dentro do molho”, pensou Jack.



Voaram atrás de Timmery o mais rápido que conseguiam. Jack ouviu um falatório estridente. Torcia para que os Spriggans tivessem visto o Dorysk e seguido na direção oposta, em vez de se guiarem pelo olfato. Entretanto, pouco depois, ouviram passos. Sabia que os Spriggans estavam bem atrás deles quando ouviu a voz esganiçada gritar: “PAREM! Vocês dois aí, PODEM PARAR!

Jack não tinha a menor intenção de obedecer. Teriam que despistá-los pois não havia espaço para dois corvos voarem no túnel. Jack não precisou olhar para trás para saber que os Spriggans ganhavam terreno. Podia ouvi-los farejando o ar. Timmery esvoaçou ao redor da cabeça de Jack.

— Sigam-me — sussurrou.

Em vez de continuar na direção do alto da montanha, Timmery pegou o primeiro túnel à esquerda e, em seguida, o da direita. Todos o seguiram. De repente, Jack precisou parar. Não enxergava mais Timmery. Na verdade, não conseguia enxergar mais nada. O túnel para onde Timmery os levara não tinha cristais nos muros.

— Não se movam — avisou Timmery. — Vou verificar o que está acontecendo. Eles não vêm aqui porque têm medo do escuro.

Jack não podia ser mais grato ao morceguinho. Ouviu passos, mas, em vez de entrarem no túnel principal, passaram por ele. Nem ele nem Camelin abriram o bico. Nem sabia onde estava Camelin, pois a escuridão era total. Parecia uma colcha pesada, e Jack entendia naquele momento por que os Spriggans não gostavam dali. Só lhes restava esperar.



Jack não fazia ideia de quanto tempo permaneceram no escuro. Achou que se acostumaria, mas, depois de um tempo, começou a passar mal. Quando achava que não conseguiria permanecer ali nem mais um segundo sequer, ouviu o bater de asas.

— Pronto, caminho livre — anunciou Timmery. — O Dorysk os levou de volta aos túneis lá embaixo. Podemos sair agora, mas nenhum ruído, deem dois passos adiante.

Jack ficou satisfeito quando arrastou os pés na direção da voz de Timmery. Depois de dar alguns passos, voltou a enxergar. Jack ouviu um resmungo baixo vindo de Camelin quando passou, mas até ele deve ter se dado conta do perigo que enfrentavam e não disse nada em voz alta. Moveram-se com leveza. Pouco depois chegaram ao túnel principal e subiram em direção à porta. Jack se perguntou o que Pyecroft diria ao encontrar seu casaco atirado em um dos túneis. Provavelmente jogaria a culpa num dos Spriggans.

— Estamos quase chegando — avisou Timmery quando a pequena mariposa uniu-se a eles.

— Estamos a salvo? — perguntou Jack ao Dorysk.

— Aqueles dois não vêm para cá. Estão caçando o inexistente dragonete nos túneis escuros abaixo da cozinha. Tampouco vão acionar o alarme... Estão desesperados para pegá-los antes que alguém importante descubra que os dragonetes sumiram.

Apesar do alívio, Jack não diminuiu o passo. Ainda tinham de conduzir Snook e Norris em segurança para Glasruhen.





INFORMAÇÃO CONFIDENCIAL

Atravessaram o mais rápido possível o último túnel. Jack não ouvia nada exceto o bater das asas e o arrastar de seus pés e dos de Camelin. Sentiu imenso alívio ao ver surgir a porta lá no alto. Uma vez ao ar livre, estariam mais seguros do que dentro dos túneis. Jack só pensava em como abrir e fechar a porta quando o Dorysk pousou no chão e assumiu sua forma habitual cheia de espinhos.

— Permitam-me — disse, girando a maçaneta.

Depois de todos passarem, o Dorysk fechou a porta. Camelin deixou o saco cair na borda do rochedo, arremessou e retornou sobrevoando em círculos. As garras grandes e fortes agarraram o saco ao passar.

— Vai ser mais fácil voar de volta para casa assim — avisou a Jack antes de mergulhar na escuridão.

Jack esperou o Dorysk se transformar num morceguinho e o acomodou com segurança nas costas. Sabia que não seria fácil agarrar o saco e não

queria deixar Snook cair. Hesitou antes de alçar voo. Sobrevoou uma vez e, ao se aproximar da borda, esticou os pés e abriu as garras. Não foi tão fácil como planejava, mas conseguiu prender o saco em um dos pés. Ao voar atrás de Camelin, fechou a outra garra na parte de cima. Torcia para o voo de volta não ser muito cansativo.



Quando sobrevoou as ruínas de Salchester, já se sentia cansado. Tentou acompanhar Camelin, mas a distância entre eles aumentava a cada instante. Ainda restavam vinte minutos de voo até a Casa Ewell. Se conseguisse manter o ritmo, pelo menos saberia o caminho de volta, pois agora a paisagem abaixo já lhe era familiar. Sentia-se incrivelmente cansado e preocupado — precisava estar em plena forma no dia seguinte para o ensaio final. Cada bater de asas se tornava mais e mais penoso. A cabeça tombou. Por um segundo, cochilara. Sentiu o saco escorregar e fincou as garras no tecido. Não adiantava, precisava parar e descansar. Procurou um local para pousar. Uma voz familiar o sobressaltou e, pela segunda vez, quase soltou o saco.

— O que houve? — perguntou Camelin. — Pensei que estivesse logo atrás de mim.

— Estou cansado demais, não consegui acompanhá-lo — respondeu com esforço.

Foi então que Jack percebeu que Camelin não carregava saco algum. Imediatamente ficou alerta.

— Cadê Norris?

— A salvo na Casa Ewell. Achei melhor procurar você. Está vendo aquele monte de feno lá embaixo? Deixe o saco cair bem lá em cima. Eu

pego o saco e encontro você em seu quarto. Quer apostar como chego lá antes de você?

Jack não duvidava que Camelin chegasse primeiro. Não lhe sobrava energia sequer para pensar numa corrida. Seguiu Camelin e sobrevoou o monte de feno. Deixou o saco cair com cuidado em meio ao feno. Minutos depois, Camelin ia em direção à Casa Ewell com o saco contendo Snook preso nas garras. Jack achou bem mais fácil voar sem o saco. Sentia-se mais leve e capaz de voar mais depressa. Que alegria ver a casa do avô e a janela de seu quarto... Ao se aproximar do fim da floresta, o Dorysk se soltou das costas de Jack.

— Pronto, daqui eu vou sozinho, mas não se esqueça: se precisar de mim, é só pedir.

— Pode deixar. Obrigado por tudo que fez hoje.

Jack bocejou e quase errou o pouso.

— Por que demorou tanto? — perguntou Camelin quando Jack pousou no parapeito da janela.

Jack estava cansado demais para responder. Ao se transformar, sentia cada músculo do corpo doído. Vestiu com dificuldade o pijama e caiu na cama.



Jack ouviu alguém chamar seu nome a quilômetros de distância. Ainda não despertara para entender o que diziam. Quando a voz parou, sentiu que voltava a mergulhar no sono. Uma batida forte na porta o fez se sentar assustado.

— Ande logo, Jack, senão vai chegar atrasado. Estou chamando você há um tempão. Já levantou?

Jack botou as pernas para fora da cama.

— Desculpe, vovô. Já vou.

Ele se sentia péssimo, mal conseguia se concentrar e sabia que, se fechasse os olhos, mesmo por um segundo, voltaria a pegar no sono. Talvez pudesse encontrar o feitiço *Como ficar acordado* no *Livro de Sombras*. Procurou a varinha, mas não a encontrou. Procurou debaixo da cama, sobre a mesa e atrás da cortina. Então se lembrou de que a jogara dentro do saco. Teria sido esse o motivo de Camelin ter se mostrado tão prestativo na noite passada? Continuaria na dúvida até voltar da escola. Aquele seria um dia longo.



— Como foi o ensaio? — perguntou o avô quando ele voltou para casa.

— Horrível. Acho que nunca cantei tão mal.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que você vai estar em forma para a apresentação amanhã à tarde.

— Mas e se amanhã eu também não cantar direito?

— Que bobagem! Claro que vai cantar muito bem, você vai ver.

Jack ficou grato por ele depositar confiança em sua capacidade de cantar. Talvez se sentisse melhor depois de uma boa noite de sono. Não poderia contar ao avô por que não conseguira dar o melhor de si naquele dia.

— Posso ir à Casa Ewell e deixar um bilhete para Nora? Ela vai voltar hoje à noite.

— Claro, mas não precisa dar comida aos pássaros. Já me encarreguei disso mais cedo. Vou servir o jantar às seis.

Jack nem se deu ao trabalho de mudar a roupa. Foi direto ao fundo do jardim e passou pelo túnel que o levava à casa de Nora. Não sabia ao certo o que diria a Camelin, mas precisava da varinha de volta. O jardim estava mergulhado em um silêncio quase absoluto. Não conseguia ouvir Gerda ou Medric, e Camelin não estava à vista. Quando espiou a caverna atrás das pedras, tampouco encontrou sinal de Saige. Apenas ao se aproximar das portas abertas do pátio, ouviu guinchos. Sem a varinha, não fazia ideia do que conversavam. Será que Nora já voltara?

— Tem alguém aí? — perguntou.

As vozes se calaram, e Motley saiu correndo do pátio e começou a guinchar.

— Espere um minutinho. Preciso encontrar Camelin e recuperar minha varinha.

— Estamos aqui, entre, sua varinha está na mesa — disse Camelin da cozinha.

Motley o seguiu e escalou a mesa onde os outros membros da Guarda Noturna se encontravam sentados.

Jack apanhou a varinha e olhou Camelin nos olhos.

— Você tentou usar minha varinha, não tentou?

— Puxa, que mal-afortunado. Ela estava suja de molho, e eu limpei tudo para você. Não precisa se preocupar. Só funciona com você, então não precisa fazer queixa a Nora.

Jack sorriu. Ficou imaginando Camelin o dia inteiro tentando fazer a varinha funcionar. Olhou para Motley, que não parecia nada satisfeito.

— O que houve?

— Ah, Jack, estávamos à sua espera. Temos novidades terríveis; não sabemos o que fazer.

— Que tipo de novidade?

— Nada boas — confirmou Camelin.

Jack sentou-se à mesa da cozinha. No centro, repousavam as duas lanternas com os dragonetes ainda trancados. Eram quase idênticos a Charkle, com asas púrpuras e escamas verdes brilhantes. A única diferença que Jack notara na noite anterior era que a cauda de Snook tinha uma ponta mais afiada, mas, agora que estavam limpos, viu que Norris era de um tom verde mais claro. Os dois inclinaram a cabeça num cumprimento a Jack. Norris começou a falar antes que Motley pudesse retomar a conversa.

— Como poderemos lhe agradecer?

— Teriam comido a gente, disso eu tenho certeza — acrescentou Snook.

Jack olhou os dois dragõezinhos. Gostaria que Nora estivesse ali; ela abriria as gaiolas e os libertaria da prisão num segundo.

— Vocês estão passando bem? Achei que ainda estariam cobertos de molho.

Camelin pigarreou.

— Eu ajudei a limpar os dois.

Jack lhe lançou um olhar de reprovação.

— Antes que diga qualquer coisa, eu levei as lanternas até o lago e eles se lavaram. Se quiser saber minha opinião, achei um baita de um desperdício, mas não havia jeito de limpar a dupla.

— Todos têm sido tão gentis — disse Snook. — E Camelin nos contou como ele salvou Charkle. Foi tão corajoso...

Norris meneou a cabeça.

— Vai ser maravilhoso reencontrar nosso irmão. Camelin disse que ele agora é um morcego porque assim pode voar por aí sem ninguém saber que é um dragonete. Acha que Nora vai nos deixar morar aqui? Talvez pudesse nos transformar em morcegos também.

— Claro que sim, e tenho certeza de que Charkle vai ficar superfeliz em rever vocês. Assim que eles voltarem, vocês vão poder recuperar a liberdade.

Motley pigarreou alto.

— Não está se esquecendo de alguma coisa, Jack? Avisamos que temos notícias desesperadoras, desesperadoras de verdade. É preciso cuidar logo do assunto, sabe?

— Sinto muito. O que houve?

Motley aproximou-se das lanternas.

— Esses dois têm informações confidenciais valiosas, mas não são nada boas, não mesmo.

Jack olhou primeiro os dragonetes e depois voltou a fitar Motley. Finalmente, observou o restante dos membros da Guarda Noturna. Todos permaneciam calados.

— Será que alguém pode explicar o que está acontecendo?

— É terrível demais para contar — retrucou Motley e logo correu para junto dos outros ratos, e sentou-se ao lado de Raggs.

Jack olhou para os dragonetes.

— Camelin nos perguntou sobre o monstro, entende, o trem... — começou Snook. — Ele corre do cume de Stonytop até as profundezas da Montanha Prateada, mas não tem motor, desce correndo pelos túneis até parar no terminal final.

— Mas como ele sobe de novo se não tem motor?

— Menino esperto, menino esperto — interrompeu Motley.

Norris suspirou antes de continuar.

— O último vagão é uma gaiola cheia do que os Spriggans chamam de *puxadores*. Depois que todos os passageiros saltam, eles os atrelam à parte de trás do último vagão para que levem o trem de volta ao topo da outra encosta.

Jack tentou visualizar a distância entre a Montanha Prateada e os penhascos.

— É uma distância e tanto para rebocar um trem. Qual o tamanho dos puxadores?

Snook olhou de soslaio para Motley antes de responder.

— Os puxadores são ratos, ratos fortes. Os ratos pequenos e os fracos vão para os *engolidores*.

Fergus e Berry ofegaram, e os outros membros da Guarda Noturna se encolheram.

— Que horror! — exclamou Jack. — Precisamos ajudá-los.

— Não me diga que vamos voltar à Montanha Prateada hoje de novo! — grasnou Camelin.

— Não, hoje não, mas podem ter certeza de que, quando Nora voltar, vai descobrir um jeito de salvá-los. Como você disse, Motley, Norris e Snook têm um monte de informações confidenciais valiosas. Aposto que juntos conseguiremos ajudar os ratos.

— Espere até ouvir por que o trem estava cheio de Hags — gargalhou Camelin.

Jack lançou-lhe um olhar de reprovação. Não parecia correto rir quando os ratos se sentiam tão chateados. Jack fitou os dragonetes.

— Eu esqueci sobre as bruxas — disse Timmery. — Tinha um monte no trem que vimos.

— Nos últimos dois dias, várias Hags têm ido para a Montanha Prateada — explicou Norris. — O trem tem subido e descido de hora em hora. São dois vagões de passageiros, sendo que o último é onde ficam os...

— Sim, sim, sim, já sabemos do que o último vagão está lotado — interrompeu Motley. — Então, quantas bruxas descem dos penhascos de cada vez? — perguntou Jack.

— Oito — coaxou Saige saltitante, surgindo de seu esconderijo atrás do porta-guarda-chuvas de Nora.

— Gostaria que ela não fizesse isso — reclamou Camelin. — Nunca se sabe quando ou onde ela vai aparecer.

Jack fez um cálculo rápido.

— Isso dá um bocado de bruxas. Achei que não gostassem de companhia. Por que visitariam os Spriggans?

— Para o banquete em que iam nos assar, o Banquete sem Velas — explicou Norris. — Estão celebrando o fato de não precisarem mais de velas.

Snook tirou algo do fundo da lanterna e o passou pelas grades para Jack.

— Todos os túneis principais agora têm isso. Por causa das novas luzes, não precisam mais de nós. Elas nunca apagam, são diferentes das velas.

Jack pegou o cristal. Parecia familiar, mas não conseguia se lembrar de onde vira algo semelhante, além, é claro, dos túneis dentro da Montanha Prateada.

— E as Hags?

— Fazem parte do coro — disse Norris. — Vão cantar no banquete. Já ouvimos um ensaio. O barulho é assustador.

Jack se perguntou o que diriam os pequenos dragonetes se ouvissem Camelin cantar, mas não era hora de mencionar o assunto, porque, afinal, ele também fora um fracasso no ensaio da escola.

— Se vão organizar um banquete, por que não usaram vocês dois para ajudar a acender o fogo da churrasqueira? — perguntou Jack.

— Porque não precisavam — respondeu Snook. — Eles têm um forno de churrasco na caverna grande na base da montanha. Qual seria a nossa utilidade se eles têm um dragonar nas profundezas da Montanha Prateada?

— Você quer dizer que a lenda é verdadeira? Existe mesmo um dragão grande nas profundezas de Montanha Prateada? — perguntou Jack, animado. — Então esse dragão deve ser O Grandão a quem os Spriggans se referiam.

Norris aquiesceu e balançou as asas até se sentir confortável.

— Ele era conhecido no Morro Uivante, mas isso já faz muito tempo. Quando os Spriggans capturaram o dragonar, ele ficava rugindo e batendo as patas. A montanha inteira tremia. Uma vez, ouvi um dos Spriggans rir e dizer que ele mantinha os *curiosos* afastados. Ele se referia às pessoas.

— Ou aos Bogies — sugeriu Camelin.

Norris e Snook se entreolharam.

— Um Bogie se mudou para lá faz pouco tempo. Em geral, eles não permitem a entrada de Bogies, mas este traz um monte de objetos que troca por ouro. Foi ele que mostrou onde conseguir os cristais — explicou Snook. — Eles o chamam de Cara de Porco pelas costas.

— Sabemos quem é; o nome dele é Pyecroft — disse Jack. — Já fizemos negócios com ele.

— Ele tem dado um bocado de ordens ultimamente, e muitos Spriggans não gostam dele — explicou Norris.

— Gostaria de saber se Peabody conhece o novo endereço do irmão — disse Jack.

Motley pigarreou para atrair a atenção de todos.

— Podge, apresente seu relatório, fale agora para que todos possam ouvir.

O rato mais gorducho, de pelo mais escuro e de rabo mais comprido se levantou. Deu uns dois passos à frente de Jack antes de falar.

— Venho vigiando a área a noroeste da Casa Ewell, normalmente chamada de Floresta de Newton Gill. Não tenho nada suspeito a relatar. Peabody está trancado em casa faz semanas e nunca deixou a floresta. Também não recebeu visitas.

Jack acenou para Podge antes de se dirigir aos membros da Guarda Noturna.

— Sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer hoje à noite. Preciso ir embora agora. Vamos ter de esperar Nora voltar. Ela vai saber como agir, mas prometo ajudar a salvar os ratos da Montanha Prateada.

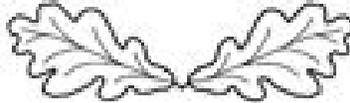
Camelin deixou escapar um alto suspiro.

— Suponho que isso signifique que eu também vou ajudar.

Jack abriu um sorriso.

— Suponho que sim, mas isso vai ser mole para um corvo corajoso como você.

Camelin não respondeu, o que era de se admirar. Jack se levantou. Deteve-se diante da porta da cozinha. Todos acenaram em despedida, à exceção de Camelin. Jack caminhou sozinho até a cerca viva. Pouco se importava se Camelin estava aborrecido com ele. Assim, ao menos teria uma noite serena de sono. Jack correu de volta à casa do avô.





NOVIDADES DE ANNWN

Jack acordou com os raios de sol penetrando pelas cortinas abertas. Estava tão cansado que se esquecera de fechá-las antes de pegar no sono. Lembrou-se de ter dito ao avô que precisava dormir cedo e de ter deitado na cama, mas isso fora na noite anterior e já amanhecera. Verificou o relógio. Quase seis horas. O avô já devia estar de pé há pelo menos uma hora. Não tivera tempo, nos últimos dois dias, para parar e pensar. Tudo acontecera rápido demais. Não sabia se Nora e Charkle haviam voltado. Nesse caso, já estariam a par de que Norris e Snook se encontravam a salvo. Jack sorriu. Gostaria de ter visto a cara de Charkle ao reencontrar os irmãos. Foi até a janela e contemplou as árvores que cercavam a Casa Ewell. Perdeu-se em pensamentos por alguns segundos e se preparava para voltar para a cama quando um guincho alto e esganiçado acima de sua cabeça o fez olhar para cima.

— Timmery?

Jack buscou a varinha e voltou à janela a tempo de ver um rabo comprido com uma extremidade pontuda desenrolada do morcego virado de cabeça para baixo.

— Charkle! Quando você voltou? Já...

— Vim agradecer, agradecer do fundo do meu coração. Meus irmãos também enviam seus agradecimentos.

— Você precisa agradecer a Camelin, a Timmery e também ao Dorysk. Sem eles, eu não teria conseguido salvar Norris e Snook. Já teve oportunidade de conversar com seus irmãos?

— Não muito, voltamos hoje ao alvorecer. Nora soltou Norris e Snook das lanternas, e eles dormiram. Não quis que eu os perturbasse. Disse que ainda teremos muito tempo para bater papo, mas eu não consegui me conter e resolvi vir agradecer. Nora deixou, desde que eu não acordasse você, porque devia estar exausto. Ela já está a par de todos os detalhes sobre o resgate e de como todos foram tão valentes. Como todo mundo está dormindo, vim esperar você se levantar.

— Foi a versão de Camelin sobre o resgate que Nora ouviu?

— Em parte, mas Timmery também estava lá, bem como o pessoal da Guarda Noturna, então Nora sabe de tudo o que aconteceu desde que viajou. Eu não pude acreditar quando vi Norris e Snook sobre a mesa. Muito, mas muito obrigado mesmo, Jack Brenin, você tem sido um amigão.

Jack não sabia o que dizer. Não queria mudar de assunto, mas precisava desesperadamente de notícias de Elan.

— E quais as novidades de Annwn? — perguntou do modo mais descompromissado possível.

— Ah, Jack, eles estão enfrentando um problemão terrível. Tão sério que nem mesmo Nora, Elan, Gwillam e todo o Conselho Sagrado podem solucionar.

— Que tipo de problema?

— Daqueles desesperadores. Nora me convocou para tentar fazer um buraco naquela camada de gelo que sela a frente das Cavernas do Repouso Eterno. Lembra aquela vez que entramos em Annwn e fomos ver as cavernas?

Jack fez que sim com a cabeça.

— Não entendo. Por que precisam de um buraco no gelo?

— Gwillam tem se correspondido telepaticamente com Mortarn, o Guardião das Cavernas. A maioria dos druidas deseja acordar para ajudar a rainha a pôr Annwn nos eixos. Gwillam conseguiu um encontro entre os membros do Conselho Sagrado, e eles realizaram a cerimônia do despertar.

— Cerimônia do despertar? Mas são muitos druidas para acordar de uma só vez.

— Usam o ritual para acordar primeiro o Guardião. Então, ele acende o cristal grande em formato de diamante, que é a chave para as cavernas, e desmancha o gelo que sela a entrada. Uma vez aberta a caverna, os druidas podem ser acordados. Os que quiserem partir saem, e os que preferirem voltar a dormir permanecem lá, e a caverna volta a ser lacrada. O Guardião jamais pode deixar as cavernas. Tem de ficar lá para sempre.

— Entendi, mas isso não explica o motivo para você precisar fazer um furo no gelo.

— Quando o Conselho Sagrado chegou à entrada da caverna, estava tão escuro lá dentro que eles mal conseguiam enxergar. Não conseguiram acordar o Guardião, e nada do que fizeram foi suficiente para destrancar a entrada. Estão todos muito preocupados. Algo terrível deve ter acontecido para a luz apagar.

— Por isso Nora partiu para Annwn com tanta pressa?

— Isso mesmo. Elan tentou ajudar, mas nenhuma de suas mágicas foi forte o bastante. Achou que, se todos tentassem juntos, conseguiriam ao menos fazer um furo no gelo para um pouco de ar entrar.

— Mas não tem bastante ar dentro da caverna?

— Tinha quando os cristais funcionavam direito. Eles não apenas fornecem luz, mas também mantêm os druidas vivos. Sem a luz dos cristais, a caverna vai se transformar em túmulo. Por isso Nora precisou de mim para tentar derreter o gelo. Mesmo um buraquinho ajudaria, mas foi impossível. O selo mágico é forte demais. A não ser que Mortarn acorde e gire a chave de cristal, todos os druidas adormecidos dentro das cavernas morrerão.

— Isso é terrível. Acha que se você for com Norris e Snook conseguirão derreter o gelo? Melhor três dragões cuspidos fogo ao mesmo tempo do que um só.

— Já dei essa sugestão a Nora hoje de manhã, mas ela disse que vamos precisar de um dragão bem maior.

— Eu sei onde podemos encontrar um dragão maior.

— Presumo que se refira ao que mora na Montanha Prateada.

— Isso mesmo. Nora já sabe?

— Agora, sim. Vai esperar Norris e Snook acordarem para obter mais informações confidenciais. Camelin não se mostrou nada satisfeito quando Timmery sugeriu salvar o dragão, mas Nora pareceu achar uma boa ideia.

— Salvar um dragão. — Jack deu uma gargalhada. — Antigamente costumava ser o contrário. Cavaleiros lutavam com o dragão para salvar a princesa. Nunca ouvi nenhuma história sobre salvar dragões.

— Ah, claro que já. Nós, dragonetes, fomos salvos e seremos gratos para sempre.

— Vamos torcer para o dragão grandão também ficar grato. Não vai ser fácil. Eu li no livro de Nora sobre dragões que os dragonares são famosos pelo mau humor. Parece que iam logo assando as pessoas, sem nem se preocupar em perguntar nada. Eram grandes fãs de churrasco de humanos.

— Mas não assavam outro dragão.

— Como sabe?

— Um dragão pode sentir o cheiro de outro dragão a quilômetros de distância. Lembra que eu disse que sentia o bafo do dragão na Montanha

Prateada mesmo com a porta trancada?

— Bafo de Dragão! Eu ajudei a fazer um caldeirão cheio disso para Nora. Ela disse que precisaríamos de toda a ajuda que conseguíssemos se fôssemos procurar dragões, mas achei que ela se referisse a dragonetes.

— Isso mesmo, mas também funciona para dragões grandes.

Jack ficou tonto e se sentou na cama. Lera tudo sobre dragonares, então sabia com quem estariam lidando. Nora também sabia. Se dependiam da poção que ele preparara para protegê-los do dragão na Montanha Prateada, esperava ter feito tudo certinho, caso contrário, estariam em maus lençóis. Charkle entrou no quarto de Jack e voou ao redor de sua cabeça.

— Está passando bem? Não parece bem.

— Estou bem, mas preciso me arrumar. A apresentação é hoje à tarde. Espero que Nora não tenha se esquecido. Queria muito que ela fosse, mas sei que anda muito ocupada.

Antes que Charkle pudesse responder, o despertador do avô começou a tocar. Charkle deu um último voo em círculo sobre a cabeça de Jack antes de se dirigir para a janela aberta.

— Vemos você depois, Jack.

— Até logo.

A cabeça de Jack girava. Precisava se concentrar na apresentação. Dragões e druidas teriam de esperar até mais tarde, mas, por mais que tentasse, não conseguia afastá-los do pensamento. Uma batida na porta do quarto o fez estremecer.

— Ah, ainda bem que já se levantou — disse o avô, enfiando a cabeça pelo vão da porta. — Trouxe sua camisa branca e a gravata-borboleta para a apresentação. Cuidado para não se sujar. Agora desça e tome seu café da manhã antes de se arrumar.

— Desço num minuto — disse Jack.

Precisava de um instante para firmar as pernas.



Jack sentia o estômago revirar ao sair do hall da escola à frente dos outros participantes do coro rumo ao palco montado sob as árvores, na parte mais afastada do campo. Manteve a coluna ereta, como a professora recomendara, e, apesar do nervosismo, caminhou com andar confiante. O ensaio final fora um desastre, e o medo de não ser capaz de cantar bem o preocupava terrivelmente. Quando passou pela primeira fileira de convidados, viu o avô. O sorriso em seu rosto foi de grande ajuda, e o aceno reconfortante fez Jack se sentir bem melhor, mas o assento onde Nora deveria estar continuava vazio. Jack queria muito que ela viesse, mas compreendia os motivos que a levavam a não assistir à apresentação. Observou as árvores, mas tampouco viu sinal de Camelin.

Quando todos do coro se sentaram, os membros da orquestra chegaram e se posicionaram na frente deles. A diretora subiu ao palco e deu as boas-vindas aos convidados. Em seguida, bateu três vezes com a batuta no porta-partitura, assinalando a hora de começar. A orquestra tocou quatro peças. Jack sabia que faltava apenas uma antes de chegar sua vez. Cantaria sozinho no início. Começou a suar por baixo da gola. Não estava acostumado a usar gravata-borboleta, mas não poderia afrouxá-la. Tinham sido instruídos a não mexer na gravata. Quando a plateia aplaudiu a apresentação da orquestra, Jack viu Nora chegar. Ocupou o assento ao lado do avô e lançou a Jack o sorriso mais carinhoso que ele recebera nos últimos tempos. Pelo canto do olho, na árvore perto do portão da escola, viu Camelin e, ao lado, quatro passarinhos. Ao olhar melhor, viu um quinto passarinho se aproximar e pousar ao lado dos demais. Agora Jack sabia que daria o melhor de si, pois cantaria para os amigos. Queria que as Gnarles da Floresta de Newton Gill e as dríades também o ouvissem.

Uma vez cessados os aplausos, o coro se levantou. Jack deu um passo à frente. A primeira nota soou perfeita, e o som de sua voz elevou-se, claro como um sino em direção à floresta. Sabia que as árvores o ouviam; podia ver os galhos se movendo, apesar de não haver brisa. Cantou o melhor que pôde para todos os amigos e, ao chegar à última nota, foi tomado por uma imensa sensação de orgulho que vinha de dentro do coração. Pela primeira vez, fizera algo especial sozinho, sem magia e sem contar com a ajuda de Nora. Os aplausos eram ensurdecedores. A professora precisou esperar todos pararem de aplaudir para dar prosseguimento à apresentação. Jack cantou como nunca antes. Foi uma sensação maravilhosa.

A apresentação terminou com a orquestra e o coro, bem como os outros estudantes, cantando juntos. Grande parte do público também cantou. A diretora agradeceu a presença de todos, e Jack conduziu o coro de volta ao hall onde receberam outra salva de palmas. Mal podia esperar para encontrar Nora. Tão logo foram dispensados, correu ao encontro do avô, mas Nora não estava mais lá. Olhou para a árvore. Camelin e os outros passarinhos também haviam desaparecido. Tentou disfarçar seu desapontamento para o avô.

— O senhor gostou? — perguntou.

— Se gostei? Eu adorei, você cantou lindamente. Eu disse que daria tudo certo, não disse?

Jack aquiesceu. O coração batia acelerado, e ele não sabia dizer se era em consequência da corrida ou da excitação.

— Nora também gostou da apresentação?

— Claro que sim. Ela nos convidou para o chá. Eu vou tomar uma xícara, mas preciso voltar e começar a regar as plantas. Você pode ficar, se quiser, e, se ainda estiver com fome, jantamos mais tarde.

— Puxa, vai ser muito bom — disse Jack.

A tarde estava linda e cruzaram em silêncio a pequena distância que os separava da casa de Nora. Jack não parava de pensar. Sabia que Camelin não

ficaria satisfeito por não poder participar do chá. Afinal, não poderia sentar à mesa com o avô de Jack presente. Tinha tantas perguntas para Nora, mas elas também teriam de esperar até ficarem a sós.



— Você demorou um bocado — resmungou Camelin quando Jack conseguiu ir para a cozinha. — Espero que tenha guardado um pouco para mim.

— Sobrou muita comida — disse Nora. — Pode se servir.

Por um instante, Camelin pareceu chocado.

— Quer dizer que eu posso comer o que bem entender, na ordem que eu escolher?

— Pode, mas só hoje. Não se esqueça dos modos; ouvi dizer que deixou a educação um pouco de lado durante a minha ausência.

Camelin não respondeu, ocupado demais em separar os sanduíches de queijo.

Nora voltou-se para Jack.

— Sabe como nos sentimos agradecidos, não sabe? Você foi muito corajoso.

Camelin levantou a cabeça.

— Eu também fui corajoso.

— Assim como o Dorysk e Timmery — acrescentou Jack.

Nora sorriu em concordância.

— Todos demonstraram grande coragem, mas não deviam ter feito tudo sozinhos. Sinto muito por ter demorado tanto. Acredito que Charkle já tenha explicado o problema que enfrentamos em Annwn.

Nora se calou e, pensativa, fitou a xícara.

— Tive uma longa conversa com Norris e Snook. Eles conhecem como a palma das patas os túneis da Montanha Prateada. Precisamos de um plano para salvar o dragão. Um dragão adulto, capaz de soltar fogo pelas narinas, certamente conseguirá derreter e fazer um buraco na camada de gelo.

— Não quero voar de novo para a Montanha Prateada — resmungou Camelin.

— Não vai precisar voar. Da próxima vez, levo todo mundo de carro.

— Acho que talvez o dragão seja grande demais para entrar no carro — comentou Jack.

Nora riu.

— Não estava pensando em trazê-lo para cá, mas, pelo que soube, temos também uns ratos para salvar. Vamos precisar de toda ajuda que conseguirmos.

— Não poderíamos ter salvado Norris e Snook sem o Dorysk, e ele prometeu voltar a nos ajudar quando fosse preciso — comunicou Jack.

— Ajudar você — corrigiu Camelin.

— Não — disse uma voz familiar do pátio —, ele vai ajudar a todos nós.

— Elan! — exclamou Jack. — Não sabia que tinha voltado.

— Estive buscando ajuda para a missão de resgate na Montanha Prateada. Tive uma conversa bem interessante com o Dorysk. Ele vai nos encontrar aqui, hoje à noite. Sente-se muito grato a Jack pela ajuda.

Jack sentiu as bochechas enrubescerem.

— Não foi nada — murmurou.

— Você foi genial hoje à tarde. Adorei seu solo — elogiou Elan.

— Mas como você ouviu?

— Não viu cinco passarinhos sentados com Camelin?

Jack meneou a cabeça.

— Nora usou um feitiço de transformação temporário. Os dragonetes e Timmery foram transformados em pardais, e o quinto era eu! Eu não perderia seu solo por nada nesse mundo.

— Fico muito feliz em saber. Nunca cantei tão bem.

— As dríades também ficaram impressionadas. Fui visitá-las hoje à tarde.

Camelin pigarreou.

— Não acha que devíamos estar bolando um plano?

Nora começou a tirar a mesa.

— Tem razão, mas graças a Jack conseguimos proteção.

— Graças a Jack, graças a Jack. Tudo é sempre graças a Jack. E as coisas corajosas que eu faço?

— Pelo que ouvi, você se recusou a ajudar Jack a preparar a poção. Se tivesse ajudado, eu agradeceria a você também — retrucou Nora. — Sem Jack, não teríamos um caldeirão cheio de Bafo de Dragão. Isso nos protegerá de sermos tostados.

À menção da poção, Camelin deu uma pirueta e começou a tossir e a se engasgar.

— Prefiro ser tostado a tomar o que tem dentro daquele caldeirão.

Nora e Elan começaram a rir. Jack também caiu na risada.

— Posso saber qual é a graça? Logo logo vão parar de rir quando cheirarem aquela porcaria.

— Não é para beber! Jack preparou um xampu, vamos passar a poção no cabelo e deixar secar. Depois a gente lava. Jack pode ajudar você a tirar o xampu das penas no banho quando voltarmos.

Camelin sacudiu as asas com ar irritado. Jack deduziu que ele não gostava de banho.

— Você faz ideia do motivo de as luzes terem apagado dentro das cavernas? — perguntou Jack.

— Não mesmo, o cristal mágico é a magia mais poderosa que existe, não deveria falhar. Parece até que os cristais não estão mais lá — comentou Elan.

Jack sentiu um calafrio na espinha. Num relance, se deu conta do motivo de ter achado o cristal que retirara do túnel na Montanha Prateada

tão familiar. Levantou-se depressa e olhou ao redor da cozinha. Tinha de estar ali em algum lugar. Todos o fitaram curiosos.

— O que houve? — perguntou Nora.

Jack voltou-se para Camelin.

— Onde está a luz que eu trouxe da Montanha Prateada?

— No meu sótão. Onde queria que estivesse?

— Que luz é essa, Jack? — indagou Elan.

— Parece um cristal, e acho que sei onde vi uma parecida antes.

— Melhor subir para pegar — disse Nora. — Precisamos ver essa luz.

Camelin não demonstrou a menor pressa. Arrastou os pés até a porta antes de alçar voo em direção ao sótão. Jack esperava estar enganado, mas, quando Camelin voltou e deixou cair o cristal sobre a mesa, uma luz suave brilhou no centro.

Nora estendeu a mão e o segurou.

— Nossa! Veja, Elan, é igual. Como os Spriggans conseguiram este cristal?

Jack engoliu em seco.

— Quase todos os túneis na Montanha Prateada estão iluminados pelos cristais. Por isso planejavam o Banquete sem Velas. Não precisam mais de velas porque agora têm cristais.

Nora observou a pedra com atenção antes de se pronunciar.

— Tem alguém por trás dessa história. Os Spriggans não teriam armado isso sozinhos.

Jack lembrou-se da conversa com Snook.

— Alguém que eles apelidaram de Cara de Porco tem a ver com as luzes. Parece que é o chefe e foi ele quem organizou o banquete. Só pode ser Pyecroft.

Nora começou a andar de um lado para o outro.

— A situação é mais séria do que eu supunha. Como alguém conseguiu penetrar a caverna? Seria preciso entrar pelo Portal Oeste, pois os outros três

ainda não foram abertos.

— Quatro — coaxou Saige.

Todos olharam a rãzinha saltitando pela cozinha. Elan delicadamente a pegou no colo.

— Quantos portais de entrada existem em Annwn?

— Cinco — coaxou Saige.

— Ela nunca se engana — alertou Camelin.

— Eu sei — comentou Nora. — Isso muda tudo.

Elan parecia chocada.

— Por que nunca ouvimos falar antes de um quinto portal? Precisamos descobrir onde fica e impedir o roubo de outros cristais, caso contrário nunca seremos capazes de despertar os druidas. Graças ao poder dos cristais, eles se mantêm vivos. Se roubarem mais cristais, nenhum dos druidas conseguirá deixar as Cavernas.

— Isso quer dizer que não precisamos salvar o dragão? — perguntou Camelin.

— Nada disso — retrucou Nora. — Não podemos deixar o coitadinho cativo. Além disso, não temos muito tempo. Precisamos recolher os cristais e devolvê-los às Cavernas do Repouso Eterno o mais rápido possível. A maneira mais rápida seria através da camada de gelo. Ainda temos que encontrar a entrada para o quinto portal, e essa não é uma missão fácil. Quem está roubando os cristais obviamente sabe onde fica. Antes de mais nada, devemos fazer umas perguntinhas a Pyecroft.

— Ele não vai querer falar com você — disse Camelin, dando uma gargalhada.

Nora franziu o cenho.

— Isso não tem a menor graça. Vamos à Montanha Prateada capturá-lo.

— Caça ao Bogie desprevenido! — grasnou Camelin.

— Exatamente — concordou Nora. — E não temos escolha, tem de ser hoje à noite.





INFILTRAÇÃO

— Preciso examinar isso direitinho — disse Nora, pegando o mapa e desdobrando-o em cima da mesa da cozinha. — Montanha Prateada, Montanha Mirtilo, abrigo de Westwood e, acima, a Cordilheira Stonytop.

Jack lembrou-se da sensação experimentada quando vira os penhascos pela primeira vez, e um arrepio percorreu-lhe a espinha. Só de olhar o mapa, ficava com os pelos da nuca arrepiados.

— Esse lugar é enorme. Como vamos encontrar a entrada?

— Não precisa se preocupar com isso, Jack, descobriremos hoje à noite — respondeu Nora.

— Quer dizer que eu não posso ir com vocês? Mas eu quero ajudar. Se formos agora, posso estar de volta antes da hora de ir para casa. Vovô não está me esperando tão cedo.

— Não tenho certeza de que vai gostar do que tenho em mente.

Camelin pareceu preocupado.

— Eu preciso ir?

Elan o fitou, o cenho franzido.

— Vamos todos. Concordo com Jack. Se formos agora, podemos chegar lá antes de o Banquete sem Velas começar.

Jack abriu um sorriso agradecido para Elan.

— Se eu avisar o vovô de que talvez me atrase um pouco, posso mudar de roupa e aproveito para pegar minha varinha.

— Ótima ideia. Quando voltar, estaremos todos prontos para partir.

Mal ela começara a frase, Jack já se pusera de pé e se dirigia para a porta do pátio.



— Caramba, que rapidez! — grasnou Camelin quando Jack atravessou a cerca viva.

— Fui e voltei correndo.

— Vai se arrepender quando descobrir o que estão planejando.

— Seja o que for, pelo menos não precisamos ir e voltar voando.

— Vamos disfarçados. De Hags, aquelas bruxas.

— De bruxas?!

— Sabia que ia gostar. Nora disse que, quando descobrirmos a entrada, podemos fingir que nos atrasamos para o coro. Quem estiver tomando conta da plataforma não vai se preocupar com quatro bruxas. Vão nos deixar entrar no trem, e o bom é que, se formos todos juntos, ninguém mais vai conseguir entrar no mesmo vagão.

— Brilhante ideia.

— Você acha?

— Claro, ninguém vai suspeitar de nada.

— Por acaso não está se esquecendo de alguma coisa? Não só vamos ter de ficar iguais às bruxas, mas vamos ter de feder igual a elas também.

— É?

— É.

— Não tinha pensado nisso.

— Deixa de bobagem; a gente acaba se acostumando.

Jack seguiu Camelin de volta para casa. Ouvia o som de vozes estridentes ao se aproximarem da cozinha. O pessoal da Guarda Noturna encontrava-se à mesa conversando animadamente entre si. A sala ficou em silêncio à entrada de Jack.

— Bem — avisou Nora —, vamos começar. Norris e Snook me contaram tudo o que sabem sobre o Banquete sem Velas. Vai ocorrer no salão principal, localizado mais ou menos no meio da montanha. O aposento do Bogie fica um nível abaixo. Precisamos encontrar Pyecroft e enfiá-lo no trem antes que vá para o banquete.

— Mas o condutor não vai desconfiar se voltarmos para o trem antes de o banquete começar? — perguntou Jack.

— Não tem condutor — explicou Nora. — Quando o trem chega à parte mais baixa da montanha, os ratos são obrigados a empurrá-lo trem de volta até o alto para deixá-lo preparado para a próxima viagem.

— Quer dizer que não tem um trem para tomar na volta — resmungou Camelin. — Não me diga que vamos ter de andar até lá em cima.

— Não se preocupe, estamos providenciando tudo — comentou Elan.

Motley tossiu e ficou em posição de sentido.

— Posso resumir o que disse para o pessoal da Guarda Noturna?

Nora concordou. Jack sorriu quando os outros ratos se colocaram em posição de sentido. Motley andou de um lado para o outro umas duas vezes diante deles antes de dar início ao discurso.

— Como sabem, Nora e eu tivemos uma importantíssima reunião. Importantíssima. Hoje partiremos numa missão vital. Vital. Vamos nos

infiltrar nas fileiras das pobres criaturas capturadas.

Fergus e Berry se entreolharam.

— Nós também vamos? — perguntou Berry.

Motley sorriu, mas Fergus e Berry não pareciam muito contentes.

— Contamos com todos os membros da Guarda Noturna. Nora vai providenciar para que a gaiola não seja trancada de novo e, enquanto o trem estiver em movimento, nós, da Guarda Noturna, trocaremos de lugar com oito dos cativos.

— Quer dizer que vamos ter de empurrar o trem até o alto da montanha e ficar lá? — guinchou Fergus.

Nora sorriu.

— Não se preocupe. Acho que podemos usar um tiquinho de magia para fazer o trem subir sozinho até o topo da montanha. Só vão precisar empurrar da plataforma até o próximo nível. Fiquem à nossa espera, nos encontraremos depois de capturar Pyecroft. Quando voltarmos para a Casa Ewell, aí então vamos interrogá-lo. Cientes do que está acontecendo, voltamos e resgatamos os ratos e o dragão.

— Está preparado? — perguntou Elan a Jack. — Vamos precisar que os dois sofram uma transformação temporária antes de partirmos. Nora e eu podemos nos transformar ao chegar lá.

Nora repousou a mão no *Livro de Sombras*. De imediato, o livro se abriu, e as páginas viraram depressa até encontrarem o feitiço correto. Nora leu as palavras em voz baixa antes de pegar a varinha.

— Prontos?

— Prontos — responderam Jack e Camelin.

— *Covertos... diminutos... vetula* — pronunciou Nora, apontando a varinha na direção de Jack.

Ele imediatamente se dobrou, e o corpo começou a encolher a uma velocidade vertiginosa. Ao atingir a mesma altura de Camelin, o nariz começou a crescer. Olhou fascinado as mãos se transformarem. Logo viu os

dedos ficarem compridos e ossudos e garras longas substituïrem as unhas. Os cabelos pretos e roxos desceram pelos ombros até o chão. Nora se virou e apontou a varinha para Camelin.

— *Converto... vetula...*

Camelin não encolheu. O bico ficou do mesmo comprimento, mas se transformou em nariz. As penas desapareceram sob o grande volume de cabelo roxo e preto a lhe cobrir o corpo.

— Onde estão meus braços? — grasnou Camelin, sacudindo as asas.

— Lamento que tenha de se virar assim, é apenas um feitiço de disfarce temporário. Não consigo fazer aparecerem braços — explicou Nora.

Camelin olhava, desapontado.

— Se tenho pés, pelo menos seria natural ter braços.

— Posso lhe dar uma verruga — disse Jack, fitando Nora. — Tenho permissão?

— Você tem decorado feitiços, hein?

— Tive muito tempo livre quando fiquei com catapora.

— Que tipo de verruga? — perguntou Camelin.

— Está bem, vá em frente, quanto mais autênticas parecermos, melhor — afirmou Nora.

Jack apanhou a varinha e imaginou uma grande verruga com um pelo bem no centro. Visualizou-a em seu nariz e repetiu a palavra que decorara. A verruga surgiu do nada.

— Uau! — exclamou Camelin excitado. — Eu quero uma verruga, mas com três pelos.

Jack apontou a varinha para o nariz de Camelin, e logo surgiu uma verruga com três pelos compridos bem no meio, espetados em ângulos diferentes.

Camelin aproximou-se do espelho arrastando os pés.

— Uma verruga com três pelos! Obrigadão, Jack.

— Muito convincente — confirmou Nora. — Agora acho melhor irmos embora, se estivermos todos prontos.

Motley conduziu o pessoal da Guarda Noturna para fora da cozinha, e marcharam na direção da garagem atrás de Nora e de Camelin. Elan recolheu alguns sacos antes de, ao lado de Jack, seguir os demais.

— E o cheiro de bruxa? — perguntou Jack.

Elan soltou uma gargalhada.

— Acrescentaremos esse detalhe no último instante, depois que eu e Nora nos metamorfosarmos. Melhor do que andar de carro sentindo aquele fedor.

Jack achou boa a ideia. Pelo que lembrava, o fedor das Hags era nojento. Pior só a poção que ele preparara.



Nora estacionou o carro o mais próximo possível dos penhascos. Jack ergueu o olhar para a Cordilheira Stonytop. Não parecia tão ameaçadora quanto da primeira vez.

— Todo mundo pronto? — perguntou Nora.

— Prontos — responderam todos.

Os ratos saíram em disparada e, de repente, Jack já não conseguiu enxergar nenhum. A subida não era muito íngreme, porém os fragmentos pontiagudos da rocha espalhados pelo caminho lhe machucaram os pés. Jack se lembrou da canção que Timmery lhe ensinara. Seriam essas pedras estilhaçadas resultado da explosão das rochas? Estariam sendo observados? Jack estremeceu só de pensar e olhou ao redor. Esse trecho da colina era coberto de urzes e arbustos de pequeno porte. Jack reconheceu os mirtilos e viu Camelin espichar os olhos para as frutas com água na boca.

A paisagem foi mudando à medida que subiam. Pedras rochosas formavam saliências na encosta. Os estranhos formatos faziam Jack pensar em Finnola Fytche. Ainda bem que Nora e Elan o acompanhavam. Não demoraram a alcançar o topo. Rochedos íngremes, de todos os formatos e tamanhos, estendiam-se pela cordilheira. Os últimos raios de sol cobriram as rochas, iluminando-as. Jack fez a curva devagar em um círculo. Dali, enxergava quilômetros e quilômetros de paisagem, para onde quer que se virasse. Reconheceu a Montanha Prateada, a Montanha Mirtilo e o abrigo de Westwood, e a distância, no horizonte, outra paisagem familiar.

— Lá longe é a Colina de Glasruhen? — perguntou a Nora.

— É, sim, mas hoje não temos tempo de ficar admirando a paisagem. Temos de encontrar a entrada.

Elan soltou um assobio baixo e demorado, e os ratos aproximaram-se dela saltitantes.

— Viram alguma coisa que se pareça com uma entrada? — perguntou.

— Nada a relatar — anunciou Motley.

— Vamos demorar horas se tivermos de procurar. Esse lugar é muito grande — resmungou Camelin.

— O que exatamente estamos procurando? — perguntou Jack.

— Boa pergunta — respondeu Nora. — Na verdade, não sabemos direito. Alguma coisa não muito grande, mas também não muito pequena; um caminho secreto para dentro da encosta. Talvez uma porta, um túnel oculto ou até mesmo uma rocha fora do comum, daquelas que abrem ao serem tocadas. Melhor nos separarmos. Quanto antes descobrirmos a entrada, melhor.

Jack e a Guarda Noturna começaram a pesquisar a área do lado esquerdo, Nora e Elan, do direito. Quando Jack ergueu o rosto, Camelin parecia não procurar nada. Dirigia-se a uma rocha em formato de cadeira.

Era difícil tentar achar alguma coisa com tantos cabelos atrapalhando. Olhou na direção das rochas onde vira Camelin pela última vez, mas ele

desaparecera. Quem sabe tinha ido para o outro lado? Jack sentiu um calafrio na espinha. Algo de muito errado acontecia. Foi até a rocha de aparência estranha e chamou Camelin. Não o encontrou em parte alguma. Nervoso e apreensivo, avisou Nora e Elan aos gritos:

— Camelin sumiu! Estava aqui faz um minuto e agora não sei onde foi parar.

Nora e Elan correram para junto de Jack, seguidas pelos ratos. Detiveram-se e olharam a rocha.

— Esse lugar é chamado de Cadeira do Diabo, é mencionado numa antiga canção — disse Nora, pensativa.

*Sente-se na Cadeira do Diabo. Na cadeira
quero ver quem se atreve a se sentar.
Aviso que muito cuidado deve tomar,
pois num instante pode virar poeira.*

— Será? — indagou Elan. — Talvez não seja só uma canção tola.

— Devo tentar? — perguntou Jack.

— Melhor eu experimentar — disse Nora.

Todos prenderam a respiração quando Nora se sentou na rocha. Nada aconteceu, a não ser uma lufada de ar gelada vinda não se sabe de onde, que fez os cabelos compridos cobrirem o rosto de Jack. Tão rápido quanto veio, a ventania sumiu. Reinava o silêncio, à exceção de um som estranho. Não era o vento; parecia vir de algum ponto debaixo dos pés de Jack.

— Vocês estão ouvindo?

Definitivamente, um rumor abafado se ouvia debaixo da terra.

— Camelin! Cadê você?

— Estou sentindo cheiro de enxofre — disse Nora, farejando o ar em torno da rocha.

De posse da varinha, apontou-a para a cadeira.

— *Cardea* — ordenou.

Jack esperou que uma fenda surgisse na rocha e revelasse uma entrada, porém nada aconteceu.

— Permita-nos — disse Motley, liderando a Guarda Noturna para o assento. — Se tiver alguma coisa, nós descobriremos.

Os ratos subiram pela cadeira e começaram a explorar as saliências e reentrâncias da rocha com as patas da frente e o focinho. Tão logo Motley uniu-se a eles, a rocha se inclinou.

— Cuidado! — berrou Nora quando a Cadeira do Diabo se abriu, arrastando os ratos pela fresta.

Foi tudo rápido demais. Num minuto, estavam todos lá e, no seguinte, tinham desaparecido. Sobressaltado, Jack deu um pulo quando a rocha voltou à antiga posição com uma pancada retumbante.

— Puxa, nunca poderia imaginar — disse Nora. — Acho que descobrimos o jeito de entrar.

— Mas por que não funcionou quando você se sentou? — perguntou Jack.

— Deve funcionar para alguém do tamanho e peso de uma Hag. Quando Motley se uniu aos outros, o peso extra provavelmente acionou a balança. Suspeito de que, se o pé encostar no chão, o mecanismo não funciona. Acho que chegou a hora da metamorfose.

Nora e Elan uniram as mãos sobre as cabeças e começaram a rodopiar em movimento descendente. Quando pararam, duas grotescas Hags encontravam-se perto de Jack.

— Agora, o toque final — disse Nora com voz esganiçada, entregando um frasquinho a Jack. — Passe um pouco disso atrás de suas orelhas.

Tão logo abriu a tampa, o cheiro de ovo podre e lixeira suja impregnou o ar. Ele prendeu a respiração e molhou o dedo na boca da garrafa, esfregando o líquido fedorento atrás das orelhas. Nora e Elan repetiram o gesto.

— Faremos isso em Camelin depois que entrarmos — disse Elan. — Já sei que vai reclamar um bocado. Ele, pelo menos, não vai precisar fingir mau humor. Nesse sentido, ele é uma Hag muito convincente. Eu vou primeiro, caso haja algum problema.

Elan escalou as rochas e subiu no assento. Tão logo se instalou, a rocha se inclinou.

— Sua vez — avisou Nora.

Jack se preparou para o tombo, mas, quando a rocha se inclinou, a queda foi baixa.

— Você demorou — resmungou Camelin, acrescentando: — Eca! Como você fede!

Nora escorregou e caiu a seus pés. Camelin não teve tempo de dizer mais nada. Num piscar de olhos, Nora tirou o frasco e espalhou generosas quantidades do líquido debaixo do queixo de Camelin.

O corvo disfarçado de bruxa a encarou emburrado.

— E agora, para que lado vamos? — perguntou Nora, observando as duas aberturas na rocha.

Motley apontou para a da direita.

— As plataformas ficam no fim do túnel. Já exploramos um pouquinho.

— Que bom, isso nos poupou tempo.

Elan entregou um saco a Nora.

— Estão prontos? — perguntou ao abri-lo.

— Prontíssimos — respondeu Motley.

Jack viu quatro membros da Guarda Noturna pularem dentro da sacola que Nora mantinha aberta, e os outros quatro ratinhos entraram na de Elan. Uma vez escondidos, Nora e Elan penduraram cuidadosamente os sacos no ombro.

— Aguentem firme — avisou Nora.

O túnel não era muito comprido. No fim, havia sido cavada na rocha uma pequenina plataforma. Perto dela, um trem miúdo com três vagões. Os

dois primeiros tinham assentos e o último, uma gaiola grande cheia de ratos. Jack notou a tristeza dos bichinhos, imaginando há quanto tempo deviam estar presos. Teve vontade de ir até lá e acalmá-los, dizer que tudo ficaria bem, mas sabia que uma bruxa jamais agiria assim. Seus pensamentos foram interrompidos por uma vozinha alta e esganiçada.

— O que cês tão fazendo aí? Num deviam está no salão?

Jack viu um Spriggan velho preso a um elo de ferro na parede. Seria ele um prisioneiro também? Então se lembrou de que todos os Spriggans precisavam estar presos ou cresceriam em proporções gigantescas. Nora começou a resmungar com a criatura de voz estridente.

— Não deu para chegar a noite passada, tive de vir com calma, lá fora já está claro, não queria ser vista, precisei esperar até a barra ficar limpa. Estamos com pressa, precisamos subir a bordo.

O velho Spriggan balançou a cabeça e resmungou entre os dentes antes de abrir a porta do primeiro vagão.

— Isso não vai dar certo, mas não vai mesmo — resmungou Elan. — Vou passar mal se sentar na frente, abra a outra porta.

Mais ranger de dentes e resmungos enquanto o Spriggan fechava a porta do primeiro vagão com estrondo e abria a segunda. Eles se empurraram e se acotovelaram para disputar quem seria o primeiro a entrar no vagão. Passou pela cabeça de Jack que Camelin talvez não estivesse fingindo. Uma vez sentados, o guarda Spriggan hesitou antes de fechar a porta.

— Tem o que nesses saco?

— Presentes para o Chefe Knuckle — disse Elan.

— Então vamo que vamo — guinchou, contornando a frente do trem e começando a puxar uma corda.

O velho Spriggan devia ser um bocado forte. Conseguiu deslocar a pedra grande que brecava a roda da frente do trem. Uma vez livre da pedra, o trem começou a se mover. A princípio, desceu devagar, num suave movimento. Um súbito declive deixou Jack com o estômago embrulhado.

Bateu com a cabeça nas costas do assento e estendeu a mão em busca de um lugar para se apoiar. O trem agora descia a todo o vapor pelos túneis. Fazia curvas e acelerava em solavancos, ganhando cada vez mais velocidade. Jack ficou enjoado ao balançar de um lado para o outro. Passavam voando por entradas de túnel e por diversas plataformas, mas o trem não parava, apenas movia-se ruidosa e rapidamente rumo ao seu destino.

— Uau! — berrou Camelin. — Que barato!

Jack se sentia enjoado demais para responder. Mal podia esperar que o trem parasse e ele voltasse a pôr os pés em terra firme.

— Já devemos estar chegando — berrou Elan.

Ela tinha razão. O túnel começou a se estabilizar e, enquanto passavam por uma comprida reta, o trem começou a desacelerar. Jack esperava que parasse devagar; então, totalmente desprevenido, assustou-se com o súbito sacolejo quando os para-choques dianteiros se chocaram contra uma parede sólida. Dois Spriggans amarrados apressaram-se na direção do vagão.

— Num távamos esperando mais nenhuma de vocês.

— Estamos atrasadas — resmungou Nora, saltando do vagão. — Precisamos nos apressar.

Jack, Camelin e Elan a seguiram. Os dois Spriggans não deram mais atenção a elas, ocupados em descer e atrelar os ratos na parte traseira do trem.

Jack torcia para que não demorassem a localizar o Bogie. Fazia muito calor dentro da encosta, calor demais, e ele já estava meio enjoado. Atravessaram o único túnel. Nora fez um muxoxo de desaprovação ao ver os cristais que iluminavam as paredes. O brilho suave facilitava encontrarem o caminho. Elan abriu o saco que carregava. Jack esperava ver os ratos pularem, mas a sacola estava vazia.

— Podemos pegar os cristais conforme avançamos — disse ela. — Camelin, se conseguir retirá-los, nós os pegamos.

Camelin voou e cutucou todos os cristais encontrados pelo caminho. Os cristais caíram na terra macia do túnel, e Jack e Elan se encarregaram de pegá-los. Uma vez no fim do túnel, Elan enrolou a parte de cima da sacola e a pendurou no ombro.

— Andem — disse Nora —, já devemos estar perto. Vejo umas portas daqui. Vamos procurar o Bogie!





PENETRAS

Jack achou difícil descer pelo túnel. Tropeçava nos cabelos compridos. Camelin também não se saía muito bem. Jack pelo menos tinha braços para afastar os cabelos do rosto, mas o pobre Camelin só tinha asas e mal conseguia enxergar para onde ia. Jack ficou se perguntando como encontrariam o Bogie. Observou Nora encostar o ouvido em todas as portas antes de usar o narigão comprido de bruxa para checar os buracos das fechaduras. Nenhuma das portas era muito grande, mas uma era diferente da outra. A meio caminho do túnel, Nora se deteve diante de uma porta marrom desbotada e apontou para uma placa pendurada na maçaneta.

— É aqui — sussurrou. — Olhem!

Uma mensagem tinha sido rabiscada em letras maiúsculas num pedaço de cartolina amarrotada: NÃO PERTURBEM.

Elan colou a orelha à porta.

— Tem alguém lá dentro, estou ouvindo movimento.

Nora voltou-se para Jack e Camelin.

— Voltem até o fim do túnel e fiquem de vigia. Elan e eu colocaremos o Bogie dentro da sacola e depois sairemos daqui.

Nem Jack nem Camelin falaram enquanto voltavam pelo túnel. Ao chegarem à extremidade, ficaram um de costas para o outro olhando as trevas. Jack ouvia o lento progresso do trem ao ser empurrado num dos outros túneis. Em breve, chegaria ao nível deles. Tudo corria conforme o planejado até que, de repente, uma porta se abriu atrás deles. Não tiveram tempo nem de se virar. Jack foi agarrado pelo pescoço. Viu Camelin ser pego também, mas não conseguia enxergar quem os segurava.

— Escapando ou se escondendo? — perguntou uma voz ríspida.

Nem Jack nem Camelin pronunciaram uma palavra.

— Então devem estar se escondendo. Muita gente vai ficar insatisfeita se a gente não começar na hora. Vamos até o salão principal. O ensaio vai começar.

Jack engoliu em seco. A última coisa que esperava era cantar em outro coro tão cedo, em especial num coro de Hags. Não teriam tempo para avisar Elan ou Nora. Ficariam preocupadas com ele. Talvez, depois de umas duas músicas, fossem liberados... Voltou a se preocupar ao serem arrastados por vários túneis. Como encontrariam o caminho de volta para a plataforma?

Jack conseguiu dar uma espiada no captor. Não era uma Hag nem um Spriggan. Era diferente de todas as criaturas que já vira. Embora tivesse braços e pernas, sua cara era coberta de penas prateadas; o nariz em formato de bico e os olhos vermelhos chamejantes a faziam parecer uma coruja enfurecida. Jack e Camelin de repente foram atirados dentro de um aposento enorme. No cômodo, uma comprida mesa no centro cercada de bancos, cadeiras e banquetas. Chifres de veados pendurados em correntes no teto, cobertos de velas, balançavam devagar para frente e para trás. A luz suave das velas cobria a caverna de sombras.

— Para lá — sibilou a criatura —, vão se juntar às outras pra gente começar.

Quando Jack se virou, teve uma visão inacreditável. Nas sombras, um grupo de bruxas de todos os tipos e tamanhos. Muitas se empurravam para ficar na frente, mas não gritavam. Todas sussurravam. Jack acenou para o homem-coruja.

— O que é isso? — perguntou para Camelin num sussurro.

— Um Draygull. Não me diga que não sabe o que é um Draygull.

— Não, não sei, mas, seja o que for, não parece muito simpático.

— E não é.

— Precisamos escapar daqui.

— Eu sei, mas, por enquanto, não temos opção. Não dá para sair como quem não quer nada.

O Draygull tirou uma vareta comprida e começou a bater com força na lateral de uma base de metal. Todos no aposento se calaram.

— Melhor cantarem direito. É o ensaio final... — De repente, o Draygull parou de falar e bateu de novo com a vareta na barra de metal. — Chega! — guinchou bem alto na direção da última fileira, onde começara uma briga. Esperou com a vareta no ar até as bruxas sossegarem. — Melhorou. Agora vamos começar. Nossa primeira música será *As Criaturas das Profundezas*.

— Conhece? — perguntou Jack a Camelin.

— Não, e você?

Jack nem teve chance de responder. O som mais apavorante que já ouvira encheu o aposento, ecoando nas paredes, e durou o que pareceu uma eternidade. Tanto Jack quanto Camelin abriam e fechavam a boca. Jack esperava que produzissem os movimentos certos. O bater da vareta na barra de metal determinou o fim da cantoria. O cheiro de churrasco penetrou o grande aposento.

— Oooh! — cantarolou o Draygull. — O Chefe Knuckle vai adorar. Música para os ouvidos! Parabéns. Vão cantar durante o banquete, que começará em breve, então é melhor comerem agora. Encontrarão a refeição de vocês nas mesas no fundo da sala. Nada de perambular por aí depois de

comer e tratem de não se sujarem. Ah!, e nada de puxar ou arrancar os cabelos umas das outras. Queremos estar o máximo para o Chefe Knuckle, não é?

Jack teve vontade de rir. Nenhuma das bruxas, incluindo ele e Camelin, parecia limpa ou arrumada. Saíram todas correndo para os fundos da sala. Camelin já se preparava para segui-las, mas Jack emburrou a cara e o arrastou de volta. Não tinham tempo a perder.

— Precisamos ir embora agora, antes que o banquete comece.

— Mas ele disse que a gente podia comer.

— Se você for lá comer, vai acabar preso aqui. Além do mais, você não tem mãos para pegar nada, lembre-se. Não sei se o nosso disfarce continuará sendo bom o bastante depois que o banquete começar. Olhe só aquilo!

Jack acenou na direção da extremidade do salão. Luzes tinham sido dispostas em todos os espaços disponíveis. Dois grupos de Spriggans acendiam as velas. Ao terminarem, o salão acabaria incandescente de luz. Jack observou os Spriggans indo e vindo da lareira, carregando velas finas. Pelo menos, demorariam um tempão até acenderem todas.

— Precisamos ir embora. Sabe por onde entramos?

Jack se virou. Tinham entrado por um dos túneis do lado oposto ao local onde o coro se apresentava, mas qual?

— Psiu! — chamou uma vozinha no ouvido de Jack. — Siga-me.

Uma pequenina mariposa de óculos voou ao redor da cabeça de Jack.

— Camelin, veja. É o Dorysk!

— O que está fazendo aqui?

— Resgatando vocês dois. Andem logo, não temos tempo a perder.

A mariposinha manteve-se oculta nas sombras. Jack e Camelin fizeram o possível para não serem vistos enquanto seguiam o Dorysk. Por fim, ele se deteve e voou em torno de uma das entradas.

— Por aqui.

Jack e Camelin encontraram dificuldade em acompanhar a mariposinha por causa das pernas curtas. Ela os conduziu por um emaranhado de túneis. Um túnel curto e escuro desembocou em uma plataforma iluminada, onde havia um trem estacionado. A porta do segundo vagão estava aberta. Jack viu Elan e Nora no primeiro, e um saco pesado amarrado com corda no assento em frente. Pularam para o vagão. Assim que Jack fechou a porta, o trem se moveu. Passaram por túneis a toda velocidade. Jack sabia que os ratos contavam com a ajuda dos poderes mágicos de Nora.

— Como nos encontraram entre todas aquelas bruxas? — perguntou Jack ao Dorysk, que já tinha se transformado e voltado a seu antigo formato espinhento.

— Fácil! Localizei uma com três pelos espetados na verruga. E a bruxa educada ao lado de Camelin só podia ser você.

Camelin resmungou algo que Jack não conseguiu decifrar.

— Somos muito gratos a você. Poderíamos ter ficado lá embaixo para sempre tentando descobrir a saída.

Um ratinho marrom subiu no assento em frente ao de Jack.

— Por favor, deixe que eu me apresente. Whortle, a seu dispor.

O ratinho fez uma reverência para Jack.

— Prazer em conhecê-lo.

— Sou um puxador, ou melhor, era, até um dos Guardas Noturnos trocar de lugar comigo. Tem outros ratos escondidos nos sacos. Tenho uma mensagem de Nora para você. Ela quer que você carregue um dos sacos quando sairmos do trem. Falta pouco.

— Mas ainda nem chegamos perto do topo.

— Não vamos até o topo. Existem plataformas espalhadas por todo o caminho, onde os Spriggans podem saltar, e é numa delas que vamos descer. Agora vou voltar para o saco; já estamos quase lá.

Tão logo Whortle voltou para dentro do saco, Jack o ergueu com cuidado. Percebia o movimento lá dentro ao colocá-lo no banco em frente.

O trem começou a diminuir o ritmo e, de súbito, parou. Todos se amontoaram e correram para uma porta no fim da plataforma. O trem seguiu sua jornada rumo à estação no topo. Jack via Fergus e Berry. Não pareciam muito contentes. Na certa, nunca mais se queixariam de terem sido deixados de lado em missões importantes. Nora retirou a varinha antes de pendurar a sacola no ombro. Esperou até o trem partir.

— Estão todos bem? Ótimo. Melhor não perder tempo; não sabemos quanto tempo vão levar até darem falta do Bogie. Por aqui.

Ao se aproximarem da porta, Nora apontou a varinha e lançou um único clarão de luz na fechadura. A porta se abriu.

— Não existe porta mais fácil de abrir do que a dos Bogies — disse, saindo à luz do dia.

Quando todos tinham passado pela porta, Nora apontou a varinha para a fechadura.

— *Obfirmo* — ordenou.

A porta bateu.

— Isso vai retardar todos os que tentarem nos seguir — explicou Elan. — Vão precisar de um machado para abri-la. Nenhuma chave voltará a abrir essa fechadura.

Jack ergueu o rosto. Estava surpreso, mas aliviado, ao ver que se encontravam no cume da Cordilheira Stonytop. Arbustos altos os escondiam. Viu o carro de Nora através de um espaço vazio entre as folhas. Nora e Elan repousaram os sacos no chão e levantaram os braços. Rodopiaram em movimentos ascendentes e logo suas silhuetas voltaram ao normal.

— Imagino que tenha de esperar chegar em casa para ficar livre desse negócio todo — resmungou Camelin.

— Acertou — concordou Nora. — O feitiço ainda dura um tempo, mas, pelo menos, podemos livrá-lo do fedor.

Elan passou um frasquinho para Jack.

— Umas duas gotas atrás das orelhas já ajudam.

Jack ficou atônito. Em segundos, o fedor asqueroso de Hag se esvaneceu. Elan também passou o líquido atrás das orelhas e deu uma boa esfregada debaixo do queixo de Camelin antes de entregar o frasco a Nora.

— Podemos ir? Tenho um monte de perguntas para nosso visitante antes de dormir.

Ouviram-se um protesto abafado de dentro do saco acomodado na grama e um bocado de sacolejos. Nora ignorou as reclamações ao colocar Pyecroft de pé e conduzi-lo ao carro.

— Posso saber o que fazia lá? — perguntou Camelin ao Dorysk.

— Um trabalho importante para Nora — respondeu antes de lhe dar as costas e seguir Elan.

Camelin foi à frente, arrastando os pés. Jack se perguntou se o menino-corvo tentaria obter mais informações do Dorysk, mas duvidava que ele obtivesse êxito. Voltou com Elan para o carro.

— Estávamos preocupados com vocês — comentou Elan.

— *Eu* estava preocupado conosco! Não gostei nada daquele Draygull. Ele me assustou.

— Foi uma boa ideia usar o cheiro de bruxa. Draygulls têm um olfato apuradíssimo e detestam humanos.

— Mas eles não devem ter boa audição. Você precisava ouvir o coro de Hags. Nunca ouvi nada tão horripilante.

— Aposto que o Chefe Knuckle vai adorar, mas não vai ficar tão contente ao descobrir que teve penetras à noite.

— Tem uma coisa que não entendo: quando estávamos no salão principal, a caverna inteirinha estava lotada de velas. Todo mundo chama a festa de Banquete sem Velas. Isso não faz sentido.

— Norris e Snook nos explicaram. Hoje à noite, os Spriggans comemoram a chegada da nova fonte de luz. Vão gastar todas as velas guardadas. O banquete continua até a última chama arder.

— Entendo; vão ficar *sem velas* quando todas apagarem.

Nora apanhou o saco da mão de Jack e o abriu para os ratos poderem sair.

— Todo mundo pronto? — perguntou.

Em pouco tempo, todos tinham se acomodado no carro e pegaram o caminho para Glasruhen.



Nora entrou na garagem quando a última luz do sol poente desapareceu na Colina de Glasruhen.

— Melhor transformar logo você para que possa voltar para casa — disse Nora.

— Eu primeiro — grasnou Camelin, empurrando Jack.

— Pode transformar Camelin primeiro — disse Jack.

— Não posso, apliquei nele um feitiço de disfarce temporário diferente do seu. Daqui a pouco o efeito passa.

Camelin resmungou bem alto antes de sair se arrastando, os ombros curvados, na direção da casa.

— De manhã ele já vai estar em boa forma — disse Elan. — Amanhã nos encontramos depois da aula. Espero que, a essa altura, a gente saiba exatamente o que está acontecendo. Pronto, vou levar Pyecroft para dentro enquanto Nora transforma você.

Jack observou Elan conduzir Pyecroft para a cozinha. Oito ratos rodopiavam em torno dos pés de Nora. Jack reconheceu Whortle quando ele ficou de pé nas patas traseiras.

— Como podemos agradecer? Somos tão gratos.

Nora sorriu.

— Quando Motley voltar, ele resolve esse assunto. Se tiverem família, levamos vocês de volta para casa. Caso contrário, ficaremos muito felizes se decidirem morar aqui.

Whortle enxugou uma lágrima no olho.

— Achei que íamos terminar nossos dias naqueles túneis, como muitos antes de nós.

— Vocês estão a salvo, sintam-se em casa — disse Nora aos ratos antes de se virar para Jack.

— Pronto?

— Pronto.

Apesar de ter se preparado, o solavanco o fez saltar. O corpo começou a esticar e a crescer enquanto o nariz encolhia e voltava ao tamanho normal. Observou os dedos finos parecidos com garras e as unhas compridas desaparecerem aos poucos. Afinal, suas costas ficaram retas e o corpo voltou ao antigo formato.

— Não sei se quero voltar a ser Hag de novo.

— Acho que ninguém quer. Agora, trate de se livrar da verruga e vá para casa. Já está ficando tarde. Mando uma mensagem se surgir alguma novidade.

Jack precisou ficar vesgo para ver o pelo comprido espetado na ponta do nariz.

— Por que não sumiu na transformação? — perguntou a Nora.

— O feitiço foi seu, então quem tem de desfazê-lo é você — explicou.

Jack apanhou a varinha e fechou os olhos. Concentrou-se na visão de um nariz sem verruga. Um estalido o avisou de que ela se fora.

— Muito bem — cumprimentou Nora. — Em breve, não vai mais precisar de varinha para esse tipo de magia.

Jack não entendeu direito; achava que precisaria da varinha para qualquer tipo de magia. Quis pedir explicações a Nora sobre o que ela acabara de dizer, mas já estava ficando tarde, e precisava voltar para casa.

Jack foi para a casa do avô correndo. Era bom voltar a ser menino. Gostaria de ter ficado para ouvir as informações que o Bogie tinha sobre as Cavernas do Repouso Eterno e os cristais roubados, mas sabia que não lhe restava outra opção senão esperar. Estava muito feliz por Nora e Elan estarem de volta, embora por pouco tempo. Sabia que elas precisariam voltar a Annwn para salvar os druidas. Também se sentia feliz por não ter de voltar para a Montanha Prateada de novo tão cedo. Ao alcançar os fundos do jardim do avô, parou de supetão. Depois de tantas aventuras, esquecera-se por completo do outro dragão da Montanha Prateada, O Grandão, e do pessoal da Guarda Noturna que ficara lá dentro. Se quisesse ajudar a resgatá-los, teria de voltar, e em breve.





O DIA DOS MAUS PRESSÁGIOS

O último dia de aula de Jack parecia não terminar. A professora prometera que brincariam um pouco e, embora ele tivesse gostado dos jogos e das competições, mal podia esperar o fim do dia. A mente andava ocupada com pensamentos a respeito do estranho homem com aparência de coruja que Camelin chamara de Draygull. O dragão grande que precisavam resgatar também era motivo de preocupação. Sabia que não seria fácil, mas era algo imprescindível, caso quisessem ajudar os druidas.

Depois do almoço começou a refletir sobre a tarefa importante da qual Nora encarregara o Dorysk e, por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar nos três dragonetes. Conversara rapidamente com eles depois do resgate, mas desde então não os vira mais. De súbito, Jack se deu conta de que todas as coisas nas quais pensava começavam com a letra “D”. Devia ser um presságio. Até espalhara geleia de damasco na torrada enquanto o avô lhe contava sobre suas dalias duplas. O que Camelin teria a dizer quando lhe contasse?

Foi um alívio quando afinal chegou o horário da saída. Entraria para o ensino médio depois das férias e não estava muito ansioso por isso. Queria voltar para casa o mais rápido possível, mas, com tantas coisas para carregar, não conseguia correr. Ficou um bocado feliz ao ver o avô à sua espera no portão da escola.

— Passe para mim algumas coisas. Achei que ia precisar de uma mãozinha.

— Obrigado — agradeceu Jack, tentando descobrir a melhor forma de pedir ao avô para ir à Casa Ewell.

— Hoje recebi uma visita. Sua amiga Elan foi lá em casa.

— Ela está bem?

— Está. Sabia que todos da Casa Ewell foram convidados para um churrasco hoje à noite? Ela queria saber se você também gostaria de ir.

— E eu posso?

— Pode, mas, como expliquei a Elan, a Exposição de Flores do Condado vai ser no domingo. Amanhã de manhã, preciso acordar muito cedo para ajudar a armar a barraca. Você se importa de passar a noite na casa de Nora? Assim não preciso esperar você chegar.

— Eu adoraria — respondeu Jack, tentando conter a animação.

— O churrasco é só mais tarde, então vamos comer uns donuts com uma xícara de chá antes de você sair.

— Donuts!

— Você não gosta de donuts?

— Adoro, só fiquei surpreso.



— Vejo o senhor amanhã de noite — despediu-se Jack.

— Volto assim que tivermos terminado — disse vovô —, mas desconfio de que vamos demorar. Divirta-se!

Jack virou-se e acenou ao chegar à abertura na cerca viva. Sentiu um calafrio na espinha. As folhas roçaram em suas pernas e quase o puxaram para a sebe, como se ansiassem que ele se pusesse rápido a caminho. Aproximando-se da Casa Ewell, testou a memória tentando se lembrar de tudo o que lera no livro *Curiosidades sobre dragões*, de Nora. Ela não o teria emprestado se não julgasse importante. Mal podia esperar para ouvir o que elas haviam planejado. O resgate teria de ser hoje à noite. O churrasco devia ser uma desculpa para ele passar a noite lá.

Jack ficou meio desapontado ao entrar no jardim. Esperava encontrar Camelin à sua espera, mas o espaço se encontrava vazio. Tanto no herbário quanto na cozinha também não havia ninguém.

— Oi, tem alguém aí? — chamou do pátio.

— Aqui na biblioteca — respondeu Elan. — Venha. Deixe sua mochila aí. Depois você leva para o quarto; temos assuntos importantes a discutir.

Jack apanhou a varinha e dirigiu-se à biblioteca. Ao entrar, deu de cara com Pycroft sentado perto da janela aberta. Não parecia nada satisfeito. As pernas estavam amarradas na cadeira pela hera, que invadia o aposento pela janela e se enroscava também em sua cintura e em seus braços. Sobre a mesa, uma grande folha, na qual Nora escrevia, uma pilha de livros perto dos vários rolos de papel e o livro *Curiosidades sobre dragões* aberto.

— Temos um problema — explicou Nora. — Nosso amigo aqui tem sido muito prestativo, mas receio que as notícias sejam péssimas.

Pycroft começou a se debater ao ouvir a palavra *amigo*. Outro broto de hera entrou pela janela e se enroscou em seu peito. Nora olhou o Bogie e suspirou.

— Quanto mais tentar se desvencilhar, vai ser pior. Além do mais, depois do que nos disse, não acredito que tenha pressa em voltar para a Montanha Prateada.

O Bogie parou de se debater e olhou de cara feia para Nora, mas não disse uma palavra.

— Que péssimas notícias?

Nora fez sinal para que ele se sentasse na cadeira perto de Elan.

— Parece que, afinal de contas, Pycroft não está no comando, quem está é O Grandão.

— Isso não faz sentido. Como o dragão grandalhão pode ser chefe de alguma coisa se é prisioneiro? — indagou Jack.

— O Grandão não é o dragão. Na verdade, O Grandão enganou todo mundo, fingindo que pode se transformar em vespa quando bem entender e dar uma ferroada neles na hora que tiver vontade.

Jack engasgou.

— Quer dizer que Velindur está na Montanha Prateada?

— Acertou na mosca. Por isso não tivemos mais notícias dele. Parece que entrou na montanha pelo buraco da fechadura de uma das portas. Quando o feitiço da transformação terminou, logo impôs a sua presença. Até a chegada de Velindur, Pycroft andava fazendo uns negócios com os Spriggans em troca de um lugar para morar. Agora, ao que tudo indica, virou criado do Grandão.

Jack fitou Pycroft. Podia ver as pernas se sacudindo embaixo da hera. Velindur devia ter assustado muito o Bogie.

— Então, foi assim que Pycroft descobriu sobre os cristais? Foi Velindur quem contou?

Elan aquiesceu e respirou fundo antes de falar.

— Se eu tivesse conseguido voltar antes para Annwn, nada disso teria acontecido. Receio que Velindur tenha se aproveitado de sua posição ao ocupar o trono. Na biblioteca do palácio, tem muitos livros antigos, que contêm todos os segredos de Annwn. O conhecimento é algo muito poderoso, sobretudo quando não se tem o dom da magia. Suspeito de que Velindur tenha aprendido tudo o que podia ao longo dos anos e agora está

em situação melhor do que a nossa. Não acredito que tenha ido parar na Montanha Prateada por acaso. Acho que essa era sua intenção desde o início.

— Mas por quê? — perguntou Jack.

Nora começou a tamborilar na mesa com a varinha.

— Lembra-se da história sobre o Morro Uivante?

— Lembro, sim. Timmery desconfiou de que não fosse apenas uma lenda.

— Achamos que Velindur deve ter chegado à mesma conclusão. Provavelmente sabia há tempos que o dragão que mora na Montanha Prateada era real. Na história, o dragão guarda um tesouro inestimável, e todos os que tentaram encontrá-lo nunca retornaram. Parece que os dragões construíram sua casa na entrada do túnel que leva ao quinto portal. Não podiam saber que guardavam não apenas um valioso tesouro, mas também uma entrada secreta para Annwn. Velindur sabia a respeito do quinto portal, mas não sobre os demais habitantes da Montanha Prateada. Só nos resta presumir que, ao descobrir que o único dragão sobrevivente estava acorrentado e o portão aberto, decidiu usar o Bogie e os Spriggans para atingir seus objetivos.

— Que eram?! — perguntou Jack.

Elan voltou a suspirar e caminhou até a janela antes de responder.

— Velindur planeja a total destruição dos druidas. Sabe que eles não conseguiriam sobreviver dentro das Cavernas do Repouso Eterno sem a magia proporcionada pelos cristais. Também conhece a localização do quinto portal para Annwn. Aliás, ele sempre soube de tudo isso. Quando jurou vingança, não falava da boca para fora. Sabia exatamente como agir. Deve ter ficado felicíssimo ao descobrir os Spriggans dentro da Montanha Prateada e um idiota disposto a cumprir suas ordens. Pyecroft foi regamente pago para tomar parte na história: ganhou ouro dos Spriggans. Os bobalhões acham que o Bogie descobriu o cristal especialmente para eles.

Parece que não gostam dele, mas se sentem gratos pelas novas luzes. Duvido até de que saibam que fazem parte de um plano maior. Graças a Pyecroft e aos Spriggans, Velindur não precisou mover um dedo para obter vingança, e, se não agirmos rápido, ele vai ter êxito.

Jack não sabia o que dizer. Nora tinha razão; a novidade não era nada boa.

— O que vamos fazer? — perguntou.

Nora apontou o mapa.

— Hoje à noite, resgataremos o dragão. Depois que sairmos da montanha, Elan e eu o levaremos para Annwn pelo Portal Oeste. Veremos se seu bafo flamejante pode derreter a camada de gelo. Conseguiremos salvar os druidas mesmo que ele só abra um burquinho.

Elan balançou a cabeça, concordando.

— Depois de abertas as cavernas, com a ajuda de Cora e de Gwen, poderei devolver os cristais a seus lugares. A magia será refeita, e conseguiremos acordar os druidas que desejam retornar a Annwn. Os que preferirem ficar nas cavernas continuarão a ter seu lugar de repouso eterno.

— Não vai ser fácil recolher todos os cristais — disse Jack —, eles estão espalhados por todos os túneis.

— Engano seu — retrucou Nora —, já conseguimos recuperar quase todos.

— Como?

— Na noite passada, enquanto tentávamos descobrir o esconderijo do Bogie, Charkle, Norris e Snook, junto com o Dorysk, recolheram os cristais — explicou Elan. — Os dragonetes são incrivelmente fortes, apesar do tamanho, e conseguiram voar de volta para cá com os sacos que encheram. Quando, afinal, as velas se apagarem no salão principal, a Montanha Prateada mergulhará na escuridão.

Jack sorriu.

— Que ideia brilhante! Os Spriggans morrem de medo do escuro. Será mais fácil andar pelos túneis quando formos salvar o dragão. Como Camelin e eu podemos ajudar? — Jack olhou ao redor. — Cadê ele? Ainda não vi Camelin desde que cheguei.

Nora riu.

— Está no sótão. Não desceu nem para as refeições. O dia de hoje é conhecido como o Dia dos Maus Presságios, e ele acha que foi amaldiçoado.

Jack ficou tentando imaginar que coisa terrível poderia ter acontecido para Camelin permanecer no sótão o dia inteiro. Só havia um jeito de descobrir.

— Posso ir até lá?

— Claro que pode — respondeu Nora. — Depois que tiver convencido Camelin a descer, contamos o resto de nossos planos para hoje à noite.



— Oi — exclamou Jack ao chegar ao pé da escada que conduzia ao sótão de Camelin.

— Você só pode subir se prometer não rir.

— Rir de quê?

— Fui amaldiçoado. Sabia, quando acordei, que hoje não seria um bom dia, mas não imaginei que pudesse ser tão ruim.

— Nora disse que hoje é o Dia dos Maus Presságios — comentou Jack, enfiando a cabeça pelo buraco que dava para o sótão. — Uau! Fergus e Berry fizeram um trabalho e tanto aqui!

Não havia nada no chão, exceto as duas caminhas de gato confortáveis que Camelin insistia em chamar de cestinhas de corvos e o pufe de Jack. Camelin não estava à vista.

— Fale baixo! Nora acha que eu arrumei tudo.

Jack olhou na direção de onde viera a voz de Camelin e só enxergou uma silhueta escura no canto mais afastado.

— Você conseguiu sua varinha de volta?

— Não.

— Por que está escondido?

— Não aconteceu nada estranho com você hoje?

— Acho que mais cedo. Tudo o que eu pensava começava com a letra “D”.

— Como destino, desastre e destruição?

Jack soltou uma gargalhada.

— Você prometeu não rir. Além do mais, qual é a graça?

— Eu me referia a druidas, dragões, Draygulls, Dorysks, dragonetes, damascos, dalias e donuts!

— Ah! — exclamou Camelin. — Aposto que não tem mais uma verruga no nariz. Acertei?

Quando Camelin saiu das sombras, Jack descobriu o motivo de seu aborrecimento. Viu na ponta do bico a verruga com três pelos. Jack precisou morder os lábios para não cair na gargalhada.

— Isso é castigo, só pode ser — choramingou. — Eu já tive tantos maus presságios hoje que não devia ter ficado surpreso ao dar de cara com a verruga.

— Que tipo de maus presságios? — conseguiu perguntar Jack, controlando o riso.

— Hummm, passar debaixo de uma escada sem me dar conta, por exemplo.

— Onde encontrou uma escada para passar por baixo?

— Eu estava faminto ontem à noite e, depois de passado o efeito do feitiço, saí para um lanchinho. Não sabia que ainda estava com isso no bico. Não foi à toa que me enxotaram.

— Passar debaixo de uma escada não é um mau presságio. Só dizem que dá azar para evitar que as pessoas se machuquem. Afinal, pode cair alguma coisa lá de cima.

— Eu engoli um caroço de cereja, isso também dá azar. Nunca se sabe o que pode acontecer quando se engole um caroço de cereja.

Jack se sentou e beliscou a perna. Lágrimas escorriam pelas bochechas. Sabia que, se não risse, logo acabaria explodindo.

— Você está rindo, não está? Eu não acho a menor graça. E se fosse com você? Como vou conseguir lanche extra de novo com essa aparência?

Jack engoliu em seco e enxugou as lágrimas.

— Posso retirá-la, se quiser.

— Pode mesmo? Verdade? Está falando sério, Jack? Vá pegar a varinha, mas não conte para Nora.

— Não preciso da varinha — disse Jack, concentrando-se e imaginando o bico de Camelin sem a verruga com os três pelos espetados. Um estalido foi a confirmação de que obtivera êxito.

— Pronto, sumiu tudo.

Camelin foi até o espelho, arrastando os pés. Examinou o bico dos dois lados e, em seguida, balançou a cabeça para cima e para baixo.

— Passe a mão no meu bico, Jack, para ver se sumiu mesmo.

Camelin voltou correndo para perto de Jack e deixou que ele esfregasse seu bico.

— Sumiu.

— Uau, Jack. Você é um amigo. Como conseguiu sem a varinha?

— Talvez porque eu tenha colocado a verruga aí.

— Mas, sem uma varinha, é mágica de verdade.

— Sinto muito, foi culpa minha.

— Não se preocupe, você não pediu para ficar obcecado com todas essas coisas que começam com a letra “D”. Eu já disse que hoje é o Dia dos Maus Presságios; nada dá certo.

Jack torcia para não ser verdade. Precisariam de toda a sorte do mundo para não virarem churrasco caso fossem resgatar o dragão naquela noite. De repente, percebeu que *churrasco* tinha sido o jeito de Nora avisar que tentariam resgatar o dragão. Jack engoliu em seco. Falar e ler sobre dragões era uma coisa, mas saber que ficaria cara a cara com um de verdade era assustador.

— Nora pediu para a gente ir até a biblioteca quando você estivesse pronto — avisou Jack.

— Nunca me senti melhor. Achei que fosse passar o resto da vida com aquela verruga.

Camelin arrastou os pés até a janela.

— Vejo você lá embaixo — crocitou ao alçar voo.



Uma vez todos reunidos na biblioteca, inclusive o Dorysk e os dragonetes, Nora tamborilou a varinha para atrair a atenção.

— Hoje penetraremos nas profundezas da Montanha Prateada. Nossa missão será arriscada e perigosa. Vamos tentar resgatar um dos mais destruidores seres do universo. Se a criatura soprar seu fogo daninho em um de nós, acabaremos dolorosamente virando churrasco.

Camelin inclinou a cabeça para o lado e fitou Jack.

— Mais três palavras com D... destruidores, daninho e dolorosamente, nenhuma delas boa!

Nora olhou sério para Camelin antes de continuar.

— Por sorte, Jack preparou uma poção para nós. Se o dragão sentir o cheiro de outro dragão, ficará curioso. Com isso, teremos mais tempo para falar com ele e, com sorte, conquistar sua confiança. A primeira coisa a fazer

é lavar a cabeça com a poção. Charkle, Norris e Snook obviamente não precisam.

— Isso não é justo — resmungou Camelin.

— Eles não precisam — explicou Jack. — Um dragão reconhece o outro pelo bafo. Claro que também consegue diferenciar o tipo de dragão, então quando ele cheirar Charkle, Norris e Snook, vai saber que são dragonetes e não representam ameaça.

— Como você sabe?

— Eu li o livro *Curiosidades sobre dragões*, esqueceu? Eu já disse.

— É verdade? — perguntou Camelin a Nora.

— É, sim.

— Vamos ficar com cheiro de que dragão?

— Vamos todos cheirar a dragonetes. Charkle me deu uma de suas escamas para colocar na poção.

Camelin inclinou-se, cheirou os pequeninos dragonetes e ficou emburrado.

Nora o ignorou e continuou a explicação.

— Este é o plano: Motley e o resto dos membros da Guarda Noturna já estão lá dentro para nos ajudar. Vamos todos de carro para a Cordilheira Stonytop, inclusive Pyecroft.

— Para que vamos levá-lo junto? — resmungou Camelin.

— Ele vai instruir o guarda a liberar o trem para que possamos descer até as profundezas da Montanha Prateada sem sermos vistos por ninguém.

— E acha mesmo que ele vai fazer isso pra gente?

— Libere o trem — disse Pyecroft, mal-humorado.

Todos riram para o Bogie, que voltou a se debater.

— O que acha? — perguntou o Dorysk. — Acha que engano o velho Spriggan?

Camelin ficou de bico aberto.

Nora sorriu.

— Nosso amigo Dorysk é dotado de muitos talentos. Pode imitar a voz de todo mundo.

— Isso não é justo — disse o Dorysk no tom de voz rabugento de Camelin.

— Isso não é justo — resmungou Camelin de volta.

— Os dois já terminaram? — repreendeu Nora. — Lancei um feitiço silenciador em Pycroft. As cavernas estarão imersas na escuridão. Duvido de que o velho Spriggan preste atenção se os lábios de Pycroft estão se mexendo ou não. Uma vez alcançada a parte mais profunda da Montanha Prateada, precisamos seguir na direção oposta da plataforma. Usarei um feitiço para adormecer os dois Spriggans que ficam no fundo da montanha. Os últimos cristais que precisamos recolher estão nas paredes perto da plataforma e não podemos esquecer os que ficam na frente do trem. Motley e os Guardas Noturnos cuidarão disso. Encontraremos o dragão na churrasqueira. Não fica longe da plataforma.

— Churrasqueira! — exclamou Camelin animado.

Norris esvoaçou na direção de Camelin.

— Os Spriggans têm umas varas de metal compridas. Espetam a comida na extremidade e depois estendem a vara para o dragão soprar.

— E por que ele obedece?

— Porque outros três Spriggans dão a volta até o outro lado e o cutucam. O dragão fica zangado e solta fogo pelas narinas.

Camelin deve ter ficado satisfeito com a resposta, pois não perguntou mais nada.

Nora olhou um a um.

— Ninguém é obrigado a ir. Se preferirem, podem ficar.

Ninguém abriu a boca, nem mesmo Camelin.

— Ótimo! Nosso plano é o seguinte: uma vez na caverna do dragão, Norris, Snook e Charkle tentarão se comunicar e persuadi-lo de que nosso objetivo é ajudar. Precisamos descobrir como está preso e se conhece uma

saída. Usarei minha varinha para soltá-lo, e então escapamos. Os dragonetes, Timmery, Camelin e Jack podem voar atrás do dragão. Elan e eu nos transformaremos para poder voar também. O Dorysk e os ratos precisarão subir na cauda do dragão. Ele conseguirá carregá-los para um lugar seguro. Vamos torcer para que se mostre disposto a colaborar. Uma vez fora da Montanha Prateada, rumamos para o Portal de Glasruhen. Entenderam?

Todos aquiesceram.

— Então vamos lavar a cabeça com o xampu. Esfreguem bastante, mas não o retirem — explicou Elan, entregando um frasco pequeno para Jack e para o Dorysk. — Quando entrarmos na Montanha Prateada, já terá secado.

Elan esticou o braço para Camelin.

— Quer ser o primeiro? — perguntou.

Ele saltou e se acomodou no braço de Elan sem responder, mas, uma vez lá, sacudiu as asas e ficou de cara feia.

— Eu passo em você, Timmery — disse Nora.

Antes de deixarem a biblioteca, Elan sorriu para todos.

— Obrigada. Annwn e os druidas serão eternamente gratos.





BAFO DE DRAGÃO

Jack apanhou a mochila e foi para o quarto. Ouvia Camelin resmungando na cozinha enquanto Elan lhe esfregava o xampu nas penas. Jack ergueu o frasco contra a luz e examinou o conteúdo antes de tirar a tampa. O cheiro não era tão ruim quanto antes, mas a cor ainda era verde. A poção não escorreu do frasco quando ele o virou, então sacudiu com força. Uma gosma espessa e verde esparramou-se na mão em concha. Quando começou a esfregá-la nos cabelos, sentiu frio. Tinha um toque esfumaçado e o fez se lembrar de fogos de artifício e fogueiras. Quando se olhou no espelho, deu uma risada. Os cabelos estavam todos verdes e espetados. Lembrou-se da casca de castanha-da-índia ainda verde. A gosma escorria pelo rosto. Já fazia menção de limpar quando teve uma ideia melhor. Esfregou as mãos gosmentas no rosto e espalhou a poção nos braços também. Era como uma camuflagem, ou melhor, uma dragãoflagem.

— Eca! O que você fez? — crocitou Camelin, entrando na biblioteca.

Jack olhou para Camelin. Obviamente ele não tinha se olhado no espelho. Suas sedosas penas pretas cuidadosamente penteadas estavam cobertas de gosma verde. Nora e Elan também estavam estranhas. Todos riram, exceto Camelin e Pyecroft.

— Acho melhor irmos embora — disse Nora. — Agora é torcer para ninguém nos ver.

Camelin preparava-se para levantar voo quando Nora plantou-se diante dele.

— Lamento, mas vai ter de ir andando para a garagem. Nada de voos até a poção secar. Não quero você batendo as asas, e isso inclui você também, Timmery. É para o seu próprio bem.

Camelin arqueou as asas e saiu arrastando os pés na direção da porta.

— Ouçam bem — continuou Nora —, Norris, Charkle e Snook já foram na frente. Jack pode ajudar Elan com Pyecroft. Timmery precisa ir com o Dorysk, e eu dirijo.

— Onde está o Dorysk? — perguntou Jack.

Um sapo verde grande, grande demais para ser Saige, apareceu saltitando.

— Estou pronto quando vocês estiverem — disse o Dorysk. — Achei que era melhor misturar a poção na pele verde. Além disso, não corria risco de o xampu grudar nos meus espinhos.

Timmery subiu nas costas do sapo.

— Prontos? — perguntou Nora.

— Prontos — responderam todos.



Ninguém falou enquanto Nora dirigia pelas estradas sinuosas rumo à Cordilheira Stonytop. O coração de Jack palpitava forte. Será que mais alguém se sentia tão nervoso quanto ele? Lera o livro de Nora e tinha todos os motivos do mundo para estar apreensivo. Dragões podiam ser perigosos. Até mesmo dragonetes, quando ameaçados, e o dragão que tentavam resgatar ficara prisioneiro por muito tempo. Jack achava que ele não seria amigável e não tinha motivos para confiar em nenhum deles. Nora não dissera nada sobre o que aconteceria ao dragão depois de voltarem para Annwn. E se ele os deixasse soltá-lo e depois se recusasse a acompanhar Nora e Elan? Não conseguiriam forçá-lo a ir a lugar algum se não quisesse. Jack torcia para ele se sentir grato por ter sido salvo e se mostrar disposto a colaborar. Infelizmente, não lera nada no livro de Nora sobre dragões de corações generosos. A maioria dos grandões parecia mal-humorada ou malvada, ou as duas coisas ao mesmo tempo. A única coisa de que não se esquecia, algo que o livro deixara bem claro, era que todos os dragões grandes eram ferozes.

Quando Stonytop surgiu, Pyecroft começou a se debater.

— Eu não agiria assim — avisou Elan. — Por acaso quer voltar a ser amarrado?

Pyecroft emitiu um som estranho, um grunhido.

Nora saiu da estrada e estacionou o carro. Antes de saltar, voltou-se e encarou Pyecroft.

— Espero que se comporte ou nunca vou perdoar você. Quando se arrepender de tudo o que fez, venha a meu encontro e eu devolverei sua voz. Até lá, pode ficar com o grunhido; aliás, combina bem com esse nariz.

Pyecroft olhou com raiva para Nora.

— O que vai acontecer quando Velindur encontrar o Bogie? — perguntou Jack.

— Tomara que ache que aos poucos ele está se transformando num porco. Pelo menos assim ele não vai poder contar nada para Velindur.

— Vai, sim — argumentou Jack —, escrevendo.

— Hummm! Deixe-me ver — disse Nora, apontando a varinha para as mãos de Pycroft. Um estalo, um lampejo e as mãos do Bogie se transformaram em patas de porco. — Pronto, assunto resolvido. E então, podemos começar? Acho que já devem estar à nossa espera.

Seguiram em direção ao cume da cordilheira. Obediente, Pycroft caminhava na frente de Nora. De vez em quando, virava-se e olhava desconfiado para a varinha. Jack não tinha dúvidas de que, caso não obedecesse direitinho, Pycroft ganharia cada vez mais características de porcos.

De tênis, Jack achou mais fácil caminhar sobre os pedacinhos de rocha. Num relance, um pensamento o atingiu feito um raio. Tênis! O que aconteceria com os tênis e as roupas quando se transformasse? A última coisa que desejava era precisar voltar para buscá-los. Foi então que também se deu conta de que precisariam ir voando para Glasruhen. De novo.

— Elan — sussurrou para evitar que Nora ouvisse —, como vamos levar nossas coisas para casa? Tipo minhas roupas e meus tênis?

— Não se preocupe, já pensamos nisso. Vamos guardar os últimos cristais dentro de um saco. Tudo o que precisarmos levar de volta pode ir no mesmo saco. Um dos dragonetes pode carregá-lo para Glasruhen. Deixaremos suas roupas perto do Monumento dos Monólitos. Quando se transformar, volte andando para a Casa Ewell. Não teremos tempo de esperar por você no Portal Oeste. Nora e eu precisamos voltar para Annwn o mais rápido possível.

Jack ficou aliviado. Não demorou muito até ver a Cadeira do Diabo lá no alto.

— Hora de se transformar — avisou Nora.

Jack e Camelin encostaram as testas. O lampejo ofuscante derrubou o Bogie de joelhos, e ele balançou a cabeça repetidas vezes. Aproveitando-se do fato de ele estar temporariamente cego, Nora guardou as roupas e os tênis de

Jack no saco antes de ela e Elan erguerem os braços acima das cabeças e começarem a girar em espiral descendente. Jack estava ansioso para ver em que se transformariam. Ficou surpreso quando, uma vez terminado o rodopio, outros dois corvos apareceram. Os três agora estavam iguais a Camelin. A poção de bafo de dragão havia funcionado e deixado as penas verdes espetadas de um jeito esquisito. Timmery esvoaçou e se acomodou nas costas de Nora.

— Agora você — disse Nora ao Dorysk.

Jack observou o Dorysk fechar os olhos e mantê-los apertados. Um estouro seguiu-se, e o Dorysk se transformou numa linda mariposa verde.

— Está pronto? — perguntou Nora a Pyecroft.

O Bogie grunhiu.

Um a um, sentaram-se na Cadeira do Diabo e desapareceram dentro da encosta da montanha. Nora foi a última a descer.

— Turma, vamos salvar o dragão — disse ela antes de prender o cabo da varinha no bico e puxá-la de debaixo da asa. — Só falta um detalhe para tornar isso tudo um pouquinho mais convincente.

Do nada, uma corda se enroscou em torno do pescoço de Camelin, depois do de Jack, do de Elan e, finalmente, do de Nora. A extremidade foi parar na pata do Bogie. Ela voltou a esconder a varinha, e eles seguiram em seu passo arrastado até o fim da plataforma.

O velho Spriggan dormia e acordou sobressaltado.

— Tão fazendo o que aqui? Num deviam tá no banquete?

— Mais comida para o churrasco — respondeu o Dorysk por Pyecroft.

— Mandaram trazer algo especial para o Chefe Knuckle.

— Tô achando eles meio esquisitos. Nunca vi pássaros verdes tão grandes antes.

— Não pediram algo especial? Pois vão ter algo especial. Já pinguei gordura neles, agora é só levá-los para assar — respondeu o Dorysk.

Pyecroft adicionou um grunhido e uns gemidos, mas o velho Spriggan nem pareceu notar. Já abrira a porta do primeiro vagão.

— Vamo lá, minha gente, pode se espremer.

— Solte o trem — gritou o Dorysk.

A pedra grande rangeu quando o Spriggan a afastou da roda. O trem começou a rodar. Estavam a caminho. Jack se preparou para a súbita guinada. Nem foi tão ruim, pois sabia o que esperar. Notou o quanto Camelin curtia a descida. Os quatro estavam espremidos no assento, então não sacolejavam tanto. Pyecroft não teve tanta sorte; sentado sozinho no banco da frente, foi atirado de um lado a outro, enquanto o trem acelerava pelos túneis. Quando a velocidade começou a reduzir, Jack soube que chegavam ao fim da viagem. Preparou-se para a súbita pancada quando o para-choque do trem mais uma vez bateu na rocha. Pyecroft, despreparado para o solavanco, foi atirado ao chão do vagão. Olhou de cara feia para o Spriggan que veio abrir a porta.

— Que confusão é essa? Tô achando esses pássaro verde meio estranho.

— Comida para o churrasco — respondeu o Dorysk.

— Então é pelo lado de lá. Tu mesmo abre a porta — disse o Spriggan para Pyecroft.

Tão logo o Spriggan deu as costas, Nora puxou a varinha.

— *Somnus* — sussurrou.

O Spriggan cambaleou e se estatelou na plataforma. Antes de chegar ao chão, já roncava. O outro Spriggan no qual o primeiro estava amarrado sentiu o tranco e rapidamente se virou. Nora voltou a apontar a varinha. O segundo girou numa pirueta, aterrissou com a cabeça no peito do outro e logo começou a roncar bem alto.

Assim que Nora saltou do trem, colocou as asas sobre a cabeça e Elan fez o mesmo. Giraram em espiral ascendente e se transformaram, voltando à forma usual.

— Agora é sua vez, Jack — recomendou Nora —, vai ser mais fácil se tiver mãos.

Elan abriu o saco e retirou as coisas de Jack.

— Podem virar de costas, por favor? — pediu Jack.

Nora e Elan deram-lhe as costas para que se metamorfoseasse.

— Pronto, podem virar — anunciou.

— Ótimo — disse Nora, voltando-se para Pyecroft. — Aqui nos separamos. Lembre-se do que eu disse. Se quiser voltar a ser como era, precisa se arrepender e mudar de comportamento.

Pyecroft grunhiu e pulou do trem. Ao alcançar a plataforma, Nora apontou a varinha para as costas dele. Caiu duro no chão, juntando-se aos dois Spriggans adormecidos.

— Vão demorar horas para acordar. Até lá, já estaremos longe — disse Nora, abrindo a gaiola e deixando os ratos saírem.

Motley foi o primeiro a saltar e assumiu sua posição na dianteira da Guarda Noturna. Os outros ratos formaram fileiras atrás dele.

— Todos presentes, em ordem, devidamente instruídos e prontos para a ação — anunciou.

Jack procurou Fergus e Berry. Eles não pareciam nada prontos para a ação.

— Vocês devem se manter afastados da cabeça do dragão — avisou Elan. — Entendido?

Todos os ratos acenaram que sim.

— Quando for chegada a hora de partir, subam na cauda do dragão e não soltem. Pode ser um voo acidentado. Esse dragão não voa faz anos.

— Você viu os dragonetes? — perguntou Nora a Motley.

Antes que ele pudesse responder, Charkle, Norris e Snook apareceram voando pelo túnel. Ouviu-se um estrondo no ar quando o Dorysk se transformou de mariposa verde em outro dragonete.

— Sigam-nos — disse Charkle. — Encontramos a churrasqueira. O dragão está dormindo.



O cheiro de cordeiro assado impregnava o ar ao se aproximarem da caverna. O brilho suave da luz do cristal vinha do fim do túnel. Jack esperava que a caverna fosse do mesmo tamanho do salão principal. Ao sair do túnel, surpreendeu-se diante da maior caverna que já vira, no meio da qual teve uma visão que lhe tirou a respiração. Um enorme dragão adormecido, deitado, enroscado, próximo a um pequeno lago. Coberto de escamas vermelhas da ponta do comprido chifre retorcido até a ponta da cauda em formato de seta. As asas estavam dobradas, e as quatro patas escondidas debaixo do corpo. Finas colunas de fumaça saíam das narinas do animal adormecido. Duas compridas orelhas dobradas na parte de trás da cabeça. Jack deu um pulo quando as orelhas estremeceram. A pele do dragão era idêntica à usada por Nora para encapar o livro *Curiosidades sobre dragões*. As pernas de Jack começaram a tremer. Pareciam gelatina e se recusavam a seguir adiante. Se já se sentia assim com o dragão dormindo, imagine quando ele acordasse... Nunca vira nada tão grande antes. O único chifre, plantado no meio da testa, parecia perigoso. Retorcido, acabava em ponta e reluzia sob a luz dos cristais.

Nora levou o dedo aos lábios e fez sinal para que todos continuassem em seus lugares.

— Acho que está na hora de vocês três se apresentarem — sussurrou aos pequenos dragonetes, que voavam perto da entrada da caverna.

— Quer que eu vá também? — perguntou o Dorysk.

— Talvez seja melhor ficar aqui conosco. Não sei se teremos tempo para explicar o porquê de um dragonete usar óculos — respondeu Nora.

Charkle, Norris e Snook voaram pela caverna formando um amplo arco. Circularam em torno da cabeça do dragão, tomando cuidado para se manterem afastados de seu comprido focinho. Jack viu as narinas do dragão se dilatarem ligeiramente. A coluna de fumaça parou. Jack prendeu a respiração. Todos deviam ter feito o mesmo, porque a única coisa que ouvia, além das batidas do próprio coração, era o bater de asinhas. O dragão também pareceu prender a respiração e ficou imóvel. Sem aviso, o enorme animal jogou a cabeça para trás e rugiu alto. A caverna ecoou com o assustador barulho. Quando o dragão abaixou a cabeça, abriu as pálpebras. Um enorme olho amarelo fixou Jack. Ele, de tão amedrontado, não conseguia se mexer. Charkle lançou-se diante do olho faiscante do dragão que, se até então não tinha visto o pequeno dragonete, agora o enxergava. Ouviu-se um estrondo quando o dragão arreganhou os dentes e arremeteu contra Charkle. Mais uma vez, um rugido possante encheu o lugar quando o dragão ergueu a cabeça. Jack tremeu dos pés à cabeça quando o dragão abriu a boca e soltou fogo. Os dragonetes voaram em círculos sobre a cabeça do dragão até o fogo abrasador finalmente se transformar em fumaça e ele voltar a se abaixar.

— Descubra o nome dele — berrou Elan.

O dragão imediatamente voltou-se na direção dela e rugiu de novo.

— Não — berrou Nora, quando Snook pousou no focinho dele. — Não corra perigo.

Snook ignorou os apelos de Nora e se curvou diante do dragão. Norris e Charkle pousaram um de cada lado das orelhas da criatura. Jack não conseguia ouvir o que diziam, mas pelo menos o gigantesco animal deixara de rugir. Sem mais nem menos, ergueu a pata dianteira. Jack engasgou ao ver o tamanho das garras afiadas.

— Cuidado — berrou Elan quando o dragão tentou golpear Snook.

O pequenino dragonete foi ágil e saiu do caminho quando outra chama jorrou da boca do dragão. Snook voou acima do fogo e desceu rodopiando enquanto soprava a própria cauda chamuscada.

— Ela não acredita em nós — berrou Charkle para Nora. — E se recusa a dizer o nome.

— Como ele sabe que é *ela*? — sussurrou Camelin para Jack.

— Shhh! Preciso pensar. Explique que viemos libertá-la e que podemos levá-la para outro lugar onde ficará a salvo e poderá ter uma montanha inteirinha para ela. Diga a ela... — Nora se calou. Parecia não saber mais o que dizer.

— DIGA A ELA O QUÊ? — rugiu o dragão.

Nora engoliu em seco e saiu da segurança do túnel. Encarou o dragão e gritou o mais alto que conseguiu.

— Lamentamos o que aconteceu com você, mas nem todas as criaturas são cruéis, algumas são gentis e se preocupam com as outras. Estamos aqui para ajudar, se permitir.

O dragão abaixou a cabeça e fungou, farejando o ar em volta de Nora.

— E quais criaturas que têm cheiro de dragonetes sem serem dragonetes se importariam comigo?

Nora fez uma reverência.

— Eleanor, Druida, Seanchai, Depositária dos Segredos e dos Rituais Antigos, Guardiã do Bosque Sagrado.

Elan deu um passo à frente, fez uma reverência e também se apresentou.

— Elan, Rainha do Povo Feérico e Guardiã dos Portais de Annwn.

Tanto Nora quanto Elan olharam para Jack. Ele fez uma reverência, mas não soube o que dizer. Nora sorriu, e Elan o apresentou ao dragão.

— Jack Brenin, Amigo de Todos e Rei de Annwn por direito.

O dragão voltou a rugir, mas, dessa vez, o som não foi ameaçador.

— Nunca serão capazes de me libertar. Podem ir embora, me deixem em paz.

— Por que não nos deixa ao menos tentar? — pediu Nora. — Se conseguirmos, você nos ajuda?

— Em troca da minha liberdade, eu ajudo, mas primeiro têm de abrir os cadeados que me prendem.

Quando o dragão se levantou, Jack viu algemas enormes presas por cadeados nas patas traseiras. As algemas estavam atadas a uma enorme corrente que passava por um aro de metal encravado na rocha. Nora se deteve diante de um dos cadeados e respirou fundo antes de mirar a varinha para a fechadura. Faíscas vermelhas, verdes e amarelas pipocaram da ponta e desapareceram no buraco. Ela recuou e esperou, mas a fechadura permaneceu fechada. Apontou então para o aro de metal, mas, ao atingi-lo, as faíscas ricochetearam.

— Eu não entendo — disse Nora. — Talvez funcione se tentarmos todos juntos.

— É inútil — disse o dragão. — Eu já tentei desmanchar o metal e não existe labareda de fogo mais abrasadora do que a minha. A não ser que tenha a chave, nunca vai conseguir abrir.

Nora foi até o cadeado e o examinou.

— Venham me ajudar, Elan e Jack — chamou.

Ninguém mais se moveu da entrada do túnel, mas todos esticaram o pescoço para tentar ver o que acontecia. Jack e Elan contornaram devagar o dragão para se aproximarem de Nora. O coração de Jack batia acelerado. A qualquer minuto, o dragão podia perder a paciência e acabar com eles.

— Concentrem-se e imaginem o cadeado se abrindo — instruiu.

Os três apontaram as varinhas, e a luz das faíscas iluminou a caverna, mas o cadeado continuou fechado.

— Eu avisei que era inútil. Os cadeados não abrem sem a chave.

— Chave! — disse Jack. — Desculpe, Nora, eu me esqueci de avisar, mas tanta coisa aconteceu. Eu não queria esconder nada de você, mas encontrei sua chave especial. Sabe aquela, a mágica, a que abre qualquer fechadura.

Nora riu.

— Não existe nenhuma chave especial. Camelin acha que tenho uma, mas não é verdade.

— É, sim. Veja!

Jack exibiu a corrente de prata. Uma chavezinha minúscula pendia perto do medalhão em formato de coração. Um som ensurdecedor encheu o local. Jack se deu conta de que o dragão ria.

— Olhe o tamanho dessa chave. Você acha mesmo que vai abrir um cadeado grande desses?

— Acho — afirmou Jack. Incrédulas, Nora e Elan também o fitaram. — Ela muda de formato e cabe em qualquer fechadura. Já fiz isso antes, então não vejo por que não funcionaria. É mágica, olhe só.

Jack tirou a corrente e apontou a chave na direção do enorme cadeado. Concentrou-se e, a cada passo dado na direção do buraco da fechadura, a pequenina chave crescia. Sentia os dedos formigarem. O metal faiscou e começou a mudar de formato com rapidez. Quando Jack chegou perto do cadeado, a chavezinha tinha ficado maior do que a sua mão. Todos ficaram em silêncio quando ele a encaixou na fechadura. Um clique alto ecoou pela câmara quando o cadeado se abriu. Balançando a pata traseira, o dragão a libertou da corrente. Ligeiro, Jack moveu-se para o outro cadeado e soltou-lhe a outra pata.

— Bem, confesso que essa foi uma surpresa e tanto — disse Nora. — Conversamos sobre isso depois. Agora precisamos encontrar um meio de escapar.

— Isso não vai ser problema se conseguirem encontrar meu escudo de cauda — informou o dragão, movimentando as pernas e mostrando a cauda.

— Escudo de cauda! — exclamou Nora. — Quer dizer que existem de verdade. Não são um mito?

— O que é um escudo de cauda? — perguntou Camelin.

Charkle saiu voando do túnel.

— Mas será que você não sabe nada? Um escudo de cauda dá invisibilidade aos dragonares. Como acha que eles sobreviveram tanto tempo sem serem vistos?

— Eu lhe contei sobre eles — disse Jack. — Tinha um capítulo inteiro sobre isso no *Curiosidades sobre dragões*. Os dragonares recebem um escudo com seu nome gravado ao nascer. Só o bafo do dragão pode revelar o nome no escudo. Uma vez em seu lugar, na ponta da cauda, o dragão fica invisível.

— Onde está seu escudo de cauda? — perguntou Elan.

O dragão suspirou, e a força de sua respiração atirou os ratos para trás, rodopiando pelo túnel. Acomodou-se no chão e começou a explicar.

— Os dragões sempre moraram dentro da Montanha Prateada. Minha família morava nesta caverna. Há muito tempo, éramos livres e felizes, e, é claro, graças a nossos escudos de cauda, invisíveis para o mundo exterior. Sou a única sobrevivente. Nunca imaginei que outras criaturas invadiriam a montanha. Elas me capturaram, me aprisionaram com essas terríveis correntes e roubaram meu tesouro. Minha família levou centenas de anos para juntar todo aquele ouro, prata e joias. Era fácil proteger o tesouro quando éramos muitos. Depois que perdi minha família, eu me tornei descuidada e costumava voar pelas cavernas dentro da colina. Um dia, ao voltar para minha toca, o tesouro tinha sumido. Os Spriggans tinham levado tudo para um de seus minúsculos túneis onde eu não conseguiria entrar. Meu escudo estava com o tesouro, com todos os escudos que já pertenceram à minha família. Encontrem o tesouro e conseguirei escapar. Sem meu escudo, nunca terei condições de deixar este lugar. A essa altura, devem ter desmanchado tudo e transformado em sabe-se lá o quê. Mesmo que pudessem encontrar os escudos de cauda, precisariam achar o meu. Não posso entrar em túneis, e é preciso bafo de dragão para revelar o nome. A criatura voltou a suspirar e fechou as pálpebras.

Jack percebeu o movimento na entrada do túnel. Motley deu um passo à frente e curvou-se diante do dragão.

— Estamos à sua disposição. Se precisar encontrar algo, fique tranquila, o pessoal da Guarda Noturna encontrará.

Snook aproximou-se voando de Nora.

— Sei onde os Spriggans guardam o ouro, só precisamos saber o nome exato. Garanto que somos capazes de encontrar o escudo. Não precisamos trazer todos. Se os ratos conseguirem encontrá-los, podemos soprar e revelar os nomes.

Uma grande lágrima escorreu do olho do dragão e se esparramou no chão.

— Estão falando sério? Vão mesmo me ajudar?

— Vamos, sim — confirmou Nora. — Quando sairmos daqui, podemos levá-la para o Outro Mundo e, livre, pode ter uma montanha só sua, mas precisaremos de sua ajuda quando chegarmos a Annwn.

— Liberte-me e eu ajudarei no que for preciso.

Motley tossiu.

— Seu nome?

— Ember Chifre Prateado, a Magnífica — respondeu o dragão.

— Homens — ordenou Motley —, comecem a busca.





FUGA

Motley começou a organizá-los em três grupos, cada um comandado por um dragonete.

— Jack, pode ir com Fergus, Berry e Raggs. Camelin, junte-se a Morris, Lester e Podge. Midge, Timmery e Dorysk, vocês vêm comigo.

Os outros ratos se posicionaram atrás da Guarda Noturna. Antes de Jack reunir-se a seu grupo, apontou a imensa chave que segurava para a pequena fechadura de seu medalhão. De pronto, a chave encolheu, e, assim que colocou a corrente em segurança de novo em volta de seu pescoço, seguiu os demais. Os dragonetes deram um rasante, e cada um recolheu um dos grandes cristais para iluminar o caminho. Snook voou até a frente do grupo de Motley. Norris se uniu a Camelin, e Charkle voou em círculos na frente de Jack.

— Sigam-me — berrou Snook, acelerando e entrando em um dos túneis menores.

Os ratos conseguiram acompanhar sem dificuldades o pequenino dragonete, mas para Jack e Camelin a tarefa era árdua. Quanto mais para

trás ficavam, mais escuro se tornava o túnel, que em breve ficaria negro como o carvão.

— Faz ideia do motivo de termos que vir? — perguntou Camelin.

— Para ajudar — suspirou Jack, embora não pudesse entender em que poderiam ser úteis.

— Você devia ter trazido um cristal — resmungou Camelin. — Isso nos ajudaria.

Jack levantou a varinha e iluminou a ponta. A luz não era forte, mas dava para verem que, à frente, o pequenino túnel se dividia em três direções distintas.

— Legal! — disse Jack. — Agora não faço ideia de que rumo tomar.

— Mas eu faço — ouviu-se uma vozinha.

Jack levantou a cabeça e viu Charkle voando acima.

— Motley mandou que eu procurasse vocês. Estou encarregado de dizer o quanto é importante ficar junto dos outros.

— É fácil correr num túnel estreito para quem tem quatro patas e é pequeno — resmungou Camelin.

— Já estamos chegando. Por aqui.

Seguiram Charkle pelo túnel do meio, e Jack logo ouviu o som de várias patinhas correndo e a voz de Motley disparando ordens. O túnel terminou em uma pequena caverna. Mesmo na luz difusa, os objetos brilhavam e cintilavam. A caverna estava cheia de ouro, prata e joias. De tão alta, a pilha quase alcançava o teto.

— Tem coisas demais, vamos levar séculos para achar o que queremos aqui — resmungou Camelin.

— Quando começarmos a revirar esse monte, vamos fazer um barulhão. E se alguém ouvir? — perguntou Jack.

— Camelin, vigie — ordenou Motley.

— Faça isso, faça aquilo — resmungou Camelin, voltando para a boca da caverna.

Jack não conseguia sequer calcular o valor do tesouro guardado naquela caverna. Afundou os joelhos numa pilha de moedas de prata tentando chegar ao centro.

— O que procuramos é grande — avisou Jack, tentando descrever o que vira no livro *Curiosidades sobre dragões* de Nora. — É um triângulo de ouro que encaixa na ponta da cauda de Ember. Não deve ser muito difícil encontrar uma coisa tão grande.

Começaram a tentar cavar em meio a tantas moedas, mas era impossível abrir espaço. O monte escorregava e as coisas mudavam de lugar toda vez que retiravam um objeto. Jack viu moedas de todos os formatos e tamanhos, joias, travessas, taças e estranhos objetos, mas nada do tamanho e formato daquilo que buscavam. Os ratos freneticamente tentaram escavar a montanha de tesouro, mas suas patinhas não eram grandes o bastante para mover objetos pesados. Ocorreu a Jack que talvez não aguentasse o peso do escudo de cauda, mesmo que conseguissem encontrá-lo.

— Isso é pura perda de tempo — suspirou Fergus. — A pilha é grande demais. Levaremos semanas para chegar lá no fundo.

Jack deu razão ao ratinho. Ele mesmo chegara à idêntica conclusão. O único lugar onde os escudos poderiam estar era no fundo. Estava prestes a dizer a Motley que precisariam pedir socorro a Nora quando um súbito pensamento lhe veio à cabeça. Enfrentara uma missão quase impossível antes, procurando uma chave dentro da gaveta no herbário. Quando convocara a chave certa, ela surgira no topo da pilha. Talvez valesse a pena tentar.

— Motley — chamou —, tenho uma ideia.

Jack foi para o canto esquerdo, onde o grupo de Motley continuava ocupado tentando encontrar o objeto. Todos os ratos pareciam cansados. Jack ergueu a varinha.

— Posso fazer uma tentativa?

— Afastem-se, homens — ordenou Motley.

Quando Jack atingiu a boca da caverna, todos já tinham ido parar atrás dele.

— Já vamos embora? — perguntou Camelin.

— Ainda não — respondeu Jack. — Quero fazer uma tentativa; caso não funcione, Timmery precisará buscar Nora.

Jack concentrou-se. Visualizou o tamanho e o formato dos escudos triangulares, e dirigiu toda a sua energia para a ponta da varinha.

— Onde estão os escudos de cauda de dragão? — ordenou.

Uma luz ofuscante na extremidade da varinha iluminou o lugar. Quando a luz esmoreceu, o precioso tesouro começou a despencar. Moedas de ouro voavam como se jorrassem de uma fonte. Maravilhado, Jack observou a pilha começar a ondular até as pontas dos gigantescos objetos triangulares aparecerem. Os pequeninos dragonetes esvoaçavam pela caverna.

— Olhem — gritou Norris —, bem aqui.

— E aqui — avisou Snook.

— Estão espalhados por todo lado — comunicou Charkle. — Agora temos de achar o correto.

Como Jack gostaria que Ember estivesse ali... Voltou a se concentrar, mas não conseguia mover os escudos para que ocupassem o alto do monte.

— Isso é o melhor que consigo — avisou.

— Não se preocupe, não se preocupe — repetiu Motley, entrando em ação. — Um de cada vez, homens, um de cada vez, ajudem a tirá-los daí.

Os ratos rodearam o objeto de ouro mais próximo. Alguns cavavam, enquanto outros puxavam. Jack se uniu à força-tarefa. Com muito esforço, conseguiram soltar o pedaço triangular de ouro. Jack recuou para recuperar o fôlego e olhou o escudo. Era lindo. Não eram dois pedaços retos unidos, como imaginara. A lateral tinha sido lindamente trabalhada em formato curvo e gravado com círculos. Perto da parte superior, uma área lisa sólida, mas sem nenhum nome visível.

Charkle desceu voando a toda a velocidade.

— Permita-me — disse, soprando o metal.

Uma escrita estranha começou a aparecer, mas apagada demais para conseguirem ler, e logo voltou a desaparecer.

— Acho que vamos precisar de todos soprando ao mesmo tempo — sugeriu Jack.

Os três pequeninos dragonetes voaram acima do escudo e sopraram com força.

— Está aparecendo — disse Jack, animado ao ver a estranha escrita aparecer. Nunca tinha visto nada semelhante. As letras eram todas maiúsculas e algumas tinham mais linhas do que o normal, embora fossem todas retas. Pareciam ter sido gravadas no ouro com um objeto pontiagudo. Seriam resultado do trabalho das garras de um dragão? Não foi tarefa difícil decifrar as palavras, apesar de as letras serem diferentes daquelas com que Jack estava acostumado.

— BRYNOG CAUDA COMPRIDA, O INVENCÍVEL — leu Jack quando as letras se tornaram visíveis.

— Tente outro — ordenou Motley.

Puxaram outro escudo, e Jack esperou que o sopro dos dragonetes revelasse o nome.

— WYGRYM GARRAS AFIADAS, O DESTEMIDO. Também não é esse — avisou Jack, mas lembrou o nome. Era o dono da pele usada por Nora para encapar o livro.

O escudo seguinte revelou o nome ZACYRY DENTE PONTIAGUDO, O PODEROSO, e o próximo, PETRYN BARBA COMPRIDA O VALENTE. Jack começou a ficar preocupado. Talvez o que procurassem já não existisse mais. Era uma tarefa árdua e ainda tinham montes de escudos de cauda para examinar. Percebeu que os ratos já começavam a se cansar.

— O que diz esse? — perguntou Motley, cutucando Jack.

— EMBER CHIFRE PRATEADO, A MAGNÍFICA — leu. — Oba, achamos.

Aplausos encheram a caverna. De imediato, Motley assumiu o comando e começou a ditar ordens. Ordenou a grupos de ratos que se plantassem de cada lado do escudo. Esperou até todos se encontrarem em suas posições.

— Ergam! — ordenou.

Jack segurou a ponta e a ergueu com toda a força. Apesar de o escudo de cauda ser pesado, conseguiram tirá-lo do topo da pilha. A tarefa ficaria mais fácil quando chegassem ao túnel e pudessem caminhar em superfície plana. Norris e Snook voaram na frente, iluminando o caminho com os cristais, enquanto Charkle e o Dorysk voavam atrás. Timmery esvoaçou em torno da cabeça de Jack.

— Posso ver sem luz. Vou na frente e contarei as boas-novas.

Jack experimentou enorme satisfação. Tinham encontrado o escudo de cauda, e tudo ficaria bem. Os ratos conversavam felizes enquanto prosseguiam ao longo do túnel. Jack não esperava o retorno de Timmery.

— Silêncio! — ordenou Timmery no tom mais alto possível. — Precisamos ficar quietos. O Draygull encontrou Pyecroft e os Spriggans adormecidos. Nora está preocupada; acha que corremos o risco de sermos descobertos. Nem um ruído e nada de ir até a câmara do dragão até termos certeza de que é seguro.

No meio de tanta animação, não tinham sequer pensado no barulho. Jack começou a se preocupar. Torcia para que a audição do Draygull não fosse tão boa quanto a dos dragões; caso contrário, estariam metidos numa tremenda confusão.



Jack viu a luz saindo da grande caverna a pouca distância. Deteve-se, fez sinal aos ratos para deitarem o escudo no chão e, pé ante pé, foi até a entrada do túnel. Sabia que, se permanecesse na sombra, não seria visto. Ember encontrava-se enroscada no centro da câmara. Como nenhuma fumaça saía de suas narinas, Jack supôs que ela fingia dormir. O restante da caverna estava vazio. Ele observou cada uma das entradas do túnel, tentando descobrir onde Nora e Elan se escondiam. Reinava o mais absoluto silêncio. Jack começou a se sentir melhor. Talvez o Draygull só tivesse se zangado ao encontrar o Bogie e os Spriggans adormecidos. Talvez nem desconfiasse de nada.

Um guincho de arrebentar os tímpanos veio do túnel que conduzia à plataforma. O estrondo encheu a caverna e reverberou na rocha. O eco ressoou ainda muito tempo depois de o guincho cessar. O coração de Jack começou a palpitar forte. Que som terrível! Os pelos da nuca se arrepiaram.

O silêncio que se seguiu foi quebrado pelo ruído de passos ágeis. Se os Spriggans penetrassem na caverna e vasculhassem os túneis, eles seriam descobertos. Para surpresa de Jack, os passos cessaram e foram substituídos por berros. Algo devia ter acontecido para impedir os Spriggans de se aproximarem mais. O guincho recomeçou; o som invadiu a caverna. Dessa vez, quando finalmente o barulho cessou, não se ouviram passos. Jack logo deduziu o motivo. Os Spriggans deviam ter descoberto que todos os túneis estavam escuros. Uma escuridão só, desde o salão principal até a plataforma. Isso não faria diferença para o homem-coruja, que na certa enxergava no escuro, mas seria um problemão para os Spriggans.

Jack sabia que precisariam fugir em breve. Um leve movimento em um dos túneis chamou-lhe a atenção. Esperava ver Nora e Elan aparecerem, mas, em vez disso, o estranho homem com aparência de coruja entrou na caverna. Jack prendeu a respiração quando o Draygull farejou o ar e percorreu lentamente o espaço em círculos, mantendo-se próximo da rocha e evitando Ember. Farejou cada entrada. Quando chegou ao túnel onde se

encontravam, o coração de Jack bateu com tanta força que o peito começou a doer. Se o Draygull enxergava no escuro, ele já tinha sido visto. Tentou recuar, mas as pernas não se moviam. O Draygull deu um salto à frente para capturar Jack.

— Atacar! — ordenou Motley, antes que a mão do Draygull pudesse agarrar o braço de Jack.

Uma concentração de corpos peludos com rabos sacudindo e muitas pernas saltaram de trás de Jack e atingiram o Draygull no peito. Derrubado, ficou estirado no chão. Se Jack não fizesse algo imediatamente, o Draygull começaria a guinchar de novo. A colina inteira saberia onde encontrá-los. Notando que ele tentava se levantar, Jack apontou a varinha e repetiu a palavra que Nora usara para enfeitiçar Pyecroft e os Spriggans.

— *Somnus*.

Num instante, o corpo do Draygull amoleceu. Um estranho assobio provou a Jack que ele obtivera êxito; o homem-coruja começou a roncar.

— Bem — disse Nora —, parece que chegamos atrasadas. Viemos ajudar.

— Acho que é chegada a hora de partir — disse Elan. — Daqui a pouco os Spriggans encontrarão tochas. São muitos e vasculharão todos os túneis. O Draygull enviou-lhes um sinal. Velindur e os Spriggans já foram avisados de que há algo errado acontecendo na montanha.

Jack observou Nora apontar novamente a varinha para o Draygull. O corpo adormecido levitou e foi parar do outro lado do lago. Ela o abaixou e o pousou no cascalho.

— Isso vai mantê-lo fora de nosso caminho... Vai ficar em maus lençóis ao acordar. Draygulls não sabem nadar. Agora, vamos embora daqui.

Elan fez sinal para que os ratos trouxessem o escudo de cauda. Detiveram-se na frente de Ember e recuaram quando ela soprou de leve sobre o escudo de ouro. Lágrimas escorreram-lhe pelo rosto ao ver surgir seu nome.

— Para a cauda — ordenou Motley.

Os ratos entraram em ação e correram a ocupar seus lugares em volta do escudo. Moveram-se o mais rápido que conseguiram na direção da cauda de Ember. Ela a enroscou com cuidado para aproximá-la dos ratinhos. Nora fez sinal para que eles abaixassem o escudo.

— Uma vez ajustado o escudo, Ember ficará invisível. Ela concordou em transportar todos vocês de volta a Glasruhen. Já sabem o que fazer?

Nora esperou todos balançarem a cabeça concordando antes de se voltar para Ember.

— Está preparada?

— Com certeza — respondeu, abrindo as asas.

— Se nos conduzir para fora da montanha, os dragonetes lhe mostram o caminho para a Colina de Glasruhen. Assim que for possível, nos encontramos.

— Acho que chegou a hora da partida — disse Elan, acenando com a cabeça na direção de um dos túneis, onde uma luz fraca piscava a distância.

Jack ouviu o falatório esganiçado aumentando de intensidade mais e mais à medida que os Spriggans se aproximavam da caverna que servia de churrasqueira.

— Subam, homens — ordenou Motley —, e segurem-se firme.

Os ratos se acomodaram na cauda do dragão. Nora, Jack e Elan fizeram força para levantar o escudo e o ergueram para que Ember pudesse encaixar a extremidade pontuda da cauda. Jack ouviu um estalo quando a cauda e o escudo encaixaram. Embora ainda sentisse o peso, o escudo em sua mão deixara de ser visível. Ember também desaparecera de vista.

— E lá vamos nós! — exclamou Nora.

O barulho ficou ensurdecedor quando Ember bateu as enormes asas. A ventania mandou quem tinha ficado para trás pelos ares. Quando o dragão alçou voo, rajadas de vento atiraram Jack na direção do túnel mais próximo. Ele conseguiu se agarrar a uma rocha até o vento parar de soprar.

— Melhor nos apressarmos — avisou Elan.

— Sabe qual caminho devemos seguir? — perguntou Nora aos dragonetes.

— É fácil — respondeu Charkle —, sigam-me.

Num piscar de olhos, Jack se ajoelhou e encostou a testa na de Camelin. Nora o ajudou a sair de dentro das roupas e as guardou junto com os tênis no saco com os últimos cristais. Naquele momento, a única luz da caverna vinha do saco aberto.

Nora e Elan ergueram os braços e rodopiaram em espiral descendente. Jack esperava ver dois corvos, mas ambas tinham se transformado em corujas. Uma, branca como a neve, e a outra, uma magnífica coruja-águia. A coruja branca chiou alto quando dois Spriggans entraram na caverna. O primeiro carregava uma tocha de junco, que derrubou no chão quando Elan abriu as asas, abaixou a cabeça e também começou a soltar guinchos estridentes.

— Vamos — berrou Snook, chamando Jack e Camelin.

Uma vez no ar, Jack olhou para baixo, para o piso da caverna. Estava vazio, à exceção da tocha abandonada. Nora e Elan se juntaram as eles enquanto subiam por uma larga chaminé natural em direção ao cume da caverna. Os três dragonetes se incumbiam, cada um de uma vez, de soltar fogo para iluminar o caminho de Jack e Camelin, enquanto Nora e Elan voavam à frente. Naquele instante Jack soube o motivo de elas terem escolhido se transformar em corujas. Assim não precisariam de ajuda para enxergar na escuridão.

Não saíram pelo cume da caverna, como Jack esperava. Em vez disso, dirigiram-se para uma abertura no penhasco. Ele viu um lampejo de luz a distância. Não sabia quanto tempo haviam passado dentro da Montanha Prateada, mas ainda não escurecera lá fora. Voaram ligeiros pelo túnel, sem precisar mais das chamas dos dragonetes para guiá-los.

— Sigam para o Monumento dos Monólitos — piou Nora quando já se aproximavam da entrada.

Jack notou que Elan mantinha o saco preso com firmeza nas garras fortes. Quando saíram para a luz do dia, Jack ouviu um som de queda d'água. Não teve tempo para ver do que se tratava. Uma torrente de água quase o desviou da reta. Bateu as asas com força e tentou atravessar a parede de água antes que ela o derrubasse. Quando olhou para trás, viu que atravessara uma cachoeira, que escondia por completo a entrada da toca do dragão. Camelin emergiu tossindo e cuspiendo.

— Cof, cof! Ninguém nos avisou.

Jack riu.

— Pelo menos não vai precisar tomar banho quando voltarmos. A água tirou todo o xampu! Anda. Temos um longo voo pela frente. Só espero que minhas roupas e os tênis sequem antes de voltarmos para Glasruhen.





UM PROBLEMA INESPERADO

— Descendo — crocitou Camelin quando o Monumento dos Monólitos se tornou visível.

Jack o seguiu. Procurou pelos outros lá embaixo. O círculo de pedras parecia deserto. Tampouco via suas roupas.

— Acha que chegaram bem? — perguntou Camelin ao aterrissar.

— Chegaram, sim — respondeu uma voz detrás de um dos arbustos enroscados em torno das pedras. Uma dríade alta e esguia de cabelos castanhos compridos surgiu e fez uma reverência.

— Cory? — disse Jack, incerto.

— Você lembrou! Bem que Nora disse que lembraria. Ela me pediu para entregar isso.

Jack ficou aliviado ao ver que Cory carregava suas roupas e seus tênis. A varinha estava em cima da pilha arrumadinha.

— Deixou algum recado?

— Não, estavam meio apressadas.

Jack olhou em torno da clareira. Era grande o bastante para Ember aterrissar sem dificuldade.

— O que aconteceu com o portal? — perguntou Jack.

— Ela escondeu o portal, não foi? — resmungou Camelin, relanceando os olhos. — Não queriam que as seguíssemos para Annwn. Tudo bem, não precisavam se preocupar. Estou cansado demais para querer fazer mais alguma coisa hoje.

Cory não respondeu, mas Jack sabia que Camelin tinha razão. Da última vez que visitaram o círculo de pedras, tinham sido informados de que era um lugar dotado de profunda magia. Não seria difícil Nora manter o portal oculto. Se quisesse que eles a acompanhassem, teriam sido convidados.

— Pode colocar minhas roupas perto da pedra grande? — pediu Jack. — Por favor, nos dê licença um segundo enquanto eu me transformo.

Jack não demorou a se metamorfosear e se vestir. Embora gostasse de ser um corvo, era bom voltar a ser ele mesmo.

— Você vai nos visitar em breve? — perguntou ela a Jack quando ele reapareceu, saindo de trás da pedra central. — Ouvimos dizer que sua voz é linda. Sua fama chegou ao alto de Glasruhen. Será muito bem-vindo quando quiser nos visitar e cantar conosco.

Camelin fez um muxoxo.

— Nós voltaremos assim que os druidas forem salvos — agradeceu Jack.

— Nós! — resmungou Camelin.

— Eu voltarei — disse Jack, olhando de cara feia para Camelin antes de voltar a se dirigir a Cory. — Infelizmente, agora precisamos ir embora.

— Vou para a cama, vejo você mais tarde — disse Camelin, alçando voo na direção da Casa Ewell.

Jack caminhou com Cory até a margem dos arbustos que cercavam a clareira. Quando ela tocou uma das folhas, os galhos emaranhados se

separaram abrindo um vão.

— Obrigado — agradeceu ele antes de os arbustos fecharem e Cory desaparecer de vista.

Jack não estava com pressa para voltar à Casa Ewell. Depois de toda a agitação, era uma delícia ficar sozinho. Enquanto atravessava o túnel, a mente corria acelerada. Lembrou-se dos acontecimentos da última semana. Ninguém acreditaria que ele estivera cara a cara com um enorme dragão que soltava fogo pelas narinas. Como estaria a situação em Annwn? Será que Ember conseguira desmanchar a camada de gelo? Teriam os druidas acordado? Não lhe restava outra opção senão esperar a volta de Nora para obter as respostas.

Quando Jack atravessou o túnel formado pelos teixos, vislumbrou dríades passando rápido de árvore em árvore. Ele era mesmo um garoto sortudo e aquele era mesmo um lugar mágico.



Ao voltar para a casa de Nora, foi até a biblioteca. O mapa continuava sobre a mesa. Estavam todos tão apressados que ele não tivera oportunidade de examiná-lo atentamente. Reconheceu os contornos das montanhas e a Cordilheira Stonytop. Anotada nas laterais, na letra bonita de Nora, a informação passada por Norris, Snook e Pyecroft. Muitos túneis, plataformas e portas também apareciam. Ele seguiu o trajeto tomado pelo trem da plataforma debaixo da Cadeira do Diabo até o cume da Montanha Prateada. A saída da caverna da churrasqueira não tinha sido marcada. Nora poderia acrescentar esse detalhe ao retornar. Jack gostaria de ter visto para onde os túneis que saíam da caverna da churrasqueira iam dar. Suas entradas tinham formatos e tamanhos diferentes. Dois conduziam à

plataforma de trem, outro serpenteava até o salão, mas o túnel mais alto de todos não subia nem descia. Seguia em linha reta e terminava em uma porta. Nora desenhara uma porta em arco, igual ao Portal de Glasruhen, e escrevera “Quinto Portal”. Jack deixou escapar um longo e baixo suspiro. Então esse era o outro portal para Annwn, que ia dar direto nas Cavernas do Repouso Eterno. Era distinto dos outros portais. Não tinha dois Carvalhos Sentinelas para estabelecer seu local. Jack ficou se perguntando o porquê de haver um portal ali. Mesmo que alguém entrasse nas cavernas, não havia saída para Annwn a não ser que o guardião acordasse e abrisse a camada de gelo. Os outros quatro portais podiam se mover, mas esse obviamente não, pois tinha seu próprio túnel. Como seria possível abri-lo? Não devia ser difícil se os Spriggans haviam conseguido atravessá-lo e pegar os cristais. Foi invadido por uma ideia repentina. Em vez de tentar desmanchar a camada de gelo, Nora e Elan poderiam ter entrado nas cavernas pelo quinto portal. Poderiam devolver os cristais, acordar o Guardião e os druidas que desejassem deixar as cavernas e então sair pela entrada da caverna. O que podia existir de mais simples? Por que Nora e Elan não tinham pensado nisso?

Havia muitas hipóteses, mas Jack se sentia cansado. Conversaria com Nora quando ela voltasse. Foi para o quarto e verificou seu *Livro de Sombras* em busca de mensagens, mas nada. Reinava o silêncio na casa. Chamou Camelin, mas não obteve resposta. Talvez ele tivesse tomado outro caminho e ainda não tivesse chegado. Jack decidiu ir até o sótão. Se Camelin não estivesse lá, esperaria o seu retorno, pois queria lhe contar as novidades sobre o quinto portal.

A primeira coisa que viu ao chegar à escada foi uma grande placa em que se lia *MANTENHA-SE AFASTADO*. Jack a empurrou e subiu. Sorriu ao ver Camelin deitado de costas em sua cestinha de corvo. Jack instalou-se no pufe.

— Não recebemos nenhum recado.

— Por acaso não viu a placa?

Jack decidiu ignorar a pergunta.

— Quanto tempo acha que vão demorar?

— Com sorte, horas. Quero tirar uma soneca. Se vai ficar aqui, deve fazer silêncio. Este sótão é meu.

Jack ia contar a Camelin sobre o mapa quando Timmery entrou voando pela janela aberta.

— Nããããão — grasnou Camelin.

— Ah, Jack, que bom encontrar você aqui!

Camelin resmungou bem alto e deu as costas para Jack e Timmery.

— Está tudo bem? — perguntou Jack.

— Não, nada bem. Motley me pediu que viesse porque precisa saber se ele pode subir a hera até aqui. É urgente. Ele precisa falar com você já.

— Claro que pode.

— Preciso mais uma vez lembrar de quem é este sótão? Tem gente aqui tentando dormir.

Timmery saíra antes que Camelin pudesse dizer mais alguma coisa. Não demorou para Motley aparecer no peitoril da janela. Andou de um lado para outro repetidas vezes antes de começar a falar.

— Não sei como começar, já procuramos por toda parte, mas ele sumiu.

— Quem? — perguntou Jack.

— Raggs. Por acaso sabe onde ele está?

— Ele estava perto de mim enquanto carregávamos o escudo de cauda.

— Isso foi o que Podge disse, mas, desde então, ninguém mais viu Raggs. E se ele tiver ficado lá? Tudo aconteceu tão rápido. Fiquei preocupado com os novos recrutas, achando que os membros da Guarda Noturna se cuidariam. Não tive oportunidade de verificar se estavam todos na cauda do dragão antes de alçarmos voo. Você teria notado se ele tivesse sido deixado para trás, não é mesmo?

— Todos fomos atirados para um dos túneis quando Ember bateu as asas — explicou Jack devagar, tentando se lembrar da sequência dos acontecimentos. — Mas estava escuro no túnel. Se Raggs foi atirado também, não conseguiríamos enxergá-lo, e talvez ele tenha ido parar mais longe por ser menor.

— O que faremos?

— Você disse que já o procurou por toda parte? — perguntou Jack.

— Por toda parte — confirmou Timmery. — Verificamos cada centímetro daqui até o Monumento dos Monólitos.

— Talvez ele tenha caído — disse Camelin. — Vai andar um bocado, mas de manhã vai estar de volta. Eu avisei que hoje era o Dia dos Maus Presságios. Coisas horríveis podem acontecer a qualquer um.

— Acho que ele não subiu na cauda do dragão — suspirou Motley. — Já consultei todos os ratos e ninguém viu Raggs.

— Vamos ter que voltar — afirmou Jack.

— Nãããão! — lamentou-se Camelin. — Hoje não volto todo aquele caminho de jeito nenhum.

— Você não pode estar falando sério — disse Jack. — Se enfrentasse algum problema, todos iriam ajudá-lo.

Jack olhou para a janela. Começava a escurecer. Aguardavam ansiosos a decisão de Jack. Motley, ainda no parapeito da janela, se encolheu.

— E se ele for capturado e quiserem comer o pobrezinho?

— Se ele tiver sido capturado, é mais provável que queiram interrogá-lo para saber o que aconteceu. Já devem saber que tem algo estranho. No mínimo, vão querer saber onde foram parar os ratos e o dragão, isso sem mencionar os cristais.

Motley ficou em posição de sentido.

— Raggs jamais contaria, nunca nos trairia.

— Aposto que tem razão, mas isso torna o resgate ainda mais urgente. Com sorte, ele conseguiu se esconder em algum canto. Acha que

conseguiremos encontrá-lo antes dos Spriggans? — perguntou Jack a Motley.

— Não estou preocupado com os Spriggans, mas com o Draygull. Ele enxerga no escuro e tem o olfato muito apurado. Ele achou seu esconderijo e se preparava para agarrá-lo, não foi?

Jack sentiu um calafrio na espinha.

— Vão saber que fomos nós, não vão?

— Claro que não. Éramos corvos, esqueceu? — perguntou Camelin.

— Eu não era, nós nos transformamos, esqueceu? Motley tem razão, com certeza ele me viu.

— Só deve ter visto sua silhueta, não sua cara. Deve ter achado que você era uma Hag grande ou um Bogie.

— Vamos torcer para isso, porque não posso entrar lá como corvo, vamos ter de nos transformar do lado de fora, como da última vez, e vou precisar de minha varinha mágica.

— Vamos precisar de luz também — comentou Motley. — Vai estar bem escuro nos túneis.

— Vamos — grasnou Camelin. — O que quer dizer com vamos?

— Eu vou com certeza, sou responsável por ele — acrescentou Motley.
— Não posso abandonar um homem em território inimigo.

— Conte comigo também — disse uma voz fraquinha de dentro do pelo de Motley.

— Ah, não! O Dorysk também já é demais — resmungou Camelin.

Motley pareceu constrangido.

— Ele não ocupa muito espaço. Não me importo de carregá-lo no meu pelo.

— Não?

— Ele nos ajudou na procura e, dependendo da situação, ele é de grande utilidade, além de ser um ator brilhante e o rei do disfarce. Estou pensando em recrutá-lo para a Guarda Noturna.

— Bem, eu não vou sair da minha cestinha confortável. Se quiserem minha ajuda, vão ter de me levar até lá.

— Bem que eu gostaria — disse Jack.

— Se você fez o barco atravessar o lago, por que não pode fazer minha cestinha voar?

— Foi diferente.

— Por quê?

Todos fitaram Jack.

— Não sei. Pode ser perigoso. E se só funcionar um tempo? O que Nora vai dizer?

Motley saltou do peitoril da janela e se inclinou na direção de Jack.

— Se puder fazer a cestinha de corvo voar, todos nós podemos ir dentro dela.

— Todos? — exclamou Camelin.

— Eu quero ajudar também — avisou Timmery. — Os outros foram para Annwn sem mim, então não vejo motivos para não acompanhar vocês.

Jack se concentrou e apontou a varinha para a cestinha de corvo de Camelin. Ela se ergueu do chão e flutuou no ar.

— Voe — comandou Jack e fez um círculo com a varinha no sótão.

— Uau! — berrou Camelin quando a cestinha acelerou pelo sótão, formando um círculo largo. Jack precisou se curvar quando a cesta passou raspando por sua orelha.

— Puxa, Jack Brenin, você é o máximo! — exclamou Timmery, voando atrás da cesta.

— Nossa, que surpresa! — exclamou Jack. — Achei que não conseguiria. De qualquer jeito, a cesta não é grande o suficiente para caber todo mundo.

— Se você buscar minha varinha, eu posso fazer a cesta *crescer* — grasnou Camelin.

— Basta me ensinar a magia de *crescimento* — retrucou Jack.

— A magia é minha e a cesta também.

Todos voltaram o olhar para Jack.

— Está bem, vamos tentar. Vou buscar sua varinha.

Jack desceu correndo para o herbário. Empurrou o tamborete para debaixo do armário a fim de conseguir alcançar a porta e retirou a corrente de prata. Apontou a chave para o armário encostado na parede. Ela cresceu imediatamente e ficou do tamanho do buraco da fechadura. A varinha estava guardada com um monte de outras coisas, então Jack voltou a trancar o armário antes de encolher a chave para seu tamanho original. Já subia as escadas, quase chegando ao sótão, quando se lembrou do mapa. Teria valor inestimável conhecer o caminho. Não queria levar o mapa de Nora, então decidiu fazer uma magia para obter uma cópia. Parte do feitiço da verruga fora conseguida com o uso da palavra *criar*; então, se usasse a palavra sozinha e concentrasse toda a atenção ao mapa, talvez funcionasse.

— *Criic!* — comandou.

A princípio, nada aconteceu; depois, uma folha se destacou e aterrissou em seus pés. Era a cópia exata do mapa de Nora. Jack o apanhou e estava prestes a deixar a biblioteca quando outro mapa se elevou na mesa, e outro, e mais outro.

— PARE! — berrou Jack e soltou um enorme suspiro de alívio quando o mapa parou de se multiplicar. Gostaria de dominar melhor seus conhecimentos de magia. Precisava ter cuidado ao indicar a direção para a cestinha; não queria nenhum acidente. Com o mapa cuidadosamente enrolado debaixo do braço, Jack subiu correndo as escadas. Chegou sem fôlego ao sótão. Camelin esperava ansioso e parecia muito animado quando Jack lhe entregou a varinha.

— Aqui está. Por favor, tome cuidado.

— Recue — ordenou Camelin, apontando a varinha para a cesta.

A ponta da varinha se iluminou num tom amarelo suave que rapidamente atingiu a cestinha de corvo. As laterais cresceram enquanto a

parte de baixo se expandia. Jack ficou impressionado. Camelin não apenas realizava o feitiço de modo cuidadoso, mas tudo funcionava muito bem.

— Ainda não é grande o suficiente — disse Motley.

— Não enche — resmungou Camelin —, estou fazendo o melhor que posso.

Apontou a varinha de novo, mas então, em vez de uma luz amarela, faíscas cor de laranja esvoaçaram da ponta. A cesta dobrou de tamanho bem rápido e estourou. Bolas redondas e grandes de poliestireno inundaram o sótão quando o fundo da cestinha de corvo explodiu.

— Ups! — exclamou Camelin. — Foi isso o que aconteceu com o bolo na minha terceira tentativa para ele *crescer*!

— Tente de novo, usando minha cesta — sugeriu Jack.

Camelin pareceu surpreso e disse:

— Mas essa era a sua.

— Não importa. Se quiser voar para a Montanha Prateada, mantenha a luz amarela imóvel na ponta da varinha e se concentre no feitiço até a cesta crescer o bastante para caber todo mundo dentro.

Camelin seguiu as instruções de Jack. A cesta de corvo foi crescendo lentamente enquanto a suave luz amarela a envolvia. Quando tinha atingido três vezes seu tamanho original, Camelin parou.

— Que tal?

— Genial! — exclamou Jack. — Mas como vamos conseguir fazê-la passar pela janela?

Camelin se virou depressa e apontou a varinha para o vidro redondo. Num instante, a suave luz amarela espalhou-se pela superfície e contornou o caixilho.

— Puxa vida! — exclamou Timmery ao ver a janela dobrar de tamanho.

— Chega! — berrou Jack. — Assim já dá para passar.

Camelin parecia orgulhoso ao entrar na cesta. Jack esperou todos se alojarem antes de subir. O próximo passo seria levar todos a salvo. Sabia a

importância de usar o comando certo. Quase arrebentara o barco a remo por descuido. Jack abriu o mapa e examinou as diferentes entradas da Montanha Prateada. Certamente não iam querer passar pela cachoeira. Quem sabe em um ponto um pouco abaixo? Seria mais fácil chegar ao salão e ao túnel que tinha um monte de portas.

— Para onde vamos? — perguntou Camelin.

— Aqui — respondeu Jack, encostando o dedo no mapa para mostrar a Camelin o caminho escolhido.

A cesta deu uma guinada, levantou do chão e flutuou diante da janela por um instante antes de sair a toda a velocidade rumo à Montanha Prateada.





A PORTA MINGUANTE

— Que maneiro! — exclamou Camelin quando a cesta deixou a Colina de Glasruhen para trás.

Jack não tinha tanta certeza. Como corvo, não sentia medo de voar, mas, como menino, era outra história. Segurou-se com força nas laterais da cesta, mas ela sacudia de modo alarmante durante o voo em ritmo acelerado. Toda vez que olhava para baixo sentia um frio no estômago e ficava enjoado. Os outros pareciam estar se divertindo com o voo; Jack mal podia esperar que chegasse ao fim. Felizmente, a escuridão reduzia a paisagem a contornos escuros. Ele tentou fechar os olhos, mas isso só piorou o enjoo.

— Estamos quase chegando, olhem só! — disse Camelin, apontando com a cabeça para os três montes.

— Melhor se segurarem — avisou Jack. — Não sei como vai ser o pouso.

A cesta não vacilou nem diminuiu a velocidade. Jack percebeu que até Camelin parecia preocupado ao se dirigirem para a lateral da Montanha

Prateada.

— Vamos bater — berrou Jack ao ver a porta fechada para a qual a cesta se dirigia com velocidade.

— Não pode abri-la? — gritou Motley.

Jack apontou a varinha para a colina. Não teve tempo para pensar nas palavras corretas.

— Abra — ordenou.

Para sua surpresa, a porta se abriu e a cesta entrou antes de quicar no chão do túnel. Balançava de um lado para o outro e toda vez que quicava no chão quase eram cuspidos para fora. Quando enxergaram o fim do túnel, a cesta finalmente desacelerou e deu o último solavanco.

— Nada genial, mas pelo menos chegamos, e em tempo recorde — comentou Camelin, saltitando da cesta.

Jack acendeu a ponta da varinha, abriu o mapa e tentou descobrir onde estavam. A cesta os levava ao local exato onde encostara o dedo. O túnel com um monte de portas se encontrava a pouca distância.

— Precisamos manter o silêncio — avisou Jack. — Vamos encontrar Raggs e sair daqui sem que ninguém nos note.

O Dorysk pulou do pelo de Motley e transformou-se num minúsculo morcego.

— Timmery e eu vamos na frente e damos uma olhada.

— Fiquem juntos — disse Jack a Motley.

Tudo parecia muito sossegado na Montanha Prateada. Jack torcia para que os habitantes estivessem todos dormindo. Tentou enxergar, apesar do escuro, e viu Timmery voar perto de uma das portas. O Dorysk estava fora do alcance de sua visão. Jack fez sinal para que todos o seguissem enquanto descia o túnel na ponta dos pés. Timmery prosseguiu, parando em cada porta e, quando o alcançaram, tinham chegado à porta maior. Um pequenino besouro saiu do buraco da fechadura.

— Seu rato está lá dentro, em uma gaiola pendurada no teto, e não tem ninguém no aposento — anunciou Dorysk, voltando a se transformar em morcego e se aproximando de Timmery.

Jack fez um sinal de agradecimento e tentou abrir a maçaneta, mas a porta estava trancada. Antes de tirar a corrente voltou a olhar o túnel para se certificar de que não tinham sido vistos. O túnel continuava deserto. A chave estremeceu em seus dedos. Faíscas dançaram do metal enquanto mudava de formato. Ouviu-se um clique alto quando Jack a enfiou no buraco da fechadura. Puxou a maçaneta e abriu um tiquinho a porta. Tudo dentro do aposento era do tamanho apropriado para humanos. A mesa, a escrivaninha e a cadeira eram grandes demais para um Bogie ou um Spriggan, ou seja, o Draygull ou Velindur morava ali. Suspensa em cima da escrivaninha, uma pequena gaiola de ferro e, dentro, Raggs, que se sentou ao vê-los entrar. Jack fechou a porta com cuidado antes de aumentar a luminosidade da ponta da varinha. Motley subiu correndo pela cadeira, pulou para a mesa e ficou na ponta das patas traseiras tentando alcançar o fundo da gaiola.

— Vamos tirar você daí logo — avisou, tentando tranquilizar Raggs.

— Você está bem? — perguntou Jack.

— Tirando o galo na cabeça, estou ótimo. Foi minha culpa ter ficado para trás. Não fui rápido o bastante e não tinha me segurado direito na cauda quando ele levantou voo. Caí, e a ventania causada pelo bater das asas me fez rolar dentro de um dos túneis. A força foi tamanha que bati com a cabeça na pedra e desmaiei. Depois, só me lembro de abrir os olhos e dar de cara com o Draygull me examinando. Achei que ele fosse me comer quando me pegou, mas resolveu me trazer para cá, para interrogatório. O Grandão me trancou na gaiola. Conversaram e depois saíram. Desde então, ninguém apareceu. Achei que fossem eles voltando quando ouvi o barulho da chave na porta. Como conseguiram me encontrar?

— Trabalho em equipe — disse Jack. — Conseguiu ouvir o que diziam? Talvez ajudasse se soubéssemos de seus planos.

Raggs se sentou nas patas traseiras e começou a falar bem rápido.

— Foram ajudar os Spriggans a encontrar duas corujas, uns pássaros verdes e um gnomo feio.

Camelin arqueou as asas e riu baixinho.

— Um gnomo feio? Deve ser você, Jack. Eu não disse que eles não iam saber que você era um menino?

Jack ignorou o comentário e usou a chave para destrancar a gaiola. Estendeu o braço para Raggs poder escalar e se acomodar em seu ombro. Camelin balançou as asas e começou a examinar a sala.

— Descobriu mais alguma coisa? — perguntou Jack a Raggs.

— Todas as bruxas foram interrogadas. Estão trancadas no salão e não estão nada contentes. Pyecroft e os dois Spriggans adormecidos também foram colocados lá. O Draygull acha que as duas bruxas que ele encontrou escondidas no corredor estavam mesmo espionando. Os Spriggans estão furiosos porque as luzes sumiram, principalmente porque não sobrou nenhuma vela. O Draygull disse que tinha dado ordem aos Spriggans de providenciarem tochas usando o fogo da lareira do salão. Acho que o Draygull e o Grandão foram para lá também. A última coisa que ouvi antes de a porta fechar foi o Grandão jurando que não ia desistir até descobrir tudo, até mesmo o que tinha acontecido com os dragões.

— Melhor ir embora — disse Jack. — Não queremos que eles nos encontrem aqui ao voltar.

Jack procurou Camelin com o olhar. Viu as penas do rabo do lado de fora de um armário.

— Está pronto? — perguntou Jack.

— Venha dar uma olhada nisso. Tem outro daqueles cristais luminosos aqui, um bem grande. Acha que devemos levá-lo com a gente? — perguntou Camelin saindo do armário.

Jack foi até lá e pegou o cristal grande. Iluminou-o com a luz da varinha. Era muito maior e mais pesado do que os outros, e não apenas brilhava, mas faiscava.

— Esse é diferente, não é uma luz — disse Jack, erguendo a mão para que todos o vissem.

— Parece a chave de diamante que abre as Cavernas do Repouso Eterno — disse Timmery. — Lembram, nós vimos a chave quando fomos às cavernas.

— Então, o que está fazendo aqui? — indagou Jack. — Talvez seja melhor descobrir onde fica o quinto portal e ver se está faltando o diamante. Não temos nada a perder. Se Ember não conseguir desmanchar o gelo e essa for a chave, conseguiremos deixar todos entrarem.

— Talvez fosse melhor voltar para casa — resmungou Camelin.

Jack o ignorou e olhou para os outros.

— Vale a pena tentar — disse Motley. — Vamos dar uma espiada e tentar descobrir como chegar lá.

Jack desenrolou o mapa e o abriu na mesa. Examinou o caminho a percorrer. Depois do que acontecera da última vez, tomou o maior cuidado para não encostar no mapa.

— Estamos aqui e precisamos descer até o fundo, onde Ember foi acorrentada. O túnel mais alto é o que leva ao quinto portal. Não deve ser muito difícil encontrá-lo.

— Estão prontos, homens? — perguntou Motley.

— Não — disse Camelin. — Viemos resgatar Raggs. Por que não levamos o diamante e deixamos Nora resolver o assunto? Já tive emoções demais numa só noite.

— Sugiro uma votação! — piou Timmery, voando ao redor da cabeça de Jack.

— Boa ideia! — exclamou Motley. — Quem for a favor de procurar o quinto portal diga *eu*.

— *Eu* — disseram Jack, Timmery, o Dorysk, Motley e Raggs.

— Vencemos — disse Motley a Camelin. — Cabeça erguida. Em breve estaremos fora daqui e a caminho de casa, é só um pequeno desvio.

Jack entreabriu a porta e espiou. O túnel continuava vazio. Voltaram correndo para a cesta. Uma vez instalados, Jack abriu o mapa e encostou o dedo na entrada arqueada desenhada por Nora.

— Precisamos ir para aqui — ordenou.

A cesta balançou um pouquinho e pairou no ar antes de acelerar pelos túneis. Jack percebeu que Raggs não se divertia com o passeio.

— Não feche os olhos — cochichou ele para Raggs. — Só piora.



Ao se aproximarem da entrada do salão, as portas duplas se abriram. Jack viu de relance um grupo grande de Spriggans. Cada um segurava uma tocha acesa. O movimento da cesta transformou as chamas das tochas em massas de fumaça em espiral. Todos começaram a tossir. Jack viu o Draygull à frente do bando de Spriggans. A cabeça se inclinou bruscamente para o lado quando eles passaram. Jack vislumbrou o olhar em seus raivosos olhos vermelhos.

— Intrusos! — berrou, soltando um grito de perfurar os tímpanos em seguida.

O som de passos ecoou pela montanha. Jack viu as luzes tremeluzentes não muito longe, sinal de que os Spriggans e o Draygull os perseguiram. Cada vez que o Draygull enxergava a cesta, soltava um berro, e o terrível som estridente ricocheteava nas paredes.

— Eles estão se aproximando — berrou o Dorysk.

A mente de Jack ficou oca; o balançar inconstante da cesta dificultava sua concentração. Nora saberia como agir, mas ela não estava ali. Jack viu um clarão cor de laranja forte voar na direção do Draygull quando Camelin apontou a varinha. O clarão atingiu o Draygull bem no centro do peito. Isso não alterou seu ritmo, mas Jack viu que ele crescera consideravelmente. Jack voltou-se para Camelin e viu quando ele firmou a varinha nas garras. Um segundo clarão, e o feitiço de crescimento mais uma vez atingiu o homem-coruja.

— Chega! — gritou Jack. — Já basta! Veja, ele já está grande demais para se mover.

Todos na cesta soltaram exclamações de alegria ao ver o Draygull tentar se libertar. Seu corpo aumentado ficara entalado no túnel e nenhum dos Spriggans conseguia passar. Jack deu um tapa afetuoso nas costas de Camelin.

— Não sabia que tinha trazido sua varinha, mas fico feliz, você nos salvou. Parece que seu feitiço do crescimento voltou a ser útil.

Camelin inflou as penas do peito.

— Acha que agora Nora vai me devolver a varinha de vez?

— Aposto que sim, mas primeiro precisamos sair daqui.

A cesta deu uma guinada brusca e Jack quase caiu quando ela contornou uma curva e entrou na caverna da churrasqueira. A grande corrente e a fechadura aberta continuavam no mesmo lugar onde tinham caído quando Ember se livrara delas. A cesta fez outra curva fechada para a esquerda e penetrou no mais alto túnel que saía da caverna.

— É isso — disse Jack —, o quinto portal fica no fim desse túnel.

Ele aumentou o brilho na ponta da varinha. Estavam numa alta passagem murada. Jack viu espirais compactas, círculos, linhas e formas entrelaçadas. Sabia que estavam no túnel certo; Spriggans não poderiam ter feito essas inscrições. Jack vira os mesmos padrões em construções de Annwn. A cesta diminuiu a velocidade, parou e pousou na terra macia do

piso. Jack apontou a luz na direção do fim do túnel, esperando ver duas portas em arco; mas, em vez disso, descobriu que se encontravam num túnel sem saída. Olhou para a rocha, mas não havia nenhum sinal de porta.

— Pegamos o caminho errado — resmungou Camelin.

— Esse é o túnel certo — comentou Jack. — Não viu as inscrições?

Jack foi até a rocha e passou as mãos em sua extensão. Não havia fenda ou brecha.

— Tente aquela mágica — sugeriu Timmery. — Você conseguiu abrir a outra porta.

Jack apontou a varinha para a rocha.

— Abra — ordenou.

Nada aconteceu.

— É uma porta minguante — anunciou o Dorysk, excitado. — Estamos no lugar certo. A porta foi feita pelos druidas.

— Que porta? — indagou Camelin. — Não estou vendo nenhuma porta.

— Ela praticamente desapareceu — explicou o Dorysk. — Devia estar aqui, mas os Spriggans entraram e saíram para recolher os cristais. Toda vez que passavam a porta diminuía, é isso o que fazem as portas minguantes. Ficou tão pequena que quase não sobrou nada dela.

— Que idiotice! — resmungou Camelin.

— Essa porta foi construída assim de propósito — continuou o Dorysk —, para que os druidas soubessem se alguém passasse por ela desde a última vez que eles a usaram. De qualquer jeito, nunca iriam imaginar que seria usada por Spriggans. Tiveram sorte de poder entrar e sair. Se um humano tivesse entrado sem permissão, a porta minguante se fecharia de imediato, impedindo-lhe a saída.

— Tudo isso é muito interessante — disse Camelin —, mas não nos ajuda a entrar.

— Bem, pelo menos tentamos — comentou Jack, voltando a entrar na cesta.

Motley começou a farejar a parede.

— O que é isso? — perguntou ao Dorysk.

— Puxa vida! Jack, venha dar uma olhada. É um buraco de fechadura minúsculo.

Jack precisou deitar-se no chão para enxergar o minúsculo pontinho escuro encontrado por Motley.

— É pequeno demais para ser uma fechadura. Deve ser um entalhe na rocha.

Ouviu-se um estalido quando o Dorysk desapareceu. Jack franziu os olhos e enxergou um diminuto par de óculos na menor mosca que já vira. Observou-a pousar na rocha e se aproximar do buraco. Ninguém falou depois que o Dorysk desapareceu de vista. Quando a mosquinha reapareceu, transformou-se em morcego no ar e começou a falar muito depressa. Jack percebeu que o Dorysk estava realmente excitado.

— Use sua chave, Jack, é um buraco de fechadura. Passei por ele, é uma porta minguante. Tem uma caverna grande do outro lado.

Jack retirou a corrente e apontou a minúscula chave na direção do buraco de fechadura, ainda mais minúsculo. Os dedos formigaram quando a chave encolheu até ficar do tamanho de uma cabecinha de alfinete. Ao girá-la na fechadura, dois pequenos morcegos voaram excitados em torno de sua cabeça.

— Olhe, Jack! Olhe as portas! — exclamou Timmery.

Jack deu um passo atrás e, deslumbrado, observou a porta em arco começar a se formar. Era quase idêntica ao Portal de Glasruhen que ele conhecia. A rocha se enrugou e sumiu, dando lugar às portas de madeira, que formaram uma linha vertical no centro, e lentamente se abriram. A caverna estava escura e vazia. Fazia frio. Jack iluminou o canto mais escuro

com a varinha. Prateleiras e nichos se tornaram visíveis. Ali, em cada vão, jazia o corpo imóvel de um druida ancião.

— Conseguimos! — exclamou Jack, animado. — Abrimos o quinto portal. Estamos dentro das Cavernas do Repouso Eterno.

— Eles estão mortos? — sussurrou Motley.

— Espero que não — disse Jack —, mas aqui faz muito frio.

Jack caminhou pela caverna tiritando de frio. O único som que ouvia era o dos passos deles. Timmery e o Dorysk voaram pela enorme caverna e logo desapareceram na escuridão. Jack começava a perder as esperanças quando Timmery começou a falar em voz alta.

— Vem logo, Jack, vem dar uma olhada.

O coração de Jack palpitou ao correr em direção à voz de Timmery. Na extremidade da caverna, entre duas colunas, havia uma caverna menor. A luz escorria pelo chão por meio de uma grande camada de gelo que cobria a entrada. Ao lado, um espaço vazio, onde antes tinham visto a chave de diamante.

— Olhem! — exclamou Jack. — Timmery tinha razão, é essa a chave.

Um movimento do outro lado da camada de gelo atraiu a atração de Jack. Ele correu até lá. Nora, Gwillam e Elan se afastavam. Ele bateu no gelo e gritou, mas não conseguiu fazer com que o ouvissem.

— Voltem — berrou Jack e concentrou-se nas três silhuetas.

Nora de súbito se deteve e virou. Jack sorriu ao ver seu olhar de surpresa. Ergueu o enorme diamante para que o vissem.

— Vejam o que achei — berrou o mais alto que pôde.

— Obrigado — disse uma voz às suas costas. — Deixe que eu cuido disso — completou a voz, e a varinha e o diamante foram arrancados das mãos de Jack.

Jack se virou e exclamou surpreso:

— Velindur!





O CRISTAL MÁGICO

O tempo pareceu parar. A alegria de Jack se transformou em pavor. Sabia estar indefeso e à mercê de Velindur. Não tinha como escapar. Velindur soltou uma gargalhada. Os pelos da nuca de Jack se arrepiaram ao ouvir a voz debochada ecoar na caverna.

— Mais uma vez nos encontramos — disse em tom áspero. — Um corvo e um menino inútil.

Desesperado, Jack olhou ao redor. A caverna estava vazia e sem vida. Velindur fez um gesto em linha curva com o braço.

— Não conte com ajuda. Se esses druidas ainda não estão mortos, falta pouco.

— Camelin, faça seu feitiço — berrou Jack.

— Acho que seu amigo não pode escutar.

O coração de Jack quase parou quando Velindur exibiu a varinha de Camelin e a atirou longe.

— Não acredito que ele possa ser de grande ajuda — esbravejou, acenando para a rocha.

Jack acompanhou seu gesto com o olhar. O corpo de Camelin jazia estirado no chão. Jack reuniu toda a coragem e deu dois passos na direção de Camelin. Velindur começou a gargalhar.

— Eu disse que voltaria. Eles me subestimaram. Vão se arrepender de terem me expulsado de Annwn.

Jack deu mais dois passos na direção de Camelin, mas parou abruptamente ao ouvir o grito. Motley e Raggs mordiam as pernas de Velindur, enquanto Timmery e o Dorysk lhe atacavam a cabeça.

— Não! — berrou Jack quando Velindur chutou os ratos e afastou os dois morceguinhos com as costas da mão. — Não! — voltou a soluçar ao ver os amigos caírem.

Velindur passou por Jack e parou diante da camada de gelo. Debochado, gargalhou e ergueu a chave de diamante para que todos do outro lado a admirassem. Jack ficou desolado.

— Chegou a hora da vingança — vociferou e arremessou contra a pedra o diamante, que se espatifou em milhares de fragmentos. Jack se encolheu quando os estilhaços caíram em cima deles. Teve vontade de chorar ao ver o estrago causado por Velindur. Impossível consertar a chave de diamante.

Velindur abriu os braços.

— Esta é a minha vingança — berrou e atacou Jack. — Nenhum de vocês vai sair vivo daqui.

Jack desviou, passou por baixo do braço do homem e correu para Camelin.

— Acorde — berrou, sacudindo o corpo mole de Camelin.

Camelin não se moveu. A risada demoníaca de Velindur provocou um calafrio na espinha de Jack. Ele se levantou e se virou devagar para encará-lo. O medo deu lugar à preocupação com Camelin e os amigos. Podia ver Nora, Gwillam e Elan do outro lado da camada de gelo. Pela expressão em seus

rostos, sabia que não podia contar com a ajuda deles. Instintivamente, apertou a noz de ouro e desejou de todo o coração que Velindur desaparecesse.

Uma repentina lufada de vento empurrou Jack. Ele cambaleou quando uma onda ainda mais poderosa o derrubou e o atirou na parede. Uma força invisível o imobilizou ali. Olhou fascinado Velindur sair do chão e começar a subir devagar no ar.

— NÃO! PARE! — berrou Velindur quando começou a rodopiar.

Jack prendeu a respiração enquanto Velindur rodopiava cada vez mais rápido até seu corpo se transformar num borrão.

— O que está acontecendo? — perguntou Camelin, estremecendo. — O que você fez?

— Não sei. Nem sei se fui eu. Só desejei que ele não estivesse aqui e o redemoinho chegou. Talvez tenha sido Nora ou Elan. Você está bem?

Jack não ouviu a resposta de Camelin, pois o barulho do redemoinho aumentou mais e mais até ocupar todo o espaço. Jack tremeu ao ouvir os gritos de Velindur. Tentou tapar as orelhas, mas não conseguia se mover. Então, uma enorme nuvem de fumaça surgiu, e a coluna em espiral inesperadamente se evaporou. O corpo de Jack de repente ficou mole. Escorregou pela parede e caiu em cima de Camelin. Ao erguer o olhar, Velindur tinha sumido, e sua varinha de condão se encontrava no chão ao lado da de Camelin.

— Para onde ele foi? — perguntou Jack.

— Não sei nem quero saber. Ele roubou minha varinha. Agora dá pra sair de cima de mim?

— Ele pegou a minha também, mas não as levou com ele, estão ali no chão.

Jack tomou cuidado para não pisar nos pedaços de cristal quando foi buscar as varinhas.

— O que é isso tudo no chão? — perguntou Camelin.

— É a chave de diamante. Velindur a destruiu antes de desaparecer. Fracassamos. Nunca mais os druidas vão acordar.

Jack ouviu um som baixinho de choramingo.

— O que foi isso?

Voltaram-se para o local de onde vinha o som e, então, Jack encontrou Raggs, encolhido no chão.

— O que aconteceu? — perguntou.

Em seguida, ajoelhou-se e segurou a cabeça de Raggs. Timmery e o Dorysk esvoaçaram, e Raggs gemeu mais alto quando Motley se aproximou correndo, seguido por Camelin.

— Estou acabado, é meu fim, o fim de meus dias. Fui pisoteado.

Jack viu uma poça de sangue embaixo de Raggs.

— Levante-se — pediu Motley. — Deixe que eu o examine.

Jack recuou.

— Precisamos fazer alguma coisa.

Raggs gemeu quando Motley mexeu em seu pelo.

— Nada quebrado, mas tem um estilhaço do cristal na sua pata. Assim que for retirado, a ferida vai fechar. Venha me ajudar, Jack.

Raggs gemeu de novo. Obviamente sentia dor. Jack olhou para a entrada da caverna. Via os rostos de Nora, Elan e Gwillam espremidos no gelo tentando ver o que acontecia.

— *Somnus* — disse Jack, apontando a varinha na direção de Raggs.

O feitiço funcionou imediatamente. O corpo do velho rato de navio ficou pesado, e ele pegou no sono. Motley e Jack cuidadosamente retiraram o estilhaço da parte superior de sua perna. Jack o ergueu contra a luz. Já estava prestes a jogá-lo fora quando se ouviu um tinido. Os outros estilhaços começaram a se erguer do chão. O caco que Jack segurava foi arrancado de sua mão e se uniu aos restantes, que se erguiam no ar. Rodopiaram muitas, muitas vezes até que cada estilhaço flutuasse. Surpreso, Jack observou os pedaços se transformarem em uma esfera em espiral, ficando cada vez

menores, até um enorme clarão iluminar todo o lugar. Quando voltou a enxergar, a chave de cristal estava inteira e repousava no chão.

— Foi você? — perguntou Camelin.

— Não, eu não fiz nada, a chave se reconstituiu sozinha. Não faço ideia do que está acontecendo.

— Mas eu faço — disse uma voz das sombras.

Jack se preparou, esperando ver Velindur avançar em sua direção. Pegou a chave de cristal e a protegeu contra o peito antes de dirigir a ponta da varinha para a voz.

— Não será necessário.

Jack não reconheceu o velho que, saindo da escuridão, apareceu na luz.

— Deixe que eu me apresente. Meu nome é Mortarn, Vigia das Cavernas do Repouso Eterno e Guardião da Chave de Cristal.

O velho fez uma reverência e estendeu a mão para Jack.

— Por gentileza, agora eu posso colocar a chave de volta no lugar e deixar os outros entrarem.

— Achei que todos estivessem adormecidos e não pudessem ser despertados — disse Jack.

— Os outros dormem. Meu despertar deve-se à volta da chave de cristal. Eu teria ajudado vocês antes se fosse possível. Senti a presença do cristal tão logo entraram no quinto portal, mas demorei a recuperar minhas forças.

Jack entregou a Mortarn o cristal em forma de diamante e observou o ancião caminhar para a entrada. Colocou com cuidado a chave no lugar e a girou devagar três vezes. Em seguida, apoiou as mãos sobre a chave e começou a cantar. Quando Mortarn se calou, curvou-se numa reverência para Jack.

— Só mais um pouquinho e em breve a entrada se abrirá.

Todos observaram o gelo rapidamente se dissolver. Nora, Elan e Gwillam entraram correndo na caverna.

— Ficamos tão preocupados — disse Nora. — O que houve?

— Encontramos a chave de cristal no quarto de Velindur e viemos pelo quinto portal — explicou Jack.

— É uma porta minguante de druida — disse o Dorysk —, mas Jack conseguiu abrir com a chave dele.

— A mesma chave? — perguntou Nora. — A chave mágica?

Jack fez que sim.

— O que houve com Velindur? — perguntou Elan.

— Não sei — respondeu Jack. — Eu apertei minha noz e desejei que ele sumisse, e funcionou.

Mortarn aproximou-se de Jack e repousou as mãos nos ombros do menino.

— Acho que você vai descobrir que a magia do cristal foi a responsável pelo desaparecimento de Velindur. É a mais poderosa magia do mundo. A chave tem vida própria e não pode ser controlada por ninguém. Passei a vida nessas cavernas como guardião e ainda não entendo como funciona. Ela escolhe o próprio caminho. Os cristais sempre deram repouso e refúgio a quem quer que entrasse nas cavernas. Agora que eles sumiram, temo que os escolhidos para aqui repousar jamais despertarão. Fui eu que falhei, não você.

Mortarn sentou-se na soleira e repousou a cabeça entre as mãos.

— Não foi culpa sua — disse Elan. — De um jeito ou de outro, Velindur deve ter descoberto a existência do portal.

— Ele mandou um Bogie e os Spriggans roubarem os cristais — explicou Jack. — Acho que eles nem fazem ideia de que já estiveram em Annwn.

— Jamais teriam roubado os cristais se soubessem — confirmou Nora. — Desconfio de que Velindur convenceu o Bogie e os Spriggans de que os cristais estavam disponíveis de graça para quem quisesse pegar.

— O que faremos agora? — perguntou Mortarn a Gwillam.

— Não se preocupe; nem tudo está perdido.

O som do bater de asas fez todos se virarem e olharem a entrada da caverna. Três dragonetes entraram, cada um com uma sacola cheia, que deixaram aos pés de Mortarn.

— Olhe o que tem aí dentro, meu velho amigo — disse Gwillam.

Mortarn abriu uma das sacolas. Um raio de luz cálida brilhou.

— Os cristais! Mas como? — exclamou.

— É uma longa história, mas, graças a uma antiga lenda sobre um lugar chamado Morro Uivante, uns dragonetes perdidos e façanhas de seres muito corajosos, os cristais foram recuperados — respondeu Nora.

— Acho que chegou a hora de devolvê-los a seu lugar de origem, não acha? — perguntou Gwillam.

Nora abriu os outros dois sacos e recuou.

— Podemos ajudar? — perguntou Jack.

Gwillam riu.

— Não, mas, de qualquer maneira, obrigado pela oferta. Afastem-se todos, resolvo isso num instante.

Apontou o cajado para os sacos. Um feixe de luz branca iluminou a caverna. Os cristais se ergueram e pairaram no ar antes de se dispersarem e se instalarem nas paredes. Logo toda a caverna se transformou. Cada centímetro brilhava com uma luz acolhedora.

— Magnífico — disse Motley, olhando ao redor.

— Incrível mesmo — acrescentou o Dorysk, esvoaçando pela caverna.

— Acho que chegou a hora de deixarmos Mortarn sozinho para organizar as coisas por aqui — anunciou Nora.

— Podemos voltar para o palácio? — perguntou Elan.

— Palácio? — perguntou Raggs, sonolento. — Onde estou?

— Raggs! — exclamou Jack, aproximando-se correndo do ratinho. — Você está bem?

— Minha perna está doendo.

Nora se aproximou e o examinou.

— Preciso passar algo nessa perna para parar de doer e agilizar a cicatrização.

Carinhosamente, pegou Raggs no colo e o aconchegou em seus braços.

Enquanto todos cercavam Raggs, Jack foi ao encontro de Mortarn.

— O que o senhor acha que o cristal mágico fez com Velindur?

— Cristais mágicos nunca destroem, apenas protegem ou dão vida.

— Quer dizer que Velindur não morreu? — grasnou Camelin, afastando-se da porta com seu jeito de andar característico para se unir a Jack.

— Ah, não, não vai morrer, mas a mágica pode levá-lo para qualquer lugar.

Não era bem isso o que Jack queria ouvir. Achava que Velindur havia sido destruído. Esperava que o cristal mágico o tivesse transportado para muito longe. Não queria voltar a vê-lo nunca mais.

— Hora de ir embora — disse Elan, voltando-se para Camelin e os dragonetes. — Voem na frente e avisem a todos que estamos a caminho.

— Eu também vou — piou Timmery.

Tão logo atravessaram a porta da entrada, o morcego se transformou num lindo beija-flor.

— Esperem por mim — pediu o Dorysk, também se transformando em um beija-flor idêntico a Timmery, exceto pelos óculos.

Elan se ajoelhou e convidou Motley a escalar seu braço. Ele sentou-se todo orgulhoso em seu ombro enquanto se despediam de Mortarn. Quando Nora passou por Jack, estendeu a mão e disse:

— Por enquanto, eu tomo conta da varinha de Camelin.

Jack lhe entregou a varinha. Observou Nora e Gwillam se dirigirem ao palácio. Quando Elan uniu-se a ele na entrada, Jack se virou e lançou um último olhar à caverna. Acenaram para Mortarn antes de seguirem Nora e Gwillam pela estrada.

— Então Ember não conseguiu desmanchar o gelo? — perguntou ele.

— Não, ela tentou com todo o empenho, mas, como você pôde constatar, o cristal mágico é muito poderoso.

Jack bocejou.

— Foi uma noite e tanto. Ainda bem que não tenho aula amanhã.

— Vamos celebrar antes que vocês voltem.

— Quer dizer que não vem conosco?

— Volto em breve, muito breve, prometo. Winver e Hesta vão ficar felizes em reencontrar vocês dois.

Jack não respondeu. Pelo menos dessa vez era um menino. Certamente, as duas demonstrariam mais interesse por Camelin.

— Você acha que Nora vai ficar zangada comigo porque devolvi a varinha a Camelin? Sem a ajuda dele, não teríamos conseguido resgatar Raggs ou encontrar a chave de cristal.

— Tenho certeza de que, depois que você tiver explicado o que aconteceu, ela vai entender. Pelo que soube, ele só aprendeu um feitiço.

— Isso mesmo, mas ele se mostrou muito útil hoje à noite.

Jack vislumbrou as pontas das quatro torres de vidro enquanto desciam a montanha.

— O palácio de vidro também é mágico?

— Não sei — respondeu Elan. — Deve ter sido construído com os mesmos cristais. Em minha lembrança, ele sempre esteve ali. Verifique nos livros da biblioteca do palácio. Tudo o que já foi escrito sobre Annwn se encontra lá.

— Talvez da próxima vez. Estou meio cansado hoje.

— Já estamos quase chegando. Depois que tiver descansado, vamos comemorar.

Jack sorriu. Não esperava voltar tão cedo a Annwn.

Quando chegaram à aldeia dos druidas, Gwillam os esperava, apoiado no cajado, diante da porta de sua casa.

— Você parece exausto, Jack. Por que não tira um cochilo? Eu acordo você quando chegar a hora.

Jack fitou Elan.

— Pode ficar. Vejo você mais tarde. Aviso a Nora que ficou aqui.

Gwillam se afastou da porta, dando passagem a Jack, que entrou e cruzou a cozinha circular em direção ao quarto que dividira com Camelin da última vez que ali se hospedaram. Ao abrir a porta, ouviu o ronco. Na esteira de palha, Camelin estava com os pés para o ar. Não acordou quando Jack se atirou ao lado dele. Tão logo a cabeça atingiu o travesseiro, pegou no sono.



Jack ouviu alguém chamando. Esforçou-se para abrir os olhos, voltando a mergulhar no sono quando a porta se abriu.

— acorde, seu preguiçoso. Está todo mundo esperando a gente na clareira.

Jack franziu os olhos para Gwillam quando a luz do sol penetrou pela janela.

— Onde está Camelin?

— Winver e Hesta vieram buscá-lo. Acho que Nora queria discutir com ele o assunto da varinha.

— Foi culpa minha. Preciso explicar a Nora.

— Não até tomar um banho e se tornar apresentável.

— Como está Raggs?

— Nora cuidou de seu ferimento. Vai ficar bom, mas ela acredita que talvez ele manque pelo resto da vida. Ele não pareceu muito satisfeito quando ela avisou que talvez tenha de se aposentar da Guarda Noturna.

Motley ainda tornou a situação pior quando convidou o Dorysk a fazer parte do grupo. Nora pediu a Raggs para assumir a responsabilidade de tomar conta do herbário, prometeu-lhe até uma rede com colchão de penas, se ele quisesse. Tenho certeza de que ele vai gostar de não precisar mais patrulhar florestas. Certamente pareceu gostar da cama de penas onde dormiu na noite passada. Agora vamos, mexa-se.

Jack se lavou bem depressa, tentou arrumar o cabelo no lugar e logo depois atravessou correndo os aposentos circulares em direção à cozinha.

— Melhorou bastante — comentou Gwillam, examinando Jack. — Está com fome?

O estômago de Jack roncou bem alto.

— Acho que sim!

— Ótimo. Se nos apressarmos, vamos chegar a tempo de ver a churrasqueira sendo acesa.

Jack e Gwillam conversaram a caminho da clareira. Mesas e cadeiras tinham sido instaladas em torno do monólito, e uma grande multidão conversava perto da enorme pedra. Jack não reconheceu nenhum dos homens altos de capa que menearam de leve a cabeça à sua passagem.

— Você devia estar orgulhoso, Jack — disse Gwillam. — Sem a sua ajuda, eles não teriam sobrevivido.

— Esses são os druidas da Caverna do Repouso Eterno?

— São os que escolheram despertar e ajudar a rainha. Há muito a ser feito antes que nossa terra volte a ser o lugar feliz que costumava ser.

— Onde estão Camelin e os outros? — perguntou Jack, percorrendo a multidão com os olhos.

— Não devem demorar. Já viu quem está lá em cima?

Gwillam apontou para as três colinas altas que formavam a parte de trás do anfiteatro. Ember se encontrava no cume da colina do meio. Seu chifre prateado e torto brilhava à luz do sol e as escamas vermelhas cintilavam

como couro lustrado. Ao erguer a pata dianteira, Jack viu que as compridas garras tinham sido polidas. Ela realmente estava magnífica.

— Acha que ela está feliz? — perguntou Jack.

— Tenho certeza de que sim. Aqui estará a salvo, e existem muitas cavernas nas montanhas onde pode construir um novo lar. Tomaremos conta dela.

Jack sorriu e acenou, mas Ember virara a cabeça na direção do palácio.

— A rainha! — gritou alguém no meio da multidão.

Jack ficou na ponta dos pés, mas não enxergou nada até que a multidão se dividiu. Todos se curvaram quando a procissão vinda do palácio aproximou-se do monólito. À frente, Coragwenelan, usando a coroa de prata com as três luas, que Jack já vira. O comprido vestido verde-floresta arrastava-se no chão. A varinha estava guardada no cinto de prata, e o manto branco bordado esvoaçava ao vento, os desenhos prateados entrelaçados faiscavam à luz do sol. Demonstrando orgulho, Winver e Hesta encontravam-se sentadas em seus ombros. A multidão fez reverências enquanto ela passava, assim como Jack. Doze figuras encapuzadas a seguiam. As duas primeiras se detiveram quando alcançaram Gwillam e ele ocupou o lugar à dianteira do grupo.

— Venha, Jack, precisa me acompanhar à frente do Conselho Sagrado.

Jack se uniu a Gwillam, e seguiram a rainha, que se encaminhou para uma mesa comprida. Nora os esperava com os dois ratos nos ombros. Quando Coragwenelan acomodou-se numa linda cadeira entalhada na cabeceira da mesa, um ofuscante conjunto de cores irrompeu diante dos olhos de todos. Dois beija-flores e três dragonetes surgiram como dardos. Suas escamas e penas iridescentes mudaram de cor ao serem atingidas pela luz. Todos aplaudiram, e a rainha fez sinal para que a multidão se acomodasse.

— Que tenha início a diversão — anunciou a rainha.

Um contador de histórias caminhou entre as mesas, contando a lenda do Morro Uivante. Ao chegar ao fim da história, Raggs se levantou com a ajuda de uma bengala e contou as aventuras vividas dentro da Montanha Prateada. Quando chegou à parte em que Ember Chifre Prateado representara um importante papel, dirigiu a atenção da multidão ao magnífico dragão pousado no topo da colina. Todos aplaudiram e soltaram vivas. Um rugido assombroso vindo lá de cima silenciou a multidão. Ember Chifre Prateado, a Magnífica, abriu as asas e alçou voo. Expeliu uma enorme labareda que dirigiu para a churrasqueira. De imediato, o carvão acendeu. Jack nunca vira nada tão incrível. Sentira Ember levantar voo na caverna, dentro da Montanha Prateada, mas estava escuro e não a vira em pleno voo. A enorme envergadura das asas cobriu toda a clareira de sombra. A multidão segurou copos e pratos para que a corrente de ar causada pelas asas não os derrubasse. Ember sobrevoou mais uma vez a multidão antes de se deslocar rumo às montanhas. Fez-se silêncio. Todos a observaram até que desaparecesse de vista por completo.

— Agora é minha vez — disse Camelin.

Ele exibiu os números mais complicados que sabia: arremessos, rodopios, voos triplos e de costas. Os três dragonetes se juntaram a ele e formavam círculos de fogo para que Camelin os atravessasse. A multidão aplaudia embevecida. Quando ele voltou para seu poleiro, Wiver aproximou-se e se acomodou bem pertinho. Camelin lançou um olhar pedindo socorro a Jack, que apenas sorriu. Parou de sorrir momentos depois, quando Hesta arremeteu e pousou em seu ombro.

Depois que todos tinham terminado a refeição e conversavam sobre as aventuras, Nora se levantou e anunciou ter chegado a hora da partida.

— Puxa, não podemos ficar mais um pouquinho? — pediu Camelin.

— Receio que não. O avô de Jack vai ficar preocupado se não o encontrar na Casa Ewell quando for buscá-lo. Além do mais, não podemos esquecer aquele assunto da inspeção do sótão.

Camelin fitou Jack.

— Aconteceu um acidente com uma das cestas de corvo e não tivemos tempo para limpar — explicou Jack. — Estávamos com um pouquinho de pressa na noite passada.

Nora não fez nenhum comentário, mas Jack percebeu um sorriso no rosto dela e no de Coragwenelan.

— Acredito que isso seja seu — disse Gwillam, retirando a cesta de corvo de Camelin de debaixo da mesa.

— Puxa, legal, agora não vamos precisar voltar voando, podemos usar a cesta.

— Acho que não — disse Nora, apontando a varinha. Ouviu-se um estalo, e a cesta encolheu, voltando a ficar do tamanho de um pratinho de sobremesa. Desse jeito vai ser mais fácil levá-la para casa.

Camelin ficou emburrado, mas não reclamou.

De repente, Jack se lembrou da chave de Nora. Tirou a corrente do pescoço e a estendeu para ela.

— Essa chave não é minha, Jack, é sua.

— Mas eu a encontrei em uma gaveta no herbário — retrucou.

Camelin olhou para Jack de cara feia.

— Estava com ele o tempo todo?

— Estava — respondeu Nora. — E ele agiu bem em não usá-la pelos motivos errados.

— Não entendo — disse Jack —, é uma chave mágica, ela encolhe e cresce para caber em qualquer fechadura.

— Não é a chave — explicou Nora. — É você que a faz mudar de formato. A mágica vem de dentro de você.

— Caramba! — exclamou Timmery. — Jack pode fazer mágica de verdade.

Camelin demonstrou aborrecimento.

— Como? — indagou Jack.

— O poder de Annwn reside dentro de você — explicou Gwillam. — Toda vez que você vem aqui sua força aumenta. Chegará um dia em que não vai mais precisar da varinha de condão.

Jack ficou estupefato. Não sabia o que dizer. Gostaria de perguntar mais a Gwillam, mas não teve oportunidade. Gwillam aproximou-se de um grupo de figuras encapuzadas que esperavam próximo à estrada que os levaria ao Portal Oeste. Coragwenelan agradeceu por tudo o que tinham feito, e Jack ficou com um nó na garganta ao se despedir. Gostaria que sua visita a Annwn pudesse ter sido mais demorada.

— Em breve nos falamos — sussurrou Gwillam para Jack. — Em pouco tempo, Elan vai voltar para Glasruhen.

Todos acenaram quando eles iniciaram a caminhada rumo ao Portal Oeste.

— Daqui a pouco, estaremos em casa — avisou Nora.

— Chegaríamos muito mais rápido se você não tivesse encolhido minha cesta voadora — resmungou Camelin.



Ao chegarem à Casa, Ewell, Nora foi direto para o herbário preparar um lugarzinho confortável para Raggs.

— Não desapareça — avisou a Camelin em voz alta —, lembre-se de que tem de arrumar o sótão.

Camelin contornou a casa, e Nora e Jack subiram as escadas. Quando olharam o sótão, Jack ficou boquiaberto. O chão estava impecável. Não havia uma única bolota de poliestireno de tamanho gigante. Camelin, sentado no peitoril da janela, também estava de bico aberto.

— Como isso ficou assim tão arrumado? — perguntou Nora.

— Nós ajudamos — guinchou Fergus, aparecendo com Berry ao lado de Camelin.

— Era o mínimo que podíamos fazer já que você foi resgatar Raggs — acrescentou Berry.

Jack sorriu. Dessa vez, Camelin tinha retribuído aos ratinhos os serviços prestados. Devia isso a eles.

— O que houve com a janela? — perguntou Nora.

Camelin pulou de um pé para o outro.

— Se não tivesse aumentado, como a gente ia sair voando na cesta?

Nora apontou a varinha e reverteu a janela a seu tamanho original.

— Assim está melhor, tudo voltou ao normal.

— Melhor eu juntar minhas coisas — disse Jack. — Daqui a pouco vovô chega.

— Todos lhe devemos um bocado — disse Nora. — Não poderíamos ter salvado os druidas se não fosse por vocês dois.

Camelin tossiu e olhou fixamente para a varinha saindo do bolso de Nora.

— Claro, agora pode recebê-la de volta, mas, se eu souber que andou fazendo mau uso dela, já sabe para onde ela vai.

Camelin pulou para o chão e, num salto triplo, alcançou Nora.

— Vou me comportar bem — prometeu, enquanto pegava de volta a varinha.

Nora sorriu.

— Não quero saber de nada aumentando por aqui. A não ser em caso de emergência! Acho que você e Jack precisam ter aula prática de varinha amanhã. Um de vocês ainda tem muito a aprender.



Antes de ir para a cozinha, Jack voltou ao sótão para se despedir de Camelin. Surpreendeu-se ao encontrá-lo deitado de barriga para cima com as pernas para o ar num pufe do tamanho ideal para um corvo.

— Onde conseguiu isso?

— Gostou? Achei que não se importaria se eu encolhesse seu pufe, eu queria algo um pouco mais confortável do que uma caminha de corvo.

— Nora já sabe?

— Ela disse para não aumentar nada. Por acaso falou em encolher?

— Achei que só conhecesse um feitiço.

— Ah, encolher é fácil. É só dizer o feitiço de aumentar ao contrário.

Jack sorriu. Provavelmente, Nora não se importaria muito desde que ele não começasse a voar pelo sótão no pufe.

— Então nos vemos amanhã.

— Falou. Foi um fim de semana genial, não acha?

Jack tentou encontrar a resposta apropriada.

— Diferente — disse afinal, antes de se encaminhar para a escada a fim de esperar o avô na cozinha.

Parecia ter ficado fora uma semana inteira em vez de apenas dois dias. Ainda tinha perguntas a fazer e queria descobrir tudo o que pudesse sobre o cristal mágico. Precisava descobrir coisas sobre si mesmo também, principalmente se Gwillam tivesse razão e a magia de Annwn habitasse dentro dele. A mão fechou-se em torno da chavezinha pendurada na corrente de prata. Nora havia mencionado que ele tornara a chave especial. Seu poder fora responsável pela mudança de seu formato. Ainda tinha seis semanas antes de voltar à escola e queria passá-las descobrindo o máximo possível sobre seus poderes e como utilizá-los. Mal podia esperar.





QUEM É QUEM, O QUE É O QUE
ONDE FICA O QUE?

Agora que já sei ler e escrever, Nora me pediu para preparar uma lista de tudo e de todos em Glasruhen e em Annwn. Ela acha que fiz isso tudo sozinho, então, por favor, não conte que Catherine Cooper tem me ajudado. Na verdade, Catherine está me ajudando a escrever meu livro de memórias. Já terminamos os três primeiros volumes, e você pode ler todas as minhas aventuras em A Noz de Ouro, O Portal de Glasruhen e A Montanha Prateada.

É claro que o pássaro mais importante de toda a cidade de Glasruhen sou eu, Camelin. Sou eu a criatura em quem Nora (Eleanor Ewell) deposita maior confiança e sou o melhor amigo de Elan. Também sou o sábio e experiente professor de Jack Brenin que, parece, é O Eleito esperado por todos. A princípio, ele não era grande coisa, mas está melhorando. Sou conhecido como um ás nas acrobacias voadoras, brilhante caçador de Dorysks, crítico gastronômico, inventor do chamado do corvo e coordenador de operações da

Guarda Noturna (logo vão descobrir tudo isso). Fiz questão de acrescentar alguns comentários meus entre parênteses.

QUEM É QUEM?

Addergoole Peabody — Um **Bogie**, um dos seres do **Povo Não Tão Feérico**, trabalha principalmente para **Jennet**. Ele recolhe informações para ela, principalmente sobre as outras **ninfas aquáticas**. **Addergoole** é o seu nome de família e **Pyecroft** é seu irmão mais velho. (*Nunca conte nada a Peabody, ele é um informante nada confiável.*)

Addergoole Pyecroft — Um **Bogie**, um dos seres do **Povo Não Tão Feérico**. Trabalha sozinho e troca ou vende informações para qualquer um. **Addergoole** é seu nome de família e **Peabody** é seu irmão caçula. (*Pyecroft é ainda menos confiável do que Peabody.*)

Agye — Uma das duas **gárgulas** que guardam a **fonte de Uriel**. (*Leia como eu derrotei Agye em O Portal de Glasruhen.*)

Allana — Agora é uma **Gnori**, mas costumava ser a **hamadriade** da **Floresta de Newton Gill**. Era conhecida como Allana, a Bela, Guardiã do Bosque, a Mais Gentil e Sábia de Todas.

Arrana — A última **hamadriade** existente na Terra. Seu título completo é Arrana, a Sábia, Protetora e Mais Sagrada de Todas. Quando Arrana se transforma de carvalho em **hamadriade**, fica alta como a árvore. Reúne toda a magia de **Annwn** em seus galhos e protege todas as árvores da **Floresta de Glasruhen**.

Avô — Samuel Brenin, conhecido como Sam, é avô de Jack. A família Brenin mora na **Casa dos Brenin**, que fica ao lado da **Casa Ewell**, há gerações. O avô adora jogar críquete e cuida do gramado do **Clube de Críquete de Glasruhen**. Também é um jardineiro de mão cheia e vice-presidente do clube de jardinagem local. Tem uma horta e uma estufa enormes. A casa do avô fica na **alameda**, logo depois do campo de futebol e perto do clube de críquete. *(O avô não sabe nada a meu respeito, então eu sempre tenho de ficar muito quieto quando vou ao quarto de Jack visitá-lo. Acho que Jack deveria contar ao avô que corvos não se alimentam de alpiste.)*

Berry — Um dos ratos mais jovens da **Guarda Noturna**. Berry tem o pelo macio e o mantém sempre bem-penteado. Não é tão grande quanto os membros mais velhos da guarda e está sempre com **Fergus**. *(Eu sempre dou um jeito de Berry e Fergus fazerem uns trabalhinhos chatos para mim.)*

Camelin — O mais importante corvo do mundo. *(Leia todos os livros da série As Aventuras de Jack Brenin para descobrir como sou o máximo.)*

Catherine Cooper — Narradora da série As Aventuras de **Jack Brenin**. *(Na minha opinião, a série devia se chamar As Aventuras de **Camelin**, mas fui voto vencido.)*

Charkle — Um **dragonete** do **abrigo de Westwood**. Foi capturado ainda bebê pelos **Spriggans** e aprisionado numa gaiola. É irmão de **Norris** e de **Snook**. *(Charkle de vez em quando é meio exibido, principalmente quando tenta copiar minhas acrobacias voadoras e solta fogo enquanto dá voltas no ar.)*

Chefe Knuckle — Líder do bando de **Spriggans** que mora debaixo da terra, perto da **Casa Ewell**. Ele é o chefe porque é o maior e melhor *farejador* de todos os **Spriggans** (isso significa que tem um narigão). É especialista em encontrar veios de ouro, prata e pedras preciosas. Treze Spriggans fazem parte do bando do Chefe Knuckle. São eles Slinger, Swiper, Scratch, Grunt, **Grub**, Grabber, Whiff, Wheezer, Wrecker, Pinch, Pepper e Punch, e o Chefe Knuckle, é claro. Foram Slinger, Wheezer e Scratch que abriram um túnel na estufa e na cozinha do **avô** de Jack. Whiff, Pinch e **Grub** capturaram Orin.

Coragwenelan — A rainha de Annwn.

Coriss — Uma **ninfa aquática** que mora no **Lago Límpido**, não muito distante de **Beconbury**. É especialista e colecionadora de espadas e adagas. Não gosta de visitas, a não ser que levem um presente especial e raro para ela. (*Achei que **Jennet** fosse mal-humorada até encontrar Coriss.*)

Cory — Uma **dríade** que sabe onde as **placas do caldeirão** foram mantidas a salvo, escondidas na **Colina de Glasruhen**.

Dorysk — Uma pequena criatura com a habilidade de se transformar. Em sua forma natural, é parecido com um porco-espinho e só pode se metamorfosear em algo de tamanho igual ou menor ao seu. Em geral, só existe um Dorysk habitando cada área. São muito difíceis de serem capturados. Caso você veja uma criaturinha usando um par de óculos, pode ter certeza de que é um Dorysk, pois sem óculos eles mal enxergam. Dorysks adoram guardar informações. (*Sou o melhor caçador de Dorysks de toda a cidade de Glasruhen.*)

Draygull — Criatura de aparência estranha, do tamanho de um homem, com a cara cheia de penas e parecida com uma coruja. Há um Draygull na

Montanha Prateada, é o maestro do coro de **Hags**. Draygulls têm olfato muito apurado e podem identificar e localizar os outros pelo faro. Há muito tempo, os Draygulls eram **hipnotizadores de dragões**. Cantavam uma música estranha, com voz esganiçada, que acalmava os dragões e os hipnotizava, mergulhando-os em um sono profundo. (*Draygulls devem ser meio surdos se acham que as Hags cantam bem.*)

Dugmore — Um dos **Spriggans** cozinheiros que vivem dentro da **Montanha Prateada**.

Elan — Pertence ao **Povo Feérico** de Annwn. Ficou presa na Terra por centenas de anos. Quando Jack vai a Annwn, consegue ver Elan como ela realmente é. É mestra em magia.

Fergus — Um dos ratos mais jovens da **Guarda Noturna**. Tem o pelo descabelado, pois acha difícil se pentear. Não é tão grande quanto os membros mais velhos da guarda e está sempre com **Berry**. (*Eu sempre dou um jeito de Fergus e Berry fazerem uns trabalhinhos chatos para mim.*)

Fernella e Fernilla — Duas **driades** que servem a **Mãe Carvalho** em **Annwn**.

Finnola Fytche — Uma **Hag** que mora numa caverna em **Westwood**. (*Se um dia você visitar uma caverna de Hag, leve um prendedor de roupas para tapar o nariz.*)

Gavin — Antigo **aprendiz** de **Gwillam**, agora um barqueiro em **Annwn**. (*Gavin é fantástico. Ele comprou Saige para mim na feira em Annwn.*)

Gerda — Um ganso-fêmea grande e branco que toma conta e vigia o terreno da **Casa Ewell** para **Nora**. Seu companheiro se chama **Medric**.

Gnori de Newton Gill — Uma **Gnori** é uma árvore morta que antes era uma **hamadriade**. As outras árvores se referem a ela como árvore oca, porque a hamadriade morreu e já não mora lá dentro. A Gnori da **Floresta de Newton Gill** era uma hamadriade chamada **Allana**, a Bela, a Guardiã do Bosque, a Mais Gentil e Sábia de Todas.

Grabble — Um **Spriggan** cozinheiro que mora dentro da **Montanha Prateada**.

Grol — Uma das duas **gárgulas** que guardam a **fonte de Uriel**. (*Leia como eu derrotei Grol em O Portal de Glasruhen.*)

Grub — Um **Spriggan** do bando do **Chefe Knuckle** que se solta e vira um gigante. (*Gigantes roncam alto e comem uma quantidade enorme de comida.*)

Gwillam — Gwillam não vive mais na Terra. Ele é um druida e era o guardião da **fonte do Carvalho**, localizada no coração de Glasruhen, perto de onde hoje é Newton Gill. Gwillam foi morto pelos romanos no ano 61 d.C. e desde então mora em Annwn, o **Outro Mundo**. Como todos os druidas anciãos, Gwillam tem um cajado mágico e entende um bocado de magia. Ele é irmão gêmeo de Nora. Agora é líder do **Conselho Sagrado** de Annwn. (*Sinto saudade de Gwillam. Gostaria que o tempo voltasse e eu vivesse ainda na época antes da chegada dos romanos.*)

Hesta — Um dos dois corvos-fêmeas que pertencem à **rainha de Annwn**. (*Hesta fica andando atrás de mim e dá risadinhas demais — eu a chamo de*

Hesta Peste, mas não contem para a rainha.)

Jack Brenin — Sua aparência não é lá grande coisa. É baixo, e o cabelo está sempre desalinhado. Mas fazer o quê? É **O Eleito** que todos nós esperávamos. Ele precisou me ajudar a recuperar as placas perdidas do caldeirão de Nora, mas, para isso, precisou se tornar um **menino-corvo**, como eu, e eu tive de ensiná-lo a voar. Ele é muito educado, sempre cumpre as promessas e se empenha em realizar todas as suas tarefas. Gosta de futebol e de críquete, e nasceu no dia 31 de outubro, em que celebramos o **Samhain**. Ele agora mora na **Casa dos Brenin** com o **avô**. Antes, morava na Grécia com a mãe e o pai. Infelizmente, a mãe dele morreu, e seu pai continua na Grécia, trabalhando como arqueólogo. Jack tem uma varinha de condão especial, que foi dada por **Arrana**, a mais velha **hamadriade** da **Floresta de Glasruhen**. Ele também tem uma **noz de ouro**, feita para ele pelo mestre artífice de **Annwn, Lloyd, o Ourives**. *(Jack é meu melhor amigo e acho muito legal quando saímos para voar juntos.)*

Jed — Um dos guardas do **Portal Oeste** em **Annwn**.

Jennet — Uma **ninfa aquática** que mora na fonte perto da **nascente do Espinheiro**, na **Colina de Glasruhen**. Ela não gosta de ser incomodada e pode ficar muito mal-humorada. *(Na verdade, ela vive mal-humorada.)*

Lloyd, o Ourives — Todas as **nozes de ouro** dos **druidas** foram feitas em **Annwn** por Lloyd, o mestre artífice e ouvires.

Medric — O ganso de guarda de **Nora** e companheiro de **Gerda**.

Mortarn — Vigia das **Cavernas do Repouso Eterno** e guardião da **chave de cristal**.

Motley — Líder da **Guarda Noturna**. *(Claro que Motley se reporta diretamente a mim, porque sou o único capaz de dar o grito de alerta do chamado do corvo.)*

Myryl — Uma **ninfa aquática**, que mora na fonte perto do **Morro**, a pequena distância de **Beconbury**. É especialista em caldeirões e dona de uma grande coleção deles. Adora visitas e pode falar por horas a fio. *(Prepare-se para uma longa visita se for encontrá-la. Myryl fala mais do que Timmery.)*

Nora — O nome completo de Nora é Eleanor Ewell. Ela é uma **druidesa** e ficou presa na Terra depois que algumas das placas do caldeirão se perderam. Seu título completo é a **Seanchai**, Depositária dos Segredos e dos Rituais Antigos, Guardiã do **Bosque Sagrado**, Curandeira, **Possuidora do Dom da Transmutação** e Mulher Sábia. Nora é mestra em magia, entende tudo sobre ervas e cura, é muito sábia e pode se metamorfosear em diferentes formas. Tem uma biblioteca cheia de livros que ela mesma escreveu e encadernou. Seu lugar favorito é o **herbário**, onde prepara poções e loções. *(Eu moro com Nora na Casa Ewell, que fica no sopé da Colina de Glasruhen. Ela é legal, mas nem sempre aprecia o comportamento dos corvos.)*

Norris — Um **dragonete** do **abrigo de Westwood**. Foi capturado pelos **Spriggans** da **Montanha Prateada** e aprisionado numa gaiola. É irmão de **Charkle** e de **Snook**.

Orin — Irmã de **Motley**. Ela é branquinha, da cor da neve, e seria um tesouro e tanto caso fosse capturada por um **Spriggan**. Não tem permissão para fazer parte da **Guarda Noturna** porque é uma atividade muito perigosa.

Raggs — Um membro da **Guarda Noturna**. Ele era um rato de navio, mas, quando ficou velho demais para a vida no mar, foi para **Glasruhen** e se juntou à Guarda Noturna. Tem bigodes compridos, pelo cinza e um nariz sempre irrequieto. *(Raggs conta umas histórias muito legais. Deu a volta ao mundo várias vezes e viu muitas coisas interessantes.)*

Saige — Uma **rã oracular** de **Annwn**. Saige consegue dar as respostas exatas para qualquer pergunta que envolva cálculos de matemática. *(Saige é minha, mas não tenho permissão para mantê-la no meu sótão. Nora deu minha caverna secreta para ela morar.)*

Sam Brenin — Ver **Avô**.

Snook — Um **dragonete** do **abrigo de Westwood**. Foi capturado pelos **Spriggans** da **Montanha Prateada** e aprisionado em uma gaiola. É irmão de **Charkle** e de **Norris**.

Sylvana — A **Mãe Carvalho** em **Annwn**. Seu título completo é Mãe de todas as **hamadriades**, Guardiã dos Carvalhos e Portadora do Visco Sagrado.

Teg — Um dos guardas do **Portal Oeste** em **Annwn**.

Timmery — Um morceguinho pipistrela minúsculo que adora falar, vive entusiasmado e adora visitas. Ele mora no campanário da igreja, perto do **Clube de Críquete de Glasruhen**. É muito valente e tem excelente senso de direção. *(Gosto mais de Timmery quando ele está dormindo no campanário; quanto mais longe de mim melhor.)*

Uriel — Uma **ninfa aquática** que mora em uma fonte ao sul da **Colina de Glasruhen**. Não recebe bem os visitantes e é temida por todos. A fonte é difícil de ser encontrada e é guardada por duas **gárgulas**. *(As gárgulas não eram páreo para mim.)*

Velindur — O usurpador **rei de Annwn**, ele não tem poderes mágicos. Quer se vingar de todos os **druidas** porque o **Conselho Sagrado** o banuiu de Annwn. *(Tampouco gosta de corvos.)*

Winver — Um dos dois corvos-fêmeas que pertencem à **rainha de Annwn**. *(Winver é tão risonha quanto Hesta, mas não tão peste.)*

O QUE É O QUÊ?

Abrigo de Westwood — No passado era o lar da família de **dragonetes**. Ficava no fundo da caverna onde **Finnola Fytche** agora mora. *(É o lugar mais horrível onde já estive, uma bagunça total e um fedor de embrulhar o estômago.)*

Aprendiz — O treinamento de um aprendiz é longo e árduo. É preciso aprender a recitar histórias e poemas e cantar canções. Também precisa entender tudo sobre plantas, poções e feitiços, e eventualmente aprender a ler e escrever. Ao atingirem certo estágio do treinamento, os aprendizes têm direito a um **graveto**, com propriedades mágicas, que pode ser usado como varinha de condão, e aprendem a usá-lo. **Gwillam** sempre teve vários aprendizes, cada um em diferente estágio de treinamento. *(Gavin foi um de seus aprendizes; ele sempre foi gentil comigo.)*

Árvore Crochan — As folhas dessa árvore são extraordinárias. Prepara-se um elixir fervendo suas folhas e, quando os druidas tomam o chá, ganham a imortalidade.

Bogies — Homenzinhos pequenos, duendes mal-humorados e bisbilhoteiros, que negociam as informações obtidas. Têm enorme orgulho de seu nariz. Quanto mais comprido o nariz de um Bogie, mais importante ele é. São ligeiramente maiores do que os **Spriggans** e costumam viver sozinhos. **Addergoole Peabody** e **Addergoole Pyecroft** são irmãos. Sempre gostam de usar uma pena no chapéu e não pensam duas vezes antes de arrancar uma do rabo de um pássaro. Nunca conte nada a um Bogie. *(Peabody tentou arrancar uma das penas de meu rabo mais de uma vez.)*

Bosque Sagrado — Uma floresta de carvalhos que, no passado, cobria toda a área em torno de **Glasruhen, Newton Gill** e arredores.

Cajados — **Druidas** em **Annwn** carregam cajados que lhes conferem poder. São usados para realizar magia.

Caldeirão da Vida — Um dos **quatro tesouros de Annwn**, o caldeirão é formado por treze peças, sendo doze placas de bronze, que devem ser encaixadas na base. Cada placa tem um símbolo de árvore diferente. O caldeirão era precioso demais para ser mantido por inteiro, então todas as partes separadas foram guardadas nos bosques ou nascentes sagradas pelos **druidas** ou pelas **ninfas aquáticas**. Quando era preciso usar o caldeirão para o ritual de abertura do **Portal Oeste**, as placas deveriam ser recolhidas, e **Nora** as unia. Uma vez pronto o caldeirão, o portal para **Annwn** podia ser aberto. As treze árvores que aparecem nas placas do caldeirão são: espinheiro, carvalho, salgueiro, freixo, pinheiro, azevinho, faia, bétula,

macieira, olmo, noqueira, cumái e teixo. (*Foi culpa minha as placas de espinheiro, carvalho e salgueiro estarem faltando.*)

Chave de Cristal — Um cristal enorme em formato de diamante é a chave que abre as **Cavernas do Repouso Eterno**. As cavernas são fechadas com uma camada de gelo. Quando a chave está na posição certa, o vigia deve girá-la três vezes para dissolver o gelo e destrancar a entrada. **Mortarn** é o guardião da chave de cristal e vigia das cavernas.

Conselho Sagrado — Os sobreviventes do ataque dos **romanos** moram na **Aldeia Druida**. Treze desses **druidas** formam o Conselho Sagrado e foram escolhidos para trabalhar junto à **rainha de Annwn**. **Gwillam** foi eleito líder por unanimidade. Eles se reúnem na Câmara do Conselho, localizada no térreo de uma das salas da torre circular no **Palácio de Vidro**. Cada membro do Conselho Sagrado possui seu próprio assento em uma mesa semicircular. Os treze membros são: Gwillam, Nesta, Berlim, Elgin, Geraint, Nerys, Tirion, Gunnoda, Tegwen, Brid, Maddock, Gwenda e Kireg.

Cristal Mágico — A mais poderosa magia existente. Não pode ser controlada por ninguém e tem vida própria.

Donar — A moeda cunhada em **Annwn** por **Velindur**.

Dragões — Há muito, mas muito, muito tempo, havia muitos dragões, mas agora apenas poucos sobreviveram. Quanto maior o dragão, maior seu nome. Existem três tipos de dragões: **dragonares**, **dragonores** e **dragonetes**.

Dragonares — Muito grandes, têm escamas vermelhas e costumam ser bravos. Dragonares podem voar, e tanto os machos quanto as fêmeas soltam fogo. Os mais famosos dragonares são Brynog Cauda Comprida, o

Invencível; Zacyry Dente Pontagudo, o Poderoso; Ember Chifre Prateado, a Magnífica; Wygrym Garras Afiadas, o Perigoso; e Petryn Barba Comprida, o Valente.

Dragonetes — Dragões muito pequeninos com escamas verdes cintilantes e asinhas roxas. Apenas os machos cospem fogo. São extremamente valorizados pelos **Spriggans**, que os capturam sempre que podem. **Charkle** foi capturado pelos Spriggans e preso numa gaiola. Quando as velas apagavam, os Spriggans puxavam sua cauda para que ele cuspsse fogo e acendesse os pavios de novo.

Dragonores — Esses dragões costumam ter escamas azuis e estatura mediana. Não cospem fogo, mas têm os dentes mais afiados. Sempre se metem em brigas, principalmente com cavaleiros. Já foram extintos. Os nomes dos dragonores foram esquecidos, e apenas os nomes dos cavaleiros que os venceram são lembrados, por exemplo, Sir Berwick, o Matador de Dragões.

Dríades — Um tipo especial de **ninfa**. Elas habitam as árvores, podem se movimentar de uma para outra e tomam conta de todas as árvores numa floresta ou bosque. Se a árvore em que moram morre, podem procurar outra onde possam viver. Um tipo especial de dríade é chamada de **hamadríade**.

Druidas — Eram treinados para recitar histórias e poemas e cantar canções; aprendiam toda a história da Terra e de **Annwn** dessa maneira. Precisavam conhecer tudo a respeito de ervas, remédios e cura. Quem fosse escolhido para ser druida era treinado desde pequenininho por até trinta anos e, enquanto treinava, era conhecido como **aprendiz**. Uma vez concluído o treinamento, o druida escolhia como usar suas habilidades. Alguns se tornaram trovadores; outros, curandeiros; e alguns, professores. (*Eu era*

*aprendiz de **Gwillam**, mas não pude terminar o treinamento.)* Cada druida tem uma roupa com capuz a ser usada em cerimônias, um **cajado**, que no passado fora o galho de uma árvore sagrada, e uma **noz de ouro**. O cajado e a noz lhes possibilitam realizar mágicas. Podem viver eternamente se beberem um elixir, uma espécie de chá preparado com as folhas da **árvore Crochan**, existente apenas na **Aldeia dos Druidas**, em Annwn.

Espada do Poder — Um dos **quatro tesouros de Annwn**, é necessária para o ritual de abertura do **Portal Sul**. A espada protege quem a estiver usando com boas intenções, mantendo o ser protegido de qualquer mal.

Fonte de Uriel — Uma fonte habitada pela **ninfa aquática** chamada Uriel, num local desolado ao sul da colina de **Glasruhen**. *(Esse lugar me deixa com as penas arrepiadas.)*

Fonte do Carvalho — **Gwillam** tomava conta desse poço, localizado no centro do **Bosque Sagrado**. A **placa de caldeirão** com o carvalho costumava ficar pendurada nos galhos do carvalho próximo ao poço. *(Era ali que eu morava antes de os romanos chegarem.)*

Gárgulas — Uma criatura de pedra e rosto grotesco, com a boca escancarada e a língua bifurcada. Nunca olhe nos olhos de uma gárgula-fêmea ou ela vai apavorá-lo e paralisá-lo. É assim que as gárgulas pegam suas presas. *(Elas não nos pegaram!)*

Gnarles — São árvores quase mortas, não mais sob a proteção de uma **hamadriade**. Ainda têm alguma vida, mas as **dríades** que antes zelavam e cuidavam delas deixaram a floresta, e as Gnarles foram lentamente se transformando em madeira morta. *(Aparentemente elas não apreciam minha voz quando canto.)*

Graveto — Uma ripa, uma vareta com propriedades mágicas que pode se transformar em **varinha de condão**. Para que tenha poderes, é preciso que seja retirada de uma das fontes sagradas onde o guardião, um tipo especial de **ninfa aquática** chamada **ondina**, escolhe seu símbolo mágico. Quando se toca o símbolo com a mão direita, ele brilha e fica muito quente, então o símbolo aparece na ponta do dedo da pessoa. Quando se segura o graveto com a mão esquerda, ele parece uma vareta, um galho. Entretanto, após ter recebido seu símbolo, se você colocar o graveto na mão direita, ela se transforma em uma **varinha de condão**.

Guarda Noturna — Um grupo de oito ratos comandado por Motley, encarregado de vigiar **Glasruhen** e que se reporta a **Nora**. Nomes dos guardas: **Motley**, Podge, Midge, Lester, Morris, **Raggs**, **Fergus** e **Berry**.

Hags — Fedorentas e asquerosas criaturinhas, mais ou menos do tamanho de um corvo. Vivem em cavernas e não são muito higiênicas. Têm narizes enormes, curvos como ganchos, e dedos compridos como garras. Os cabelos pretos e roxos vão até o chão. Hags se reúnem várias vezes por ano e gostam de cantar. (*É quase impossível considerar aquilo um canto.*)

Hamadriades — São as **dríades** dos carvalhos. Diferentemente das outras dríades, se o carvalho morre, a hamadriade também morre. Elas fazem parte da árvore e são incapazes de, como as outras dríades, se moverem de uma árvore para outra. Todas as hamadriades começaram a vida como uma noz da **Mãe Carvalho** em **Annwn**; depois, crescem e se desenvolvem rapidamente. Quando totalmente crescidas, oferecem proteção a todas as árvores e às dríades que moram em sua floresta.

Herbário — É um cômodo especial na **Casa Ewell**, onde **Nora** guarda todos os ingredientes para as poções. Também é o local onde ela mantém sua

coleção de ervas secas e flores dissecadas que foram estudadas, rotuladas e sobre as quais escreveu em um de seus vários livros. Também no herbário, Nora guarda livros sobre plantas, feitiços e poções. *(Nem sempre eu tenho permissão para entrar no herbário, mas Jack, sim.)*

Hipnotizador de Dragões — Profissão de um **Draygull** que possa cantar com voz esganiçada uma música hipnotizadora de dragões, mergulhando-os num sono profundo.

Lança da Justiça — Um dos **quatro tesouros de Annwn**. É necessária para o ritual de abertura do **Portal Norte**. É usada para determinar se alguém está dizendo a verdade.

Livro *Curiosidades sobre Dragões* — Livro compilado e feito à mão por **Nora**, contendo todas as informações conhecidas sobre dragões. Foi encapado com **pele de dragão**. *(Jack leu o livro inteiro e me contou tudinho.)*

Livro de Sombras — É um livro mágico, parecido com uma enciclopédia. Existe uma maneira especial de acessar o livro, apenas conhecida por seu dono. Se outra pessoa tentar abrir o livro, as páginas ficam em branco. A primeira página pode ser usada para escrever mensagens para alguém que também possua um *Livro de Sombras*. *(Eu finalmente ganhei um Livro de Sombras.)*

Livro dos Arrependimentos — Um livro mantido por **Mortarn**, o vigia das **Cavernas do Repouso Eterno**. Antes de os **druidas** poderem entrar nas cavernas, eles precisam esvaziar seus arrependimentos dentro desse livro. Só então são capazes de encontrar a felicidade e dormir em paz.

Mãe Carvalho — É o carvalho em que as nozes das **hamadriades** crescem. A Mãe Carvalho balança os galhos e oferece ao **druida** alguns de seus frutos. Ela se chama **Sylvana** e é conhecida como a Mãe de Todas as Hamadriades, Guardiã dos Carvalhos e Portadora do Visco Sagrado. Os druidas de **Annwn** e duas **driades**, chamadas **Fernella** e **Fernilla**, cuidam da Mãe Carvalho.

Menino-Corvo — A maior parte da minha vida fui um menino-corvo e ainda sou. Nora e eu ajudamos **Jack** a se transformar em menino-corvo também. Quando encostamos as testas, ele se transforma num corvo. Jack precisa encostar a testa de novo na minha para voltar a ser menino. (*Ser um menino-corvo tem suas vantagens: você pode voar e comer tanto quanto aguentar.*)

Monte Feérico — Qualquer monte encontrado em um terreno entre um carvalho, um freixo e um espinheiro é um Monte Feérico. Às vezes, criaturas do **Povo Feérico** moram ali; outros montes são usados apenas para banquetes e celebrações. Todas as portas encantadas têm uma maçaneta brilhante. Quando alguém bate à porta, a maçaneta se transforma em rosto e pode falar com o visitante.

Ninfas — Existem diferentes espécies de ninfas. Algumas habitam as árvores e são chamadas de **driades** ou **hamadriades**. Outras moram em montanhas e campinas. **Ondinas** são uma espécie de **ninfa aquática**. As ninfas do ar possuem a capacidade de voar e de se transformar, e são chamadas de sílfides.

Ninfas Aquáticas — Existem várias espécies de ninfas aquáticas. Todas são grandes colecionadoras. Adoram objetos brilhantes e trocam informações ou concedem favores para obter um presente maravilhoso. Nunca dê a uma

ninfa aquática uma superfície espelhada ou elas podem se ver. Ficarão muito zangadas diante do próprio reflexo, pois se consideram muito lindas, o que não é verdade. São incrivelmente fortes. *(Ninfas aquáticas zangadas devem ser evitadas a qualquer custo.)*

Noz de Ouro — Todas as nozes de ouro dos **druidas** foram confeccionadas em **Annwn** pelo mestre artífice, **Lloyd, o Ourives**. Um druida precisa de sua noz de ouro e de sua **varinha de condão** para realizar rituais e magia. *(Jack ganhou uma noz de ouro.)*

O Eleito — **Jack Brenin** é O Eleito. Esperam que ele ajude os habitantes de **Glasruhen**. Ele não tem certeza de por que foi escolhido, como pode ajudar ou se realmente deseja ajudar. *(Existe uma **profecia** sobre Jack que conta como ele salvará a todos.)*

Ondinas — Uma espécie de **ninfa aquática** que gosta de morar em lagoas, lagos, cachoeiras, nascentes e poços. Muitas ondinas vivem na região de **Glasruhen**. Seus nomes são: **Jennet**, Isen, Nymet, **Myryl**, Kerrin, **Coriss**, **Uriel** e Lucie. *(Certifique-se de levar um presente se precisar de ajuda ou de alguma informação, senão elas nem falam com você.)*

Outro Mundo — O outro nome de **Annwn**.

Passagens para Annwn — São os quatro antigos e secretos **Portais para Annwn**. Funcionam como fronteiras entre Annwn e a Terra.

Pedra do Destino — Um dos **quatro tesouros de Annwn**. É necessária para o ritual de abertura do **Portal Leste**. Dizem que quem olha as profundezas dessa pedra consegue enxergar o próprio futuro.

Pele de Dragão — Um dragão troca de pele a cada cem anos. As peles são altamente valorizadas por serem muito resistentes e à prova de fogo. O **livro *Curiosidades sobre dragões*** é forrado com a pele que cobria um dragão conhecido como Wygrym Garras Afidas, o Perigoso.

Placas do Caldeirão — Três das placas (as que têm esculpidas o espinheiro, o carvalho e o salgueiro) se perderam no passado, motivo pelo qual **Nora** ficou presa na Terra. Sem essas três placas, Nora não conseguiu montar novamente o caldeirão, necessário para abrir o **Portal Oeste**. Uma antiga **profecia** previa a chegada de um eleito que conseguiria encontrar as placas do caldeirão que faltavam e salvar a todos.

Porta Minguante — Qualquer porta usada por um **druida** pode se transformar com um toque de magia em uma porta minguante. Se alguém do **Povo Feérico** ou **Não Tão Feérico** passar pela porta sem ser convidado, a porta encolhe. Assim, o druida pode saber se alguém esteve onde não deveria. Entretanto, se um homem passar pela porta minguante, ela desaparece e aprisiona o homem dentro do aposento, onde deve esperar por seu destino.

Portais — São passagens entre a Terra e **Annwn**.

Portas — Existem vários tipos de portas. Algumas levam a encostas, algumas a **Montes Feéricos** e outras ao **Outro Mundo**. As portas dos **Bogies** nunca são bem-cuidadas e, em geral, têm um sinal avisando a quem chega para IR EMBORA. Portas encantadas são sempre bem-cuidadas e costumam ter maçanetas brilhantes que podem falar com quem chega. Uma **porta minguante** é um tipo de porta mágica e especial dos **druidas**. Os **Portais** também são um tipo de porta que liga a Terra a **Annwn**.

Possuidor do Dom da Transmutação — Alguém ou alguma coisa que pode mudar de forma conforme desejar. É diferente de transformação, que precisa de feitiço ou poção. (*Nora e Elan possuem o dom da transmutação, e o Dorysk também. Jack só consegue se transformar.*)

Povo Feérico — É o povo mais baixinho deste mundo, incluindo as **ninfas**, os Brownies, os **Dorysks**, mas também o maior de **Annwn**. Algumas criaturas podem voar, outras têm poderes mágicos, umas podem se metamorfosear, e todas são imortais. Às vezes podem ser travessas, mas não têm a intenção de causar mal. A não ser que você tenha um poder de visão especial, vai ser difícil ver alguma das pequeninas criaturas encantadas que habitam a Terra.

Povo Não Tão Feérico — Normalmente, é o povo com as menores criaturinhas deste mundo e algumas das maiores de **Annwn**. Não conseguem voar, não têm poderes mágicos nem podem se metamorfosear. Podem ser vingativas e não se importam em causar mal. A não ser que você tenha um poder de visão especial, vai ser difícil ver alguma das criaturas não tão feéricas.

Profecia — Essa é a profecia que Jack Brenin está destinado a cumprir:

*Encontrem um menino da família Brenin
nascido no dia da celebração de Samhain.
O Eleito que procuram é forte e corajoso,
não pode causar mal o seu coração valioso.
A noz de ouro ele verá
e o pedido da dríade ouvirá.
Na Colina de Glasruhen fará
uma promessa que cumprirá.*

*Quando tudo for igual, tudo combinado,
o que foi perdido será encontrado.*

Quatro Portais de Annwn — São as quatro **passagens para Annwn**, antigas e secretas. Funcionam como fronteiras entre Annwn e a Terra.

Quatro Tesouros de Annwn — Os quatro tesouros são o **Caldeirão da Vida**, a **Lança da Justiça**, a **Espada do Poder** e a **Pedra do Destino**. Cada um dos tesouros abre um dos **Quatro Portais**.

Rainha de Annwn — Seu nome é **Coragwenelan** e seu título completo é Rainha do **Povo Feérico** e Guardiã dos **Portões de Annwn**. Ela também é uma **ninfa** imortal e **possuidora do dom da transmutação**.

Rãs Oraculares — Só são encontradas em **Annwn**. Os machos predizem o tempo, mas as rãs oraculares fêmeas têm outras capacidades proféticas. (*Gavin comprou uma de presente para mim.*)

Rei da Floresta — **Jack Brenin** vai ser coroado rei da floresta quando as novas **hamadriades** crescerem, como vaticinado nos últimos versos da Profecia:

*Quando tudo for de novo igual,
a alegria voltará a reinar tal e qual.
O Brenin mais uma vez será coroado.
Na floresta ocupará o seu reinado.*

Rei de Annwn — O legítimo rei de **Annwn** foi enterrado no fundo da **Montanha**; ele preferiu a mortalidade à vida eterna. **Velindur** autoneomeou-se rei de Annwn.

Romanos — No ano 61 d.C. os romanos receberam ordens de matar todos os **druidas** na Grã-Bretanha. Os romanos do campo de **Viroconium** faziam parte da XIV Legião. Quintus Flavius Maximum era o Prefeito do Campo, encarregado quando a tropa principal da XIV Legião se ausentava. Titus Antonius Agrippa era o Centurião, encarregado de uma tropa de oito soldados. Marcus Cornelius Drusus era soldado. Gaius Rufus Octavian era o mensageiro que trouxe as notícias da chegada da XIV Legião para Viroconium. *(Eu não gosto dos romanos.)*

Runas de Annwn — A antiga escrita do **Povo Feérico de Annwn**.

Samhain — Um dos quatro principais festivais, marca o Ano-Novo Celta. É celebrado no dia 31 de outubro. *(Também é o dia do aniversário de Jack.)*

Seanchai (pronuncia-se “shanashie”) — Uma druidesa que guarda a salvo na memória todas as informações importantes. *(Nora entende tudo a respeito de tudo.)*

Spriggans — Esses homenzinhos minúsculos (com cerca de sessenta centímetros de altura) moram debaixo da terra. São mineiros e acreditam que tudo que vem da Terra lhes pertence. Devem andar amarrados uns aos outros, porque um Spriggan solto pode crescer e virar um gigante.

Varinhas de Condão — Uma varinha mágica que antes era um **graveto**. Quando a varinha ganha poder, parece lisa. É preciso ser muito cuidadoso ao usar uma varinha de condão. Faíscas podem irromper de sua ponta. *(Jack chamou as penas da minha cauda da primeira vez que usou a varinha, mas, sem querer, eu me vinguei, porque chamou os cabelos dele quando usei a minha pela primeira vez.)* As melhores varinhas de condão são as da **hamadriade** do carvalho, dotadas da magia extraordinária de **Annwn**. Uma

varinha de condão é presenteada a um novo **druida** por uma **dríade** ou **hamadríade**. Aprendizês precisam de muito treino para conseguir controlar suas varinhas. (*Jack conseguiu uma para mim, mas ela acaba sempre confiscada. Aparentemente não a uso de modo responsável.*)

ONDE FICAO QUÊ?

O mapa da cidade de Glasruhen (pronuncia-se glassrrueren e significa colina verde antiga). – De A Noz de Ouro – As Aventuras de Jack Brenin, Livro 1.

Alameda — Um atalho da **Estrada da Floresta** para a cidade de **Newton Gill**. É uma passagem para pedestres, e não uma estrada. É possível chegar à **Casa dos Brenin** e ao portão dos fundos da **Casa Ewell** passando pelo **campo de futebol**.

Bacia do Corvo — Numa rocha escarpada no cume da **Colina de Glasruhen** fica a Bacia do Corvo. Contam-se muitas lendas sobre o lugar, mas foi ali que **Nora** realizou o ritual para a transformação de **Jack Brenin** em um **menino-corvo**, igualzinho a mim.

Campo de Futebol — Saindo da **Estrada da Floresta** e caminhando ao longo da **alameda** você chega ao campo de futebol.

Casa dos Brenin — A casa onde o **avô** e **Jack** moram. Pertence à família Brenin há gerações.

Casa Ewell — Lugar onde eu moro com **Nora**. Tenho meu sótão acima do ático e minha própria janela. **Elan** e **Jack** também têm quartos para quando

se hospedam aqui. A casa é muito grande e rodeada por árvores e arbustos. Tem um monte de estátuas no jardim e tem um lago onde **Gerda** e **Medric** moram. Nora tem plantações de ervas, jardins de flores e uma horta. Existe uma entrada secreta, nos fundos do jardim, que leva à **Colina de Glasruhen** e aos fundos do jardim de **Sam Brenin**.

Clube de Críquete de Glasruhen — Clube onde **Sam Brenin** costumava jogar críquete. Hoje ele cuida dos gramados e do campo.

Colina de Glasruhen — Uma grande montanha em cujo sopé fica a cidade de **Glasruhen**. A antiga tribo celta Cornovii construiu ali um povoado e um forte no topo da montanha.

Estrada da Floresta — Se você seguir a Estrada da Floresta, vai dar na Estrada Salchester. **Salchester** é o nome moderno de **Viroconium**, que, no passado, foi a quarta maior cidade romana na Grã-Bretanha.

Floresta de Glasruhen — Uma antiga floresta basicamente de árvores de carvalho, no centro da qual vive **Arrana**, a última **hamadriade** que restou na Terra.

Floresta de Newton Gill — No passado, uma grande floresta de carvalhos, mas agora quase todas as árvores viraram **Gnarles**. As **dríades** já não moram mais nelas, e a floresta inteira morre lentamente.

Fonte do Espinheiro — Fica acima da **Casa Ewell**, nas encostas da **Colina de Glasruhen**. **Jennet**, uma **ninfa aquática**, mora na fonte. A **placa de caldeirão** com o símbolo da árvore costumava ficar pendurada no espinheiro perto da fonte.

Forte da Colina — No topo da **Colina de Glasruhen**, havia um forte, uma fortaleza, construído pela tribo Cornovii. A **janela do tempo** pode ser encontrada no ponto central acima do forte.

Glasruhen — Uma cidadezinha no sopé da **Colina de Glasruhen**. As duas principais casas do vilarejo são a **Casa Ewell**, onde **Nora** mora, e a **Casa dos Brenin**, onde **Jack** mora com o **avô**.

Monumento dos Monólitos — Essas pedras formam um círculo. A pedra mais alta, localizada no meio, tem um buraco perto do topo, grande o suficiente para passar seu braço. Graças a uma magia poderosa, ficam escondidas e só se pode entrar na área com a permissão de **Arrana**.

Newton Gill — Um burgo no sopé da **Colina de Glasruhen**.

Salchester — O nome moderno de **Viroconium**, que era a quarta maior cidade romana na Grã-Bretanha. Algumas ruínas da outrora importante cidade ainda podem ser encontradas nos campos em torno de Salchester.

Viroconium — No ano 61 d.C. era um pequeno forte, que mais tarde se transformou na quarta maior cidade romana da Grã-Bretanha. Esse era o nome em latim para o que agora é a pequena aldeia de **Salchester**. Algumas ruínas da outrora importante cidade ainda podem ser encontradas nos campos em torno de Salchester.

O Mapa de Annwn (pronuncia-se An-num, também conhecida como o Outro Mundo). — De *O Portal de Glasruhen* — As Aventuras de Jack Brenin, Livro 2.

Aldeia dos Druidas — É possível chegar à aldeia pegando o caminho à direita na direção norte do **Palácio de Cristal**. **Gwillam** mora na aldeia, assim como todos os outros membros do **Conselho Sagrado**. A aldeia fica perto da **Mãe Carvalho** e das **Montanhas de Annwn**. A **árvore Crochan** cresce no jardim de Gwillam.

Anfiteatro — Um palco semicircular no sopé de três colinas perto do **Portal Leste de Annwn**. Os assentos foram entalhados na encosta, e é o local onde os habitantes de Annwn se reúnem para as comemorações.

Annwn — Uma terra em outro mundo que às vezes é simplesmente chamada de **Outro Mundo**. Nesse lugar, reina a paz e a felicidade e é sempre verão. Costuma haver portais para a Terra, passagens secretas que só pode se abrir em determinadas ocasiões, em períodos especiais do ano. Apenas os **druidas** têm o conhecimento e a capacidade necessária para realizar os rituais de abertura dos portais. Mortais só têm autorização para entrar em Annwn no **Samhain**.

Cavernas do Repouso Eterno — Quando os **romanos** invadiram a Grã-Bretanha, ordenaram a morte de todos os **druidas**. Alguns conseguiram fugir para Annwn, entrando por uma das passagens, mas a maioria foi assassinada. Os que morreram foram transportados para **Annwn**, onde receberam o dom da vida eterna e lhes foi dada a opção de viver entre o povo local ou ir para um lugar especial nas montanhas, as Cavernas do Repouso Eterno, onde dormiriam em paz por toda a eternidade. A maioria escolheu ir para as cavernas.

Cidadela — A fortaleza que cerca e protege o **Palácio de Vidro** foi construída depois que um bando de homens da Terra invadiu **Annwn** e tentou roubar seus tesouros.

Clareira — Um espaço vasto e aberto a leste do **Palácio de Vidro**, local de reunião do povo. O **monólito** está encravado no centro da Clareira.

Ilha Artificial — Aldeia construída sobre palafitas no meio do pântano, na parte sul de **Annwn**.

Monólito — Uma grande pedra vertical localizada no centro da **Clareira**, onde o povo de **Annwn** se reúne. Fica a leste do **Palácio de Vidro**.

Montanhas de Annwn — Podem ser encontradas ao norte da cidade. A entrada das **Cavernas do Repouso Eterno** fica localizada na parte superior das montanhas.

Morro — A câmara mortuária a sudoeste do pântano. É o lugar de repouso do antigo **rei de Annwn**, que escolheu a mortalidade à vida eterna.

Palácio de Vidro — As quatro torres de vidro do palácio podem ser vistas a quilômetros de distância. Localiza-se no centro de um lago no coração de **Annwn**. O jardim da rainha fica perto do portão próximo à água. Só se chega ao Palácio de Vidro de barco, a não ser que você possa voar.

Portal Leste — Marca a fronteira leste entre **Annwn** e a Terra. O tesouro necessário para a abertura deste portal é a **Pedra do Destino**. Dois Carvalhos Sentinelas guardam o portal.

Portal Norte — Marca a fronteira norte entre **Annwn** e a Terra. O tesouro necessário para abrir este portal é a **Lança da Justiça**. Dois Carvalhos Sentinelas guardam o portal.

Portal Oeste — Marca a fronteira oeste entre **Annwn** e a Terra. O tesouro necessário para abrir este portal é o **Caldeirão da Vida**. Dois Carvalhos Sentinelas guardam o portal.

Portal Sul — Marca a fronteira sul entre **Annwn** e a Terra. O tesouro necessário para abrir este portal é a **Espada do Poder**. Dois Carvalhos Sentinelas guardam o portal.

O Mapa de Beconbury. De *O Portal de Glasruhen* — As Aventuras de Jack Brenin, Livro 2.

Lago Límpido — A casa de **Coriss**, uma **ninfa aquática**.

Morro — **Myryl** mora em uma das fontes perto do Morro.

Rio Gelston — O maior rio do condado.

O Mapa da Montanha Prateada e os Penhascos da Cordilheira Stonytop. De *A Montanha Prateada* — As Aventuras de Jack Brenin, Livro 3.

Cadeira do Diabo — Existe um poema antigo sobre a Cadeira do Diabo:

*Sente-se na Cadeira do Diabo. Na cadeira
quero ver quem se atreve a se sentar.
Aviso que muito cuidado deve tomar,
pois num instante pode virar poeira.*

Cordilheira Stonytop — Uma comprida extensão de penhascos íngremes, de todos os formatos e tamanhos, estende-se pela cordilheira estranha. Há o

Penhasco do Pastor, os Penhascos Dispersos, a **Cadeira do Diabo**, o Penhasco Pedra do Homem, o Penhasco da Amora, o Penhasco da Bruxa e o **Pico Stype**. Dizem que os penhascos ganham vida em noites de tempestade e se transformam em **Hags**. Também existe um antigo poema sobre a Cordilheira Stonytop:

*Quando um relâmpago lampeja, um temporal anuncia
que na Cordilheira Stonytop uma bruxa Hag nascia.*

Montanha Mirtilo — Uma montanha bem alta, igualzinha à **Montanha Prateada**.

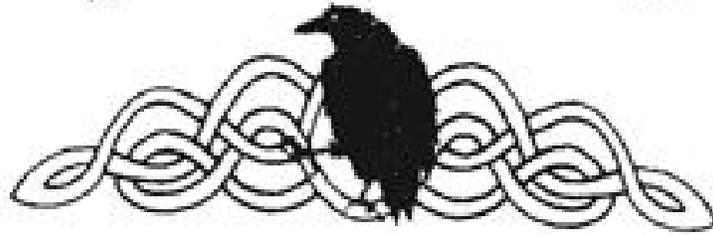
Montanha Prateada — Uma montanha bem alta. A **Montanha Mirtilo** é igualzinha a ela.

Pico Stype — O rio Stype recebeu esse nome em homenagem à última montanha rochosa da **Cordilheira Stonytop**.

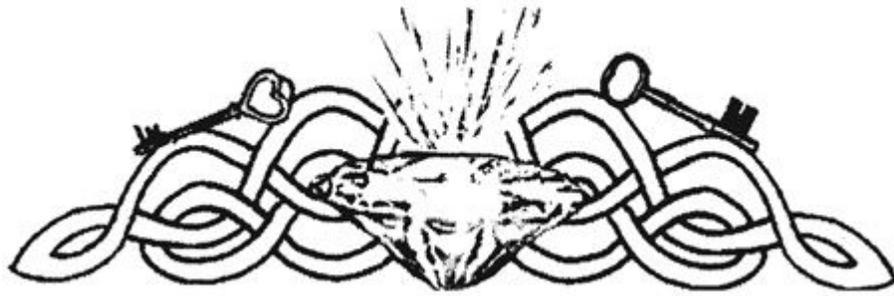
Rio Stype — Recebeu esse nome em homenagem ao **Pico Stype**. O rio passa em volta de Westwood, da **Montanha Mirtilo** e pela **Montanha Prateada**.

Westwood — Uma antiga região florestal no sopé da qual se encontrava o **abrigo de Westwood**, uma caverna agora habitada pela **Hag Finnola Fytche**.

PARA MAIS INFORMAÇÕES



www.pengridion.co.uk



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos da Infinite Ideas pelo apoio e pela ajuda.

A meus amigos e à minha família pelo estímulo e pelas inestimáveis contribuições. Meu agradecimento especial a Ron, por seu apoio e veracidade.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.
A.

Resenha do livro:

<http://bookeando.com/site/2013/03/26/as-aventuras-de-jack-brenin-divulgada-a-capa-de-a-montanha-prateada/>

Página sobre o livro no Skoob:

<http://www.skoob.com.br/livro/304272>

Biografia da autora:

<http://www.fantasybookreview.co.uk/Catherine-Cooper/biography.htm>

Entrevista com a autora:

<http://books.whisperingcoyote.net/2012/01/interview-catherine-cooper-author-of-the-golden-acorn/>

Página sobre o livro no Good Readers:

<http://www.goodreads.com/book/show/12980574-silver-hill>